



BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

ELIZABETH ADLER

AUTORA DE VERÃO NA RIVIERA · REGRESSO A ITÁLIA · REENCONTRO EM BARCELONA

Desaparecida

*Tudo começou numa festa.
Terminou com um crime
...e uma promessa de vingança!*

150.000
LIVROS
VENDIDOS
EM PORTUGAL





Ficha Técnica

Título original: One Way or Another
Autor: Elizabeth Adler
Tradução: Sofia Ribeiro
Revisão: Domingas Cruz
Capa: Neusa Dias/Oficina do Livro, Lda.
ISBN:9789897416828

QUINTA ESSÊNCIA
uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda
uma empresa do grupo LeYa
Rua Cidade de Córdoba, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Elizabeth Adler, 2015
e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com
www.quintaessencia.com.pt
www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

PRÓLOGO

ANGIE

FETHIYE, TURQUIA

O mar é turquesa. Azul-marinho, agora que mergulho nele mais profundamente, da cor e textura do veludo usado pelas damas de honor. Se bem que transparente. Mesmo com a pressão da água nos olhos, consigo vê-los aos dois no convés, a mão da mulher a segurar agressivamente a garrafa de champanhe, que há um instante brandiu contra mim, batendo-me na têmpora, onde o meu cabelo cresce numa onda suave cor de cobre. Agora ensanguentada.

Espanta-me que ninguém tenha dado pela minha queda. Também me surpreende que, ao bater no oceano, um corpo produza tão pouco ruído. Deslizo para o fundo em silêncio, praticamente sem uma bolha a assinalar a minha ida. Nem sequer ficou uma ondulação atrás do barco que avançou.

Nunca foi minha intenção ter uma sepultura marítima; sempre achei que partiria suavemente de noite, na segurança da minha cama macia, para outro lugar acolhedor e ameno não muito diferente daquele em que habitava, onde tudo se passaria em grande medida como até então, só que mais suavemente.

Parece que estava enganada. Encontrava-me novamente a descer, pela última vez, e sabia-o. Era levada por uma corrente rápida, os meus pulmões enchiam-se de água, o sabor do sal na boca, a picar-me os olhos, ainda abertos, e sentindo-me incapaz de os fechar.

Não vi ninguém, embora tenha ouvido o débil ondular do pequeno barco. Ouvi uma voz masculina desconhecida dizer: «Está morta.» E depois: «Não, pode ser que esteja viva.»

Esperava que ele tivesse razão.

A mulher que brandira a garrafa de champanhe fatal encontrava-se no convés do iate preto, que partia velozmente enquanto Angie desaparecia no oceano, era conhecida simplesmente como Mehitabel. Não havia necessidade de um apelido no seu estilo de vida, em que a maioria das pessoas se conhecia entre si apenas pelo nome próprio, em alguns casos, como o seu, inventado, noutros real, como acontecia com Ahmet Ghulbian, o multimilionário a quem pertencia o barco veloz, e que não via razão para falsificar um nome reconhecido internacionalmente, tal como Onassis, pela sua história de sucesso e fortuna.

Mehitabel não era amante de Ahmet, nem sequer ocasional; era a sua companheira de longa data, guardiã dos seus segredos, que eram muitos, e executora das suas ordens, fossem elas quais fossem.

Mehitabel nunca recusara nada que Ahmet lhe pedira. O acordo que tinham não era verbalizado, nem contratual, mas era entendido na perfeição pelos dois pela simples razão que ambos se assemelhavam na sua essência: eram infinitamente imorais; o que os movia eram necessidades desconhecidas da maioria; e eram incapazes de emoções profundas.

Mehitabel não gostava de mais ninguém a não ser dela própria; nunca teria *dado* a vida por Ahmet, mas era capaz de *tirar* a vida a outros por ele. Era isso que ele apreciava nela e compensava-a bem pelos seus serviços. Ahmet não era homem que gostasse de «sujar» pessoalmente as mãos; havia gente como Mehitabel para isso.

Mehitabel não esboçou sequer um sorriso ao ver a rapariga ruiva debater-se no rasto do barco veloz. O mais que conseguiu em resposta foi um encolher de ombros enquanto se afastava, descalça, uma vez que Ahmet não permitia o uso de sapatos no seu convés imaculado de teca, com o vestido preto a fundir-se no negrume do barco e do meio envolvente.

A única coisa em que pensava era que mais uma caíra por terra ou, desta vez, «caíra no mar». Quase se deu ao luxo de tirar prazer do sucedido.

FETHIYE, TURQUIA

Marco Polo Mahoney estava alegremente estendido numa espreguiçadeira às riscas, cujas correias não durariam muito mais tempo. Ainda assim, era um lugar confortável para descansar e bebericar de vez em quando de uma garrafa de *ouzo*, um pouco acre, mas que lhe dava uma sensação de tranquilidade. Era agradável àquela hora do entardecer. Seriam seis horas? Tinham de ser seis horas, não? Certamente um homem não podia ser encontrado a beber antes disso; podiam ficar a pensar mal dele.

Estendeu a mão para fazer uma festa nas orelhas da cadela. Mas, caramba, estava de férias e gostava de uma bebida ou duas. Talvez mais. Às vezes. Supostamente, beber sozinho não era bom; devia animar-se, sair e ir à procura de companhia na vila. Levantou-se e observou a sua pequena fatia de costa no Sul da Turquia: uma língua de areia branca, um mar turquesa que se tornava azul-marinho quando se fundia no azul mais profundo do céu, que agora escurecia com nuvens de tempestade, tudo recortado num fundo verde de floresta.

Marco era um conhecido retratista. Tinha trinta e cinco anos, um atraente ar endurecido e atualmente usava barba porque nunca a fazia quando estava de férias; usava o cabelo castanho penteado para trás, rijo do sal por nadar no mar; os seus olhos azul-escuros estreitavam-se ao sol e pareciam ver tudo. Pelo menos, era o que afirmavam as irmãs, e era verdade. Via todos os defeitos delas, o que também diziam deixá-las pouco à vontade. Mas claro que ele valia a pena.

Marco estava em boa forma física, apesar de nunca fazer exercício. Tinha jogado basquetebol e ténis na juventude, mas o mais habitual era ficar à margem, de lápis na mão, a fazer esboços da ação. As raparigas sentiam-se elogiadas, os rapazes chamavam-lhe maricas. Ele ria-se, mas fora essa paixão que fizera dele o que era agora, procurado pelos ricos e famosos; um homem que sabia jogar o jogo social, mas que, quando estava sozinho, usava uns calções velhos e andava descalço, como nesse momento. Era também um homem que gostava da solidão.

Tirara umas curtas férias, sozinho com a cadela. Alugara uma cabana e velejava um pequeno barco de madeira, conhecido como *gulet*, a partir do porto turco de Fethiye. Estava castanho do sol e usava apenas os calções de banho de surfista, largos e de cintura descaída, que lhe assentavam nas ancas estreitas, e um par de chinelos de praia que lhe balouçavam do dedo grande do pé.

Levantou o rosto para apanhar os últimos raios de sol, saboreando a carícia morna. Sabia que não

se devia ter esquecido do protetor de ecrã total; se a namorada estivesse com ele, tal não teria sido esquecido. Filha de um lorde inglês, a ilustre Martha Patron era consistente, persistente e insistente. Com Martha sabia-se sempre com o que contar; beleza ligeiramente severa do tipo nariz direito, maçãs do rosto salientes e cabelo loiro penteado para trás. Usá-lo-ia preso num rabo-de-cavalo nas férias, mas durante aquilo a que Martha chamava «vida real» usava-o num carrapito perfeito na nuca. Na cama era solto e macio por altura dos ombros.

Em férias, Martha teria usado um biquíni e uma túnica, ambos de estilista, e Marco sabia por experiência própria que a túnica seria provavelmente feita de um material semelhante ao *chiffon*, num suave tom de azul ou verde, com alpercatas de plataforma de corda, genuínas, feitas de tecido em Espanha ou num lugar parecido. Martha era o tipo de mulher que sabia sempre onde se fabricavam as coisas, ou onde as encontrar, e como usá-las na perfeição. Na verdade, isso aplicava-se a tudo.

Essa era a razão por que Marco continuava espantado por ela andar com um tipo como ele: despenteado, o cabelo castanho-claro comprido de mais e sempre de calções ou calças de ganga; as únicas camisas que tinha eram as que ela lhe comprava e que, na sua maior parte, continuavam nas embalagens de plástico. Mas possuía um par de sapatos. Tinham sido do avô e feitos à mão por Berluti em Paris há muitas primaveras. Marco mantinha-os polidos, com um brilho intenso, por respeito a esse avô que o criara, e também para o caso de ter de os usar num evento elegante, nalguma cidade internacional onde os sapatos eram a regra, ainda que geralmente optasse pelos ténis.

Na «vida real», que aquelas férias certamente não eram, Marco era um «artista», como Martha não parava de lhe lembrar. «Na verdade, um *artista retratista*», acrescentava ela, agradada por os clientes de Marco incluírem alguns CEO internacionais de topo, homens cuja aparência Marco ganhava a vida a pintar, o que lhe permitia, financeiramente, escapar dessa realidade para a realidade das suas férias, onde podia estar sozinho. Sem contar, claro está, com *Em*, a cadela que ia com ele para todo o lado.

Resumindo, respondia quando desconhecidos se mostravam curiosos em relação à cadela cinzenta, que estava sempre no seu encalço, ao seu lado nos cafés, sempre metida debaixo do seu braço quando viajavam. Pequena e nada bonita, *Em* vivia numa parte do coração de Marco que compreendia a solidão de que ele a salvara.

Quando a conhecera, uns anos antes, estava sozinho na esplanada de um café em Marselha. Nem sequer tinha uma vista bonita e ele parara ali apenas para beber um café rápido, servido numa daquelas chávenas pequenas, verde-escuras com rebordo dourado, que todos os cafés franceses parecem usar, e também um copo de vinho produzido pelas videiras, que crescem no monte perto de St. Emilion, e um *croissant* com amêndoas, confeccionado com uma quantidade de manteiga capaz de matar. Foi então que viu a carrinha de recolha de animais, com a sua jaula de arame, passar devagarinho. E ali estava a cadela, pequena, cinzento-acastanhada, jovem, uma sobrevivente das ruas. Até àquele momento. A carrinha parou. Um homem saiu do lado do passageiro, contornou a carrinha e estendeu a mão para o animal. Marco chegou primeiro.

– Ah, isso é que não – disse ele, ou algo parecido, retirando rapidamente o animal das mãos do homem. – Este cão é meu. – E claro que, a partir de então, foi mesmo.

Chamou-lhe *Em* por causa do *St. Emilion* que estava a beber quando a viu. Parecia assentar-lhe bem e ela reagira desde a primeira vez que o ouvira. Obviamente que agora era esse o seu nome. *Em*.

A cadela de Marco. Comia de tudo, o que era útil, dado que ele a levava para todo o lado. Não visitava países que não aceitavam a sua cadela, não viajava em companhias aéreas onde tivesse de ir no porão e não se hospedava em hotéis que não a aceitassem. Martha dissera-lhe que ele estava mais apaixonado pela maldita cadela do que por ela. Ele não o admitia, mas podia ser verdade. E era por isso que a cadela agora estava com ele, naquela bela costa no Sul da Turquia, a partilhar uma pequena casa caiada de uma divisão apenas com as portas e persianas de madeira azul vivo, que ele próprio pintara, e o barco mais pequeno ainda, o velho *gulet* de madeira, assim como o insuflável cor de laranja que ele usava todos os dias para ir pescar.

Se tivesse sorte e apanhasse alguma coisa com mais de quinze centímetros, com tamanho suficiente para não ser atirado de novo à água, nessa noite Marco assaria o peixe sobre as brasas de um grelhador improvisado, feito de pedras e um pedaço de arame. Iria partilhá-lo com a cadela, sentado lá fora sob as estrelas, passando do *ouzo* para aquele estranho vinho turco meio gaseificado que lhe picava a garganta mas sabia bem. Noutros fins de tarde, iam ao café-bar da vila, onde se sentavam à sombra alongada de uma velha oliveira a devorar cabra assada com cuscuz e tempero de limão, ou uma sanduíche de pão grosso e estaladiço com tomates doces, apanhados frescos no jardim, com cebola às rodela e queijo feta esfarelado.

Costas, o proprietário, um homem magro, com um ar atormentado, na casa dos quarenta, de bigode revirado, dentes muito brancos e olhos de um azul intenso, já os conhecia e havia sempre qualquer coisa especial para *Em*: um osso tão grande que até podia ser de dinossauro e que obrigava Marco a fazer uma pausa para pensar duas vezes no que estaria a comer; ou uma tigela de guisado de peixe, com cabeça e rabo e tudo, de que *Em* parecia gostar especialmente.

Fossem quais fossem as razões, o café-bar do Costas passou a ser o lugar deles ao entardecer, e às vezes noite morna dentro, eram lá conhecidos e havia sempre companhia e conversa assim como alguém que falava inglês suficiente para entender o sentido das coisas. Era uma vida boa e simples, muito diferente da vida de Marco em Paris e nas cidades onde pintava o retrato de homens ricos e das suas mulheres, com pérolas e diamantes e sorrisinhos de superioridade. Ele, porém, aproveitava bem a sua vida e, apesar do lado mau, gostava dela. E pagava tudo aquilo. *Aquele* tipo de vida, aquela vila, a costa. *Aquilo* ele adorava.

Estendido na espreguiçadeira descaída, tornou a bebericar o *ouzo*, fazendo uma careta. Disse a si mesmo que devia optar por qualquer coisa um bocadinho melhor, pagar um par de euros a mais por algo que não o deixasse de lágrimas nos olhos. Virou-se para observar um iate a afastar-se devagarinho do porto, o casco negro a sulcar suavemente as ondas. O céu escurecera, o ar estava tenso com a ameaça da trovoadas e os relâmpagos lampejavam rápidos como um piscar de olhos. Aproximava-se uma tempestade, e muito depressa, como Marco sabia por experiência própria que acontecia naquela região. As tempestades podiam ser severas e, na sua opinião, o barco teria ficado melhor à espera dela no cais ou, pelo menos, ancorado perto dele.

Por essa altura, já o barco estava a uns cem metros de distância e a ganhar velocidade. Marco levantou-se, puxou os calções largueirões para cima e pegou nos binóculos. Era um *gulet* moderno, inspirado nos velhos barcos piscatórios da região de Bodrum. Só que maior, mais veloz e mais sofisticado.

Enquanto observava, uma mulher saiu da cabina e atravessou o convés a correr. O cabelo ruivo comprido foi apanhado pelo vento que acompanhava a tempestade, envolvendo-a como uma auréola de cobre que o derradeiro brilho do Sol iluminou por instantes. Usava um vestido azul que, quando

ela se equilibrou na popa, se agitava atrás do seu corpo magro. Levou uma mão à cabeça e o seu pescoço inclinou-se num gesto que pareceu a Marco ser de dor. Chocado, teve um vislumbre da ferida aberta e ensanguentada, do crânio branco. Foi então que a viu cair.

Marco ficou de olhos fixos no lugar onde ela tinha caído, à espera que voltasse à superfície. O *gulet* continuou a vogar. Não havia sinal dela no rasto da embarcação. Ninguém viera ajudá-la, parecia que ninguém no *gulet* sabia que ela tinha desaparecido. Passaram-se mais uns trinta segundos e Marco compreendeu que ela estava em apuros. Dirigiu-se a correr para o velho insuflável cor de laranja e atirou-o às ondas. O motor externo começou a trabalhar à primeira. Num intervalo de minutos, encontrava-se onde a tinha visto desaparecer na água. Andou aos círculos, a olhar para o fundo do mar, mas ali a água era menos límpida, perturbada pelo seu barco. Silenciou o motor e saltou borda fora de lado.

Foi como cair de um penhasco. Mergulhou tão fundo que sentia os pulmões a explodir quando finalmente tornou a vir à superfície junto do barco. O mar estava picado, o céu escuro, a tempestade aproximava-se. E foi então que a viu de novo, o cabelo acobreado a subir, flutuando, em direção a ele. Chegou lá num segundo.

Mas não conseguia encontrá-la. Mergulhou uma vez e outra, mas a tempestade chegara e a turbulência agitava as ondas e estas agitavam-no a ele. Perdera-a.

O passado veio-lhe à mente, trazendo consigo memórias que ele nunca mais queria reviver.

Quando Marco subiu novamente para o barco, a cadela estava tolhida no velho barco, com as orelhas coladas à cabeça pela muralha de chuva que caía do céu. Não via um palmo à frente do nariz. A rede do telemóvel, que nunca era boa naquela região, agora era impossível; nem sequer podia telefonar para a guarda costeira ou para o porto. Agradeceu a Deus por vestir sempre um colete salva-vidas a *Em*, agarrou na trela e enrolou a ponta no pulso. Se o barco se virasse, conseguiria manter-se agarrado a ela.

As ondas verdes atiravam-nos para cima num mar de espuma, depois faziam-nos deslizar outra vez para baixo. O motor externo gaguejou e morreu. Marco olhou em redor, à procura do horizonte, de terra firme, de qualquer coisa que não o mar que já fizera uma vítima. Pensou se ele e *Em* seriam as próximas. Se assim fosse, nunca ninguém haveria de ficar a saber da ruiva de vestido azul com a ferida ensanguentada na cabeça. Se é que alguma vez a encontrariam. Ninguém saberia que o ferimento fora feito antes da queda, nem que alguém naquele grande *gulet* de casco negro desferira o golpe. Só Marco sabia. Mas não era altura para pensar nisso; limitava-se a rezar para sair dali com a cadela.

Com um derradeiro clarão breve e um estrondo minguate de tempestade, o céu começou a mudar drasticamente. Numa questão de minutos, foi atravessado por uma lâmina e o mar tornou-se novamente uma vaga azul-esverdeada, erguendo-os suavemente até terra.

Marco desenlaçou a trela dos dedos. A água pingava das orelhas de *Em* e da cabeça de Marco e descia-lhe pelo peito. Pôs uma mão em pala acima dos olhos, procurando em toda a volta, mas sem ver a rapariga.

Outros barcos apareceram dirigindo-se velozmente para o porto. Marco acenou a um pequeno barco piscatório e apanhou boleia, acorando-se entre o pescado escamoso enquanto os outros lhe rebocavam o barco inutilizado até ao cais. Tanto ele como *Em* cheiravam fortemente a peixe quando finalmente caminharam pelo cais em direção à esquadra da guarda costeira, algo que agradava mais à cadela do que a Marco.

A esquadra consistia num espaço quadrado com duas secretárias, cada uma das quais com uma grande cadeira de pele, uma delas ocupada por um homem com ar importante de uniforme cinzento e pesados óculos escuros que não tirou enquanto inspecionava Marco, ainda encharcado, olhando-o de cima a baixo, e de novo para o rosto com a barba por fazer. O escrutínio do homem deslocou-se para

a cadela molhada, que de seguida se sacudiu com força, fazendo chover gotas de água sobre ele.

– Peço desculpa – disse Marco. – Está tudo um pouco molhado lá fora.

Com um olhar de desdém, o guarda sacudiu o uniforme com uma grande mão bem cuidada e perguntou-lhe bruscamente o que queria. Marco ficou com a impressão de que a resposta não lhe interessava muito. Provavelmente, estava a interromper a sua ida ao café para tomar um copo de retsina e conversar um bocado; turistas encharcados e os seus cães, ainda em pior estado, que apareciam para lhe sujar a esquadra e o uniforme não eram bem-vindos.

Alisou o cabelo para trás e tentou compor-se para ficar mais apresentável, o que era difícil quando se estava molhado e de calções de banho, mas tinha mais em que pensar do que nas aparências.

– Vim declarar um afogamento.

O guarda lançou-lhe um olhar rápido de trás dos óculos escuros.

– Quem?

– Não sei. Uma mulher. Jovem. Caiu de um grande *gulet*.

– Como sabe que caiu?

Marco resistiu à tentação de revirar os olhos.

– Vi.

O guarda tirou os óculos e fitou Marco. Era evidente que desconfiava dele.

– E então? Porque não a salvou desse afogamento?

– Senhor guarda. – Marco sabia que a cortesia era a única maneira de ter êxito num contexto burocrático. – Eu tentei. Mergulhei muitas vezes, mas o mar estava turbulento. Não consegui encontrá-la. Só sei que caiu de um grande *gulet* negro e muito veloz. Ele partiu e ela foi deixada para trás...

O agente recostou-se na cadeira de pele. Estreitou os olhos, desconfiado, para Marco.

– Como se chamava esse *gulet*?

Marco referiu que não sabia, não tivera tempo de ver.

– E o que estava a fazer lá fora na tempestade? Em que barco se encontrava?

Marco explicou que estava de férias, falou do seu velho barco de borracha e da tempestade que o salvara, empurrando o pequeno barco de regresso ao cais.

– Mas era jovem – começou por dizer, mas deteve-se. Tinha usado o pretérito perfeito. – Trazia um vestido azul, não propriamente o que se usaria caso a intenção fosse saltar do barco para nadar.

O homem olhava-o com frieza, expectante.

– Ela tinha... *tem*... cabelo ruivo – lembrou-se ele. – Uma grande nuvem de cabelo acobreado, tipo encaracolado, não sei se está a ver...

O agente não disse nada. Virou-se e premiu uma tecla no computador. Teclou em silêncio durante uns minutos.

– Não há registo de ninguém que tenha caído de um barco. Não há pessoas desaparecidas – afirmou ele. – A tempestade terminou. Provavelmente foi dar um mergulho. – Encolheu os ombros, ignorando a questão. – Os turistas estrangeiros acham que tudo é seguro em todo o lado. Nas férias tornam-se imortais.

Marco ficou a vê-lo escrever uma mensagem num *post-it* amarelo e dirigir-se à secretária vazia ao lado da sua para o colar no tampo.

– O meu assistente vai ficar atento à situação – comentou o homem enquanto abotoava o casaco, encaminhando-se para a porta, que abriu para Marco e a sua cadela saírem.

«E pronto», pensou Marco, enquanto seguia a chapinhar para o café onde Costas o saudou com um gesto de sobranceiras arqueadas e uma rápida chávena de café expresso que tirou da sua nova máquina *Gaggia*, que era o seu orgulho e alegria.

Costas não perguntou o que tinha acontecido, não era esse o seu modo de agir. Costas ouvia. Sabia tudo sobre toda a gente e, na maior parte dos casos, guardava a informação para si. E contava à mulher, claro, a adorável Artemis, dez anos mais nova que ele e que só era ultrapassada pela *Gaggia* no orgulho e alegria sentidos por Costas. E, se Artemis conversasse com as amigas, afastando para trás o cabelo comprido e preto com uma mão enquanto a outra segurava a chávena de café, ou, à noite, um copo do *Cinzano* com soda rosado de que tanto gostava, também vinha sempre com mais notícias que Costas guardava para si, a menos que as circunstâncias exigissem o contrário. Aquele dia, com o que Marco Polo Mahoney lhe contou, podia muito bem ser uma dessas ocasiões.

– Cabelo ruivo? – perguntou de forma casual. Tinham-lhe contado muitas histórias ao longo dos anos passados atrás do balcão, por isso não as levava demasiado a sério. Pegou num copo que estava numa fileira deles no bar, serviu-se de uma boa dose de brande e empurrou-o para Marco. – Parece que precisas disto.

Pediu a Artemis que trouxesse uma toalha para a cadela, que pingava para o chão de mosaicos brancos, já forrado com uma cama de pequenos papéis gordurosos que usava para servir petiscos. De quando em quando, um ajudante seu, geralmente um rapazito, vinha com uma vassoura varrê-los para o canto, onde se amontoavam, para mais tarde serem levados por outra pessoa.

Marco bebeu o *shot* de um trago. Caiu-lhe no estômago como uma bomba-relógio, explodindo passado um minuto para lhe percorrer as veias num remoinho.

– *Caramba* – exclamou. – O que é isso, Costas?

– A minha bebida especial. Não a dou a todos.

Marco apostava que não ou não haveria muita gente capaz de sair dali pelo seu pé. Fez sinal a pedir café e uma sanduíche de fiambre, que deu à cadela. Tirou o telemóvel do bolso dos calções de banho encharcados. Estava estragado, claro. Não tinha telefone na cabana e olhou de relance para o telefone fixo de Costas, perguntando-lhe se podia usá-lo. Costas empurrou-o na sua direção e ficou a ver, alarmado, Marco marcar muitos números.

– Para *onde* ligas?

– Oh, é só para Nova Iorque. – Marco sorriu-lhe. – Tenho lá a minha namorada.

– Nova Iorque? *EU* da *A*? – Costas estava espantado.

Marco acenou com a cabeça e suspirou de alívio quando Martha atendeu.

– *Amor* – disse ela, com aquela pronúncia britânica, suave e rouca, de que ele tanto gostava. – *Estava mesmo a pensar em ti.*

– Folgo em sabê-lo – respondeu ele, ainda a pensar na ruiva que se afogara e nas suas memórias. – Estou metido num sarilho – referiu e depois explicou o que tinha acontecido. – E acho que se trata de homicídio – concluiu.

Fez-se um longo silêncio enquanto ela ponderava a questão. Depois afirmou:

– Vou já para aí – como se estivesse na porta ao lado e não a milhares de quilómetros de distância.

Quando Marco lhe telefonara da Turquia, Martha Patron estava em Nova Iorque de pijama. Deu graças a Deus por ele não a poder ver. O pijama era de flanela, ela tinha sempre frio quando ficava sozinha na cama; riscas azuis e brancas, como um uniforme da prisão, e usava meias de dormir vermelhas. A acrescentar, aproveitando o facto de estar sozinha uma noite, cobrira a cara de vaselina, coisa que fazia uma ou duas vezes por mês e que tinha a convicção de que conferia à sua pele um brilho suave. Na verdade, usava-a muitas vezes em todo o corpo, evidentemente quando não havia ninguém a vê-la. Acabara de lavar o cabelo e secava-o, passando um pente e sacudindo de vez em quando a cabeleira com a cabeça para baixo. De um loiro-mel claro natural, muito liso e cortado logo abaixo dos ombros, o cabelo de Martha era muito bonito, ela acertava as pontas de três em três semanas. Ficava dispendioso, mas valia a pena e ela compensava o custo com o facto de não comprar cremes de rosto caros. Funcionava.

Caso se analisasse a sua aparência, algo que Martha fazia todas as noites antes de ir para a cama e de manhã ao acordar, definitivamente não era bonita: tinha o maxilar muito quadrado e o queixo demasiado determinado; as maçãs do rosto eram, contudo, boas e estava grata por isso porque, afinal de contas, era o que lhe sustentava o resto do rosto. Os olhos eram a sua melhor característica, redondos e adoravelmente infantis, de um lindo azul pálido que, a determinada luz, pareciam quase transparentes.

Na verdade, Martha estava longe de ser infantil; prática, competente e determinada, era boa no que fazia desde que tivesse a ver com moda e, de certa forma, tinha. Martha era *designer* de interiores, não de sofás luxuosos e almofadas fofas, mas mais do tipo simples, minimalista, industrial – aquilo a que Marco chamava o estilo «*bunker* de cimento». Escusado será dizer que se lançara à tarefa de decorar o estúdio de Marco em Paris, um espaço com uma divisão apenas, mas ampla, com um mezanino onde o colchão continuava no chão, como quando Marco se mudara para lá, e as cadeiras eram *Eames* verdes tão velhas que quase só sobrava a estrutura. Deixara, no entanto, que Martha remodelasse a casa de banho, que ele definia como gira – toda em aço e azulejos brancos, sem sinal de granito porque Marco o odiava. A cozinha tinha bancadas de cimento polido e chão de ardósia cinzenta.

A parte do estúdio reservada ao trabalho ficou como estava quando Marco o comprara com o dinheiro da sua primeira encomenda de relevo, o retrato de um ícone da moda francesa que lhe dera fama e fizera dele um artista procurado. Depois comprou a pequena cabana de um quarto na costa da

Turquia, com o pequeno barco de madeira incluído, o *gulet*, de proa pontuda e grandes olhos pintados, que Marco dizia parecer estar sempre a mostrar-lhe o caminho e não permitiu que Martha lhe tocasse. Martha olhara uma vez para o pequeno barco e bastou para saber que não havia nada a fazer. Não haveria almofadas que o transformassem no iate que ela esperara encontrar quando Marco a convidou para ficar com ele na Turquia. Não tivera importância, estavam tão apaixonados que mal reparavam no que os rodeava até saírem para apanhar ar e olhar, com os copos de vinho branco fresco na mão, para toda aquela beleza à sua volta.

Era o amor que fazia o mundo girar, concluiu Martha. Sentia-se satisfeita com o seu trabalho, gostava do que fazia, tinha uma vida social ativa, amigos, uma grande família, que na sua maioria vivia junta, partilhando a antiga casa de campo em Inglaterra, agora algo degradada, mas ainda bonita, toda ela construída com a pedra suave e dourada de Cotswold e vigas escuras; assim como o seu apartamento de Nova Iorque, pequeno e encantador. Claro que ela já estivera apaixonada, louca e terrivelmente apaixonada, mas ele era demasiado atraente e de falas mansas, demasiado popular entre as mulheres. Trocava piropos com outras e traía-a, lançando-a no desespero. Conhecera Marco numa loja de antiguidades em Madison quando recuperava do rompimento; ambos examinavam um estranho candeeiro de latão em forma de cabeça de carneiro, que ela dizia ser egípcio e que ele afirmava ser francês com toda a certeza.

Enquanto bebiam café e comiam vianas com *bacon* e ovo num café ali perto consultaram o Google para se certificarem. Martha ainda se lembrava perfeitamente da roupa que usava nesse dia. Era sábado e, por baixo do casaco comprido, vestia calças de ganga à boca de sino e uma camisola preta e justa de caxemira com botões de pérola. Tinha o cabelo preso atrás com um elástico e não usava maquilhagem. Gostava de não se maquiar ao fim de semana quando tinha tempo para si própria; dava à sua pele e a si oportunidade para respirar, para não pensar nas aparências, para não estar «sintonizada» e não ter de ser encantadora para agradar aos clientes. Como só se tinha a si própria para agradar naquela tarde, não foi encantadora com Marco.

– Desculpe, mas vi esse candeeiro primeiro – declarou num tom gelado.

Marco já o tinha nas mãos e examinava-o. Levantou os olhos para ela, registando rapidamente os seus traços; o pintor que havia em si achou a estrutura óssea interessante enquanto o homem considerou aquela frieza irritante.

– Ah, viu? Então pergunto-me como foi que consegui pegar nele e considerar a hipótese de o comprar? Se já tinha dono, não sei se me está a entender!

– Não estou. – Martha estendeu o braço para o candeeiro.

Marco passou-o de uma mão para outra num gesto de provocação, fingindo deixá-lo cair.

– Meu Deus – exclamou ela e apanhou-o. – Podia tê-lo partido.

– Mas não parti.

Pararam de olhar para o candeeiro e trocaram um olhar demorado.

– Estava a pensar ir beber um café – disse ela, dando o primeiro passo.

E fora o início.

Martha conhecia «toda a gente» através do seu trabalho. Trabalhara com muitos deles nas suas várias casas e agora podia fazer uns telefonemas e apanhar boleia num avião privado *Learjet* para Paris. Daí, acompanhou uma equipa que ia fazer uma sessão fotográfica de moda a Istambul e depois seguiu para o pequeno aeródromo onde Marco esperava por ela.

Estava muito calor e as nuvens negras empurravam o azul para fora do céu, pressagiando mais uma tempestade. Marco sabia que a longa viagem devia ter sido dura e que Martha deveria estar cansada, mas ela desceu os degraus do pequeno avião imaculada como sempre, de camisa branca, mangas arregaçadas, calças de ganga pretas *skinny* e alpercatas de lona vermelha. Trazia ao ombro uma mala enorme cheia de revistas e coisas que sabia serem do agrado de Marco, incluindo quatro chocolates *Snickers*, duas *bagels* de Nova Iorque ligeiramente rançosas, que ficariam boas torradas, seis tiras gigantescas de alcaçuz vermelho, de que ela também gostava, e uma garrafa de *Jim Beam*, que pensava ser uma boa alternativa ao *ouzo* ou fosse lá o que fosse que se bebesse em lugares como a Turquia e a Grécia. Trouxera também o exemplar brochado do *Guerra e Paz*, com a ponta superior de uma página dobrada a marcar a leitura, que andava a prometer a si própria ler há vinte anos. Era esse ou o *Orgulho e Preconceito*, mas achava a Jane Austen incrivelmente morosa e preferia muito mais abrir o seu caminho por todos aqueles nomes russos. Ainda ia na página trinta e cinco, mas havia esperança.

Estava maravilhosa, pensou Marco, uma vez mais deslumbrado com os seus grandes olhos azuis, o cabelo loiro esvoaçante e o corpo de curvas que ele tão bem conhecia. Martha tinha a altura exatamente perfeita para se acomodar debaixo do braço dele quando caminhavam juntos, como agora, que saíam do aeroporto em direção ao *Jeep Safari* já muito batido de Marco, cujo teto de lona produzia um estertor. Ele levava-lhe a mala enorme, exigindo saber o que estava lá dentro, depois empurrou *Em* do lugar do passageiro para o banco de trás e Martha aceitou o lugar da cadela.

– Sinto-me mal – disse ela, virando-se para fazer uma festa no focinho de *Em*, que estava sobre o seu ombro. – Mandá-la embora do lugar que lhe pertence por direito.

– A *Em* é muito boa a partilhar.

Os seus olhares cruzaram-se e fez-se um longo silêncio.

– Estou muito contente por teres vindo – afirmou ele por fim.

– Eu também.

Nada mais foi dito enquanto Marco percorria o caminho suburbano até à estrada junto ao mar, onde

as cores da água mudavam em tiras de turquesa pálido para azul-esverdeado e depois cobalto. O sol brilhava nas minúsculas ondinhas em pontos de luz com forma de diamante. As casinhas em tons pastel mantinham-se presas às encostas rochosas e as mansões brancas olhavam o mar, semiescondidas sob nuvens de buganvílias fúcsia. A estrada estreitava e o campo tornava-se mais rural. Passaram por um par de vilas costeiras, onde barcos de pesca repousavam até se fazerem ao mar, ao luar, para voltar apenas ao amanhecer.

Martha disse de repente:

– Não pode acontecer aqui nada de mal, é demasiado simples, demasiado tranquilo. Sinto-o cá dentro.

Marco olhou de lado para ela.

– Foi por isso que vim para aqui – respondeu. – E que não posso acreditar no que vi com os meus olhos.

Em pousou a cabeça no ombro de Martha, babando-lhe a camisa branca imaculada. Ela fez-lhe uma festa distraidamente.

– Mas não tens provas – referiu ela.

Ele negou com a cabeça.

– Nem sequer um corpo.

– Marco, já pensaste que ela pode ter ido simplesmente dar um mergulho? Sei que disseste que se aproximava uma tempestade, mas as raparigas às vezes são impulsivas, uma coisa do momento, talvez tenha discutido com o namorado...

– Talvez, e talvez tenha sido ele que lhe bateu na cabeça. *Martha!* A rapariga tinha a cabeça cheia de sangue. Eu vi-lhe o couro cabeludo branco! Alguém lhe bateu. E com uma coisa dura. Talvez uma garrafa. – Encolheu os ombros. – Seja como for, acho que foi assassinada. Quero encontrá-la e a quem lhe fez aquilo.

Martha estava em silêncio. Questionou-se sobre o que estava ali a fazer. Marco parecia firme naquela sua ideia, não parecia querer abandoná-la e simplesmente gozar as férias.

Atravessaram a vila, passaram pelo cais apinhado de barcos alugados por turistas e de vozes inglesas alegres, divertindo-se. Ao fim da comprida rua empedrada, um letreiro vermelho iluminado piscava. *Costas Bar e Grill*. Marco estacionou e *Em* saltou logo para fora e entrou, de cauda a abanar, pela cortina de contas.

– Entrem – convidou um homem lá dentro, enquanto uma empregada tímida apartava a cortina que chocalhava e ficou parada, olhando para eles, insegura, de sobrolho franzido. Os olhos castanhos da jovem abriram-se muito ao ver Martha aparecer, depois recuou e disse friamente:

– Bem-vinda, noiva do Marco. Sabemos tudo sobre si.

Martha lançou um olhar inquisitivo a Marco, que ergueu um ombro.

– Disse-lhes que eras a minha namorada e que ias ficar cá.

Martha seguiu a cadela para o interior do bar escuro e fresco. Ficou parada durante um minuto, a habituar-se à obscuridade do interior depois do sol lá fora, a ouvir o ribombar distante da tempestade.

Costas, de bigode e ar cansado, com um brilho acolhedor nos olhos, pegou-lhe na mão e deu-lhe um beijo farfalhudo. Subitamente exausta, afinal de contas tinha sido uma longa viagem, com os voos de ligação e os atrasos, Martha afundou-se numa cadeira de pele e aceitou uma bebida rosada, onde o gelo tilintava, que lhe foi trazida pela empregada tímida com a sua cortina de cabelo negro e o corpo

sedutor.

– A minha mulher, Artemis – apresentou Costas com orgulho.

Artemis beijou Martha três vezes nas faces e disse alguma coisa em grego.

– Diz que a senhora cheira bem – traduziu Costas a Martha, que mergulhou a mão no saco branco enorme e lá encontrou, por entre a tralha acumulada, enterrado debaixo do *Guerra e Paz*, a pequena amostra de *Chanel*, que ofereceu à rapariga. – Para que também ela cheire bem – disse a Costas.

Marco olhava para o cordão de ouro fino com uma pantera a uni-lo que Artemis usava. Do cordão pendiam também as iniciais AM. Perguntou em voz alta onde teria Costas encontrado uma peça tão encantadora.

– Era a polícia que a tinha – explicou Costas.

Martha reconheceu a pantera e disse surpreendida:

– Mas é *Cartier*. Que lindo.

Artemis pegou no cordão com as iniciais e inspecionou-o.

– *Cartier*? – perguntou na dúvida. – Encontrei-o na praia, trazido pelas ondas. Julguei que fosse uma bugiganga bonita perdida por uma turista enquanto nadava. Está sempre a acontecer.

– Uma vez – acrescentou Costas –, alguém encontrou um anel de diamantes. Três pedras embutidas em ouro. Claro que o entregou à polícia e foi reclamado por um casal de noivos; discutiram e ela atirou-o ao mar, mas depois fizeram as pazes. É a única coisa de valor alguma vez encontrada na nossa praia.

– Bem, agora há mais uma.

Marco pensou na rapariga de vestido azul cujo corpo nunca tinha sido encontrado e teve a súbita sensação de que lhe pertencia. Perguntou a Artemis se lhe podia dar uma olhadela. Ela levantou o pesado cabelo negro e abriu o gancho, fazendo deslizar o cordão com relutância entre os dedos enquanto o entregava a Marco.

– A Martha tinha razão – disse ele, assinalando a pequena assinatura Cartier, o que levou Artemis a suspirar porque se apercebeu de que não podia ficar com ele se fosse caro.

– Então temos de o devolver à polícia – declarou Costas. Ficou com pena de Artemis, que perdeu o cordão. – Compro-te um novo – prometeu. Marco pagou as bebidas e ele e Martha deram as mãos quando regressavam à cabana, com *Em* a correr disparada mais à frente, procurando coisas interessantes para cheirar.

– Estás a pensar que pertencia à rapariga que caiu do barco – comentou Martha, tropeçando no caminho empedrado e Marco teve de a agarrar. Enlaçou-a pela cintura. Sabia bem e sorriram um ao outro, fazendo uma pausa para se beijarem.

– Como adolescentes – sussurrou Martha, mergulhando o rosto no pescoço dele. Cheirava a ar e a suor fresco e a sal do mar e levemente à colónia cítrica que ele usava, uma mistura unicamente sua. Mas Marco estava a pensar noutras coisas e desviou o olhar, observando o mar e a refletir no que tinha sido dito sobre o cordão de ouro e as iniciais.

– Posso mandar um *mail* a uma pessoa que conheço na Cartier, se quiseres – sugeriu Martha. – A explicar como encontrámos o cordão, dizer-lhes que gostaríamos de descobrir a quem pertenceu para o podermos devolver. Pergunto-lhe se têm um registo, talvez consigam identificá-lo a partir das iniciais.

– Eu sei que deve ter pertencido à rapariga que vi afogar-se – retorquiu Marco. – Pergunto-me como lhe caiu do pescoço para a água. Viste como era difícil abrir aquele fecho. Não pode ter caído

simplesmente.

– Estás a dizer que achas que alguém lho tirou e depois o mandou ao mar?

– Era o único objeto que a podia ter identificado.

– A menos que encontrassem o corpo – recordou-lhe Martha. – Marco – protestou ela –, estás apenas a ir atrás de uma ideia. Não há rapariga, não há homicídio. Não aconteceu nada, foi só alguém a saltar do barco para ir nadar...

Marco lançou-lhe um olhar frio.

– Posso não ser detetive – disse ele –, mas sei o que vi e sei que ela não voltou à superfície. Alguém a atingiu, alguém a queria morta.

Marco pensou na rapariga quase a correr para a popa do grande barco preto, virando-se com a mão a agarrar a cabeça ensanguentada para olhar para trás... e depois a queda. Repetiu a cena mentalmente, viu-a sucessivas vezes a cair, o cabelo comprido acobreado numa nuvem flutuando por cima dela. E ele a olhar por cima do rebordo do bote insuflável à espera que ela voltasse à superfície... a mergulhar quando ela não voltou. Sem nunca a encontrar. Começava a pensar que talvez Martha tivesse razão, só que agora tinha o cordão com as iniciais dela. AM.

Passara uma semana e Martha já partira para Nova Iorque. Marco estava sentado sozinho debaixo da antiga oliveira de Costas, já sem os seus frutos, que Costas servia aos clientes em palitos fininhos de madeira, com um aviso para que tivessem cuidado, as oliveiras eram tão sumarentas que podiam esguichar. E era verdade, como Marco sabia por experiência própria. *Em* também sabia. Gostava de comer uma azeitona de vez em quando, enrolava-a na língua, sem nunca saber muito bem o que lhe fazer até acabar por engoli-la inteira e se sentar a implorar mais com o olhar. Duas era o máximo para qualquer cão, decidiu Marco; *Em* ficava melhor servida com os ossos de mastodontes. E ele ficava melhor servido com a cabra assada cujo cheiro delicioso passava por ele num prato fumegante acabado de sair do forno e dirigido a um casal cheio de sorte que estava na esplanada. Mal pareceram reparar, tão ocupados estavam a olhar-se nos olhos um do outro. *Os olhos do amor*, pensou Marco com inveja.

A visita de Martha fora breve; partira para Nova Iorque no dia anterior e ele sentia-se carente. Não só sentia a sua falta fisicamente, tinha saudades de falar com ela; era a única pessoa que compreenderia que ele dizia a verdade quando afirmava que vira uma jovem ser assassinada. Bem, não tinha mesmo *visto* o ato, apenas o resultado. Ninguém compreendia porque aparentemente tal jovem nunca existira.

Artemis serviu o casal e voltou para trás em passo ligeiro. O seu cabelo preto comprido estava apanhado num rabo-de-cavalo e usava uma blusa branca bordada, que descaía sedutoramente dos ombros, e uma saia rodada vermelha de algodão que lhe roçagava sedutoramente os joelhos. Trazia nos pés uns chinelos nada sedutores de enfiar o dedo. Tinha as unhas dos pés pintadas de cor-de-rosa pálido e os lábios grossos num tom mais brilhante. Marco pensou que não havia dúvida de que era uma mulher encantadora, já fizera muitos esboços dela e contava um dia fazer o seu retrato. Mas agora a ruiva ocupava os seus pensamentos.

– Artemis. – Pegou-lhe na mão quando ela passou por ele. Ela virou-se, inquiridora. – Tem um minuto? Preciso de lhe perguntar uma coisa.

Intrigada, Artemis puxou uma cadeira.

– Só um minuto – respondeu ela. – Como pode ver, estamos muito atarefados.

A vida de café agitava-se em redor deles. A fileira habitual de velhos esgotados encostados à parede, como sucedia todos os dias, com os chapéus e as bengalas, de cotovelos em cima da mesa, as cadeiras viradas para a rua de modo a poderem ver toda a gente que passava e fazerem os seus

comentários em voz baixa. O calor do dia mantinha-se, o único lampião conferia um brilho débil e as velas tremeluziam dentro dos copinhos de vidro vermelhos e verdes que haviam sobrado do Natal anterior.

– Marco? – Os olhos de Artemis estavam muito abertos, à espera do que ele tinha para dizer.

– Ando à procura de uma jovem ruiva.

– A Martha foi-se embora só há um dia e já anda à procura de outra mulher?

– Não é nada disso. Esta mulher está morta.

– *Santa mãe de Deus.* – Artemis benzeu-se rapidamente. – Não conheço jovens mortas. Estamos todas vivas.

– Esta era ruiva. Tenho de saber se alguma vez a viu aqui no café, ou num barco, no atracadouro.

Artemis revirou os olhos; estava a pensar.

– Eu vi essa rapariga – lembrou-se. – Nuvens de cabelo ruivo encaracolado e comprido. Passou por aqui uma ou duas vezes, mas nunca entrou.

Marco ouviu o seu próprio suspiro. Não estava a imaginar coisas; a rapariga existia.

– Acha que o colar de ouro era dela – disse Artemis, e Marco anuiu.

– Agora só tenho de descobrir o nome dela.

Não era fácil; de facto, revelou-se impossível. Ninguém a conhecia. Havia sempre pessoas a entrar e sair de barcos: turistas, mochileiros, miúdos da faculdade à solta. Podia ser uma pessoa qualquer.

«Ora, pronto», pensou Marco de mau humor no bar de Costas, enquanto bebericava retsina, uma bebida que o fazia desejar um copo de *sauvignon blanc* francês, fresco e límpido. Olhou para *Em*, deitada com a cabeça pousada nos seus pés morenos com chinelos de praia, ignorando o osso dessa noite. Até ela parecia ter perdido o gosto por aquele sítio. Era hora de partir. Deixar a rapariga e o mistério da sua morte, que talvez nem sequer fosse mistério nenhum; era só ele e a sua memória que falhava. Tinha de seguir em frente.

Regressou à cabana branca e simples, arrumou as velhas *T-shirts* e os calções de banho no saco de lona, deu a *Em* o resto da galinha que tinha comprado na véspera, deitou fora os botões de jasmim que apanhara na árvore à porta de casa e que continuavam a exalar o seu perfume doce. Ficou por um momento a olhar para a casa de fora. Adorava aquele lugar, a sua solidão. Era a primeira vez que se sentia perturbado ali. Não gostava da sensação. Preocupado, foi sentar-se no terraço. *Em* estava sentada nervosamente ao seu lado, com as patas cuidadosamente pousadas.

Estendeu a mão e fez-lhe uma festa na cabeça, um crânio tão pequeno, tão frágil, levou-o a pensar novamente na cabeça da rapariga, com o osso exposto. Não havia maneira de fugir a essa memória. Sabia o que tinha visto. Não havia nada que pudesse fazer. Era hora de ir para casa.

Os relâmpagos iluminaram o céu, vinha aí mais uma tempestade. Era tempo delas. Na luz tremeluzente, avistou um barco que se aproximava do cais. Um grande *gulet* de casco preto. Pegou nos binóculos e viu o seu nome. *Lady Marina*. Claro que havia outros *gulets* de casco preto, mas ele sabia que era aquele barco. A mesma cabina, a porta de onde ela saíra com o seu vestido azul, o corrimão de onde caíra como se estivesse morta. E Marco acreditava que agora estava mesmo.

6

ANGIE

Estou morta? Presume-se que quando uma pessoa está morta não sinta nada. Portanto, devo estar. Mas tive consciência da ferida na cabeça, senti o mar lambê-la, talvez a água do mar fosse medicinal. Ou talvez o ferimento fosse profundo de mais para isso. E, se estou morta, não faz diferença.

A única coisa de que me apercebi foi da corrente a arrastar-me tão depressa que me senti impotente. Não que me pudesse ter salvado, era tarde de mais para isso. Devia estar longe do lugar de onde caíra do *gulet* negro, longe dessas pessoas de quem eu era convidada. Bem, uma espécie de convidada. Era suposto ser, de qualquer modo, mas tornou-se outra coisa. Eu era a palerma inocente que julgava que ia ser uma estrela num anúncio a champô, com a sua trunfa de cabelo ruivo comprido!

Estou a tentar freneticamente lembrar-me de tudo antes que seja tarde de mais. Tenho vinte e um anos, disso lembro-me. Também me lembro do meu nome. Angie. Criada por uma mãe solteira. Também me lembro dela. Na verdade, consigo vê-la mentalmente, agora mesmo, o rosto magro sempre preocupado, a expressão doce quando o seu olhar se demorava em mim, o que não sucedia amiúde, uma vez que tinha três empregos para conseguir manter-nos à tona. À tona. É irónico, agora que me estou a afogar. A afogar-me contigo, mãe. Talvez seja culpa minha.

Foi assim que começou.

* * *

Há um mês eu trabalhava como anfitriã num restaurante conhecido de Manhattan. Criada em Queens, nunca na vida saíra do estado de Nova Iorque, nunca tive dinheiro para isso, nem talvez a ambição. Para mim, Manhattan era tudo e, enquanto jovem atraente com a minha «juba» de cabelo ruivo, sempre preso atrás quando trabalhava, claro, um nariz levemente sardento que eu tentava disfarçar com corretor; olhos castanho-claros – esverdeados a determinada luz – e um corpo magro e bem tonificado por ir ao ginásio cinco manhãs por semana, sabia que tinha bom aspeto. Não era uma beleza, mas era sem dúvida atraente o bastante para gerar interesse entre os comensais daquele restaurante caro que, na verdade, não passava de uma casa de bifés engrandecida, que disfarçava a

ementa com pratos exóticos com nomes franceses e italianos. Naturalmente que toda a gente pedia o bife, mesmo assim, e as batatas fritas. Podia tomar nota dos pedidos antes de abrirem sequer a boca.

Não que fosse eu a tomar nota dos pedidos, limitava-me a conduzi-los à mesa, a entregar a ementa, indicando os pratos do dia e os melhores vinhos da carta, assegurava-me de que a vela estava acesa e posicionada da forma a que as mulheres parecessem mais novas, fazia o meu sorriso profissional e desaparecia numa questão de minutos. Exceto quando aparecia algum homem interessante, especialmente se viesse sozinho. E foi assim que conheci Ahmet Ghulbian e selei o meu destino.

Na verdade, não fui eu a recebê-lo, foi uma colega que teve esse privilégio, mas soube logo que era importante pela maneira como se deslocou pelo restaurante e depois parou em silêncio na sala de luz suave, as mesas com toalhas brancas, a grande jarra de flores na secretária cujo perfume se misturava com o da boa comida e do vinho excelente. Usava um fato escuro, que reconheci como sendo de corte europeu e que lhe assentava na perfeição, e tinha o tipo de cabelo grosso negro que eu ouvira ser descrito como «farto», embora tivesse um corte conservador; pele cor de azeitona, barbeado. Usava óculos de sol que, estranhamente, não tirou durante todo o tempo que lá esteve muito embora a sala fosse escura.

Havia alguma coisa nele que me atraiu imediatamente e, quando a minha colega se apressou a ir buscar a bebida que ele pediu, aproximei-me. Alisei a saia preta, curta e justa, nas ancas, ajeitei a gola da camisa branca e passei por ele de forma casual, lançando-lhe um sorriso.

– Está tudo bem? – perguntei com um momento de hesitação que lhe deu oportunidade de me olhar de cima a baixo, que foi o que fez, claro.

– Melhor agora que aqui está – foi a sua resposta, que me fez rir.

– Meloso – respondi. – Um comentário já gasto, para dizer a verdade. Já perdi as contas às vezes que ouvi isso.

Calou-se, embora continuasse a olhar para mim. Senti-me pouco à vontade e fiz menção de me ir embora, mas ele disse:

– Espere.

Esperei.

– Essa é a cor natural do seu cabelo?

Não podia ter dito nada que me surpreendesse mais. Eu tinha o cabelo penteado para trás e bem preso com um gancho, seguindo as regras da casa. Nada de cabelos na comida, nem madeixas ondulando sedutoramente sobre um ombro, a atrair os homens quando se devia estar a vender-lhes mais vinho. Confirmei, cautelosa mas com o sorriso profissional, que era natural. Ele olhava-me intensamente e senti-me pouco à vontade. Queria ir-me embora, mas repetiu o pedido para que ficasse. Apalpou o bolso interior do casaco e tirou de lá uma carteira de pele fina, de onde retirou um cartão. Entregou-mo.

– Tenho contactos na publicidade – disse ele. – Sei que vai haver uma sessão fotográfica na Grécia e na Turquia. A modelo tem de ter cabelo ruivo, como você. Infelizmente, hoje a rapariga que queriam caiu e partiu as costelas, por isso teve de se retirar. Aquilo que procuram é uma grande cabeleira, não que não possam fazer extensões, mas estamos a falar de uma coisa ao ar livre, com mar e areia, o vento a soprar. Têm de ter o cabelo certo.

Fez uma pausa, continuando a olhar para mim. Pelo canto do olho, apanhei o meu supervisor a levantar a mão e a chamar-me de volta ao trabalho. Aceitei rapidamente o cartão depositado na palma da minha mão e concordei em ligar-lhe. Selando assim o meu destino. Razão pela qual agora

me afundo nas águas azul-celestes, frescas e límpidas, da costa da Turquia.

Foi Apollo Zacharias quem a viu. Era o dono e orgulhoso capitão do *Zeus*, um veloz barco comercial de casco preto, uma versão modificada do *gulet* de madeira turco de dois mastros. Calhou estar na ponte, de binóculos nos olhos, a examinar o mar e as nuvens de tempestade quando reparou no que parecia ser algas, *kelp* ou coisa do género, a subir em espiral. Só que as algas estavam presas ao corpo de uma mulher. *O que via era o seu cabelo, a flutuar acima dela.*

Correu para o convés a gritar por socorro e inclinou-se sobre a amurada. A sua tripulação, três homens em tronco nu, chegaram a toda a brida.

– Virem o barco – gritou Apollo. Ficava sempre a mil à hora quando se empolgava. – Está uma mulher na água. Agora, atenção, procurem-na.

Empurrou para trás o chapéu com o entrançado dourado de capitão que usava sempre para se assegurar de que as pessoas estavam a par do seu estatuto, inclinando-se ansiosamente de lado enquanto o barco fazia a manobra. Era um homem atarracado, grego, marinheiro de toda a vida, mas era a primeira vez que via o corpo de uma mulher passar pelo seu navio a deslizar na água. Cinquenta anos, experiente, casado e com três filhos, dono de um lar de idosos a norte de Atenas, teria preferido não a ver, porque isso só podia significar problemas. Agora tinha de fazer alguma coisa.

– Atirem a rede – ordenou Zacharias, preocupado por já não ver o cabelo. Era possível que ela tivesse ido fundo de mais, as correntes eram traiçoeiras, provocando agueiros que podiam submergir uma pessoa numa questão de minutos. Mas não. Ali! Agora via-a.

– Lancem-se à água – gritou à tripulação. – Apanhem-na. – Era como se estivesse atrás de um agulhão.

A rede e um barco insuflável foram baixados. Dois dos seus homens saltaram depois dele, batendo em chapa na água. O motor foi silenciado. Os únicos sons que se ouviam eram o da batida das ondas no casco negro e os gritos das aves marinhas que, lá no alto, procuravam presas. O *gulet* elevava-se em silêncio nas vagas.

Zacharias afastou o chapéu de capitão da testa morena, inclinando ansiosamente de lado. Tinha-a visto, não tinha? Era uma cabeleira ruiva e não algas? O calor penetrava pela camisa, formando uma camada de suor na sua pele. Talvez devesse ter-se ido embora sozinho, sem se meter naquela situação. Encontrar corpos no mar requeria muitas explicações à polícia e imensos papéis quando ele devia estar ansioso pela reforma. Mas era uma mulher que ele vira ali em baixo. Ou o cadáver de

uma. Quem poderia saber? Não tardaria a descobrir.

ANGIE

Serei «um corpo»? Uma mera criatura? Uma pessoa a quem foi retirada toda e qualquer emoção? É estranho, mas consigo ver-me, uma imagem mais pequena de mim própria, algures acima da minha cabeça partida, a flutuar num céu azul profundo, cruzado por teias que se entrelaçam no meu cabelo, puxando-me a cabeça para cima. Por favor, quero eu dizer, deixem-me, por favor. Aqui sinto-me tranquila e em paz. Não quero voltar a sentir, ter de recordar a minha vulnerabilidade, a minha «inocência» ou, pelo menos, a inocência que julgava ter, lá onde sabia quem era. Sabia lidar com os homens, cuidar de mim, não era uma tonta prestes a ser enganada pelo próximo homem que aparecesse com falinhas mansas. Afinal, trabalhava no elegante restaurante onde os homens tinham sempre um olhar para as raparigas bonitas. Nós esperávamos isso, sabíamos como nos livrar dos mais insistentes, como sorrir aos que vinham passar a noite longe da alçada da mulher e dos filhos. As raparigas como eu «compreendiam» esses homens. E se às vezes tínhamos uma paixoneta, bem, porque não, embora a verdade fosse que mantínhamos sempre a esperança de conhecer o Tal. Ou pelo menos de sermos «descobertas». E foi isso que me aconteceu. Fui repentina e espantosamente «descoberta», e tudo por causa do meu cabelo.

A minha mãe teria ficado surpreendida. Sempre se perguntou de onde viria a cor ruiva. Ela fora toda a vida loira, desde que me lembrava, e cobria os brancos quando começou a envelhecer, mas deixou este mundo, o meu mundo, cedo de mais. Foi o dia mais triste da minha vida e também o ano quando, antes disso, adoeceu e depois partiu. Passados cinco anos, continuava a não ser capaz de pensar nela sem ficar destroçada. Mais uma razão para me sentir pronta para uma aventura, uma mudança radical.

Foi numa noite relativamente calma que Ahmet Ghulbian veio pela primeira vez ao restaurante e se deu a conhecer. Mais exatamente, que se atirou a mim. Estava habituada a isso, mas desta vez senti-me também atraída. Ainda assim, fui cautelosa. Ele era diferente, tinha aspeto de estrangeiro. Exótico, foi a palavra que usei nos meus pensamentos. Claro que não telefonei para o número que estava no cartão que me deu, parti do princípio que era só aquilo, mais um tipo que queria um engate de uma noite. Pensei na minha mãe e no que ela pensaria de mim, a sua filha, que por essa altura já devia estar casada e ter-lhe dado um ou outro neto. Acreditem, às vezes, ali apresentada com saltos de dez centímetros e saia justa, camisa branca estrategicamente abotoada de forma a não revelar o que não devia ser revelado aos clientes do restaurante, gostava de ter sido a rapariga que a minha mãe quisera que fosse.

Nessa noite, a desilusão encheu-me a boca como se de bÍlis se tratasse; não alcançara nada, nem sequer o meu «potencial», como dizia a minha mãe. Tinha sido boa aluna, o bastante para ser aceite por uma universidade, ainda que não pudesse frequentá-la. Tinha de trabalhar, ganhar algum dinheiro, pagar a renda do apartamento de duas assoalhadas, num terceiro andar de Queens, as contas do supermercado, vodka, cigarros. Foram estes últimos que a mataram, embora, justiça lhe seja feita, tivesse deixado de fumar. Tarde de mais. É por isso que nunca meti um cigarro na boca, nem para experimentar, nem marijuana, pois também a receava. No lugar onde vivia, vendiam-se drogas na rua e eu já tinha visto as consequências e não queria ir por aí. Acho que era aquilo a que se chamava uma

«boa miúda» e nunca tinha querido ser «má».

Não entrava em relações de uma noite. A minha primeira relação foi de paixão avassaladora. Estávamos tão apaixonados que mais ninguém importava. Chamava-se Henry, mas era conhecido por Hank, e durante um ano só nos interessávamos por nós mesmos, apenas tínhamos olhos um para o outro. Depois, um dia, acabou. Obrigado por tudo, querida, agradeceu e foi-se embora para uma universidade no Sul onde haveria de se destacar como uma cebola num campo de bolbos de tulipa. Eu fui trabalhar para a caixa do supermercado do bairro, onde me fundi com o que me rodeava como se ali pertencesse. E pertencia. Com exceção do cabelo ruivo, claro está, mas num momento choroso e depressivo, depois de ter visto um velho DVD da Audrey Hepburn no filme *Férias em Roma*, cortei-o todo como ela, tosquiada como um cordeiro prestes a ser sacrificado. E ao olhar horrorizada para o resultado, soube que bem poderia sê-lo. Tinha-me sacrificado ao ego de Hank, o agora universitário, e olhem para mim. Demorou séculos a crescer outra vez.

E agora, no instante da minha partida, tinha uma nuvem de cabelo acobreado espetado na cabeça como se tivesse recebido um choque elétrico, numa espiral de madeixas em redor da cara, que se curvavam nas ondas lustrosas que tinham atraído o senhor Ghulbian e haviam de ser a causa da minha morte.

«Agora vou descansar em paz contigo, mãe», foi o meu último pensamento quando o golpe vibrou na minha cabeça, fazendo-me girar, tropeçar, com a mão no lugar ensanguentado. Avancei cambaleante, vislumbrei pelo canto do olho os dois a observarem-me. Ele e a mulher que me batera com a garrafa de champanhe. A verem-me à beira da morte.

Zacharias pescou Angie como se ela fosse um peixe do mar. O cabelo ruivo emaranhou-se nas teias da rede; o crânio brilhava ao sol na sua brancura; os seus olhos abertos fitaram os dele.

– É uma mulher morta – afirmou ele, observando com mais atenção. E depois ela pestanejou. – *Dios*. – Recuou com um salto. – Como pode continuar viva? Deve ter-se afogado. Nenhuma mulher poderia sobreviver a uma coisa dessas e com a cabeça partida.

Mas estou viva, queria eu dizer. E fazes bem em apelar a Deus, porque preciso de toda a ajuda que conseguir arranjar. Salvaste-me de me afogar, mas talvez não me salves do que aconteceu que me fez fugir deles, cair – ou será que saltei – ao mar para escapar.

Foram buscar toalhas, envolveram-na nelas, levaram-na para a cabina de Zacharias e deitaram-na à sombra. Foi o próprio Zacharias quem lhe molhou a cara com água fresca e limpa. Foi ele também quem lhe levantou o cabelo, desimpedindo o rosto. Viu a ferida aberta, o crânio rachado e sorveu repentinamente o ar, perguntando-se quem lhe podia ter feito aquilo. E porquê.

Porque eu sabia de mais, queria dizer-lhe. Fui uma parva, inocente ou, o que é mais provável, simplesmente idiota. Acreditei no que diziam. Fiz o que me pediram. Julguei que seria a aventura por que ansiava. Não percebi que era perfeita para os planos deles, uma mulher jovem sozinha no mundo, sem família, apenas com as amizades do costume, que podem ser descartadas com uma conversa sobre os planos para ir para a costa oeste. Sem ninguém que realmente se importasse comigo ou fosse à minha procura. Que situação tão triste, chegar aos vinte e um anos sem ter ninguém que se preocupe o bastante para averiguar o que aconteceu ou onde estava eu.

Tudo começou numa noite fria num hotel de luxo em Nova Iorque.

Conhecia Ahmet Ghulbian havia exatamente um mês. Estava deitado ao meu lado na cama sobre um cotovelo fitando-me nos olhos. Uma garrafa de champanhe meia cheia e dois copos aguardavam sobre a mesa. Sentou-se, inclinou-se para os voltar a encher e ofereceu-me um. Remexi-me para me endireitar, atirando o cabelo para trás e deixando-o cair novamente para a frente, sobre os seios, porque me senti muito nua repentinamente em frente daquele homem que acabara de fazer amor comigo e já tinha visto tudo.

– Terás um avião privado – disse ele.

– Um avião privado – repeti, perguntando-me de que estava ele a falar.

Parecia ter lapsos de memória nesse tempo, esquecendo-me por vezes do dia e não sabia se devia estar no trabalho. Ahmet dava-me uns comprimidos. Dizia que sofria da mesma coisa e que podiam ajudar.

– Pensa nisso – continuou ele a sorrir, deitando outro comprimido no meu champanhe. – Um avião privado, só para ti. Só tu e os pilotos. E depois um iate, onde os meus amigos tomarão conta de ti. Ah, podes crer, minha querida Angie ruivinha, que eles tomam conta de ti. Tudo o que quiseres será teu. *Caviar, foi gras*, pequeno-almoço na cama, bebidas no convés ao pôr do Sol. Será champanhe durante toda a viagem.

– Toda a viagem para onde? – perguntei confusa. Não sabia mesmo de que estava ele a falar.

Riu-se.

– Os iates privados não têm de ir a lado nenhum. Flutuam livres como os pássaros no céu, levados pelo capricho sempre que queiram. E tu podes fazer parte disso, minha querida Angie.

Pareceu excelente ao meu cérebro nebuloso e desfocado pelo champanhe, ainda que, algures, a pessoa que existia no meu cérebro, a jovem racional que eu era antes de conhecer aquele homem e tomar os comprimidos que me dava e de beber de mais, fez a pergunta. Porquê eu?

– Porquê eu? – dei voz à pergunta que tanto me intrigava.

– Porque gosto de ti, minha querida Angie, estou a apaixonar-me por ti, quero que conheças os meus amigos e depois a minha família. As minhas intenções são sérias, já deves ter percebido.

Os seus olhos, escuros sem os óculos, fundiram-se nos meus, envolvendo-me no seu abraço e prendendo-me junto ao seu tronco nu. Sentia o seu coração bater, e batia por mim, pensei feliz. Conhecera finalmente um homem que me amava. A minha mãe teria ficado emocionada como eu própria estava. Ou, pelo menos, julguei que estava, nesse momento. No entanto, mal conhecia aquele homem, nem sequer sabia de onde era, não sabia nada sobre a família dele; nas poucas semanas desde que o conhecia, não fora apresentada a um único amigo seu.

– É a tua vida e a minha, as nossas vidas privadas – assegurou quando o questionei. – Quero manter-te para mim enquanto puder. Pelo menos no princípio.

Agora, naquele quarto de hotel, esticou o braço atrás de si e abriu a gaveta da mesinha de cabeceira, tirou de lá uma caixa fina de pele vermelha e deu-ma.

– Para a minha querida – ofereceu.

Eu tinha visto os anúncios nas revistas, reconhecia uma caixa vermelha *Cartier* quando a via. Mas nunca tivera uma nas minhas mãos e nunca esperei tê-la. Peguei-lhe, olhando-o nos olhos com um sorriso curioso. Ele tocou-me ao de leve, dois dedos nos meus lábios, como um beijo.

– Vá lá, abre.

Quase não queria fazê-lo, não queria acabar com a surpresa, o prazer, como quando nos retraímos a fazer amor, atrasando o momento final. Abri-a.

Lá dentro estava um fio de ouro com um fecho em forma de animal, uma pantera, e as minhas iniciais gravadas também a ouro. As iniciais assentavam precisamente na concavidade abaixo do pescoço quando o pus. Ahmet virou-me para poder fechá-lo e depois tornou a virar-me, olhando para mim expectante.

– Gostas?

– Se *gosto*? *Adoro. Adoro.* É o melhor presente que já recebi.

Não foi preciso dizer que era o presente mais caro que me tinham dado, era óbvio que ele sabia que as empregadas de restaurante não eram milionárias.

– Ora bem. – Acariciou-me o cabelo, prendendo suavemente os caracóis atrás das orelhas, alisou-me as sobrancelhas, de novo os dois dedos, como um beijo, nos lábios. – Ora bem, então, talvez agora me possas retribuir com um presente teu.

Ri-me.

– Tudo o que quiseses – prometi, imprudente.

Foi essa promessa que me deixou a afundar nas belas águas azul-celeste e verdes do mar Egeu. O golpe dado com a garrafa de champanhe acertara calmamente no alvo, sabia eu agora. Na verdade, percebera que ia ser desferido. Ali estava ele com a mulher que eu nem sequer vira antes. Eu devia ser descartada, isso era evidente. Sabia de mais, sabia o que vendiam e era a única testemunha da transação.

Enquanto afundava naquele azul, o sangue a subir com o meu cabelo comprido, com o que podia ser o meu derradeiro pensamento consciente, jurei que voltaria. Havia de os apanhar. Fosse como fosse. Não era vingança que eu queria. Era justiça.

Martha Patron tinha uma irmã mais nova chamada Lucy. Vivia em Londres e parecia a Martha que baseava a sua filosofia de vida, e como a viver ao máximo, na canção de Janis Joplin, *It Can't Be Bad If It Makes You Feel Good*. Infelizmente, isto também conduzia a um outro sucesso de Joplin, *Take Another Little Piece of My Heart, now, Baby*; que foi justamente o que aconteceu naquilo que pareceu a Martha ser um intervalo de alguns dias.

Lucy contou-lhe que conhecera Ahmet Ghulbian, um homem sensual, moreno, exótico, um mês antes no Ritz Hotel em Londres. Era uma noite de quinta-feira e ela esperava a chegada de uma amiga com quem combinara tomar uma bebida. Eram ambas «atrizes» que até ao momento só tinham atuado na escola de teatro, mas tinham esperança. Acreditavam que «serem vistas» era a melhor maneira de serem «descobertas» e era no Ritz que tinham esperança de conhecer alguém importante do mundo do espetáculo que as convidasse para uma audição ou talvez até um anúncio televisivo. Fosse como fosse, era melhor do que ficarem sentadas em casa à espera do telefonema de algum realizador esquivo que nunca haveria de chegar.

Lucy era demasiado bem-educada para se empoleirar no bar; sentou-se discretamente sozinha a uma mesa a fazer durar o champanhe porque não tinha dinheiro para uma segunda taça. Ouviu os roncões do seu estômago e desejou uma sanduíche, já para não falar numa boa refeição. Uma sanduíche de frango, pensou ela fechando os olhos, a imaginar a carne entre fatias de pão branco, o seu preferido. Mesmo que o pão branco fosse considerado uma porcária, a seu ver fazia as melhores sanduíches e as fatias eram todas do mesmo tamanho, o que não acontecia se fosse ela a cortá-las. Tomate, alface, maionese, sem *ketchup*, talvez apenas um toque de mostarda. Ficou de água na boca só de pensar nisso e bebeu um gole de champanhe. Por cima do rebordo do copo, os seus olhos prenderam os do homem que estava na mesa ao lado. Bem, não foi exatamente os olhos, porque estranhamente, apesar de se encontrarem no interior, ele usava óculos com lentes escuras. Ainda assim, percebeu que olhava para ela.

O telefone dela soou. Uma mensagem da amiga a dizer que não podia ir. Lucy olhou desconsolada para o copo meio vazio de champanhe. Esperara que a amiga pagasse porque ela não tinha dinheiro, bem, quase nenhum. Faziam sempre aquilo, cuidavam uma da outra quando uma delas estava nas lonas. E agora?

— Peço desculpa, mas vejo que está incomodada. Posso ajudar?

Era o homem de óculos escuros que estava na mesa ao lado. Lucy pensou rapidamente nos cartões

de crédito esgotados, qualquer um podia ser rejeitado. Pensou no pouco dinheiro que tinha na carteira, nos cheques que usara abusivamente. *Talvez* se conseguisse desenrascar, não teria tido problemas se partilhasse com a amiga, mas naquele momento estava de mãos atadas. Aceitar dinheiro de um desconhecido ia contra os seus princípios e lançou-lhe um olhar perscrutador, um pequeno vinco entre as suas encantadoras sobrancelhas, um olhar que definitivamente questionava as intenções dele.

– Estou só a tentar ajudar uma donzela em apuros – disse ele e depois o seu rosto iluminou-se, divertido. – Desculpe, pareço um mau poeta, mas vi que ficou preocupada com a conta. Palpita-me que o seu namorado, noivo... não chegou e agora fica comprometida. Por favor, permita-me. Será a minha boa ação do dia.

Lucy pensou depressa: ou ficaria profundamente embaraçada – e logo no Ritz – ou em dívida para com um homem qualquer, que, embora bem-parecido, ela não conhecia de lado nenhum.

– *Bem* – disse ela, arrastando a palavra para demonstrar a sua relutância. – Bem, talvez, porventura, se tivesse a gentileza de...

– De oferecer ajuda? Mas é claro. – Pegou num cartão preto American Express, pousou-o em cima da conta e fez sinal ao empregado. – Acho que, dadas as circunstâncias, me devo apresentar. Ahmet Ghulbian. E devo dizer-lhe já que, apesar de ser encantadora, não tenho más intenções. Vi que estava em apuros, sinceramente, só isso.

– Bem, obrigada. – Lucy deu por si a corar. – Mas tem de me dar a sua morada para poder enviar o cheque. Para lhe devolver o seu dinheiro, quero eu dizer.

Ele encolheu os ombros. Os olhos que se escondiam atrás das lentes escuras eram negros.

– Por favor, é tão pouco, não há necessidade. – Olhou para ela demoradamente e disse: – Ia agora de seguida jantar ao restaurante italiano de que gosto, em Kings Road. Será que também tem fome? Talvez me queira acompanhar? Mas com as cartas em cima da mesa. – Pousou as grandes mãos quadradas à sua frente, sorrindo para ela. – Sem más intenções, apenas companhia e uma refeição simpática. Para dois, em vez de um. Um homem de viagem às vezes sente-se sozinho. Sinto necessidade de um pouco de conversa a acompanhar o meu vinho, uma companhia sem outras obrigações para além disso.

Lucy pensou que bem gostaria de um copo de vinho tinto e conversar um pouco com um desconhecido, que já lhe parecia mais interessante do que a maioria dos homens que ela conhecia. Além disso, estava nas lonas e cheia de fome.

– Porque não? – perguntou, com um sorriso aberto de encantar.

E fora assim que conhecera Ahmet Ghulbian. Um mês antes.

10

ANGIE

Estava deitada de costas, a olhar para uma coisa redonda, esverdeada, com um círculo de latão baço. O verde ondulava no vidro. Uma vigia! Encontrava-se num barco, mas não no grande iate de antes.

Como fui ali parar?

Doía-me a cabeça com uma espécie de latejar violento, que não parava. A minha mente esforçou-se por encontrar uma memória. Levei uma mão à cabeça, um gesto aparentemente reflexo, sem ligação com o cérebro. A minha mão não encontrou o cabelo esperado. Senti apenas qualquer coisa que percebi deviam ser ligaduras. Fui invadida pelo pânico, a mão tremia quando voltei a cair nos lençóis que me tapavam do pescoço aos pés.

Ouvi um som arrastado, percebi que vinha do meu peito, dos meus próprios pulmões, que procuravam ar como os de uma pessoa a afogar-se. Oh, meu Deus, tinha-me afogado. Vi-me de novo a afundar cada vez mais, do azul-celeste ao verde e depois à escuridão. Não tinha morrido? Tinha havido um salvador?

— Está a voltar a si — ouvi um homem dizer.

Uma voz grossa com pronúncia. Talvez grego? Não sabia. Estava com medo e mantive os olhos fechados com firmeza. Não queria vê-lo, sabia que não queria que eu viesse a ser capaz de o reconhecer. Um assassino daqueles.

E depois:

— Ela é nova, tem a mesma idade de uma das minhas filhas. Como lhe pode ter acontecido uma coisa destas?

Fez-se um clique no meu cérebro. Aquele homem tinha uma filha. Estava preocupado comigo. Não fora ele a tentar matar-me. Mantive, contudo, os olhos fechados, não fosse dar-se o caso de estar enganada. Questionei-me porque haveria alguém de querer matar-me, eu não era importante, era um não-ser, uma mera jovem a tentar ganhar a vida que correspondia às suas expetativas, mal conseguindo.

Tinha a garganta ressequida, os lábios secos. Pus a língua de fora e molhei-os.

— Vejam! — exclamou o homem, triunfante. — Não se afogou.

De súbito, ao lembrar-me, desejei ter-me afogado.

O homem que olhava para ela, Apollo Zacharias, percebeu que estava perante uma mulher gravemente ferida, que quase morrera afogada. Os três elementos da sua tripulação, em tronco nu, ficaram a olhar para ela, envolta como uma múmia em toalhas azuis, com o cabelo ruivo empastado de sangue. Zacharias fez notar que o sangue deixara de escorrer. Sabia que tal acontecia quando a pessoa morre. Deixa de haver batimento cardíaco para impulsionar o sangue nas veias e manter as artérias em funcionamento. Nunca antes desejara ver alguém sangrar.

Dios. Estava tentado a atirá-la de novo à água. A livrar-se dela – *do corpo*, porque agora tinha a certeza de que estava morta e, por nada deste mundo, ele seria responsável por um cadáver. Mas depois ela voltou a pestanejar.

Zacharias pensou na sua mulher, nas filhas, a mais velha das quais tinha apenas dezoito anos. Jovem, como aquela rapariga. *Nova de mais para morrer.*

– Levem-na para a minha cabina – ordenou ele e dirigiu-se ao rádio para pedir ajuda.

Podia haver outro barco perto e por algum golpe de sorte podia até haver um médico. Para sua surpresa, teve uma resposta imediata.

– Estou na vossa área. O meu barco é veloz. Consigo cuidados médicos. Fiquem onde estão, vamos chegar vindos de sudoeste.

Zacharias chamou os seus homens, disse-lhes para levarem a rapariga para o convés, ou o corpo, uma coisa ou outra, não queria saber, ela deixaria de ser responsabilidade sua. Deu-lhes instruções para que preparassem a escada de corda para a baixarem de lado. Ficou surpreendido quando, passados uns minutos, um grande iate apareceu no horizonte, a grande velocidade na sua direção. Devia ter uns setenta metros, pensou ele, impressionado. Elegante como um golfinho, todo aço e preto como o carvão. Um barco de rico, reluzia de cuidados. A tripulação estava imaculada, com calções e camisas pretas; ali não havia troncos nus.

Zacharias pensou, estupefacto, que o barco negro parecia um navio vindo dos infernos, prestes a levar-nos pelo rio Estige até às chamas guardadas pelo feroz cão de três cabeças, Cérbero.

Mas era evidente que o homem que o saudou com a mão do convés não vinha do inferno. Tinha o rosto vermelho, uns ares de importância e dava ordens como alguém que está habituado a ser obedecido. Zacharias reparou que não usava chapéu de capitão, embora a tripulação obedecesse imediatamente às suas ordens, lançando as defensas para proteger o iate do modesto barco de Zacharias, mandando dois homens com cordas, que amarraram, e lançando depois a gaiola.

Dois homens pegaram na rapariga envolta na manta azul. Nem sequer olharam para ela, limitaram-se a deitá-la na gaiola, fecharam-na e voltaram a colocá-la no seu navio. Regressaram depois à elegante embarcação com uma corda, fizeram sinal a Zacharias para a lançar, ao que ele obedeceu. O grande iate preto arrancou, provocando uma ondulação que ergueu o barco de Zacharias na crista de uma onda de seis metros, e depois o fez descer de novo, enchendo com água que quase os afogou.

Zacharias agitou um punho, dizendo palavrões. O barco já estava quase fora do seu campo de visão. Mas fez um momento de silêncio a pensar na rapariga e no que lhe poderia acontecer. Partiu do princípio de que, morta ou viva, estaria em boas mãos. Nas mãos de um homem rico, em qualquer dos casos.

Passara mais uma semana e Marco continuava na Turquia, sem vontade de deixar para trás a paz e o sol ou o mistério da rapariga. Descontraído, à sombra da gigantesca oliveira no bar de Costas, era a imagem de um homem satisfeito com o que a vida lhe reservara. Ao fim e ao cabo, o que poderia haver de mau em bebericar um vinho decente a uma sombra, rodeado pelas alegres vozes que conversavam numa miscelânea de línguas, pelo tilintar do gelo nos copos, o cheiro a carne no churrasco que havia no ar, o prato de azeitonas verdes em cima da mesa e, claro, a cabeça macia da cadelinha pousada no seu pé, como sempre. Três coisas estragavam aquela imagem. A rapariga-mistério. A ausência de Martha. E uma memória. Um fragmento do seu passado que, por mais que tentasse, não conseguia descartar.

Era estranho, pensou Marco, como o passado arranja sempre forma de se imiscuir em nós, justamente quando julgávamos que nos tínhamos livrado dele. Nunca falava sobre o que acontecera. Nem sequer com Martha. Nem uma palavra. Estava encerrado no seu coração, na sua cabeça, para sempre.

Era tão novo, dezoito anos, ingénuo, curioso, cheio de vontade de viver e de amar. Julgou ter encontrado logo o seu amor na primeira semana de universidade, onde estudava economia. Claro que o fizera por insistência do pai, que via o talento e estilo artísticos do filho – o cabelo comprido, as calças de ganga desbotadas, a *T-shirt* sempre presente – como uma ofensa pessoal.

– A nossa família é uma família de banqueiros e homens de negócios – declarou quando Marco lhe apresentou a sua vontade de ir para uma escola de arte. – Não vai aqui haver disparates com merdas de arte.

Marco não tivera alternativa senão fazer-se à vida. Arranjou três empregos para poder ingressar na Escola de Arte de Rhode Island, vivia numa espelunca partilhada a que otimisticamente chamavam apartamento num bairro mau onde o melhor era ter-se olhos nas costas para não se ficar sem o dinheiro da algibeira, por pouco que fosse. Nessas ruas, comprava-se heroína por três dólares a dose e os viciados eram gente desesperada.

Era tudo muito diferente da maneira como fora criado, na espaçosa casa de tábuas cinzentas com vista para o Atlântico, onde uma névoa marinha pairava eternamente no ar e as almofadas cheiravam a humidade, a lareira era acesa todas as noites e ficava-se junto dela, a aquecer as costas enquanto a parte da frente do corpo continuava gelada, uma experiência que ele e Martha descobriram ter em

comum. Aparentemente, havia grandes casas em Inglaterra que sofriam dessa mesma humidade, desse frio que nunca podia ser inteiramente eliminado, a menos que, no caso dos britânicos, se investisse uma pequena fortuna num sistema de aquecimento central, e Martha contou-lhe que só os novos-ricos o faziam.

– O resto de nós – acrescentou – punha mais uma camada de lã.

Marco lembrava-se de pensar que «camada de lã» era uma expressão intrigante, muito mais descritiva e encantadora do que a palavra «camisola» e que implicava suavidade e calor. Na verdade, fora esse o tema da primeira conversa deles. Naquele café, vira Martha despir camadas de afagos e casacos, o primeiro um acolchoado verde, seguido de um colete de pelo preto, que usava por cima de um casaco de malha preto com botões de pérola, a que ela chamava a sua «camada de lã».

Fora aquela névoa atlântica aparentemente eterna que levava Marco aos confins mais quentes da Terra. Ao Sul de França, à costa de Itália, às praias da Grécia e da Turquia. Adorava o cheiro das rochas aquecidas pelo sol, do travo salgado do mar e, acima de tudo, a paleta de cores. A sua primeira experiência fora numa viagem que fizera sozinho para tentar apaziguar a sua consciência, esforçando-se por ganhar duas centenas de dólares durante o maior número de meses possível, dormindo onde podia, nalgum quarto caiado de uns avós há muito mortos numa vila não muito diferente daquela onde agora se encontrava, só que talvez mais remota ainda; ou num barco de pesca onde ficava maldisposto com o mar bravo. O mar tinha sido para ele uma bênção e uma tragédia. O facto de ter ultrapassado a sua memória e de adorar a pequena casa com vista para a água era a melhor decisão, e a mais difícil, da sua vida.

Nesses tempos dormira mal, deixara crescer a barba por necessidade, levava os seus escassos pertences numa mochila de lona, arranjava um trabalho aqui e ali, qualquer coisa que conseguisse e lhe pagasse em dinheiro, o suficiente para a refeição seguinte, para o próximo bilhete de autocarro para outro lugar. Fosse lá onde fosse. Passou-se um ano. Treze, catorze meses, até a memória da sua irmã desvanecer, o suficiente para não ser a primeira coisa em que pensava ao acordar. Ela tinha nove anos quando aquilo acontecera, ele dezasseis, já tinha idade para ser responsável, afirmou o pai. Não havia mãe desde que nascera a irmã, que se chamava Elinor mas era sempre tratada pelo diminutivo Ellie. «A mamã foi para um lugar melhor», informava Ellie com ar solene. «Deixou-me ao cuidado do meu pai e do meu irmão.»

Marco lembrava-se da voz dela como se a estivesse a ouvir. Lembrava-se dela a correr nas ervas marinhas que arranhavam as pernas com pequenos cortes, castanha do verão passado na praia, o cabelo escuro comprido atado num rabo-de-cavalo, a deslizar e escorregar, a saltar por cima das rochas, gritando quando as ondas se enrolavam na sua direção. E depois deixou de ser vista.

Foi atrás dela numa questão de minutos, talvez segundos, tarde de mais.

Ellie desaparecera daquela praia durante os instantes em que ele tirara os olhos dela. Ainda agora a conseguia ouvir, rindo enquanto saltava, gritando ao escorregar para dentro de uma poça nas rochas, o que o fez sorrir. «Espero que uma amêijoia te morda o dedo», lembrava-se de ter gritado enquanto varria o horizonte com o olhar para ver se havia baleias a esguichar água. Ela nunca chegara a responder.

Como ela não regressou, ele foi à sua procura, mas a pequena área da praia onde ela estivera encontrava-se deserta. Levou uma mão aos olhos e olhou em redor; foi procurar nas rochas, depois, com o coração aos saltos, correu para a beira da água e pôs-se a perscrutar o oceano, que nesse dia

ia bater quase suavemente nos seixos, depois recuava num sorvo e avançava de novo numa nuvem de espuma branca.

Ellie não estava na água. Já não estava na praia. No intervalo de uns minutos, fora levada. Um predador sexual, dissera a polícia. Sabia-se que se encontrava naquela zona. Criminoso relapso.

«Nem pensar», lembrava-se Marco de dizer ao ser invadido pelo terror do que podia ter acontecido a Ellie. *Se ele lhe fez mal, mato-o*, gritou. Até descobriu mais tarde onde comprar uma arma. Tinha-a enfiada no cinto quando a polícia telefonou ao pai a informar que encontrara o corpo de Ellie e foi imediatamente à procura do homem.

Os polícias chegaram primeiro, dispararam contra o predador antes de Marco saber sequer onde ele estava. Mas nunca haveria de esquecer aquele desejo primitivo de vingança; olho por olho, vida por vida. E nunca esqueceria Ellie, cuja vozinha doce de menina ainda ouvia em pensamento, apesar de estar sentado debaixo da velha oliveira no bar do Costas, a cheirar a doçura do jasmim, o odor da carne a grelhar e o travo salgado do mar, olhando para o azul tão diferente do cinzento atlântico onde o corpo abusado da irmã foi encontrado.

Pensava agora ter sido essa a razão para ficar tão preocupado com a rapariga ruiva de vestido azul. O que lhe acontecera não fora muito diferente do que acontecera à irmã. E tornava mais urgente descobrir.

Do seu lugar no bar viu o *gulet* aproximar-se e reconheceu-o. Foi para o jipe à velocidade de um relâmpago.

Os pneus chiaram e Marco parou no molhe com um solavanco. Saiu e dirigiu-se a correr para o *gulet* preto, com *Em* a ladrar ao seu lado, lançando à água um olhar cauteloso. Quando o barco se aproximava do cais, Marco viu o homem de chapéu de capitão, com o seu entrançado dourado, lançar uma defesa de lado. Um homem jovem de *T-shirt* ia ao leme. Desta vez, verificou o nome do barco. *Zeus*. Seria o mesmo que vira partir com a rapariga a bordo, a correr, a sangrar, a cair? Estariam de regresso para alegar que ela tivera um acidente? Ou teriam tentado salvá-la, mas tarde de mais?

Saudou o capitão e disse que precisava de falar com ele.

– Sobre uma jovem – gritou enquanto a prancha de desembarque era baixada. – Vi-a antes, no seu barco.

Zacharias revirou os olhos; ele sabia que aquela rapariga lhe traria problemas. Uma coisa era certa, não deixaria aquele sujeito entrar no seu barco para andar a espiolar e a fazer perguntas.

– O que tem ela a ver consigo? – quis saber.

– Eu vi-a. Vi alguém bater-lhe na cabeça com tanta força que a deixou a andar à roda, a sangrar...

– Isso não foi no meu barco – afirmou Zacharias. – Nenhuma mulher foi morta no meu barco.

Marco mirou-o da extremidade da prancha. O capitão estava de pé ao cimo, a barrar a passagem.

– Então ela *está* morta – disse Marco baixinho.

A expressão de Zacharias mostrou-se chocada.

– *Não* está morta – declarou ele, decidindo muito depressa que o melhor era contar o que sucedera.

– Só *quase*. Acho que não tarda muito a estar. Afogou-se – acrescentou ele para clarificar mais a posição. – Os meus homens encontraram-na e tiraram-na da água. Deve ter caído de um barco de turistas, tinha a cabeça rachada. Nada bom – acrescentou com um suspiro profundo, imaginando que as autoridades não descobririam o que acontecera.

– Então, se não está no seu barco, onde está?

– Noutro. Grande. Caro. Vieram buscá-la.

– Qual é o nome do barco? – perguntou Marco impaciente.

Zacharias encolheu os ombros. Não tinha reparado, na verdade nem se lembrava de ter visto um nome, tão empenhado estivera em livrar-se da rapariga.

Marco sabia que tinha de chegar à rapariga primeiro, se houvesse alguma hipótese de ela conseguir falar. Se ainda estivesse, quisesse Deus, viva. Ele era testemunha do que provavelmente se tornaria um homicídio e não apenas um ataque violento. Alguém tinha de proteger os direitos daquela jovem. Alguém tinha de a ajudar e, ao que parecia, ele era o único que podia fazê-lo. Mas primeiro tinha de encontrar o tal barco.

Em Nova Iorque, na pastelaria perto do seu apartamento, Martha tomava calmamente o pequeno-almoço habitual de *macchiato* e *bagel* com sementes de sésamo, antes de ir ao encontro de uma cliente para lhe mostrar os seus esboços melhorados. Era a terceira vez que os refazia e desconfiava de que iria haver uma quarta. Ou mesmo quinta. Algumas mulheres eram demasiado ricas para *conhecerem* sequer a própria mente, quanto mais para se *decidirem*. Um dia era uma coisa, no outro era outra; a verdade é que havia sempre algo melhor. Martha era da opinião de que compensava ter menos e apreciar o que se tinha, mas, como diplomata que sempre fora, preocupava-se com o bem-estar das clientes, esforçando-se por se assegurar de que ficavam contentes no final. Era esse o seu trabalho e, apesar das frustrações, adorava-o e achava-o criativo.

No entanto, por uma vez na vida, a sua cabeça não se concentrava no trabalho; estava na Turquia, com Marco. *Marco e Martha*. Parecia uma dupla de desenhos animados, um filme de animação para fazer rir as pessoas. Ele ligara-lhe para lhe falar da rapariga que alegadamente vira cair do barco e afundar-se e agora ela estava preocupada com ele. Marco referira ainda que tinham agredido a rapariga na cabeça. Sangrava quando caíra; procurara-a no mar, mas não a encontrara.

Enquanto retirava a espuma do seu *macchiato* com a colher, Martha questionava-se se aquele acidente teria mesmo ocorrido visto que não havia registo do crime e perguntara a Marco o que julgara ele ter visto exatamente.

– Eu não *julguei* – afirmou com voz zangada, um tom que ela nunca antes lhe ouvira. – *Eu vi* uma rapariga cair de um barco. Um *gulet* preto. Tinha a cabeça cheia de sangue. Era ruiva. Subi para o insuflável e fui à procura dela.

«E nunca a encontrou», pensou Martha. Era esse o problema. Suspirou e bebeu um gole de café. Estava quente e queimou-lhe os lábios. Passou o bálsamo *Blistex*, com sabor a cereja, para aliviar a sensação, mas claro que o café ganhou um sabor terrível. Suspirou de novo. Nunca vira Marco assim, tão preocupado, tão insistente em descobrir o que acontecera em relação ao grande barco preto de onde a rapariga caíra e ao cabelo ruivo a boiar na água. E o desespero por não ser capaz de a encontrar. Era como se se sentisse culpado, como se fosse responsabilidade sua que uma desconhecida tivesse «desaparecido». Mas não havia registo de ninguém «desaparecido». Ninguém se perdera. Ninguém fora encontrado. Ninguém se afogara.

O telefone de Martha tocou. Olhou rapidamente para ele. Era Lucy, a irmã mais nova.

– Olá – disse ela ao atender. – Então?

– Conheci uma pessoa. – A voz de Lucy estava estridente de entusiasmo.

Fez-se silêncio enquanto Martha interiorizava as novidades. Depois perguntou:

– Quem, mais exatamente? – questionou com um certo cansaço, pois não era a primeira vez que Lucy se lançava ao amor e, quando a vira, apenas umas semanas antes, ela não estava com ninguém. Tanto quanto sabia, nem sequer andava a sair com ninguém.

– Chama-se Ahmet. – Lucy falou-lhe brevemente dele. Não era inglês, era «estrangeiro».

Quando Martha perguntou especificamente que género de «estrangeiro», Lucy retorquiu que provavelmente era croata e milionário.

– E bonito – acrescentou, parecendo mais pensativa. – E *sexy*.

«Oh, meu Deus», pensou Martha, «lá está ela outra vez.» Lucy apaixonava-se por dá cá aquela palha. Além disso, não havia croatas chamados «Ahmet».

– Vou levá-lo a Nova Iorque para te conhecer – declarou Lucy naquela sua maneira de falar tempestiva. – E também quero conhecer o teu Marco.

– Ele não é propriamente o *meu* Marco. – Se bem que Martha desejasse que fosse.

– Seja como for, o nome completo dele é Ahmet Ghulbian e tem um iate. Convidou-me para andar nele.

– *O quê?* Não foste, pois não?

– Claro que não. Não sou assim tão parva. – Lucy riu-se. – Pelo menos, ainda não. Mas vais conhecê-lo. Jantamos ou algo assim. Falamos depois. – E desligou.

«Era mesmo o que eu estava a precisar», pensou Martha, enquanto desligava o telemóvel. Lucy era a mais nova, tinha apenas dezassete anos e era também a mais irresponsável das três irmãs. A mais velha, Sarah, era pediatra em Inglaterra. Lucy devia andar na escola de teatro, a fazer audições para papéis, mas estava sempre sem trabalho «a ver como se vive no mundo real». Uma observação típica de Lucy.

Na opinião de Martha, os pais tinham sido vergonhosamente indulgentes com Lucy. A família vivia em Patrons Hall, a «Casa Ancestral», como lhe chamara Marco, divertido, quando Martha o levara a fazer uma breve visita. Dirigiam-se a Paris com passagem por Londres, e ela alugara um pequeno carro para os levar lá; seguiram velozmente pela autoestrada com Marco encolhido ao lado dela, que se ria do medo dele e lhe dizia que fazia aquela estrada há anos, conhecia-a como a palma da mão. E era verdade, mas ele suspirou de alívio quando chegaram sem incidentes.

Martha lembrava-se de se ter virado para Marco, sentado em silêncio no lugar do passageiro. Olhava intensamente para a casa de pedra creme, com as suas múltiplas extensões, com o que ela reconheceu serem os seus «olhos de pintor», um olhar especial com que parecia absorver um lugar, ou uma pessoa, bem no fundo do seu cérebro, talvez na alma. Era uma das razões por que era tão bom artista. Um «grande» artista, como se disse tantas vezes, embora Marco se descrevesse simplesmente como «pintor».

– Estou a olhar para a História – comentou ele baixinho. – Estou a olhar para pedreiros e carpinteiros, para lajes que devem ter vindo de minas aqui da região, porque nada vinha de longe no tempo em que foi construída. Chaminés isabelinas, telhas rainha Ana, arquitraves góticas vitorianas...

– E caldeiras antigas que mal aquecem a casa – completou Martha a rir, porque tinha sido sempre assim.

Lembrava-se de ver os homens junto à lareira depois de jantar a levantar a aba da casaca para

aquecer o traseiro enquanto as mulheres, lindas com as suas sedas sem mangas e as joias, abanavam os leques como se tivessem calor, pois admitir que não tinham teria sido pouco cordial para com a anfitriã, que nas memórias de Martha era a avó.

No entanto, fossem quais fossem os seus defeitos, Patrons Hall era a sua casa e haveria sempre de ser, e nada, nem o pequeno apartamento londrino em Chelsea, nem o encantador apartamento de Manhattan, aconchegante no inverno e fresco devido ao ar condicionado no verão, poderiam substituí-la no coração de Martha.

Mas agora suspirava: Lucy ia a Nova Iorque; havia um novo homem em cena com quem Martha teria de lidar. Provavelmente, seria obrigada a arrancar a irmã das garras dele, numa altura em que tinha tantas coisas pessoais em que pensar. Lucy era pequena e loira, tinha os olhos azul-claros de Martha, herdados da mãe e, no que tocava a homens, era completamente desprovida de bom senso. O *Amor* regia Lucy, e ela estava prestes a tornar-se responsável de Martha. Pensou que era melhor ligar a Marco para o avisar.

Mas primeiro iria contactar o amigo que trabalhava em joalheria para lhe falar do fio com as iniciais, ver se conseguiam descobrir a quem pertencia. Tal como Marco, tinha a sensação de que podia pertencer à rapariga que ele alegava ter caído do barco, sem nunca ser encontrada. Foi percorrida por um arrepio. *Posso estar à procura de uma pessoa morta.*

Por vezes, Martha sentia-se muito longe de casa, e estava mesmo, claro. Embora agora chamasse oficialmente «casa» a Nova Iorque, nada podia substituir Patrons Hall, onde ela e as duas irmãs tinham sido criadas, como miúdas selvagens, recordou com um sorriso saudoso, a quem era permitido cavalgar nos pôneis por campos e bosques, saltar cercas e cair; parecia que havia sempre alguém com um membro partido, engessado e com mensagens patetas escritas pelos amigos.

Patrons Hall fora construída há quatrocentos anos. Marco referia-se-lhe a rir como a «casa ancestral» dela, o que era verdade. O antepassado em questão, um certo Horatio Patron, começara como canteiro na escavação que havia naquela zona, depois passara a construir pequenas casas, acabara por ajudar a restaurar casas maiores, aprendera o ofício e por fim construíra a sua casa segundo o seu próprio desenho, que era definitivamente excêntrico.

Martha recordava-se dos invernos lá passados, do fogo crepitante na lareira do berçário e da ama antiquada, que, embora tivesse uma máquina de secar elétrica na lavandaria, continuava a gostar de secar a roupa deles pendurando-a na grelha em frente ao lume, fazendo-a fumegar, e por isso as crianças cheiravam sempre a madeira de macieira.

Agora que pensava no passado, sentada em Manhattan, um lugar enorme, impregnado de vida e azáfama, com as suas ruas cheias de altos e rachas apinhadas de gente concentrada na sua vida, esquecida dos outros em seu redor, Martha lembrou-se da casa da sua infância repleta de amigos, os amigos dos pais e os seus. Lembrava-se do mordomo, a quem agora se chamaria «assistente doméstico», mas, nessa altura, «mordomo» era uma função de prestígio a que um homem podia aspirar. Além disso, estivera com a família durante quarenta anos e em grande medida fazia parte dela, nunca teriam conseguido sem ele. A sua mulher, conhecida apenas como «a senhora», era mais baixa que o marido, que era um homem muito alto e magro, de cabelo prateado e nariz aquilino e que Martha se recordava de nunca sorrir, ainda que fosse amável quanto bastasse para as crianças quando acusava a presença delas na «sua» casa. A senhora mal chegava à marca de metro e meio na parede da cozinha, onde as crianças eram medidas anualmente e a sua altura era assinalada por uma esferográfica. Claro que o mordomo nunca era medido, mantinha sempre a sua dignidade. Formavam um casal estranho, ela tomava conta das tarefas domésticas, supervisionava as criadas e a cozinheira, sempre com o seu vestido de dia azul-escuro, que mudava para um preto às cinco da tarde, e nunca usava avental. A senhora estava acima de tudo isso. A verdade é que eram da «família».

Viviam numa casa térrea junto dos portões, ao fundo de uma avenida de quilómetro e meio em

tempos ladeada por magníficos ulmeiros, mais tarde dizimados pela doença e derrubados para dar lugar a castanheiros mais resistentes, que agora faziam sombra onde era necessário e protegiam a velha casa do vento e das tempestades. A altura em que Martha mais gostava das árvores era quando os seus ramos se cobriam com a primeira neve de inverno, um acontecimento que muitas vezes coincidia com o regresso dela e da irmã do internato para as férias de Natal. Lembrava-se dessas árvores numa outra altura também, numa festa, com lanternas chinesas vermelhas penduradas por ocasião do aniversário de casamento dos pais, emanando o seu brilho para as toalhas de linho branco que cobriam as duas mesas para doze, uma noite inglesa que, milagre dos milagres, ou aquilo a que alguns chamavam a sorte de Patron, estava amena, não choveu e tudo estava tranquilo e cheio de felicidade.

Como poderia ela, pensou Martha, agora sentada sozinha a bebericar o seu *macchiato* numa manhã de Nova Iorque, viver aquilo de novo. Fazia parte da sua vida, do seu passado, da sua família. Mas os tempos eram outros, os pais há muito desaparecidos, esperava que para o tal «lugar melhor» de que se falava. E com eles acabou esse estilo de vida. Patrons Hall continuava lá, mas sem mordomo que assegurasse a sua manutenção, a sua «alma», como Martha gostava de pensar.

As irmãs regressavam com frequência à antiga casa, mas já não havia momentos como o do jantar de aniversário de casamento, em que as raparigas tiveram autorização para se juntar com os adultos e para escolherem o que vestir, o que resultou na irmã mais velha de calças de ganga e a célebre *T-shirt* da língua, dos Rolling Stones; a mais nova, com o vestido comprido caikai de seda vermelha da mãe, puxado para cima e preso com alfinetes-de-ama, e Martha com um vestidinho de veludo preto de saia tufada. Ninguém a avisara de que as saias tufadas eram projetadas para cima quando a pessoa se sentava e ainda se recordava da grande vergonha que passara quando se deixou cair na cadeira, expondo a toda a sala as cuequinhas de algodão branco de menina. Ainda agora corava só de pensar nisso. Guardara o vestido, o primeiro de festa de adultos; ainda o conservava protegido por uma capa de plástico, se bem que, quando olhava para a cinturinha, maravilhava-se por alguma vez ter entrado nele.

Tinha sido a noite mais mágica da sua infância, os seus pais estavam tão bonitos; James Edward Patron, alto, moreno e lindo no seu estilo clássico, muito elegante com a jaqueta azul-escura, com botões de safira na camisa, um presente da mulher. Mas a camisa não estava abotoada até acima nem tinha uma gravata convencional, porque ele não era «convencional». Usava-a aberta no pescoço e a meio do jantar despiu-a, com um pedido de desculpas à senhora, levantou-se para se passear entre as mesas, servir mais vinho, parar por toda a parte para conversar, fazendo todos sentirem-se bem-vindos. Mas a mãe era a melhor nessa função. Mary Jane Patron tinha o feliz talento de fazer cada pessoa sentir que era o convidado mais importante, o mais essencial para o espírito da festa, o mais interessante de todos. Os seus grandes olhos azul pálidos, que Martha herdara, brilhavam de diversão, as suas gargalhadas ouviam-se na noite escura, vindas de baixo das lanternas chinesas. Na memória de Martha, era como se tivessem sido tocados pela magia. E tinha a certeza, ainda hoje, de que tinham mesmo.

Infelizmente, essa magia abandonara-os uns anos antes e a vida em Patrons Hall sem eles não era a mesma, pura e simplesmente. Mesmo quando as raparigas se juntavam, sentando-se no tapete turco vermelho diante da lareira da sala de estar, a torrar pãozinhos espetados num garfo comprido, «como mulheres da Jane Austen», diziam elas, a rir de si mesmas, faziam-no por *saudades*, um desejo de trazer de volta esse passado, onde todos eram tão felizes. E tão amados.

«Antiquada», foi como a mãe de Martha descreveu Patrons Hall da primeira vez que entrara pela porta, levada lá como noiva pelo belíssimo marido, sete anos mais novo. Ela tinha vinte e oito anos, praticamente uma «encalhada», como avisaram as amigas já casadas, incitando-a a avançar antes que fosse tarde de mais.

– Tarde de mais? Para quê? – respondeu despreocupada Mary Jane.

E acabou por ter razão. Afinal, considere-se com o que ficou só por ter esperado um pouco: um marido encantador, duas casas maravilhosas – havia uma em Londres, além da casa de campo. E, o melhor de tudo, três filhas lindas, todas meninas. Mary Jane não sabia bem como teria lidado com rapazes, mandá-los para o colégio interno aos sete anos, aquela maneira britânica ter-lhe-ia partido o coração, um coração que tinha sido partido várias vezes antes de ter conhecido o marido e uma delas com gravidade. Mas isso eram águas passadas.

Mary Jane dava festas pródigas nas duas casas para compensar o tempo perdido. Gostava das filhas, dizia que a mantinham jovem, o que provavelmente era verdade quando não a estavam a enlouquecer; bom, pelo menos Lucy; e gostava muito do marido, da sua companhia, do seu sorriso, da sua maneira de ser carinhosa. Como era maravilhosa a sua vida.

Até que, numa pequena estrada sinuosa de montanha, quando atravessava os Pirenéus de Espanha para França, deixou de ser. Um erro da sua parte, uma curva apertada feita com largueza. E acabou tudo.

Martha tinha na altura catorze anos e obrigou-se a acreditar que a mãe continuava com ela, que continuava sempre ali, invisível mas protetora. Foram precisos anos para que enfrentasse a verdade e continuasse com a sua vida, algo que, muito subitamente, descobriu que voltava a apreciar. O velho ditado é certo: a vida continua.

As raparigas continuaram a viver em Patrons. A irmã do pai fora viver com elas, juntamente com o marido e uma verdadeira tribo de filhos, entre os quatro e os dezasseis anos. Tomaram nas suas mãos a vida das meninas órfãs, acompanhando-as nas escolas, nos primeiros namoros, nas zangas e doenças e, de algum modo, todos se misturaram, e com sucesso, como veio a verificar-se.

Sarah, a mais velha, era estudiosa. Das brincadeiras aos médicos e enfermeiras na infância passou a pediatra respeitada, pondo o seu amor e conhecimentos ao serviço dos filhos dos outros, sem que tivesse os seus. Dizia estar muito ocupada para se casar, e talvez tivesse razão.

Martha sentia-se confusa em relação ao rumo a seguir quando deixou a escola. O curso não a ajudou muito nas artes, para as quais tinha inclinação, por isso arranjou trabalho numa loja de decoração de interiores com clientes abonados, onde era a rapariga do café/dos recados/que enrolava os tecidos e mandava as coisas por táxi e aprendeu fazendo.

Três anos e três namorados mais tarde, a mãe de uma amiga pediu-lhe que redecorasse a casa de banho, tornando-a mais espaçosa, mais bonita. Conseguiu, e fê-lo bem. «Então agora, vamos passar à cozinha», disse a amiga. E foi a partir de então que começou, com a recomendação de amigos, até arranjar tempo para fazer um curso de *design* a sério e se tornar profissional. Martha queria chamar Prazeres Patrons à sua empresa, mas fizeram-lhe notar que parecia o nome de uma *sex shop*. Pensou em Designs da Martha, mas percebeu que já havia uma Martha famosa na mesma área. Por fim, acabou simplesmente por lhe chamar Patrons.

Era jovem, atraente, tinha bons contactos e era solicitada. A vida corria-lhe de feição. E acabou por conhecer Marco na loja de antiguidades. E foi tiro e queda.

Martha não era mulher de relações de uma noite, mas a atração sexual era mútua e muito forte.

Quando Marco se sentou ao lado dela naquele café, teve de se conter para não lhe tocar, para não lhe passar os dedos pelos lábios sedutores, ou pôr os braços à volta do pescoço, aproximar-se bem dele.

Meia hora mais tarde saíram juntos. Passados quarenta minutos estavam na cama, mais exatamente, estavam deitados juntos no colchão do chão do estúdio desarrumado de Marco, nus, corpos colados, bocas unidas. Tanto que ela queria que nunca acabasse. E não acabou. E por isso tanto ela como ele agradeciam a Deus.

Agora, de volta a Nova Iorque, queria apanhar o próximo avião para a Turquia, queria estar com Marco em qualquer lugar do mundo. Sabia que ele não iria regressar a casa brevemente. Estava demasiado obcecado com a rapariga que julgava ter-se afogado. Martha esperava que ele estivesse enganado.

Ouviu um sinal no telefone. Era o amigo da Cartier em Paris. Disse-lhe que o fio com as iniciais tinha sido comprado por uma petrolífera argentina. Fora levantado na loja por um mensageiro identificado e entregue numa suíte do Hotel Plaza Athénée e a encomenda fora assinada por uma assistente da empresa.

Os registos da empresa eram breves: sede numa morada postal do Cairo, uma segunda sede em Buenos Aires. Mas não havia um ficheiro com os registos da empresa e ninguém sabia quem poderiam ser os administradores ou donos. Era um mistério, como o próprio fio.

Quando não estava na sua casa de Inglaterra, Ahmet Ghulbian vivia sobretudo no iate, o *Lady Marina*, que ia de porto em porto, de país em país, como tinham feito outros conhecidos soberanos de navios e petroleiros antes dele. Ahmet adicionara o superlucrativo negócio ilegal de lavagem de dinheiro ao seu currículo, mas mantinha um perfil discreto. Vira a iminência de uma catástrofe caso seguisse um estilo de vida espampanante, com mulheres dispendiosas a quem tinha de pagar para as ter no seu braço ou na sua cama e para garantir o seu silêncio.

O iate era uma peça de setenta metros de esplendor negro, construído cinco anos antes a partir do desenho do próprio Ahmet, modificado, obviamente, por profissionais da indústria, mas o resultado era exatamente o que ele queria. Um modelo de iate esguio, elegante, com aposentos de luxo para trinta convidados e áreas sociais amplas, duas piscinas, uma interior, outra exterior. Fora decorado pelo mais conhecido *designer* de iates do mundo e tinha uma tripulação permanente de dezasseis membros cuidadosamente alojados sob o convés.

O «convés social», como Ghulbian gostava de chamar ao convés principal, já fora cenário para bastantes festas loucas ao longo dos anos. Era um espaço luxuoso cuja dimensão conferia a sensação de se estar num grande hotel, com aglomerados meticulosos de sofás e cadeiras confortáveis estofados com tecidos pálidos em redor de mesas de apoio em vidro. Candeeiros antigos, encimados por abajures de seda drapeados em tons de bronze emanavam uma luz discreta sobre «o que se passava», fosse o que fosse que isso significava, mas que ocorria em abundância. Ahmet não era um homem que gostasse de mulheres, simplesmente tirava prazer da sua companhia. Também não significava que em questões de sexo fosse um especialista, nem sequer competente, apenas tinha de ser visto como tal. A imagem era tudo. Também não era bem verdade. *O dinheiro* era tudo. A imagem vinha depois, se bem que, se se tivesse as duas coisas, o assunto era sério. E Ahmet achava que era esse o seu caso.

Não precisava de possuir diversas propriedades mantidas em países que lhe exigiriam o pagamento de impostos. Claro que Ahmet também era especialista na arte do suborno; ele e os seus subordinados conheciam sempre a pessoa certa no sítio certo. Até ao momento, funcionara bem. Preocupava-se contudo com o incerto «amanhã». E de certa forma esse amanhã podia ter chegado na forma da rapariga ruiva, Angie, que certamente não era o «anjo» que o seu nome parecia implicar.

Estranhamente, fora a própria mãe, uma mulher que Ahmet detestava, quem lhe apontara a direção futura. «Livra-te das pessoas que se põem no teu caminho», aconselhou ela depois de ter passado

uma noite inteira a beber. Ahmet raramente bebia na altura e nunca mais do que devia, e nunca consumia drogas, ainda que não fosse avesso a usá-las nos outros, que era outra história. Desprezava as pessoas que consumiam, as pessoas que «dependiam das drogas», dizia ele com um sorriso pesaroso, «para terem apoio moral». Na sua opinião, tomavam drogas porque eram inseguras, não tinham confiança no que estavam a fazer ou no caminho de vida escolhido. Ou de morte.

A primeira pessoa que Ahmet matara foi uma mulher. Chamava-se Fleur de Roc. Parecia-lhe o nome de um perfume, mas não era nenhuma menina adorável a cheirar a flores. Fleur era uma mulher de meia-idade, gorda e bem na vida. Não era rica, Ahmet não estava em posição de conhecer mulheres ricas; essas viviam noutro mundo, mas, para ele, Fleur era abonada, com três ou quatro lojas pequenas no mercado do Cairo, um barco de fim de semana que tinha em Alexandria e um apartamento atulhado de coisas com casa de banho própria. Ahmet nunca tivera uma casa de banho própria até conhecer Fleur; fora uma sorte ter tido sequer casa de banho.

Lembrava-se agora, sentado à secretária do luxuoso *Lady Marina*, que a pobreza era feita de memórias assim: os cheiros nunca nos abandonam.

Seja como for, quando ele e Fleur estavam no barco dela, ela escorregou, caiu e afogou-se numa tempestade. Chorou ao contar a história às autoridades. Acabou por ficar com a posse desse barco e das poupanças de Fleur. E descobriu algo novo acerca de si próprio. Gostava de matar mulheres. Era ainda melhor do que sexo, em que ele sempre desconfiou que não era muito bom. Na verdade, se não fosse o dinheiro, os presentes, as flores, as bugigangas... sabe-se lá se considerariam sequer a possibilidade de estar com ele. Sexualmente.

A mãe ficou a saber da sua ligação com Fleur e da misteriosa morte da mulher. Sabia do que o filho era capaz e ameaçou denunciá-lo se ele não lhe desse uma parte do dinheiro. Era tão implacável como o filho, só que uma pessoa muito mais simples.

Tinha sido tão fácil com Fleur que o afogamento se iria tornar o método de eliminação preferido de Ahmet. A mãe foi a sua segunda vítima, depois, claro, de lhe ter feito um seguro de vida, não com uma quantia muito grande, porque ainda não tinha recursos para uma coisa dessas, mas o bastante para prosseguir para o seu objetivo de vida seguinte. E esse objetivo ficava longe do Egipto, longe de casa, da sua identidade. Ahmet precisava de se tornar um novo homem. Por isso, reinventou-se.

Ahmet era inteligente e afirmava agora ter frequentado boas escolas, facto que ninguém parecia querer verificar, e que certamente nunca foi contestado porque se acreditava na sua palavra confiante. Tornara-se um homem atraente, de estatura média, robusto, com um tom de pele azeitona e olhos tão profundos e escuros que quase pareciam negros por detrás das lentes escuras que usava sempre. Esses óculos iriam tornar-se parte do seu «estilo», a par dos fatos *Savile Row*, do lenço de bolso em seda florida e do leve aroma de *Violettes de Parme*, um perfume feito exclusivamente para si em Paris.

Mas foi o encanto de Ahmet que lhe granjeou sucesso. Esforçou-se muito por perder o sotaque e a sua voz suave e profunda adquiriu uma cadência quase britânica, embora tivesse o cuidado de não exagerar, o que poderia levar um desses britânicos de classe alta a perguntar-lhe em que escola tinha andado. Seria obrigado a mentir e sabia que as mentiras nos perseguem, deixando-nos mais embrulhados do que no início. Também aprendera isso da maneira mais difícil. As experiências de vida eram responsáveis por muito daquilo em que Ahmet se tornara, pelo homem que acabou por ser: rico, bem-sucedido, admirado por muitos, procurado pelas mulheres, que, na maior parte das vezes, desconfiava ele, queriam deitar a mão ao seu dinheiro, mas ele tinha o exemplo de multimilionários

gregos a mostrar-lhe que não era esse o caminho.

Além do mais, não gostava de mulheres. Usava-as para fins sexuais, começando sempre por maravilhá-las, claro, e deixando para mais tarde outros prazeres mais profundos. Já não havia arestas por limar em Ahmet. Não queria prostitutas baratas; queria mulheres que reagiam à sua riqueza e à sua aura de milionário, mas continuava sem conseguir envolver-se com mulheres ricas e aristocratas. Com o seu passado oculto e os problemas mentais que tinha devido a uma juventude assolada pela pobreza e ao facto de a mãe ser uma cabra e de nunca ter conhecido o pai, Ahmet tinha de ser cioso da sua privacidade. Os britânicos de classe alta sabiam tudo sobre toda a gente. Era assim que reconheciam os outros no seu mundo.

E era por isso que tantas vezes acabava por ficar com raparigas como Angie. Jovens simpáticas e simples, bonitas, claro está, isso era evidente, e sem passado digno de nota, sem ninguém para cuidar delas, para vir à sua procura quando desapareciam. Estava convicto de que ninguém daria pela falta das Angie deste mundo e até agora tinha sido verdade. Angie era o alvo perfeito. Gostou tanto da companhia dela, gostou sobretudo de ver o seu comprido cabelo ruivo a boiar atrás do *Lady Marina* quando este partiu, a toda a velocidade. Nenhum membro da tripulação sabia sequer que ela tinha desaparecido, porque não era da sua conta saber onde ela se encontrava a dado momento ou, na verdade, com quem estava o patrão ou sequer se ela estava no barco. Só a sua assistente de longa data, Mehitabel, que estava com ele desde sempre e lhe era completamente dedicada, conhecia as inclinações sexuais de Ahmet, a sua necessidade de violência, o seu fascínio pela morte.

Satisfeito, Ahmet decidira que era o momento de seguir em frente. E foi então que chegou o pedido de *Zeus*, o *gulet*, que levava para bordo uma mulher gravemente ferida, uma jovem que quase se afogara. Ahmet não precisou de perguntar se era ruiva. Só podia haver uma jovem meia morta no Egeu nesse momento. Deu ordens para fazer virar o *Lady Marina*, perguntou ao capitão do *Zeus* qual era a sua localização exata e dirigiu-se a ele para recuperar Angie. Para a «salvar», pensou com um sorriso cheio de sarcasmo. Agora teria de começar tudo de novo. E agora havia testemunhas.

Claro que ele não tinha empurrado Angie do convés do barco. Não tinha sido necessário. Uma quantidade suficiente de comprimidos no champanhe dela, o tipo de comprimidos que homens a vaguear à procura de uma presa fácil põem furtivamente na bebida das mulheres no bar, funcionou às mil maravilhas. Quando Angie estava suficientemente drogada, só tivera de a ameaçar e deixá-la fugir para o convés, onde Mehitabel a esperava com a garrafa de champanhe. Ficou a ver Angie ser golpeada, viu-a deslizar para o lado, cair borda fora. Depois arrancaram suavemente nas águas verdes, deixando-a entregue ao seu destino.

Tinha de se livrar dela. As jovens solitárias e isoladas que empregava para o «ajudarem» nos negócios, entregando em segredo maços de notas ou documentos, quando comprava ou vendia armamento, tinham sempre de desaparecer. Com efeito, Ahmet espantava-se que nenhuma *percebesse* que fazia parte do jogo dele; que era improvável que as deixasse em paz uma vez feito o que ele lhes pedira, uma vez cumprida a sua função, por assim dizer, para depois poderem vender a sua história aos jornais ou ir à polícia internacional. Matá-lo *a ele*, de certa forma. Fazia dele um assassino em série? Embora gostasse de as matar, fazia afinal parte da excitação sexual, Ahmet achava que não. Era simplesmente um homem que fazia o que tinha de fazer para sobreviver. *Sobrevivência do mais apto*, não era isso que lhe chamavam? Na verdade, tratava-se mais da sobrevivência do mais esperto.

O barco a motor *Lady Marina* chamava-se assim, explicava sempre aos seus convidados, em honra

da deusa do mar. Não estava inteiramente seguro dos factos acerca da deusa do mar, mas conferia-lhe o ar de autoridade intelectual de que precisava, tendo em conta o seu contexto. Com efeito, embora Ahmet dissesse ser grego, era de ascendência egípcia e arménia cigana, algo que nunca admitiria. Tal não era necessário, dada a sua história fabricada de ter crescido numa família grega abastada e forçada a andar pelo mundo, tal como ele próprio, quando os ricos foram substituídos por um regime socialista e deixaram de reger o seu próprio mundo de autocratas, *playboys* e *demi-mondaines*, que Ahmet alegava ser o caso da sua mãe.

Ahmet reconhecia secretamente, e apenas a si mesmo, que a mãe era uma rameira. Também reconhecia que era por isso que conseguira pagar o pequeno apartamento no Cairo onde fora criado, num beco que cheirava a urina e onde abundavam homens sombrios de cafetã branco e mulheres de burca negra, com o rosto escondido, o que o excitava. Ansiava ver o que se encontrava por detrás desses véus. Esse desejo nunca o abandonou. Era um *voyeur* e haveria sempre de ser.

A enorme massa de cabelo ondulado cor das chamas de Angie tinha o mesmo efeito das vestes a esconder a sua nudez: excitara-o tanto que ponderara deixá-la ficar. Dera-lhe uma tarefa, um pacote para ser entregue a um homem que iria ao seu encontro num determinado café no porto de Fethiye, na Turquia, onde depois Ahmet a apanharia. Angie não sabia que o pacote continha vários milhões de dólares em diversas moedas, fazendo parte de um negócio de droga que Ahmet fizera para um cliente.

Mantivera a promessa feita a Angie, na cama daquele quarto de hotel caro. Foi levada ao destino num jato privado, não no seu, porque não queria que se estabelecesse qualquer tipo de ligação entre eles. Tratava-se de um aluguer de uma companhia aérea comercial, pago através da conta de uma empresa argentina que seria impossível levar até ele. Mas Angie tivera autorização para ir às compras antes de partir. Empolgada, comprou um monte de coisas, roupa interior da *La Perla*, vestidos *Prada* e *Dior*, sapatos *Louboutin* e *Manolo*.

– Afinal de contas, uma mulher jovem numa viagem de tal importância precisa de roupa – dissera-lhe Ahmet, com os dentes a brilhar num sorriso de porcelana branca.

Era um sorriso caro e muito bem executado por um dos melhores dentistas cosméticos de Paris, uma vez que os dentes naturais de Ahmet mal tinham sobrevivido à sua infância pobre. A *pobreza* era a única coisa que Ahmet temia. A memória dessa pobreza colava-se-lhe à pele como a roupa manchada de suor da sua juventude, o odor regressava de vez em quando para o fazer recordar, para o incitar a seguir em frente. Estava decidido a fazer o que fosse preciso. Tinha fugido daquela divisão no beco fedorento, deixando para trás todos os pensamentos acerca da mulher a quem chamava mãe, aceitara qualquer trabalho, por pior que fosse, ainda que corrupto e nefasto, Ahmet estava lá para o fazer. Depois disso, o sucesso chegara facilmente.

Agora, perguntava-se o que fazer com Angie. Deveria deixá-la simplesmente morrer, sozinha naquela cabina por baixo do convés, onde apenas Mehitabel sabia que ela estava? Ou deixá-la escorregar de novo, impotente, borda fora, onde seria por fim engolida pelo mar? O mar que lha devolvera. Que parecia não a querer.

Havia, contudo, algo em Angie que não lhe saía da cabeça. Era diferente das outras raparigas, de um tipo raro, ousada, corajosa e engraçada. Até gostava dela. Tanto que ia levá-la para casa.

A confiança não existia na vida de Ahmet Ghulbian. A própria palavra não tinha qualquer significado. Saíra indesejado do ventre da mãe, com todos os seus instintos de autoproteção intactos. Só podia confiar em si mesmo. A mãe deixara de existir, desaparecera. Não tinha mais família, era filho das duras ruas do Cairo, não tinha memória dos seus tempos de bebê e teria agradecido a Deus por isso, caso acreditasse nele. Uma pobreza do tipo mais baixo e humilhante, a pedir na rua, uma criança a oferecer pacotes de pastilhas elásticas por uma moeda, homens ávidos a quererem comprá-lo a ele. Foi preciso muito medo e mais desejo ainda para que começasse a acreditar que havia uma saída e que estava ao seu alcance.

Tinha nove ou dez anos quando comprou as pastilhas elásticas ao velho para as revender na rua, usando para tal a pequena maquia de dinheiro poupado passando fome. Era coisa que nunca haveria de esquecer. Aos doze anos, controlava a sua própria zona, três ruas, cada uma das quais ia dar a uma artéria principal, que, por sua vez, conduzia a um bairro melhor, onde as famílias viviam em apartamentos e não, como ele, numa barraca feita com folhas de alcatrão e restos de madeira, com um telhado de latão corroído que fervia no calor do verão e ficava encharcado à chuva. Tinha feito uma cama que era uma espécie de beliche com dois barris de petróleo velhos e umas tábuas. Ao construir a sua cama não lhe ocorreu que um dia haveria de vender petróleo em barris maiores do que aqueles e dormir numa cama comprada com o dinheiro da sua venda, e que teria um telhado a sério por cima da cabeça, que não deixava passar a chuva. Isso estava ainda num futuro longínquo. Afinal, não passava de um rapaz.

Claro que não havia infância no sítio onde ele vivia. «Vivia» é uma palavra simpática de mais. O que existia era mera existência e havia alturas, dias a fio, na verdade semanas, em que o jovem Ahmet se perguntava se valia a pena continuar. Era pequeno para a idade, magro com a barriga inchada devido à subnutrição, uns olhos demasiado grandes no rosto encovado, os dentes partidos ou em falta. Era uma criança nula. Descartável. Exatamente como os outros rapazes à sua volta. Um em centenas, em milhares.

Num único dia tornou-se diferente, passou a ter um negócio de pacotes de pastilhas, que vendia aos outros rapazes fazendo um bocadinho de dinheiro aqui, um pouco mais ali, traçando um caminho ascendente de maneira inexorável. Até às drogas. Tinha um mercado preparado para as receber, e quem haveria de desconfiar do miúdo magrizona de *T-shirt* esfarrapada com a cara suja e os olhos assustados. Apercebeu-se de que possuía um talento inato. Com a sua aparência, a maneira como

conseguia expressar espanto e impotência, era um sucesso.

Claro que não tardou a perder a necessidade de mostrar espanto. O que ele precisava era de ser duro. No seu primeiro contacto com a verdadeira dureza das ruas, com um sujeito que brandia uma faca e ameaçava furar-lhe a barriga se ele não entregasse o que tinha, tivera de reunir coragem e contra-atacar. Agarrou na faca e usou-a. Deixou-se ficar parado por um instante depois de o fazer, a olhar para a faca espetada entre a terceira e a quarta costela do jovem rufia, logo acima do coração, com o sangue a escorrer. Ficou desiludido por ele não jorrar.

Pensou o suficiente para arrancar a faca da barriga do rapaz, ficando surpreendido por ser tão difícil. Depois virou-se para enfrentar a pequena multidão de jovens que assistira, mas descobriu que todos tinham desaparecido. Eram assim as coisas, quando havia problemas os amigos desapareciam. Claro que se tratava apenas de amigos de rua. Depois disso, nunca mais permitiu a ninguém ser seu amigo.

Os traficantes eram diferentes, mais velhos e maus, perigosos. A sua vida dependia da rapidez com que conseguia vender os «bens», como lhe chamavam, em pacotes, as doses, os saquinhos de plástico com pós brancos que ele nunca experimentou. Sabia que seria a sua morte e ele estava a começar a viver. Fez o suficiente num par de anos para entrar sozinho no negócio, afinal já conhecia todos os traficantes, os clientes, o processo financeiro do negócio de venda de drogas. Não tardou a fazer-se saber que era de confiança. Foi um sucesso imediato.

Comprou um apartamento, o primeiro lugar substancial onde viveu. Ficava num terceiro andar, no topo do prédio porque o rés-do-chão era perigoso, podiam enfiar uma arma pela janela, partir a porta com uma catana, fazer um incêndio para o obrigar a sair por causa do fumo e roubá-lo. A única coisa que queriam dele era o dinheiro, que tanto lhe custara a ganhar, arrancá-lo dos seus dentes – agora em melhor estado graças a um dentista de topo a quem fizera um favor relacionado com as drogas. E a única coisa que ele queria era ganhar mais. Conseguir o dinheiro. Conservá-lo. Ser rico.

Não aconteceu do dia para a noite.

Tinha dezoito anos, cabelo negro e espesso, olhos escuros ardentes, pele cor de azeitona, uma atração por mulheres à deriva e por homens errantes. Fosse como fosse, a escolha era sempre sua. Mas as mulheres compensavam mais. Como descobriu ao conhecer Fleur.

E foi esse o verdadeiro começo de tudo.

Primeiro, abriu um pequeno café como fachada para a lavagem de dinheiro, e saiu-se bem. Descobriu um velho petroleiro que estava à venda, mas que ainda podia ser usado caso encontrasse homens desesperados o bastante para navegarem nele acompanhados por petróleo a preço de saldo, que ameaçava explodir com a queda de um cigarro descuidado. Foi um risco compensador. Só perdera um petroleiro, que afundara com os homens lá dentro, mas sem provas do motivo. A seguradora pagou em grande, dando-lhe o seu primeiro empurrão para cima, na direção certa.

Comprou um apartamento no Cairo, fatos feitos à medida, aventurou-se nos cafés elegantes para tomar uma bebida à noite.

Foi na área das seguradoras que começou, com uma empresa pequena e privada. Encontrou homens sinistros desejosos de serem protegidos, percebeu que o calcanhar de Aquiles desses homens era que precisavam da segurança que ele oferecia. Era melhor do que eles, mais inteligente, um homem de negócios mais astuto.

E assim foi. E agora estava ali. Ahmet Ghulbian, multimilionário reputado que, contando-se os seus bens imobiliários, o negócio de petróleo, as contas bancárias, podia não o ser, mas se se adicionasse

os empréstimos tubarões e o jogo, era seguramente.

Era um rei entre os homens, um deus desejado pelas mulheres e que o mundo invejava. Para si mesmo, continuava a ser Ahmet Ghulbian, cujo verdadeiro nome tinha sido enterrado com a mãe: um miúdo no mercado do Cairo, à procura de uma vida.

A casa de madeira cinzenta que ficava nos pântanos Romney, em Inglaterra, era o esconderijo de Ahmet, o seu lugar especial, onde podia estar completamente sozinho. O proprietário anterior era o magnata do jornal da região, que conhecera um triste fim numa luta com a amante que implicou uma faca com que estava prestes a fatiar a carne assada de domingo, um grande lombo de vaca, recordavam os locais com admiração; dava para alimentar vinte pessoas, embora fossem só os dois. O apartamento tinha ficado vazio durante muitos anos, com histórias de fantasmas e névoas inexplicáveis a envolvê-los em noites de luar.

Quando o inspecionou pela primeira vez, o comentário de Ahmet foi que pelo menos não havia cães a uivar à Lua. Gostou, contudo, da localização, no limiar do pantanal onde a erva era mais verde do que a erva normal, de um verde húmido, vibrante, espantoso, que mudava abruptamente para um castanho-escuro de lodo, que sugava qualquer criatura selvagem que tivesse a infelicidade ou cometesse o erro de nela pousar. A casa ficava num lugar remoto, mas acessível a partir de Londres, um tipo de lugar secreto onde não havia habitantes a espreitar curiosos. Na verdade, mantinham a distância, desencorajados pelo célebre homicídio e pelos rumores de assombração.

E foi por isso que Ahmet conseguiu comprar a casa por um valor mínimo; o proprietário ficou mais do que satisfeito por se ver finalmente livre dela. E, uma vez que os homens da região mostravam relutância em pôr lá os pés, Ahmet levou os seus trabalhadores, sobretudo italianos e croatas, que alojou em pré-fabricados com um mínimo de comodidades, mas que mesmo assim ficaram contentes com o trabalho.

A madeira cinzenta era reforçada por pedra, o telhado recebeu novas telhas de um cinzento mais escuro, as janelas foram duplamente seladas como proteção contra o vento e as tempestades de inverno. O interior ficou luxuoso com as madeiras retiradas de casas mais antigas, que provavelmente tinham melhores histórias e reputação. Havia um candelabro de cristal no grande salão, que oscilava musical e permanentemente na corrente de ar que também ali prevalecia, por mais que os especialistas tentassem encontrar a sua origem e selá-la. O chão de pedra cinzenta estava coberto por tapetes de seda, aquecidos eletricamente por baixo, e a mobília pesadona chegara das lojas de antiguidades mais caras de Paris e Londres. Uma cozinha completa, com a dimensão da de um restaurante, equipada com aço inoxidável, bancadas de granito preto e seis fornos aguardavam por um chef, um homem que Ghulbian importava nas raras ocasiões em que ocupava a casa. E, por vezes não, quando precisava de estar completamente sozinho. Como agora.

Sentou-se à frente do fogo naquilo a que se costumava chamar sala de estar, a beber vinho tinto, um *Petrus vintage* e nobre, de um copo tão fino que parecia que o mero toque dos seus dentes o poderia estilhaçar. A madeira que ardia cheirava a pinheiro, a grelha incandescia, as labaredas tingidas de azul subiam suavemente. A cadeira estofada a pele vermelha era macia, ouvia-se o barulho do vento lá fora, o movimento dos toros na grelha, o aroma do vinho no seu nariz. O requintado sabor no palato não lhe deu prazer. Estava consumido não pela imagem da rapariga ruiva, que já era sua, mas da pequena loira, com as suas feições delicadas, a testa larga, para trás da qual puxava o cabelo austeramente, os seus olhos quase azuis. Eram azuis, eram cinzentos? Não conseguia decidir-se. E a imagem dos seus lábios quando fez beicinho, a pensar, sob um bater de pestanas, se deveria juntar-se a ele para tomar uma bebida no bar do Ritz. Lucy.

Sabia que devia ter paciência. Aprendera como fazer sua uma mulher. Iria «cortejá-la». «Cortejar» era a expressão que usava quando pensava em como fazer uma mulher sua, oferecendo-lhe prontamente pequenos presentes, acompanhados por um bilhete escrito à mão onde dizia que tinha gostado muito da sua companhia. E depois flores, claro, sempre rosas brancas de caule comprido, mesmo no pico do inverno. Sugeriria que talvez ela gostasse de jantar de novo com ele, um dia desses. Deixava sempre a bola do lado da mulher, sabendo que ela ficaria intrigada e aceitaria. Estava tão confiante que ela iria aceitar que fez antecipadamente uma reserva num restaurante de luxo.

As jovens que ele inundava de atenções não estavam habituadas a um estilo de vida assim tão elevado. Eram mulheres comuns, não necessariamente de província, mas sem dúvida com mentalidades desse tipo. Sabia escolhê-las. Angie era perfeita, mas venceu-o. Temporariamente, claro está. Agora, estava a «tratar» dela. Levara-a para a casa no pantanal, uma terra traiçoeira onde só era seguro andar se se conhecesse o caminho certo. Desapareciam pessoas naquele pântano, sugadas para o fundo pelo devorador lodo castanho, que não conseguiam sair quando o pântano se fechava sobre a sua cabeça. Quando ele estivesse pronto, Angie nunca mais haveria de o importunar.

Inquieto, levantou-se e andou de um lado para o outro na sala. Precisava de luz, de espaço. *Ar!* Sentia-se a sufocar e, de repente, pela primeira vez desde que era pequeno, sentiu um arrepio que reconheceu como sendo de medo.

Pegou no telefone e chamou o seu avião privado. Ia partir imediatamente para o iate. Ia tratar de negócios e regressar no mesmo dia. Afinal de contas, ser rico tinha as suas vantagens.

Eu sabia que ainda estava no iate e que ele se encontrava ancorado, não por conseguir ver lá para fora, mas porque todos os movimentos cessaram. Ouvi gritos intensos, o correr de uma corda, o chocalhar de uma corrente, seguido de uma calma pauta apenas pelas vozes de homens, o grito de um maçarico, o gemido da embarcação contra as defensas quando se ajustou no seu lugar.

Não conseguia ver porque tinha uma venda nos olhos, assim como as mãos atadas. Tinha um trapo na boca. Não sabia há quanto tempo estava deitada, e nesse momento registei que estava numa cama, e não num beliche. Estendi as mãos, amarradas pelos pulsos, virei-me um pouco para poder tocar em ambos os lados: lençóis de algodão, uma manta macia. Não foi preciso tocar no meu corpo para saber que estava nua. Teria sido violada? Se assim fosse, certamente sentiria alguma coisa, não é verdade? Não sentia nada, nem dor, nem um fio de sangue, nem dores de cabeça. Sentia-me quase normal. Com exceção de uma coisa.

Ergui as mãos amarradas e toquei no rosto. Mais alto, até conseguir tocar na testa. Mais um pouco para trás. O suficiente para saber. *Tinham-me cortado o cabelo todo. O meu lindo cabelo comprido ruivo.* A única coisa que tinha sob os dedos era um leve toque de cabelo rapado e áspero e uma comprida fileira de pontos a unir o crânio partido.

As lágrimas caíram-me pelas faces até à boca. Passei a língua por elas para eliminar o sabor do sal. Tinha a cabeça careca como a de um bebé e chorava pelo cabelo, o meu único atributo de beleza. Ocorreu-me, por entre as lágrimas, que também podia estar a chorar pela minha vida, porque estava convicta de que a perderia em breve. Estava presa no barco de Ghulbian. Sabia que devia ser ele.

A almofada estava molhada das minhas lágrimas. Virei a cabeça para o lado numa tentativa de fugir à humidade fria, mas agora estava debaixo da minha face e as lágrimas continuavam a correr, piorando aquele desconforto molhado.

Lágrimas. De que serviam? O que tinham alguma vez feito à humanidade, para além de expressar sofrimento? Seria mesmo possível que eu estivesse ali amarrada e amordaçada, uma prisioneira que desconhece o seu destino, que sabe apenas que provavelmente acabará na minha morte, a chorar como uma mulher vaidosa por ter perdido o cabelo? Acaso não cresceu de novo quando o cortei à Audrey Hepburn há tantos anos? Mas isso foi por opção. Neste caso, tratava-se de um abuso que o perpetrador conhecia muito bem. Sádico. É essa a palavra certa para o homem que me fez isto, Ahmet Ghulbian era um sádico.

De olhos fechados sob a venda, pensei em Ghulbian a dizer-me que fosse às compras e trouxesse tudo o que quisesse, afinal, disse ele, uma rapariga precisa de coisas bonitas para uma viagem de iate. Ah, e como me soubera bem, começando pela pele despida até à roupa interior mais suave e sensual, que eu sentia como uma segunda pele na minha e que me ficavam, tenho de admitir, sensacionalmente bem no corpo que tonificava no ginásio às cinco da manhã, cinco dias por semana.

A única sombra nesse meu prazer tinha sido pensar que teria de me mostrar com essas escassas peças a Ghulbian, que, embora não fosse desinteressado pelo sexo, era um homem que preferia devorar com os olhos. Era sobretudo um *voyeur*, o que deixava uma rapariga insatisfeita e a levava a perguntar-se o que tinha feito de mal para não ser capaz de o estimular o suficiente para que ele a quisesse devorar com a boca, penetrá-la, depressa e com força, como eu gostava. Com Ahmet – não posso continuar a tratá-lo pelo apelido, conheço-o demasiado intimamente para isso – não se conseguia mais do que uns rápidos minutos. Depois estava de volta aos negócios: o telefone, o *i-Pad*, os seus pensamentos íntimos, que deixavam uma mulher a sentir-se muito sozinha.

Se ao menos me tivesse deixado sozinha no fim. Se me tivesse simplesmente mandado embora com a malita de roupas novas, a vacilar um pouco nos meus novos *Louboutins*, uma despedida alegre e obrigado, foi tão bom, quem sabe se nos voltaremos a ver...

Mas não seria assim. Lembro-me de ter aberto os olhos quando senti Ahmet em cima do meu corpo nu. Tinha sorrido, pensando, bom, está bem, finalmente encontrou o «vamos lá a isso» e de facto senti a excitação dele quando fez pressão por entre as minhas pernas abertas. O que senti depois foi a lâmina da faca encostada à garganta. Olhei rapidamente e vi o brilho da lâmina afiada, gemi de medo, senti a pressão da lâmina aumentar, mordendo-me a pele, o fiozinho de sangue na pequena ferida. Ele gritou, empurrando mais a faca com uma mão, enquanto me segurava os braços com a outra, deixando-me indefesa. Tive demasiado medo para gritar enquanto me violava.

Acabou. Saiu de cima de mim. Continuava viva. Ainda tinha medo de morrer, mas com o que acabara de acontecer, enquanto lutava contra o terror, a dor, o homem que eu não conhecia realmente, desejei em silêncio morrer naquele instante.

Ouvia-se sons. Uma porta a abrir. Ahmet estava agora de pé junto da cama. Falava com alguém. Uma mulher, que respondia em voz baixa. Nenhum dos dois se dirigiu a mim e deixei-me ficar deitada como um pedaço de carne congelada, bem ao centro da cama de luxo, agora suja de sangue meu e dos excessos da gratificação do sexo masculino.

Ouvi os passos da mulher dirigirem-se a mim, ouvi a porta fechar-se atrás de Ghulbian, não me atrevi a abrir os olhos e enfrentar o meu destino. Senti o sopro dela na minha face. Estava curvada sobre mim, olhando-me diretamente para a cara. Depois, a súbita picada de uma agulha no braço fez-me gritar. E esqueci tudo.

Quando recuperei os sentidos, não fazia ideia de quanto tempo teria passado. Levantei uma mão, toquei na cabeça nua, reprimi o gemido, disse a mim mesma que pelo menos continuava viva. Ou estaria de novo a sonhar, pairando nalgum ponto entre a realidade e a memória? Incapaz de tentar sequer abrir os olhos, pus-me à escuta. A suave batida da água contra o casco da embarcação foi a única coisa que ouvi. Nem sequer o grito das gaivotas. Queria isso dizer que eu estava no mar alto, longe de mais para que as gaivotas nos seguissem, preferindo ficar no porto com a promessa de alimento fácil?

Escutei de novo: a batida da água era rítmica, calma, uma minúscula ondulação que mal fazia oscilar o barco. Se estivéssemos ancorados no mar haveria seguramente mais movimento. Mais som, talvez? Tínhamos de estar num porto. E se estávamos tinha de haver outros barcos, outras pessoas.

De repente, tive consciência da presença de outra pessoa comigo no quarto. Ouvi o som suave de uma respiração, o movimento subtil de uma perna que oscilava para a frente e para trás. Fosse quem fosse, estava sentado à minha frente, a olhar para mim.

Olhos bem fechados, quieta como um rato, desejei que a minha própria respiração fosse silenciosa, para que quem quer que ali estivesse me julgasse já morta. Desejei estar morta, ah, como o desejei. Não! Não é verdade. Não queria morrer, ali à mercê do observador mudo. Porque não me tinha já matado? Seria outro tarado, um sádico que me queria ver morrer devagar, dolorosamente? Mas eu não tinha dores. E mais, já não tinha as mãos amarradas. Nem os pés. Tinha liberdade para me levantar, para me mexer, se quisesse.

Deixei-me ficar mais um momento, perguntando-me se estava mesmo preparada para o que podia ver, ou quem podia ver, para o que poderia acontecer se abrisse os olhos, se enfrentasse o meu potencial assassino. Pensei na minha mãe, na coragem que demonstrara face à sua própria morte, e soube que tinha de o fazer.

Pus as mãos ao lado do corpo e ergui-me, abri os olhos e olhei diretamente para os olhos da mulher que me observava. Espantada, não disse uma única palavra, nem ela.

O seu cabelo em espirais caía-lhe do crânio com vida própria, ondulado como o de Medusa. Instintivamente, levei uma mão ao cabelo para sentir os caracóis macios, mas senti novamente o choque da cabeça lisa. De algum modo, sabia que tinha sido aquela mulher a fazê-lo. Cortara a minha glória natural e apreciara cada momento. O que faria ela a seguir?, pensei.

Falou.

– Sabes como te chamas?

Anuí.

– Diz-me o teu nome.

– Angie.

Assentiu com a cabeça.

Olhei atentamente, a pensar quando iria ela fazer um gesto contra mim.

– Chamo-me Mehitabel. Nunca te vais esquecer.

Conhecia aquele nome, veio-me então à memória, algo encantador, suave, um gato num poema, não era? Não havia nada doce que se assemelhasse a gatos naquela Mehitabel, a menos que se encontrasse na inclinação daqueles olhos escuros atentos e nas unhas compridas que pareciam garras, se bem que as dela estavam pintadas de um vermelho imaculado. Usava um vestido cinzento sem mangas. Via-se os músculos na ondulação levemente bronzeada dos braços quando se inclinou para mim, alisando a saia, ainda a olhar intensamente para os meus olhos assustados.

– Tenho instruções para não te amarrar – disse ela. – Vais fazer o que eu disser, só te mexes quando eu disser que podes. Vamos dar uma volta de helicóptero. Vais estar sentada com o cinto no lugar ao meu lado. Vais agir como se fôssemos amigas. O piloto vai pensar que assim é. Tenho a tua pequena mala com as coisas novas. Fizeste boas escolhas, especialmente no que toca a roupa interior. – Fez um sorriso que só lhe levantou os cantos pontiagudos da boca pintada de vermelho, desdenhosa e má. – Vão ficar-te bem.

Senti-me de súbito ciente uma vez mais da minha nudez e deixei pender a cabeça, envergonhada

diante dela. Faria ela também parte deste jogo estranho e terrível em que eu estava envolvida? Estaria prestes a ser submetida a um diferente tipo de humilhação sexual? Aproximou-se mais, senti os seus dedos nos mamilos, encolhi-me, chocada.

– Que belo corpo tens, Angie – murmurou, dizendo o meu nome pela primeira vez, para que eu soubesse que ela sabia exatamente quem eu era, embora eu não soubesse quem ela era.

Depois, de repente, pôs-se de pé, atirou-me um molho de roupa e ordenou-me bruscamente que a vestisse.

– Podes tomar um duche antes de te vestires – concedeu ela, já a caminho da porta. – Venho buscar-te dentro de dez minutos.

Levantei-me dolorosamente. A casa de banho era pequena, mas tinha uma janela por onde eu podia olhar lá para fora.

O barco estava atracado a um molhe de tamanho médio. Umas luzes amareladas incidiam do alto e percebi que era de noite, embora não fizesse ideia das horas. Vi pessoas aproximarem-se do barco, a puxar carrinhos cheios de cestos com fruta e legumes frescos. Galinhas vivas cacarejavam em gaiolas. Os peixes saltavam em recipientes cheios de água. Grades cheias de garrafas: *Evian*, *Pellegrino*, *Badoit*. Ghulbian e Mehitabel viviam bem naquele grande iate, mas para mim não havia fuga possível por aquela pequena janela.

Virei-me e olhei em redor da cabina: cores creme e um verde-folha pálido, um delicado espelho antigo, com rebordo de ouro por cima de um toucador antiquado, com tecido de organza, um conjunto de escova de prata e um pequeno banco rendilhado onde se podia ter sentado uma diva de filmes antigos, a pintar os lábios e a arranjar o cabelo. Era um quarto de uma outra época.

Já não suportava o suor do meu corpo. Dirigi-me rapidamente ao chuveiro, ensaboei-me, deixei correr a água refrescante sobre a pele, sobre a cabeça careca. Envolvi-me numa toalha luxuosa, suave o bastante para ser agradável, firme o bastante para me secar bem. Até passei creme pelos membros agora limpos; tinha o aroma do velho *Guerlain*, *L'heure Bleu*. Perguntei-me se continuariam a fazer o perfume. Era, contudo, delicioso e proporcionou-me uma pequena trégua da minha terrível situação, mas depois lembrei-me que o nome do perfume aludia à hora entre o fim do dia de trabalho e o início da noite: a hora do «crepúsculo azul» em que os homens iam ao encontro das amantes para fazer amor. Meu Deus, como era estranho. Seria fruto do perverso sentido de humor de Mehitabel?

Levantei-me e fui ver o roupeiro espaçoso. Estava vazio. Mas, calma, havia um vestido lá ao fundo pendurado num cabide acolchoado de cetim. Fitei-o. A tentação era grande, tinha de olhar, talvez descobrisse a quem pertencera, a quem pertencera aquela cabina.

Era um vestido de *chiffon* azul-verde pálido, que pendia suavemente das alças finas, agitando delicadamente a bainha. Encostei-o a mim. Olhei-me no espelho. Vi a minha cabeça despida, a nova mulher sem cabelo que eu era e quase desmaiei com o choque. Depois, o respeito por mim própria, a consciência do meu corpo e o meu egoísmo chegaram como um golpe. Havia mulheres no mundo que tinham ficado sem cabelo em circunstâncias terríveis, cujos corpos eram mutilados pelo cancro, que se mantinham firmes, à sua integridade, ao seu eu interior e à beleza que sabiam continuar a ter. Eu não era nada comparada com elas. Não estava assolada pela doença. Uma vítima era o que eu era.

Nesse momento soube que, se fosse morrer, então morreria com aquele vestido. Não se tratava de coragem, desafio ou autoestima. Simplesmente, compreendi por fim quem era. Depois de tantos anos a ser Angie, a que dava as boas-vindas no restaurante pseudo-chique de Manhattan, se ia morrer,

queria ser alguém quando conhecesse o meu criador.

– Veste-o – ouvi Mehitabel dizer.

Virei-me, com o vestido colado à minha nudez. Não a tinha ouvido entrar.

– Veste-te, e depressa.

A voz dela foi como um estalo.

– Está aqui a roupa interior. Despacha-te. Já não tens dez minutos. Tens um.

Meti-me na roupa interior, enfiei o vestido pela cabeça, fiquei com os braços presos, debati-me. Ela não me foi ajudar. Por fim, tinha o vestido posto, alisei-o dos lados do corpo, ajustei-o no peito. Levantei automaticamente as mãos para arranjar o cabelo e senti as lágrimas picarem quando me apercebi de novo da verdade.

– O helicóptero está à espera.

Mehitabel pegou-me no braço e levou-me pela porta fora, ao longo do convés até à proa. Tinha a passada longa de uma atleta, de uma mulher que fez do corpo aço, uma arma a ser usada contra os outros se necessário.

O helicóptero era branco e as pás do rotor já giravam, vi o piloto nos comandos. Não havia segundo piloto, ninguém atrás dele na zona dos passageiros. Mehitabel empurrou-me à sua frente. Havia seis assentos. Apontou para um na extremidade e fui lá sentar-me, obediente como uma criança. E, como se fosse uma criança, ela pôs-me o cinto, que deu um estalido, sentou-se à minha frente e, mal eu dando por isso, estávamos no ar.

A viagem deve ter demorado quarenta minutos, talvez uma hora. Eu não tinha noção do tempo, tudo era uma simples sequência de acontecimentos. Estava a voar no escuro e não sabia aonde ia nem sequer onde estava. Debatia-me para encontrar o ânimo de querer saber.

E depois estávamos a aterrar, com uma suavidade de pássaro no prado de erva, um verde ofuscante sob as luzes de aterragem do helicóptero. Um carrinho de golfe com uma alegre cobertura de franjas esperava por nós quando saímos. Mehitabel agarrou-me no braço e instalámo-nos nos assentos do carrinho, partindo de novo.

Seguimos durante alguns minutos. As luzes do carrinho eram muito fracas, a única coisa que eu via era o que parecia ser um prado pontilhado aqui e ali pelo brilho acastanhado da água. E depois uma casa avultou-se na escuridão. Grande, impressionante e com uma única luz por cima da entrada.

O carrinho parou, Mehitabel saiu. Contornou-o até chegar junto de mim, pegou-me rudemente no braço, puxou-me para eu sair, acompanhou-me até às portas duplas de madeira, que tinha pregos de bronze. Abriu a porta, depois virou-se e olhou para mim.

– Entra – disse ela.

Não ousei desobedecer-lhe.

Entrei em casa e, uma vez mais, no meu destino.

Mehitabel tinha desaparecido. Eu estava sozinha na grande casa escura. Uma luz débil saía da porta semiaberta que dava para uma divisão ao fundo do corredor. Quase receando respirar, ouvi o crepitar de um fogo, senti o aroma doce e fresco da madeira, ouvi o silêncio total do resto da casa. O meu bonito vestido de *chiffon* azul-verde agitou-se ao de leve com a corrente de ar que vinha de cima. Fiquei com pele de galinha nos braços e apertei-os instintivamente, cruzados sobre o peito, uma mão em cada ombro como se quisesse aquecer-me. Virei-me para olhar para a porta, com a fuga no pensamento, mas para onde? A pergunta parecia pairar sobre a minha cabeça em luzes brilhantes, como na cobertura de um teatro, só que aquilo não era uma peça e eu era a vítima, não a atriz.

Coragem. A palavra surgiu como um lampejo na minha cabeça e pensei de novo na minha mãe. Ela teria a expectativa de que eu fosse corajosa, de que agarrasse o touro pelos chifres, de que desse luta. Mas eu estava desfeita. Tinha sido violada por Ahmet e molestada por aquela mulher perversa, estremeci ao lembrar-me do sorriso dela, do seu cheiro... Agitou-se no meu cérebro uma outra memória e lembrei-me do frasco de *L'heure Bleu* da *Guerlain* e da minha necessidade de me perfumar, da tola necessidade de me sentir uma mulher normal.

Coragem. A palavra pairava. Perguntei-me como descobrir o significado de ser corajosa, o que devia fazer naquele momento, o que podia fazer para me ajudar a mim própria.

Então, ouvi Ahmet dizer:

– Angie, entra, está bem? É muito mais confortável aqui dentro, e também mais quente. Tenho um lume simpático na lareira e uma garrafa muito boa de vinho tinto aberta há tempo suficiente para ter respirado.

Não fiquei chocada por se tratar de Ahmet, quase esperara que assim fosse. E não era uma sugestão, mas uma ordem. Obedeci uma vez mais. Dirigi-me à porta, abri-a mais, vi Ahmet confortavelmente sentado num cadeirão de pele vermelha, a garrafa de vinho numa mesinha ao lado dele, que tinha os pés enfiados em chinelos de veludo com monograma, elevados sobre uma otomana escura.

Levantou-se do cadeirão e ficou de pé à frente da lareira, a sorrir-me. À sua volta voavam centelhas do lume e não pude evitar pensar que era como se saíssem das chamas do inferno, porque

ele era o meu destino. Fosse o que fosse que me quisesse fazer, tinha poder para isso.

Coragem. A palavra da minha mãe soou-me de novo ao ouvido. Sabia que tinha de enfrentá-lo nos seus termos, afinal a única coisa que ele podia fazer era matar-me e ocorreu-me de súbito que Ahmet não era homem para o fazer. Podia contratar um assassino, mas soube instintivamente que não seria ele a fazê-lo. As pregas macias do vestido de *chiffon* agitavam-se em torno das minhas pernas despidas enquanto caminhava na direção dele.

Os seus olhos iluminaram-se num sorriso de escárnio.

– Bravo, Angie – disse ele. – Gosto de mulheres que não demonstram medo.

– Já não tenho medo de ti – respondi, porque a verdade é que já não havia nada a temer.

– Anda, vem sentar-te aqui, sim?

Indicou com um gesto a otomana onde os seus pés tinham repousado. Obedeci ao pedido, uni os joelhos e alisei o vestido da maneira senhoril que a minha mãe me ensinara. Ele serviu o vinho e ofereceu-me um copo. Eu não queria, mas não tinha alternativa, aceitei-o. Os seus dedos roçaram nos meus e ofereceu-me de novo aquele sorriso que dizia que me conhecia bem, sabia tudo o que havia a saber acerca de mim, como me sentira sob as suas mãos tateadoras, o leve travo aromático do meu corpo sob os seus lábios. E sabia que ele tinha conhecimento do que eu estava a pensar, de que também me estava a lembrar da sensação do corpo dele no meu, e corei.

– Estás muito bonita esta noite, Angie – elogiou, voltando para a sua cadeira de pele vermelha. – Pareces uma bela felina, uma gatinha fofa, com esse vestido.

Os seus olhos troçaram de mim e desviei o olhar.

– Não – ordenou ele alto. – Levanta os olhos. – Era uma ordem. – Olha para mim! Quero que te lembres desta noite, e de todas as noites anteriores. Quero que o teu corpo se lembre de mim, assim como a tua mente. É justo, Angie. Lembro-me perfeitamente de ti. Recordo aquela primeira vez em que mal podias esperar que eu pusesse as mãos no teu corpo e a pila dentro de ti, e lembro-me de como gostaste.

– Foi bom para ti – repliquei, e desejei não o ter feito, porque mostrava que era evidente que me lembrava. E acrescentei, malgrado meu: – Mais que para mim.

Ahmet abanou a cabeça, fazendo *ts-ts*.

– Angie, Angie, tens de aprender. É mais «do» que para mim. Não mais que para mim. – Riu-se e bebeu um gole de vinho. – Talvez tenha de te arranjar um professor, que te ensine a falar bem.

– Como tiveste de aprender tu, queres tu dizer? – Não sei como o sabia, mas estava certa. Toquei num ponto fraco e a cor subiu-lhe do pescoço ao rosto, um vermelho raivoso que me fez saber que estava à beira de me bater. «Coragem», disse a mim própria mais uma vez e levantei o queixo, olhando-o com desdém.

– Também vens da rua – continuei, incapaz de parar agora que tinha começado. – Não passas de um miúdo pobre que se fez bom, um rapaz que não aprendeu as delicadezas da vida no colo da mãe. Este vinho bom que estás a beber, tiveste de aprender a conhecê-lo, tal como os outros pobres. Não foi a tua mãe que te ensinou, isso é certo.

Lançou o punho contra mim, batendo-me atrás na cabeça. Percebi de súbito o significado de se ver estrelas. Dançaram diante dos meus olhos como foguetões em miniatura, enquanto a dor alastrava pelo maxilar e o vinho se entornava do copo que deixei cair no meu lindo vestido de *chiffon* e na alcatifa.

– Mehitabel. – A voz de Ahmet era um rugido que atravessava a sala, lançando mais foguetões em

miniatura através do meu cérebro. – Mehitabel – rugiu de novo e, como por magia, ali estava ela, ao meu lado. Apanhei-a a olhar para mim, a ver o vinho entornado, a cara vermelha de raiva de Ahmet, a minha estranha calma.

– Leva-a – rugiu Ahmet. – Tira-a da minha frente. Trato dela mais tarde.

Enquanto Mehitabel me agarrava pelo braço e me levava, ouvi o belo copo de vinho de Ahmet estilhaçar-se na lareira de calcário e depois julguei ouvir o que parecia ser um soluço de choro, profundo e terrível, vindo de profundezas insondáveis. Claro que sabia que devia estar enganada e que era o som dos meus próprios soluços que eu ouvia. Não era?

Não sei quanto tempo tinha passado quando acordei. Estava escuro, não fazia ideia de onde estava. Gritei por socorro, sabendo que era um disparate, ridículo, ninguém me voltaria a ajudar. Para que alguma vez fugisse daquele lugar escuro eu tinha de ser mais inteligente do que eles, mais esperta, com mais recursos, tinha de ser um raio de uma biofísica, uma especialista nuclear. E, nesse caso, não tinha hipóteses! Os miolos e o engenho não faziam parte da minha constituição. Só acabei o secundário marrando para os exames na véspera à noite. Tinha boa memória e dava para passar, mas teria aprendido alguma coisa? Se tivesse aprendido, alguma vez seria rececionista numa reputada casa de bifes, com os maridos de outras mulheres a lançarem-me olhares esperançosos, simplesmente por eu estar lá e eles o poderem fazer? Calculo que achassem que eu valia a pena, e quem poderia culpá-los. E depois, da única vez que sucumbi – bom, não é bem verdade, não foi a única vez, mas a minha primeira vez com um homem «rico à séria» – vejam só o que me aconteceu.

Reprimi o soluço na garganta. Não ia chorar, definitivamente. Ia sair dali, era o que eu ia fazer.

Toquei no maxilar a medo. Doía-me como tudo onde Ahmet me esmurrara, provavelmente por esta altura estaria preto, azul e roxo. Na minha garganta cresceu a raiva em vez de soluços. Sacana. Ia apanhá-lo, ia mesmo. Assim como àquela bruxa da Mehitabel. Fosse como fosse.

Estava deitada de costas num sofá, sem qualquer memória de como lá tinha ido parar. Alguém me elevara os pés e alisara o vestido. Sabia que devia ter sido ela; aquela mulher emanava maldade, mesmo quando sorria. Estava lá, ao fundo dos seus olhos, um argumento secundário, à espera.

Perguntei-me se na vida real, que era o que a minha vida costumava ser, Mehitabel teria sido considerada normal. Viveria num apartamento vulgar, como uma mulher normal, talvez até num apartamento grandioso, dado trabalhar para um multimilionário? Teria família? Era difícil imaginar sequer que uma mulher a tinha dado à luz. O mal é gerado, é o que diz a Bíblia. Pelo menos, acho que diz. E, para mim, Mehitabel é a personificação do mal. Sei que nada a deterá.

Rodo as pernas para fora do sofá, vejo que tenho sapatos. Estilo *Chanel*, pretos com biqueira creme e saltos finos. Eu nunca teria comprado aqueles sapatos, nunca na vida; usava saltos altos no trabalho, botas de *motard* quando estava de folga e as minhas velhas pantufas fofas cor-de-rosa sempre que estava em casa. Foi pensar nessas pantufas que acabou por me reduzir às lágrimas mudas.

Tinham de ser mudas porque tinha medo que Mehitabel me ouvisse e viesse disparada porta adentro, talvez desta feita com uma faca ou pistola na mão, pronta para acabar comigo. Disse a mim mesma para parar de chorar. Que me levantasse e fosse olhar pela janela, procurando uma saída. Tinha medo de ir à porta e ver que estava destrancada por ela – ou outra pessoa – poderem estar de guarda, à minha espera.

Estava tão escuro lá fora que a única coisa que conseguia ver era a minha própria imagem refletida na janela, a nova eu, porque era certo que já não parecia quem tinha sido. Careca, com nódoas negras nos olhos e no maxilar, emaciada no vestido de seda grande de mais e sapatos *Chanel*, estava tão espantada com a minha aparência que já não queria chorar. Queria matar alguém. Queria vingança. Queria-me de volta. Mas estava impotente, presa naquele quarto magnífico com uma porta que não ousava transpor e uma janela que dava para a noite mais escura que um ser humano já vira.

A janela era de estilo antigo, das que abrem para cima. Experimentei o trinco e estava destrancado. Poderiam os meus sequestradores ter-se esquecido de uma coisa tão importante? Ou seria uma armadilha? Deixar-me-iam fugir para ir atrás de mim, divertindo-se novamente com a perseguição, sendo eu a presa e eles os cães de caça? Fiquei vários minutos de olhos fixos no trinco. Era a única coisa que havia entre mim e a minha liberdade.

Respirei fundo e puxei-o para trás. A janela deslocou-se facilmente sob as minhas mãos. Olhei de novo para ela com desconfiança, depois para o que estava além, uma escuridão esmagadora. Não havia ruídos, nem sequer de uma qualquer pequena criatura deslocando-se furtivamente pela relva. O ar da noite entrou no quarto, tão húmido que fez brotar gotas de suor na minha pele. Eu estava no rés-do-chão. Havia um pequeno terraço pavimentado no exterior. Ainda assim hesitei, dividida entre o conhecido e o desconhecido.

Claro que não tinha alternativa. Para viver, a fuga era a minha única possibilidade.

Foi mais fácil do que julguei e passado um instante estava nesse tal terraço, a respirar o ar mágico da liberdade. Recompus-me, olhei para a direita e depois para a esquerda. Só havia a área pavimentada em frente da casa e estava na mais completa escuridão. A única coisa que via à frente era uma escada. Sabia que devia ser a única saída. Mesmo assim, hesitei.

Quisera tanto a minha liberdade que agora me sentia estonteada com ela. Incapaz de colocar um pé à frente do outro, fiquei paralisada no terraço estreito, a observar a noite até que gradualmente se começaram a formar vultos: uma balaustrada com pilares de pedra a equilibrar as extremidades; lâminas finas de ervas daninhas despontando por entre os ladrilhos; um caminho sinuoso descendo um ou dois degraus e que levava sabe-se lá onde, eu sabia apenas que se dirigia para longe dali e que podia ser a minha salvação.

Senti-me de repente impregnada de uma expetativa empolgante, já sentia o sabor da liberdade, quase me via novamente na companhia de outras pessoas, pessoas reais que iriam escutar a história do meu rapto, da tentativa de homicídio, de abuso e drogas; pessoas que olhariam para a minha cabeça rapada e para a cicatriz e se deixariam maravilhar, tal como eu própria, por poder contar a minha história.

Mas sabia que perguntariam logo: «Mas porquê?» E acreditariam em mim quando lhes contasse que eu era a fantasia de um homem doente, um sociopata com poder, dinheiro e um nome famoso que todos conheciam, que me fizera aquilo para seu prazer? Nunca poderia contar a história verdadeira, porque eu seria afinal vista como mais uma jovem a tentar aproveitar-se, a procurar dinheiro fácil e sem maneira de sustentar a sua mentira tola.

Estava portanto por minha conta. Encolhi os ombros ou teria sido percorrida por um arrepio? Ali estava eu, a enfrentar a vida, ou a morte, sozinha. A mesma história de sempre. Nós, as raparigas sozinhas, somos assim; todas sorriso, cabelo sedoso e saltos altos, a menos quando estamos sozinhas, que é como quase sempre acabamos, de qualquer modo.

Foi então que juro ter ouvido a voz da minha mãe chegar até mim vinda do escuro, dizendo que não me tinha criado para eu falar daquela maneira, para pensar assim, agir assim. Eu era uma boa rapariga, que ganhava a vida com trabalho, mantendo viva a esperança de um final de conto de fadas. A minha mãe estivera tão segura desse final. Oxalá também eu estivesse e não tivesse sido tão tola.

O prado relvado e deserto estendia-se diante de mim. Os meus olhos tinham-se acostumado ao escuro e via uma coisa ou outra, os declives onde a água pingava incessantemente. *Okay*, então, iria evitar essas zonas, manter-me nas partes relvadas.

Com uma mão no peito e a outra a agarrar os sapatos, dei o primeiro passo em frente. Sustive a

respiração, esperando que os meus pés descalços se afundassem na água, mas não, ali o terreno era firme. Fiz avançar o outro pé e apoiei o peso do corpo nos dois pés, no tufo de relva. Fui sustida. Estava a salvo. Afinal, não era pântano, apenas um prado extenso com aquelas luzinhas minúsculas a piscar aqui e ali.

Levantou-se uma brisa, vinda de nenhures. Era mais um vento áspero, frio, com um toque de suspiro, como se a própria terra gemesse. Ou alguma pessoa. Fiquei novamente paralisada. Disse a mim mesma que só podia ser o vento, não estava ali ninguém, não havia um assassino à espera com uma faca, não havia Mehitabel.

Fiquei ali de pé mais uns minutos, de sapatos *Chanel* na mão, o vestido soprado contra o corpo, o crânio nu com um formigueiro desconfortável: sentia olhos postos em mim, observando todos os meus movimentos, à espera do meu próximo gesto. O pânico alimentou um grito que sufoquei logo; tinha de ficar em silêncio, sem fazer qualquer ruído. Não me podiam ver. Ou podiam?

De repente, embora eu não quisesse chorar, as lágrimas brotaram de entre as minhas pálpebras fechadas, trazendo-me à lembrança o mar Egeu azul-celeste fazendo pressão sobre os meus olhos enquanto me afundava, obrigando-me a perguntar-me o que estava ali a fazer, como fora ali parar. Eu não passava de uma pobre rapariga de lugar nenhum que nada queria de ninguém. Até ser escolhida por um psicopata que procurava raparigas exatamente como eu para entregarem o seu dinheiro da droga.

Não aguentava mais. Corri para o pântano, a chapinhar os pés descalços nos montes relvados, subindo as colinas enlameadas, seguindo cegamente aos tropeções pela beira de um rio castanho tão silencioso e escuro que só dei por ele quando já tinha água pelos tornozelos. Escorreguei na lama e caí de joelhos. Levantei-me e comecei de novo, seguindo em frente, sem saber para onde. Ouvi um som troado e parei, quase tropeçando nos meus pés. Algo se aproximava, depressa... Podia ser o barulho de um motor?

Cheia de esperança, corri em frente.

– Por favor – gritei para a escuridão. – Ajudem-me, por favor, estou perdida, estou tão perdida.

A escuridão pareceu levantar um pouco, uma quantidade ínfima, apenas o suficiente para que distinguisse o muro de água que vinha na minha direção. Parei, paralisada. Sabia o que era aquilo. Um estuário e a maré estava a formar um remoinho contra um muro de água cuja pressão arrastava tudo à sua frente. Para dentro de si. E para baixo.

Como sucederia comigo.

Não aguentava mais. Abri bem as mãos e gritei para a noite escura:

– Bem-vindo – gritei. – Obrigada. E bem-vindo.

* * *

Ahmet, a olhar pelos binóculos na segurança da margem, era obrigado a admirar a forma como Angie aguardava o seu fim. Ficou parada, de braços bem abertos, em frente ao muro de água, «como se ele fosse bem-vindo», disse ele a Mehitabel, que estava ao seu lado, também ela a observar.

– E neste momento acho que é mesmo – concordou Mehitabel. – É o que lhe resta.

Ahmet virou-se para olhar Angie.

– Vai buscá-la – ordenou a Mehitabel.

Tornou a olhar pelos binóculos. Mehitabel foi até lá, agarrou Angie pelos braços, prendeu-os atrás das costas da rapariga e arrastou-a para fora do caminho.

– Mesmo a tempo – pensou Ahmet, satisfeito, enquanto ele e Mehitabel levavam a rapariga de volta a casa e à sua prisão. Ainda não terminara tudo o que tinha a fazer com ela.

Uns dias mais tarde, e Marco ainda sem sorte a localizar o *gulet* negro que vira a abandonar a grande velocidade o cais de Fethiye; na verdade, as suas inquirições eram acolhidas com encolheres de ombros e sorrisos sardónicos. Acaso não sabia quantos barcos exatamente como aquele navegavam por aquela zona? Seria louco? Em qualquer dos casos, porque andava ele à procura daquele barco em particular? Marco não explicou porquê, mas dava por si num beco sem saída.

Literalmente, pensou ele, com um humor sombrio à espera do voo de Istambul para Paris, com *Em* enfiada dentro do seu casaco, perto do coração, onde só havia lugar para ela e para Martha. Detestava abandonar a sua idílica casa de férias, detestava abandonar aquela paisagem gloriosa, com pedregulhos espalhados por ela e animada com o ruído dos abelhões nos hibiscos e oleandros, com a leve ondulação da corrente de água doce, prateada e castanha, que seguia caminho até ao mar. Os seus olhos de pintor captavam tudo, mantinham-no no seu cérebro, assim como nas muitas fotografias que tirou para referência e que mais tarde pendurou nas paredes do estúdio para ter sempre uma parte daquele lugar consigo.

Foi buscar um copo pequenino de café a uma das tendas, renunciando aos bolos de aspeto pegajoso que também vendiam. Bebeu o café de um trago e rangeu os dentes perante a textura granulosa. Meu Deus, mal podia esperar por um bom café francês. Mas ia perder o avião, assim como *Em*. Assim como Martha. Sabia-o porque ela telefonara a dizer-lhe. E disse também que tinha saudades dele. E também perguntara se ele tinha finalmente desistido daquela procura ridícula de tentar encontrar uma rapariga desaparecida de quem mais ninguém parecia saber coisa nenhuma.

Nesse aspeto enganara-se. Zacharias sabia da sua existência. Artemis tinha-a visto. A rapariga não era um mito da imaginação de Marco, como não o era a cena em que caíra à água e ele saltara para o inflamável laranja à procura dela, vendo o seu cabelo acobreado a boiar, para depois a perder completamente de vista. Marco decidiu que era disparatado continuar a pensar no assunto, mas a semelhança com o desaparecimento da irmã mantiveram-na no seu pensamento.

Entretanto, surgiu um anúncio no sistema de mensagens público, primeiro em turco, depois em inglês: o voo estava atrasado, problemas no motor; não havia garantias de quando pudesse estar consertado e pronto para descolar. Quando Marco foi averiguar a questão no balcão de atendimento, juntamente com um amontoado de outros passageiros indignados, foi descartado com um encolher de ombros indiferente e com um erguer de sobrancelhas que dizia «sei lá».

Dirigiu-se ao bar, na companhia de quase todos os demais, e pediu uma cerveja. Não estava suficientemente fresca. Suspirou e pegou no telemóvel, perguntando-se a quem poderia ligar e com que propósito; ninguém o iria tirar dali e levá-lo para Paris. Pelo menos nesse dia.

Sentiu uma pancadinha no ombro e virou-se, vendo um homem jovem bem-vestido com um fato escuro, que Marco achou que o devia fazer suar. Uma gravata conservadora estava firmemente presa com um nó no colarinho da camisa branca imaculada. Marco baixou os olhos para os calções caqui que ele próprio usava, a *T-shirt* azul que, apesar de lavada, não passava de uma velha *T-shirt*, e os mocassins de camurça coçada que usava há anos em viagens como aquela por serem confortáveis e nunca ter de pensar neles. Se bem que Martha pensava. Até se oferecera, com o sobrolho ligeiramente franzido de preocupação, para lhe comprar um novo par. Com os olhos brilhantes de *Em* a espreitar de baixo do corta-vento preto, Marco teve de sorrir. Era certo que não apresentava a imagem do passageiro de primeira classe, bem-sucedido, uma posição que lhe foi atribuída por um funcionário que reconheceu o seu nome.

– Senhor. Senhor Mahoney...

O jovem gaguejava na sua avidez, levando Marco a perguntar-se se queria um autógrafo.

– Sim? – Olhou-o na expetativa.

– Senhor. O senhor Ahmet Ghulbian apresenta-lhe os seus cumprimentos e pergunta se lhe dá a honra da sua companhia na sala de espera privada. O senhor Ghulbian sabe que o voo para Paris foi cancelado e deseja falar disso consigo.

– Ah sim?

Marco conhecia esse nome, poucos seriam os que não conheciam. Ghulbian estava ao nível de Getty e Onassis, em termos de riqueza e de reputação. Enquanto seguia o jovem em direção à sala de espera exclusiva, perguntou-se se Ahmet queria que lhe pintasse o retrato. Se assim fosse, não tinha a certeza se queria fazê-lo. A experiência ensinara-lhe que as encomendas feitas por homens com esse grau de riqueza e exigência podiam ser desmoralizantes e a imagem que tinham deles próprios acabava invariavelmente por ser diferente da que Marco via e pintava.

Ainda assim, quando o conheceu, achou Ghulbian uma figura impressionante: compacto, impecavelmente vestido com um fato pálido, se bem que, ao contrário do seu empregado, não usava gravata. Aquilo em que Marco reparou foi nos sapatos, cuidadosamente engraxados até adquirirem aquele suave e discreto brilho. Lembravam-lhe os do avô.

Ghulbian seguiu o olhar dele.

– Berlotti – disse ele. – Paris.

Marco anuiu.

– Estão bem tratados.

– Como deve ser o caso com todas as coisas de excelência. – Ghulbian agitou um braço para que Marco se sentasse. – Ouvi falar dos problemas com o voo e, uma vez que eu próprio me dirijo a Paris – fez uma pausa para olhar para o fino relógio de ouro *Patek Philippe* que usava no pulso direito –, na verdade parto dentro de dez minutos. Estava a pensar se lhe posso oferecer boleia.

Marco quase sentiu o queixo descair; era como se tivesse sido transportado da simplicidade da sua vida na vila para o espaço. *Em* espetou a cabeça para fora do casaco e Ghulbian ergueu as sobrancelhas.

– Peço desculpa, mas nunca viajo sem a minha cadela – disse Marco. – Mas obrigado na mesma pelo convite.

– Não, não, por favor. A cadela é bem-vinda. Tenho a certeza de que há comida para ela a bordo. Só espero que não se importe de comer em pratos *Limoges*.

Ao pensar no café-bar de Costas e nos ossos de dinossauro, Marco riu-se.

– Sabe o que se costuma dizer, uma mudança é tão boa como o descanso. E obrigado pela oferta. Seria um inferno tentar arranjar aqui um quarto para passar a noite e estou a ficar velho para dormir no chão do aeroporto.

Ghulbian sorriu, mostrando os dentes perfeitos.

– Tal como eu. O que não quer dizer que não fosse coisa que eu tivesse de fazer na juventude, mas a maioria de nós passámos por isso no nosso tempo.

Dez minutos depois, Marco foi conduzido para bordo de um *Cessna 520* pintado com um agradável tom de azul-prateado. Os assentos eram de pele creme, amplos e confortáveis. Uma dupla de assistentes de bordo jovens, de uniforme azul e gravata, certificaram-se que tinham os cintos e, no espaço de minutos, estavam no ar.

Ghulbian tirou uns papéis da pasta e começou a estudá-los. Marco olhava pela janela para o azul vívido do mar que desaparecia sob uma colcha de nuvens brancas. Ghulbian era o tipo de homem que conseguia que o tempo combinasse com o seu esquema de cores. Ao sentir os olhos do outro postos em si, virou-se para o olhar.

Ghulbian tirara os óculos escuros. Era a primeira vez que Marco lhe via os olhos: escuros, com pálpebras pesadas, pareciam encerrar um mundo de segredos. Calculou que um homem assim, com o dinheiro e o poder que tinha, fosse guardião de muitos segredos.

Ghulbian disse:

– Diga-me uma coisa, senhor Mahoney. É um homem feliz?

Marco ficou surpreendido com uma questão tão pessoal. Fez uma pausa e respondeu:

– Por favor, trate-me por Marco. Afinal, acabou de me salvar a vida.

– Não fiz nada dessa importância. Salvei apenas a situação.

Marco achou que Ghulbian era acutilante. E seguro de si.

Ghulbian disse:

– Tenho de lhe pedir um favor.

– Com certeza, desde que eu possa ajudar.

Ghulbian pegou numa fotografia que estava entre os seus papéis na mesa à sua frente. Não a mostrou logo a Marco, mas segurou-a contra o peito.

– Estava a pensar – disse ele baixinho – se me podia fazer um retrato. Sei que geralmente não é assim que trabalha, mas esta jovem era-me... *é-me* muito querida. Gostava... não, *preciso* de uma lembrança, de um registo vivo dela em minha casa. Peço-lhe que me dê a honra de tentar fazer isto por mim. Naturalmente, pago a comissão que achar por bem.

Ainda a olhar para Marco, entregou-lhe a fotografia.

A primeira coisa que Marco viu foi a nuvem de cabelo ruivo, aquela encantadora e grande massa de cabelo acobreado aos caracóis. Era a rapariga que ele tinha visto cair do *gulet*.

– É sua amiga?

– Conhecia-a vagamente. Infelizmente, já não está connosco. Afogou-se, senhor Mahoney.

Ghulbian virou-se para olhar pela janela com uma expressão arrasada, tocando com o lenço de mão em seda nos olhos por baixo dos óculos.

Disse a Marco:

– Desculpe, mas às vezes é difícil lidar com as memórias. Mas, sim, a Angie era uma amiga, e eu gostava de me lembrar dela. De a imortalizar, pode-se dizer, através da beleza da sua arte.

Marco devolveu a fotografia. Estava preocupado com a maneira como a ruiva morrera; não queria tomar parte das emoções de Ghulbian:

– Vou ter de pensar no assunto, tenho muito em mãos neste momento.

Ghulbian pousou uma mão pesada no braço de Marco, como que exercendo a sua autoridade.

– Quando for a altura certa, claro. Entretanto, também gostava que pintasse o meu retrato, uma imagem que possa deixar às gerações futuras para que nunca esqueçam quem é Ahmet Ghulbian.

– Nesse caso, será quem o senhor foi – disse Marco. – Uma vez que, obviamente, nessa altura estará morto.

As sobrelhas grossas de Ahmet ergueram-se novamente com surpresa.

– Acredite em mim, senhor Mahoney, *Marco*, vou estar por cá muito tempo para os fazer lembrar. Ainda assim, como disse, gostava muito de o ter como meu convidado em Marshmallows. – Solto uma pequena gargalhada rosada. – Marshmallows é um trocadilho com o facto de a casa se encontrar no meio de um pântano. É muito bela, como verá.

Apesar da sua antipatia inicial, Marco deu por si intrigado e curioso. Havia algo quase *apelativo* nos modos depreciativos de Ghulbian, uma simpatia ávida, um encanto de que Marco gostou. Para sua surpresa, deu por si a concordar em fazer uma visita a Marshmallows. Achava que ia gostar da experiência, estar com um multimilionário no seu paraíso isolado não parecia muito mau, embora na verdade duvidasse de que Ghulbian mantivesse o convite.

De regresso a Londres na noite seguinte, sentado à frente de Lucy Patron no restaurante italiano, pequeno e intimista, a vê-la devorar um prato de esparguete à bolonhesa com a velocidade de um animal esfomeado, Ahmet Ghulbian percebeu que na verdade ela devia estar esfomeada.

– Isso faz parte da tradição? – perguntou ele. – Que os atores tenham de passar fome por amor à profissão?

Viu Lucy franzir o sobrolho e ficou maravilhado por ela estar efetivamente a refletir sobre o que ele dissera. Definitivamente, faltava-lhe sentido de humor.

– Só se não tiverem trabalho – explicou Lucy, enquanto enrolava mais fios de massa em redor do garfo. – Sem trabalho não há dinheiro. É assim que as coisas são na minha profissão.

Em qualquer profissão, recordou Ahmet, com o seu passado sem dinheiro subitamente a vir-lhe à mente. Teve de recordar a si mesmo que agora era um homem rico, que podia comprar todas as pessoas que estavam naquele restaurante, comprar o próprio restaurante, até, com isso fazendo apenas uma pequena moessa na sua fortuna.

Lucy pousou o garfo e a faca na posição que indicava ter terminado, embora o prato ainda estivesse meio cheio. Obviamente, depois do que Ahmet dissera, relembrou as boas maneiras, a forma como fora criada e o facto de nunca se comer tudo o que está no prato. Os seus grandes olhos azuis olharam para ele do outro lado da mesa.

– Muito obrigada – disse ela com decoro. – Estava uma delícia.

– Por favor – disse Ahmet, subitamente preocupado por ela estar tão magra e tão obviamente esfomeada. – Por favor, eu peço outra coisa. Galinha com parmesão, por exemplo? – Quase conseguia ver o cérebro dela a latejar só de pensar no frango.

Na verdade, Lucy estava a pensar como haveria de provar só um pouco e depois pedir que lhe pusessem o resto numa caixinha para levar para casa e comer ao jantar do dia seguinte. Sabia que podia sempre pedir ajuda financeira a Martha, e que a irmã a ajudaria imediatamente, mas Martha também iria fazer perguntas. Diria a Lucy que devia arranjar um emprego a sério, que não podia ficar sem fazer nada, cheia de fome à espera de conseguir um papel para a televisão. E o pior era que Lucy sabia que ela tinha razão. O que ela precisava de facto, pensou enquanto atacava de novo o esparguete, cheia de fome, era um namorado rico.

As duas últimas palavras chocaram uma com a outra na sua mente. Furtou mais um olhar ao homem misterioso sentado à sua frente que lhe pagava o jantar e que provavelmente nesse momento a estava

a salvar de morrer à fome. Ou, pelo menos, de voltar para casa a correr, de rabinho entre as pernas, na esperança de comer um pouco do famoso *crumble* de maçã da irmã, ou até mesmo uma batata recheada assada no forno, que ela apostava que, se fosse servida por Ahmet, viria recheada com caviar.

Sorriu ao pensar nisso e Ahmet retribuiu. Tinha uns dentes excelentes. Oxalá tirasse aqueles óculos escuros.

Como dizia sempre o que lhe vinha à cabeça, perguntou:

– Porque usas sempre óculos?

Ahmet levou automaticamente uma mão aos óculos para os ajeitar enquanto pensava no que dizer. Certamente não seria a verdade, que era porque nunca deixava ninguém olhá-lo diretamente nos olhos visto ter medo que vissem quem ele realmente era. Aquela jovem encantadora não fazia ideia, ali sentada naquele restaurante civilizado entre pessoas civilizadas, a apreciar um jantar civilizado, que ele a mataria com a mesma facilidade com que lhe serviria outro copo de vinho. Agora não, claro, mas a seu tempo. Pensou em como isso lhe agradaria, como gostaria de ver o medo nos olhos dela, o prazer que teria em ver o seu cadáver despido, em que ela por fim lhe pertenceria por completo, só a ele, para sempre. Ainda não respondera à pergunta dela.

– Porquê? – perguntou novamente Lucy, bebendo um gole do vinho que ele acabava de lhe servir.

– Desde pequeno que vejo mal. A minha família era pobre, e com isto quero dizer carenciada. – Ahmet acenou com a mão por cima da mesa, indicando a comida abundante, a galinha *parmigiana*, o esparguete, a salada verde com o seu delicado molho de anchovas e alcaparras, o pão quente e o pires com um azeite intenso; a segunda garrafa de vinho caro. – Era uma sorte comermos. E o que comíamos... – Encolheu os ombros. – É melhor nem pensar nisso.

Os olhos azuis de Lucy olharam para os dele em choque. Estendeu a mão para tocar na dele, cheia de pena.

– Mas que terrível, agora sinto-me tão mal com as minhas queixas todas. Quer dizer, estava com fome, mas a culpa é minha. A minha irmã diz-me que eu devo arranjar um emprego, mas ela acaba sempre por aparecer para me ajudar. Financeiramente, quero eu dizer.

– Fala-me da tua irmã.

Ahmet esfarelou um pedaço de pão entre os dedos e mergulhou-o no azeite. Não estava com fome, atualmente nunca tinha fome, aquela vontade dispersara ao longo dos anos de riqueza. Quando se podia ter tudo aquilo o que se quisesse, de repente descobria-se que não se queria nada. Era assim com os muito ricos e, de outro modo, quase invejava Lucy, que ainda sentia essa vontade, esse desejo, o prazer de uma boa refeição. Quando fosse à sua casa de campo, iria assegurar-se de que comia bem antes de ele a mandar sozinha para o pântano.

– Mais vinho? – perguntou ele num tom agradável.

– A minha irmã é linda – disse Lucy, imitando-o a mergulhar no azeite o pão de excelente qualidade. – Chama-se Martha. É um nome tão antiquado, não achas? De facto, recebeu o nome da minha bisavó Patron. O que se passa é que a Martha nem sequer se apercebe de que é linda, é tão modesta, tão pouco vaidosa, se é que me percebes. – Olhou séria para Ahmet. – É alta, esbelta, tem uns olhos azuis maravilhosos e cabelo loiro. E tem talento. E, que raio, montes de sucesso.

– Então é atriz?

Ahmet deu por si intrigado com a ideia de uma segunda beldade na família. Bem, de facto, verdade fosse dita, Lucy não era nenhuma beldade. Era atraente, sedutora e muito jovem, uma combinação

triunfal aos seus olhos, e exatamente aquilo que ele procurava. Com efeito, era o que ele sempre procurava numa mulher, sem bem que geralmente não tinham tanta classe como a pequena Lucy.

Na verdade, já sabia tudo o que havia para saber acerca da família Patron, tinha investigado todos os pormenores da vida de Lucy, sabia da existência de Martha e do seu trabalho como *designer*, e da outra irmã, a pediatra, e de como os pais delas tinham morrido. Podia vir a ser útil pedir a Martha que redecorasse algumas divisões da sua casa de campo.

Lucy estava a milhas da menina Angie, aquela vagabunda rasca que cometera a proeza de desaparecer no Egeu deixando-o a pensar se iria voltar à superfície, viva, o que poderia contar acerca dele, o que podia tentar fazer-lhe. Claro que depois ficou outra vez com ele, mantendo-a sã e salva no lugar mais secreto que conhecia, a sua casa de campo nos pântanos, onde a maravilhosa e única Mehitabel cuidara dela por ele. Angie era passado, Lucy era o futuro.

Contemplou-a, a enfardar inocentemente galinha com parmesão, fazendo uns pequenos suspiros de prazer. Na verdade, não passava de uma criança, ato que também o fez suspirar de prazer, de modo que ela ergueu os olhos a sorrir e perguntou:

– O que foi?

– O que foi *o quê?* – respondeu com um sorriso. – Tenho mesmo de te levar à minha casa de campo – afirmou. – Cultivamos os vegetais que comemos, temos ovelhas. O nosso borrego é delicioso.

– Oh, meu Deus. – Lucy olhou para ele, horrorizada. – Eu não era capaz de comer nada que tivesse visto a pastar no campo.

– Será que posso fazer notar que estás a comer galinha, que certamente andou a pastar em algum lado.

Lucy bebeu mais um gole de vinho, e de repente já não estava tão certa em relação a ele, era tão seguro de si, tão suave, tão tipo *velho*.

– E será que eu posso fazer notar – replicou ela, recuperando o espírito, afinal de contas não era nenhuma palerma, embora fosse uma atriz que todos os homens achavam palerma. – Será que posso fazer notar que as galinhas não pastam. Não são mamíferos. São aves.

Ahmet riu-se. Gostava dela.

– Tenho de admitir que nunca pensei nisso nesses termos – reconheceu. – E vou assegurar-me que não se serve borrego quando me vieres visitar.

– Quem disse que te ia visitar? – Lucy recostou-se.

Não gostava que a tivessem como certa e, fosse como fosse, nenhuma jovem devia ir sozinha à casa de campo de um homem, a menos que fosse sua amante ou noiva. Ou quisesse ser.

Ahmet continuava a rir.

– Certamente não a senhora, menina Lucy Patron. E, se pensares nisso, também não te convidei. Mas, se convidasse, também incluiria a tua bela irmã no convite.

– Então também terias de convidar o Marco.

Ahmet ergueu uma sobrancelha e bebeu um gole de vinho. Era bom, mas não dos melhores, devia ter pedido outro.

– Marco Polo Mahoney? – Claro que já conhecia Marco. – Conheço o trabalho dele – afirmou. – É um excelente retratista.

– Pintor – corrigiu Lucy, bebendo o resto do vinho. Suspirou profundamente. – É assim que o Marco se designa. – Tinha o estômago cheio, o vinho era bom e estava a divertir-se, o que era inesperado. Caiu-lhe uma gota no vestido quando voltou a pousar o copo na mesa. – Oh, caramba –

exclamou, aborrecida. – Adoro este vestido e agora está estragado.

Ahmet chamou o empregado para que trouxesse um pano húmido.

– Provavelmente sai – disse ele. – Peço desculpa, Lucy, a culpa foi minha, distraí-te.

Lucy suspirou de novo.

– Não distraíste, não – respondeu. – Sou desastrada, só isso, toda a gente diz o mesmo. Conta-me – disse ela, olhando-o seriamente – como pode uma pessoa tão desastrada esperar vir a ser atriz?

Ahmet achava que isso não importava nada, mas retorquiu:

– Acho que tenho uma maneira de realizar esse teu sonho. Estava a considerar a hipótese de investir num filme, uma coisa pequena, sem estrelas, mas um guião interessante e uma localização excelente, uma casa nos pântanos. Na verdade – acrescentou, pensativo –, fui atraído pela ideia em parte porque tenho uma casa nos pântanos Romney. – Debruçou-se sobre a mesa e alcançou a mão dela. Era macia, morna. Os dedos dela curvaram-se na palma dele. – E agora tenho uma atriz para o protagonizar.

Lucy pensou, radiante, que era bom de mais para ser verdade.

Ahmet retribuiu o sorriso. Sabia o que ela estava a pensar, e ela tinha razão.

– Podemos convidar a tua irmã para que venha ver a minha casa de campo. A sala de estar bem precisa de uma renovação, em termos de tecidos e coisas assim.

– Bem – disse Lucy, satisfeita. – Claro que a Martha é muito boa nessas coisas todas, vou perguntar-lhe.

Ahmet fez um sorriso de satisfação. Dois coelhos de uma cajadada só.

Em Paris, no dia seguinte, Marco ficou surpreso; mais, ficou *espantado* por receber um telefonema do assistente de Ghulbian, o jovem magro que tinha conhecido a suar no seu fato e gravata no aeroporto de Istanbul, o Ataturk, que agora se devia sentir mais fresco e beneficiar do ar condicionado, o que se refletia na sua voz tranquila, calma, ao transmitir o convite do patrão, embora a Marco tivesse parecido mais uma ordem que um convite.

«O senhor Ghulbian gostaria de falar com o senhor Mahoney às três da tarde na sua suíte do Four Seasons, rua George Cinq. Mandamos um carro buscá-lo.»

Não perguntou se Marco estaria disponível; com a estúpida arrogância de um homem rico, assumiu que sim. Porque não havia de estar, quando podia significar uma encomenda importante.

Sorrindo àquela ironia, Marco pensou que provavelmente Ghulbian achava que todos os artistas passavam fome. E a maioria passava mesmo em algum momento da sua carreira, como muito bem se lembrava do seu início solitário. Mas agora tinha muitas opções e não tinha a certeza se queria aceitar aquela, embora Martha o incitasse a conhecer Ghulbian, dizendo-lhe que era um importante homem de negócios e, tanto quanto sabia, nunca lhe tinham pintado o retrato.

— O teu seria o primeiro — comentou Martha. — Talvez o único.

Era sem dúvida uma coisa a pensar. Marco pegou no telefone e retribuiu a chamada, que foi atendida por uma mulher que disse chamar-se Mehitabel e ser a assistente «pessoal» de Ghulbian. Pediu-lhe que esperasse lá fora à hora marcada.

O carro era um *Mercedes* prateado e luxuoso, conduzido por motorista, o que não era de espantar, mas, quando chegou ao hotel, Marco ficou surpreso com a aparência de Mehitabel: magra como uma panqueca, por volta dos quarenta, cabelo encaracolado escuro, à Medusa, o que lhe dava o ar de ter levado choques elétricos. Usava um vestido simples de linho cinzento, saltos pretos e um braço cheio de pulseiras de prata, que ele achou terem um ar antigo e caro.

Ela viu-o olhar.

— Galerias Lafayette — disse, sem sorrir. — Fazem boas imitações.

Constrangido, Marco achou que devia ter corado. Ela disse-lhe como se chamava e conduziu-o.

Ghulbian estava junto das grandes janelas de correr, segurando os cortinados de seda com uma mão e fitando a rua, lá fora e mais abaixo, ainda que Marco tivesse a sensação de que ele não se encontrava de facto a ver. Estava perdido nos seus pensamentos e ele perguntou-se em que estaria o

poderoso homem a pensar. Numa licitação vencedora? Na compra de um avião novo? Ou simplesmente num jantar com a mulher que cortejava. Porém, nenhuma dessas opções era correta.

Quando o ouviu chegar, Ghulbian afastou-se imediatamente da janela e estendeu-lhe a mão.

– Prazer em vê-lo de novo. Estava só a pensar onde gostava de pendurar o meu retrato. Aqui não, acho eu. Paris não é a minha casa, nesse sentido da palavra.

Marco compreendeu, embora estivesse um pouco surpreendido.

– Podíamos sempre fazê-lo no seu iate, senhor – sugeriu, ainda que Ghulbian já tivesse descartado a ideia anteriormente.

– Por favor, nunca me trate por «senhor». Gostaria de pensar que somos, ou pelo menos que haveremos de ser, amigos. Afinal, fazer um retrato é uma tarefa íntima, quase o equivalente a revelar a alma de alguém.

– Ainda nenhum dos meus modelos me revelou a alma. – Marco sentou-se no sofá que Ghulbian lhe indicou. Este sentou-se à frente dele, inclinado para a frente, com as mãos entre as coxas, a ouvir atentamente o que o artista tinha a dizer.

– Pintar um retrato é mais *sobre mim* – começou Marco. – Sobre o que *eu* vejo no íntimo do retratado e que transmito à tela. E acho que nem sempre agrada a quem me encomenda a obra. – Encolheu ligeiramente os ombros num gesto depreciativo.

Ghulbian acenou com a cabeça, interessado, e disse:

– Lembro-me de uma história sobre Winston Churchill. A sua mulher, Clementine, encomendou um retrato de Churchill a Graham Sutherland, um artista de renome internacional. Ficou tão inflamada com o resultado que o rasgou, ali mesmo, à frente dele.

Riram-se e Marco replicou que até ao momento ainda ninguém lhe rasgara uma das suas pinturas.

– Mas há sempre uma primeira vez – acrescentou, olhando mais profundamente para o homem que estava diante de si.

Ghulbian retribuiu o olhar com firmeza. Mantinha o rosto implacável, sem qualquer emoção, quando na realidade se sentia inesperadamente nervoso, questionando-se se seria verdade que havia pessoas capazes de olhar para a alma das outras, para o seu íntimo, e conhecer os seus pensamentos, o que mexia com elas, quais os seus instintos mais obscuros e como eram realizados. Poderia aquele artista, com os seus olhos de pintor que tudo viam, saber quem ele realmente era? Conhecer o seu instinto de matador. Poderia Marco saber, só de olhar para ele agora, que iria até ao fim do mundo para satisfazer esse instinto, que não permitia que nada se metesse no seu caminho? Ghulbian nunca amara uma mulher e nunca haveria de amar. Eram bonitas, só isso. Uma imagem súbita e efêmera de Angie atravessou-lhe o pensamento. Semicerrou instintivamente os olhos para lhe impedir o acesso.

Enquanto se perguntava o que estaria ele a pensar, Marco estudou o rosto impassível de Ghulbian, reparando nos vastos planos das maçãs do rosto, os olhos muito escuros semicerrados, o sobrolho baixo e o cabelo espesso sem sinais de brancos, embora calculasse que Ghulbian tivesse cinquenta e poucos anos. Não era um homem alto, mas havia nele uma sugestão de força física latente que era intimidante. Encontrava-se na força do seu olhar, na tensão que parecia dar-lhe estrutura, mantê-lo preso ao assento, se bem que Marco sentisse que se queria levantar e andar de um lado para o outro na sala. Era quase como se os pensamentos de Ghulbian estivessem noutro lugar, no entanto continuava a falar do retrato.

– Tinha pensado no meu iate – disse Ghulbian, de súbito sorridente e descontraído. – Mas um lugar móvel para algo tão permanente como um retrato não me parece adequado. Afinal, preferia que me

pintasse na minha casa de campo.

Marco concordou que o melhor era sempre o lugar mais confortável para o retratado.

– É um lugar cheio de ambiente – disse Ghulbian. – Fica bastante isolado nos pântanos. Só se ouve os gritos das aves aquáticas e a corrente do estuário, a «preia-mar», como lhe chamam quando vira e começa a correr novamente para terra. Adoro ver a água castanho-escura a surgir na direção da casa, as fortes subcorrentes que remoinham sob a superfície.

Finalmente, levantou-se e começou a andar de um lado para o outro na sala, como Marco desconfiava que ele queria.

– Não há relva mais verde do que a relva do pântano. – Ghulbian parou e olhou de novo pela janela como se conseguisse ver o pântano diante dos seus olhos nesse preciso instante. – É mais convidativo do que qualquer relvado bem cuidado de uma casa de campo, com a sua jovem e o chá da tarde debaixo das árvores. Não há árvores no pântano, nem jovens a servir chá, apenas aquela convidativa relva verde que nos engole sem nos dar tempo sequer de pensar em dar aquele último passo.

Virou-se com um súbito sorriso, de mãos estendidas, palmas para cima.

– Estou a brincar, claro. Ninguém se afoga no meu pântano.

– Imagino que seja o silêncio que o atrai – retorquiu Marco. – No meu caso, seria a cor. Esse verde perfeito.

– Então tem de vir vê-lo. Pintá-lo.

Combinaram encontro para uns dias mais tarde.

Marco viu entusiasmo no rosto de Ghulbian; era evidente que o homem adorava a sua casa silenciosa no pântano.

– Irei – concordou Marco, surpreendendo-se a si próprio. – Vou pintá-lo lá. É a sua casa.

Pela primeira vez, Ghulbian fez um sorriso genuíno, nem forçado nem de cortesia.

– Então, vai realizar o meu sonho – confessou ele.

Claro que Ghulbian enviou o seu helicóptero para ir buscar Marco. Era um fim de tarde e já começava a escurecer quando chegou. Esperara que a casa fosse tipicamente Ghulbian, ostensivo de mais, e não se enganou. A porta principal, aberta por um empregado, conduzia a um comprido corredor com lambris de madeira, onde um imenso candelabro de cristal, certamente vindo de algum palácio veneziano, tilintava com a corrente de ar. Os vitrais, pintados em tons de vermelho e de verde, produziam um brilho mortiço e, acima de tudo isso, o teto opaco abobadado dava a tudo um ar de catedral.

Um piso superior percorria as traseiras da casa, abrindo nos dois extremos para corredores que davam para o salão central. Havia muitos quadros nas paredes, não amontoados mas perfeitamente pendurados e iluminados, com espaço suficiente para dar a cada um a sua área, para que se pudessem ver melhor. Ghulbian era, afinal, um homem que apreciava as artes.

O leve cinzento das paredes, os tons de terra mais escuros da mobília, que combinavam com o exterior da mansão, pareciam proibitivos, um toque do filme *A Casa dos Horrores*, achou Marco. Exceção feita ao par de cadeiras estofadas a pele vermelha, colocadas em frente do fogo incandescente na sala de estar onde o empregado o deixou. Entre as cadeiras havia uma otomana de pele preta onde repousava uma bandeja em prata ornada que Marco tinha a certeza ser uma Paul de Lamerie, o célebre ourives de prata do século XVII. Na bandeja estava uma garrafa de *tequila Patron Silver*. Não era uma vulgar garrafa de supermercado; aquela parecia ter sido feita por Lalique. Certo era que não havia nada discreto nas posses de Ahmet Ghulbian. Tinha dinheiro e comprava apenas o que de melhor havia.

Marco dirigiu-se à lareira. O tapete sob os seus pés era macio, uma sinfonia de corais e verdes pálidos, mas não de seda, e ele calculou que provavelmente seria turco e sem dúvida feito da mais fina lã trabalhada à mão.

As cortinas eram de um tecido pesado verde-escuro, apartadas por cordões grossos dourados. Não havia luzes lá fora e a noite estava negríssima. Marco pensou que «isolado» não era a palavra certa para aquele lugar. Era *remoto*.

Perguntou-se porque seria que um homem que podia comprar tudo o que quisesse, qualquer casa que desejasse, em qualquer parte do mundo, escolheria aquele lugar de fim de mundo. Não havia um único som lá fora, nem sequer um cão a latir ou a ladrar as boas-vindas. Mas havia Mehitabel.

Marco não a ouviu entrar, mas ali estava ela, ao seu lado.

Ela sorriu.

– Assustei-o. Desculpe. Vim ver o que posso oferecer-lhe para beber. O senhor Ghulbian tem sempre um excelente champanhe no gelo, se quiser. Claro que, se desejar outra coisa, vinho ou... bem, cerveja, talvez.

– Uma cerveja era ótimo, obrigado. *Dos Equis*, se tiver. – Pô-la à prova pedindo uma cerveja mexicana, mas ela não se desmanchou.

– Claro. – Fez um sorriso que lhe levantou apenas os cantos da boca. – Eu própria lha vou buscar.

Ocorreu a Marco que, sem contar com o funcionário que lhe abrira a porta, não vira outros empregados. Certamente, um lugar com aquela dimensão e um dono tão exigente e discriminador como Ahmet, teria pelo menos de haver um assistente pessoal, um mordomo, um cozinheiro ou *chef*. Mas só havia aquela mulher, que pousou a garrafa gelada de cerveja na bandeja de prata *Lamerie*, de valor incalculável, e ao seu lado um copo tirado diretamente do frigorífico, branco do frio. Reparou que Marco estremeceu ao ver o que ela tinha feito e, desta vez, riu-se.

– O senhor Ghulbian quer que as coisas sejam usadas como quando foram desenhadas e feitas. As antiguidades só o são porque as fizemos assim, é nisso que ele acredita. Ele usa-as, faz delas suas. Os donos originais haveriam de lhe ficar gratos.

Marco tinha de admitir que nunca vira as coisas dessa forma. O argumento de Ghulbian era bom, ainda que uma garrafa de cerveja na bandeja de prata com trezentos anos fosse um pouco excessivo.

Pensando em *Em*, perguntou:

– O senhor Ghulbian não tem um cão, aqui no campo?

Mehitabel tinha regressado à porta. Virou-se e olhou para ele, as sobrancelhas arqueadas numa expressão de surpresa.

– E porque haveria de ter?

– É um sítio solitário. Remoto. Talvez por razões de segurança, não? Ou por companhia?

– Há pântanos perigosos a toda a volta, senhor Mahoney. Este lugar é mais seguro do que se tivesse uma dúzia de guardas armados. O senhor Ghulbian não pode ter cão porque se perderia aqui nos pântanos. Tudo o que parece relva é na verdade água ou lama. É por isso que não há árvores, não há nada a que as raízes se possam agarrar.

– Então, Ahmet seria cruel em ter um cão porque ele se podia afogar nos pântanos?

– Não seria a primeira vez – admitiu Mehitabel. – Não há por aqui animais selvagens, não há raposas, nem guaxinins, até mesmo as aves são raras. A casa é sobranceira a um estuário. A maré muda duas vezes por dia. Ora estamos a olhar para uma extensão de água plácida, ora ela se ergue e vem na nossa direção. O melhor é não se estar no caminho do rio, senhor Mahoney. Até as aves selvagens aprenderam que é preferível não fazerem aqui os ninhos; perderam-se muitas crias nesse movimento de água, tão castanha, tão funda, tão... forte. – A última palavra foi dita quase num sussurro, depois saiu, fechando suavemente a porta atrás de si.

Quando saiu, Marco ouviu um grito. Estridente, como uma criatura em sofrimento.

Atravessou a sala de um salto e abriu a porta, quase caindo em cima de Mehitabel, que se encontrava logo do outro lado.

– Mas que merda foi isto? Parecia uma pessoa a ser torturada.

– *Ts, ts, ts*. – Mehitabel abanou a cabeça ao ouvir aquela linguagem, fazendo dançar os seus caracóis de Medusa.

Até se riu, um som que Marco nunca esperou ouvir dela, mas pareceu achar graça ao que ele

dissera.

– Credo, senhor Mahoney, não. É só uma ave selvagem, claro. As garças fazem ninho no nosso telhado e dão os gritos mais estranhos que possa imaginar. O senhor Ghulbian bem gostava de se ver livre deles, mas há séculos que fazem aqui o ninho e a gente daqui não iria gostar.

– E onde *está* exatamente o senhor Ghulbian? – Marco estava farto de ser deixado ali naquela estranha sala daquela estranha casa, naqueles estranhos pântanos verdes com aves que gritavam como a senhora Rochester, de Emily Brontë, trancada no sótão. Queria sair do Monte dos Vendavais, ou de Marshmallows ou lá o que era, com as suas aves lamurientas e antigas baixelas de prata e uma mulher que lhe dava calafrios.

– Por favor, vá chamar o carrinho de golfe. Já não aguento mais.

Mehitabel levou uma mão à boca, em choque. Tinha as unhas compridas pintadas de vermelho, a mão forte, os braços castanhos despídos eram musculosos. Passou pela cabeça de Marco que, se acabassem a lutar, ela provavelmente venceria; aquela mulher tinha mais truques na manga do que qualquer lutador profissional, isso apostava ele. Também se perguntava que espécie de influência exerceria sobre Ghulbian para o manter tão junto de si. Provavelmente, conhecia-lhe todos os segredos, e ele de certeza que os tinha em maior quantidade e mais profundos do que as pessoas normais.

– Mas ainda não se pode ir embora – protestou Mehitabel. – O senhor Ghulbian vai chegar a qualquer momento. – Ouviu-se um helicóptero à distância. – Está a ver ali, é ele. – Os seus olhos verde-escuros encontraram de novo os dele e Marco julgou ver neles uma centelha de triunfo. Perguntou-se, pouco à vontade, o que estaria ela a tramar e o que seria exatamente aquele grito que ouvira.

Passados minutos, Ahmet entrou na sala, com as duas mãos estendidas e o sorriso de boas-vindas nos lábios.

– Peço imensa desculpa por deixá-lo à espera. Está um bocado de nevoeiro lá fora. Muitas vezes é quando a maré muda, fiquei preso durante dez minutos do outro lado do rio, tive de esperar que o nevoeiro dissipasse um pouco. Olhou para a garrafa de cerveja que estava na bandeja de prata e acrescentou: – Fico contente por a Mehitabel ter cuidado de si. Ela é inestimável. Não sei o que faria sem ela. Mantém-me na linha, sabe onde tenho de ir e quando e assegura-se de que vou mesmo. Imagino que todos nós, homens atarefados, tenhamos alguém assim para nos ajudar.

Na verdade, Marco sabia exatamente onde ia e chegava lá por sua própria iniciativa, mas anuiu e disse que estava contente por Ghulbian estar finalmente ali.

– Não me tinha apercebido de que este lugar era tão remoto – comentou. – Nos pântanos.

– Mas é precisamente isso que eu adoro neste lugar. – Ghulbian dirigiu-se ao sofá. – Venha, sente-se, sim? Vamos falar do meu retrato. Lembra-se que pedi que fosse pintado aqui? Agora está a ver porquê. Isto é o meu território. Sou a única pessoa num perímetro de quilómetros, não há mais ninguém sequer aqui perto. Bem-vindo ao meu mundo, Marco.

Inclinou-se para a frente e bateu com jovialidade no joelho de Marco, sorrindo como se fossem dois colegas numa reunião de antigos alunos.

– Acha que percebe o que eu quero dizer? É *aqui* o meu lugar, tanto na vida real como no meu retrato.

Para sua surpresa, Marco percebia o que Ahmet queria dizer. Aquele estranho lugar só podia pertencer a um homem daqueles. Só uma casa daquelas podia conter a sua personalidade volátil, a

capacidade de se transformar em fosse quem fosse que quisesse que se acreditasse que ele era. E, nesse momento, Ghulbian queria que Marco acreditasse que ele era um simples amante do campo, um homem que gostava da paz e do sossego daqueles pântanos perigosos.

– Que espécie de aves selvagens há por aqui? – perguntou, bebendo um gole de cerveja, que estava perfeitamente gelada.

– Quase nenhuma, só de vez em quando uma garça que gosta de fazer o ninho no meu telhado, mas consegui pôr um ponto final nisso. Ninguém quer esses pássaros enormes a voar por aí, a sujarem tudo. Não, eu gosto da minha casa limpa, Marco. Nada de pássaros, nem de cães, nem de gatos.

– Só a Mehitabel – replicou Marco e Ahmet rebentou numa súbita gargalhada.

– Tem razão. Sem dúvida que a Mehitabel pertence a algum mundo animal estranho da sua própria invenção. Mas é eficiente, é esperta e é leal. Que mais pode um homem querer de uma mulher?

– Amor – sugeriu Marco e ficou surpreso quando Ahmet se afundou, chocado, na cadeira.

Ahmet disse:

– Acho que lhe perguntei, no avião, quando vínhamos de Istambul, se estava apaixonado. Não me respondeu, embora tivesse percebido que sim. Eu não tive a mesma sorte. Mas basta disso. Vamos decidir onde quer que pose para o retrato. A princípio pensei no patamar, onde a luz que entra pelos vitrais *Rossetti* é tão bonita. Mas agora acho que é romântico de mais. Sabe que sou um homem prático, um homem de negócios, embora adore todas as artes. – Abriu muito os braços, indicando os quadros, na sua maioria muito modernos, que ladeavam o corredor. – Tenho aqui todos os artistas de que já ouviu falar e paguei mais pela maioria deles do que alguma vez antes se pagou e talvez se venha a pagar. Sou um palerma no que toca a coisas que quero mesmo, Marco. Não me importa quanto custa, tenho de o ter.

Marco achou que era uma estranha filosofia infantil para um homem adulto, mas calculou que aquele tipo de riqueza levava a que se acreditasse que se podia ter tudo o que se quisesse, bastava pagar. Lembrou-se de repente que Ahmet lhe dissera que podia pedir os honorários que quisesse. Nesse momento, apressou-se a dizer:

– Sabe que nunca peço mais dinheiro a um retratado do que aos outros, por mais rico que seja. Atribuo um preço ao meu talento, só isso.

– É assim com os artistas. Os vossos filhos e netos é que vão colher os benefícios. Mas vai fazer o meu retrato, não vai?

O multimilionário durão desapareceu. Era como se Ahmet tivesse duas personalidades: uma durona, indomável; a outra, insegura e vulnerável e que ele geralmente mantinha bem oculta. Marco perguntou-se qual lhe seria dada a ver para o retrato, embora não gostasse do lugar.

Aos olhos de Marco, havia uma escuridão naquela casa que nada tinha a ver com a luz reduzida que passava pelos vitrais. Era mais a sensação de que nem tudo estava bem ali. Mas Ghulbian estava radiante, acolhera-o na sua casa e Marco sentiu-se imediatamente envergonhado com os seus pensamentos. É certo que a casa era escura e a sua localização remota pouco atrativa, mas o seu anfitrião oferecia-lhe cerveja e estreava uma garrafa perfeita de *Petrus*, previamente aberta na expectativa da sua chegada, e agora servia-a em copos tão finos que Marco se perguntava quem se atreveria a lavá-los.

Sentiu os olhos ansiosos de Ahmet em si quando bebeu o primeiro gole; sabia que o outro queria que ele adorasse a bebida e gostou dele por isso. Podia ser rico, mas gostava do prazer de dar. E, quando provou o vinho, achou-o suave, mas não arrasador.

– É tão bom que me deixa sem fôlego – disse a Ahmet.

– Eu sabia que ia compreendê-lo. Tem bom gosto, meu amigo. Agora, tem de provar este paté com ele. É uma mulher em Aix-en-Provence que o faz para mim, não é nessa região que se pensa como sendo a terra do paté, isso fica mais para o nordeste francês, mas ela tem a sua quinta de gansos. E também de patos. E, estranhamente, de bisontes, embora esses, claro, não acabem em paté. Acho que mantenho o negócio dela vivo, o que é bom porque tem oitenta e tal anos e está sozinha. Gosto de pensar que a estou a ajudar, e justamente, porque ela é excelente no que faz.

Marco deu por si a apreciar mais Ahmet enquanto ele contava a história; generoso com o seu tempo, o dinheiro e a compaixão. Era raro num homem rico, a maioria não tinha tempo para ninguém além de si e das obras de beneficência, extremamente anunciadas, em que os seus relações-públicas se envolviam. Além disso, o paté era excelente, servido em triângulos finos de tostas estaladiças.

– Perfeito com o vinho – concordou Marco. – Que, a propósito, pode muito bem ser o melhor que já provei. A Martha e eu não vamos muito além das habituais compras de supermercado, exceto quando estamos em França, e nesse caso quase não importa onde se comprem as coisas, até nos minimercados como o Casino se acaba sempre com alguma coisa boa. – Reconsiderou. – Bem, digamos que bebível.

– Vou enviar-lhe uma garrafa. – Ghulbian ergueu uma mão para descartar o cortês protesto de Marco. – Por favor, será um prazer. E não nos esqueçamos de que estou a tentar suborná-lo para me pintar o retrato.

– Está a fazer com que me seja muito difícil dizer que não.

– Então, enquanto pensa, porque não me faz companhia no iate, o *Lady Marina*. Tire uns dias, traga a sua adorável noiva, vamos todos conhecer-nos melhor. Prometo-lhe que o vinho será bom, e talvez até consiga convencer a Martha a aceitar-me como cliente.

Amaciado pelo bom vinho, o delicioso paté, a generosa hospitalidade e o encanto de Ahmet, Marco concordou e marcaram uma data para a semana seguinte. Iriam no avião *Cessna 520* de Ahmet para Nice e depois seguiriam de helicóptero para o iate, ancorado ao largo da costa, porque era demasiado grande para os portos da região. A partir daí, passariam uns dias de «passeio», como lhe chamou Ahmet, pela costa da Dalmácia, onde o mar era o mais azul que Marco alguma vez veria, disse ele, escuro e profundo, fresco e convidativo mesmo nos dias mais quentes.

– Prometo-lhe que nos divertiremos – disse quando se foi despedir de Marco ao helicóptero. E Marco acreditou na promessa.

A casa nos pântanos tornara-se o lar de Mehitabel e era o lugar de que ela mais gostava no mundo inteiro. Já vira a maior parte do «mundo» nas suas excursões com Ahmet, quer a bordo do *Lady Marina*, com as suas paragens em muitos portos da Europa e do Médio Oriente, quer no *Cessna 250* que, embora tivesse já alguns anos, continuava a ser o avião preferido de Ahmet, que ele se recusava trocar pelo modelo mais recente. Ahmet era um homem que por vezes ficava preso aos seus hábitos e Mehitabel considerava que parte do seu trabalho consistia em mantê-lo a par dos brinquedos mais recentes e caros disponíveis para um homem como ele. Claro que os «brinquedos» incluíam mulheres, de quem ela era procuradora-chefe.

Mehitabel não se fizera ao mundo com esse emprego em vista, embora o lado vaporoso da vida sempre a tivesse atraído pela sua natureza, com o seu caráter sigiloso, o seu estatuto de «estar por dentro», a sua predisposição para a violência.

Tinha começado da maneira que qualquer mulher atraente vinda de um estatuto social baixo poderia fazer, posando nua para revistas e depois passando facilmente para a pornografia, embora preferisse vender outras mulheres que a si própria. Se fosse dada a conhecer a verdade, e certamente que não seria, Mehitabel não gostava de sexo. Na verdade, desprezava-o. Fosse como fosse que olhasse para a questão, o sexo dava controlo aos homens, eram eles que entravam, a mulher limitava-se a receber. Até mesmo em jogos de sadomasoquismo, com as meias de rede, saltos altos e chicote, era tudo teatro, até ao dia em que não fora e ela fez descer o chicote com demasiada força, embora ele lhe tivesse pedido misericórdia, qualidade que sabia não possuir. Matara-o. Fora o primeiro e gostara.

O ato ocorrera numa ilha privada ao largo da costa da Grécia, um lugar onde os ricos e às vezes famosos faziam os seus jogos de paradas altas, jogando mesmo a vida e a morte. Mehitabel tinha visto muita coisa, mas continuava a seguir a sua intuição, não porque tivesse medo do que pudesse acontecer, mas devido ao que aconteceria, se falasse, se fosse aos meios de comunicação ou à polícia. E foi assim que se tornou uma mulher em quem esses homens sabiam que podiam confiar. E como acabou por se tornar o braço-direito de Ahmet Ghulbian. Guardiã dos seus segredos. Suprema executora.

Não tinha medo de ser apanhada, nem de que Ahmet a traísse. Como poderia? Ele próprio estava

metido naquilo até aos cabelos. Ahmet era tão desviante e assassino como ela. Ambos malévolos, estavam bem um para o outro. Se ela se importasse com isso, podia ter feito a conta a quantas jovens, algumas tão novas que ainda eram «raparigas» no verdadeiro sentido da palavra, que tinham transposto os portões de Ghulbian haviam partido, como ele dizia a rir, para «o outro lado». Mehitabel não tinha a certeza se haveria outro lado, mas esperava nunca as vir a encontrar lá e, se encontrasse, que elas não a reconhecessem.

Olhou-se ao espelho e contemplou a possibilidade de cortar o seu cabelo de Medusa, talvez experimentar uma cabeleira de cabelo liso preto, ou até um corte pelos ombros loiro, uma abordagem chique que condizia com o seu estilo. Mas, quando puxou o cabelo para trás e o prendeu, afastado do rosto de ossos bem definidos, os olhos estreitos verdes devolveram-lhe o olhar como se a odiassem.

Estava em plena forma física, evidentemente, graças ao ginásio e à pista de corrida que circundava o convés do *Lady Marina*, e que ela usava várias vezes por dia. Doze quilómetros, no total. Mais os pesos, que lhe davam os músculos esguios e compridos e a força de um homem com o dobro do seu tamanho. E claro que tinha perfeito domínio sobre aquilo que comia; todas as garfadas, todos os goles eram alojados diariamente na sua memória e nunca, mas nunca, ultrapassava as calorias estipuladas pelo seu treinador londrino. Mas o champanhe era o seu ponto fraco. Não sabia bem porque era viciada nele, e nunca admitiria sequer que o era, mas queria-o, desejava-o e, graças a Deus, com Ghulbian tinha sempre acesso a ele. Às vezes, acabava por ser muito conveniente quando se tinha uma garrafa à mão para dar cabo de uma ruiva que, sabe Deus como, tinha conseguido regressar dos mortos. Não uma, mas duas vezes.

Mas isso acabara. Angie dera o seu passeio final e Mehitabel precisava de celebrar com mais uma garrafa daquele excelente champanhe francês, não tinha uma marca especial de eleição, mas tinha de ser francês. Visitara Rheims por diversas vezes, bem no centro da região de Champagne, onde provara todos os *vintage*, até à vinha mais pequena que produzia umas meras centenas de garrafas, na sua maioria reservadas a clientes especiais. E claro que lhe bastara mencionar de passagem o nome de Ghulbian para imediatamente se ter tornado membro dessa clientela. Aquele champanhe em particular era agora servido exclusivamente pelo multimilionário e o vinicultor sentia-se bafejado pela sorte por essa honra, assim como por conseguir um preço tão bom e estável pelo seu vinho.

Mehitabel não queria saber da vinha para nada, nem do vinicultor, para ela não passava de mais um homem que a servia, lhe beijava os pés, que dava o seu melhor para lhe agradar. A seu ver, essa era a posição em que os homens se deviam sempre encontrar.

Claro que aprendera à sua custa. Às vezes, depois de uma garrafa do tal e sozinha no seu quarto, Mehitabel perguntava-se se todas as mulheres aprendiam às suas custas. Até aquela coitada daquela cabra, Angie. Meu Deus, se havia mulher que tinha de aprender era Angie, estúpida ao ponto de nem perceber o que se passava e não tentar tirar proveito da situação em lugar de se tornar uma vítima.

Mehitabel nunca tinha sido uma vítima. Nunca se vendera, só vendera outras. Às vezes, perguntava-se se a «maldade» começara com essas transações, a primeira vez que levava uma rapariga da escola para o bosque e a entregara ao homem que lá estava à espera; ficou a ver o que acontecia, de mãos a tapar as orelhas para não ouvir os gritos, para depois fugir com uns quantos dólares no bolso, dinheiro para comprar droga que ela própria nunca consumiria, mas que venderia com lucro, apanhando depois do chão a pobre rapariga idiota a quem a vendera para a entregar a qualquer homem que a quisesse.

Isto aconteceu três vezes, todas em cidades diferentes, em países distintos. Mehitabel era adotada e

não tinha família sua. Quando aqueles acontecimentos tiveram lugar, queixou-se às autoridades de abuso e, de lágrimas nos olhos, era passada para uma família nova, numa nova localidade, um novo recomeçar. Quando fez dezoito anos, foi-se embora de vez, levando consigo um guarda-roupa mínimo e medíocre e duas centenas de dólares.

Agora olhava em redor do seu espaçoso quarto, com as paredes de brocado francês dourado, a cama de dossel onde caía a mais fina seda e os remates dos postes da cama com as suas cabeças de leão; olhava para os ricos tapetes antigos que caíam casualmente um sobre o outro como se fossem os seus tapetes mágicos pessoais. Tinha o roupeiro cheio de roupa de estilistas, feita especialmente para si, que lhe assentava no corpo de modo a nunca haver um vinco. Os sapatos não eram feitos à mão porque ela adorava ir comprar sapatos e preferia comprar os melhores em Roma, Florença e Paris. Tinha um roupeiro especial para as malas, previsivelmente *Hermès*, símbolo da mulher nova-rica. Só *Hermès*, em todas as cores e tipo de pele, desde cobra e crocodilo a couro. As joias eram minimalistas mas caras, sendo as suas preferidas os diamantes e os *Rolex Oyster* de platina.

A única coisa que faltava, pensou Mehitabel enquanto olhava em redor do seu quarto luxuoso, era tonar-se a única proprietária do negócio em que estava envolvida. Era próxima de Ahmet e ele estava tão acostumado a ela que confiava nela implicitamente, algo que Mehitabel sabia que ninguém devia fazer. Não só conhecia todos os segredos pessoais de Ahmet, como agora sabia todos os seus segredos profissionais, com quem lidava, quando e onde. E a sua intenção era usar isso.

Martha tinha acabado um trabalho importante e complicado, a desenhar uma cozinha de campo britânica no meio de Londres para uma russa que queria todas as invenções americanas da última moda, incluindo três frigoríficos com porta de vidro, para que tudo no seu interior estivesse à vista. Martha avisou-a que teria de mudar a fruta e os legumes todos os dias para manter a imagem perfeita, mas a cliente não se deixou abalar. «De qualquer modo, comemos fora quase todas as noites», foi a sua resposta.

Tal como as flores com que a casa estava sobrelotada, os frigoríficos serviam apenas para serem mostrados. Era desencorajador tanto trabalho, pensar tanto e tanto esforço colocados ao serviço de um lugar em que nunca se viveria de facto. Martha não era esse tipo de decoradora, mas não se podia dar ao luxo de recusar o trabalho e teve de admitir que, uma vez terminado, com todos os legumes a brilhar, todos os arranjos florais com o seu brilho perfeito na enorme jarra de cristal, no sítio certo, tinha um ar excelente. E a cliente estava encantada, o que fez Martha sentir-se bem.

Agora encontrava-se num período calmo. Estava livre e talvez pudesse tirar umas férias com Marco, que precisava de uma pausa de Ahmet Ghulbian. Ele contou-lhe que Ahmet os convidara para o seu iate, o *Lady Marina*, que ia fazer um cruzeiro pela costa da Dalmácia. Ela não mostrara grande entusiasmo, preferia que estivessem sozinhos, mas depois, assim do nada, se bem que mais tarde achou que Marco tivera algo a ver com isso, recebeu um telefonema.

– O meu nome é Mehitabel – disse a mulher que lhe telefonou. – Sou assistente pessoal de Ahmet Ghulbian. O senhor Ghulbian ouviu o senhor Mahoney falar bem do seu trabalho.

A voz de Mehitabel era grave e falava tão baixinho que Martha teve de fazer um esforço para a ouvir.

– É sempre bom ouvir isso – respondeu, cautelosa, porque nunca se sabia quando alguém ia pedir que trabalhasse de graça, ou com um grande desconto, simplesmente por ser primo de alguém, ou por ter andado na escola com alguém, que nos conheceria.

– O senhor Ghulbian gostaria que desse uma vista de olhos à sua casa de campo – disse Mehitabel.

Martha pensou rapidamente se seria correto decorar a casa de campo do magnata; com Marco a pintar-lhe o retrato, as coisas pareciam estar a ganhar uma intimidade que punha em causa o conforto, mas não havia dúvida de que seria um trabalho lucrativo e prestigiante. Talvez Marco não se importasse que ela trabalhasse para o magnata? Mas, por alguma razão, sentia-se pouco à vontade.

Não conseguia apanhar Marco ao telefone, nem com mensagens, por isso decidiu dar um golpe de fê, visitar Marshmallows, conhecer Ghulbian e perceber o que era tudo aquilo.

Chegar a Marshmallows não era fácil, ficava no sudeste dos pântanos ingleses, mas Martha recusou a oferta de Ghulbian, um helicóptero que a levasse lá. Queria ver a disposição do terreno, as casas da vizinhança, os jardins e a paisagem, para se surpreender com o caráter totalmente remoto daquele lugar e a falta daquilo a que ela chamava características «adoráveis».

Não havia árvores e, para Martha, uma casa grande numa paisagem sem árvores era como uma mulher bem vestida sem joias ou que tivesse esquecido o perfume. Tudo o que via enquanto conduzia era uma casa cinzenta plana que parecia enraizada no terreno onde se encontrava. As pequenas janelas com moldura de madeira refletiam as nuvens também cinzentas e o telhado de telha igualmente cinzenta fazia pressão de cima. Ficou com a impressão de que a casa estava a tentar esconder-se. «Não vive aqui ninguém», parecia dizer-lhe. A única coisa com vida, com beleza, era o ninho da garça em cima de uma chaminé de onde uma graciosa ave branca espetava o bico, protegendo as crias. Fosse como fosse, animou o coração de Martha quando acelerou no caminho de acesso com gravilha e parou junto dos quatro degraus rasos de pedra que davam para a porta principal, onde Ahmet a esperava de pé, com um sorriso no rosto e os dois braços estendidos num gesto de boas-vindas.

– Minha querida Martha, não imagina como fico feliz ao vê-la aqui. Bem-vinda a minha casa, ou, pelo menos, à casa que espero que, com o seu prodigioso talento de *designer*, venha a transformar na minha verdadeira casa.

Martha saiu do carro e deu por si nos braços de Ahmet. Foi um abraço rápido, mas ele apertou-a ligeiramente de mais e por um instante excessivo, de modo que os seus seios foram pressionados contra o peito dele. Foi um momento efêmero, mas bastou para a deixar pouco à vontade. Disse a si mesma que estava a ser tola e claro que Ahmet não tivera intenções de nada com aquele abraço, que ele era um bom homem, uma figura conhecida no mundo das obras de beneficência, um homem que só fazia o bem à humanidade, aos que sofrem, e um homem por quem ela agora ia dar o seu melhor para criar o «lar» que ele tanto parecia querer.

Ahmet abriu a grande porta principal, e não apenas a secção interior e mais pequena, para que Martha pudesse ver todo o efeito do corredor baronês e a escadaria branca com vitrais Art Nouveau e incitou-a a entrar. Claro que Martha ficara a saber de pormenores da casa por Marco. «Estranhamente esquelética», dissera ele, e agora ela via o que ele queria dizer. Estava tudo ali: os sofás de brocado caro; a imensa lareira de pedra calcária, obviamente comprada a uma mansão francesa; o reluzente candelabro veneziano; o enorme relógio de pé, feito de um feio mogno amarelado e cujo tiquetaque era demasiado forte; o chão de mosaicos brancos e pretos que, numa casa diferente, seriam elegantes, mas naquela estrutura sólida estavam deslocados. Tudo o que ela via era caro, com antiguidades pesadas que em tempos haviam pertencido a algum lugar, e nenhuma das quais, decidiu ela de imediato, pertencia ali.

– Bem? – Ahmet estava parado ao lado dela, de braços cruzados no peito, com um sorriso divertido no rosto.

– Ora bem, mesmo! – repetiu Martha, abanando a cabeça.

– É portanto pior do que pensava?

Ela teve de rir perante a sinceridade dele.

– É péssimo – disse ela. – Não quero ser indelicada, senhor Ghulbian.

– Ahmet, por favor.

– Ahmet. – De repente, não sabia o que chamar ao seu cliente. – Mas seja quem for que fez isto usou muito dinheiro e pouco tempo, e não tem gosto nenhum.

Ahmet soltou uma súbita gargalhada e ela virou-se para olhar para ele. Em vez de ficar aborrecido por ela desdenhar da sua casa, parecia considerar a coisa mais divertida que já ouvira na vida.

– Caramba – exclamou ele por entre gargalhadas –, como vocês, os ingleses, dizem, não tem papas na língua.

– Descobri que é uma perda de tempo. Os clientes contratam-me pela minha experiência e reputação, e pelo meu bom gosto. Seja quem for que contratou para fazer isto, enganou-o e lamento porque obviamente custou muito dinheiro. Muito mais – acrescentou, agora mais cuidadosa, avaliando com o seu olhar experiente as proporções, a altura do teto e a profundidade das janelas – do que eu irei cobrar. – Virou-se para observar novamente. – Isto *se* me contratar. Aviso-o que, embora não seja o que pagou antes, não vai ser barato.

– Não é *barato* que eu procuro, senhora Patron. – Ahmet atirou as mãos ao ar. – Ah, vou tratá-la por Martha. Acho que nos vamos conhecer muito bem e não sou capaz de manter esta coisa formal de lhe chamar senhora Patron de cada vez que lhe telefonar. Mas, seja como for, às vezes obtém-se «barato» quando se pagou muito dinheiro. Infelizmente, foi o meu caso.

– Vou tirar isto tudo, mando as coisas para a leiloeira e asseguro-me de que consegue um valor justo, ainda que não garanta que recupere o que pagou.

Sabia que Ahmet tinha pago excessivamente, era o que acontecia aos muito ricos, que pareciam nunca saber bem o verdadeiro valor de nada, exceto nos negócios, comprar e vender imóveis, ações, barcos, ilhas na Caraíbas... aí estavam a par. Pensou na bela e arrepiante Mehitabel. Certamente, uma das suas funções seria verificar as compras do patrão, garantir que pagava o acordado e que lhe eram dados os recibos para os impostos.

– O que vou fazer é voltar aqui com a minha assistente, tirar as medidas a todas as divisões da casa, a todas as passagens, corredores e recantos da cozinha. Podemos acabar a fazer bastantes remodelações, Ahmet.

Disse o nome dele com um sorriso. Ahmet retribuiu com um dos seus sorrisos demasiado íntimos e Martha, constrangida, virou-se, compondo o cachecol para que fluísse sobre os seios, por cima da camisola. Tinha as calças de ganga enfiadas nas botas pretas e rasas e trazia o casaco, uma peça britânica de três quartos, verde encerado, conhecida como Barbour, que se via sempre em eventos no campo, e agora até em Knightsbridge, em Londres. Tornara-se onnipresente. Servia para todas as ocasiões, quer fizesse chuva ou sol, que era o que implicava sempre uma ida ao campo. Chuva ou sol.

Nesse dia estava com sorte e tivera sol, e agradecia a Deus por isso, porque naquelas terras baixas, debaixo das nuvens ameaçadoras, aquela casa precisava de toda a ajuda disponível.

– Diga-me uma coisa, Ahmet – disse ela, enquanto ele a acompanhava ao carro. – O que o levou a escolher esta parte do mundo? Foi só a casa? Ou... – levantou os braços – gosta deste pântano todo?

Ahmet ficou em silêncio por um instante, a pensar.

– Bem – respondeu por fim. – Como a casa já cá estava, é evidente que não fui o primeiro a achar este lugar interessante. E empolgante também, de certa forma. Todo este prado verde e plano... um *pantanal*, na verdade... parece um relvado gigantesco, comprido, que conduz ao rio, e pode vê-lo daqui, aquela língua bastante brilhante no horizonte. Para mim, tem uma beleza única. Duvido que

consiga um terreno destes em qualquer parte do mundo, bem, talvez na Camargue, que fica no sudeste de França, mas, mesmo assim, não é bem como isto. Não tem esta... vivacidade... Este verde extraordinário. O seu Marco viu-o tão bem, com os olhos de pintor, percebeu porque me tinha apaixonado por este sítio. Também é o silêncio, referiu Marco. E, sim, tem razão. Diga-me, o que ouve, Martha? Só o suspiro do vento, as ociosas ondulações na água, o ocasional bater das asas, uma garça em voo. Não se ouve o ruído de comboios suburbanos na distância, nem voos baixos por cima da nossa cabeça, nem autoestradas cuspidos fumos. Ah, não, isso é que não. O que temos aqui é natureza pura. E é por isso que adoro este sítio.

O discurso sentido tirou o fôlego a Martha.

– Fez o que tinha a fazer – concordou ela. – E agora vou dar o meu melhor para tornar este lugar ainda mais perfeito para si.

Ahmet pegou-lhe na mão dobrando-se para a frente quando ela entrou no carro.

– É uma honra para mim – disse.

E era verdade.

Chamou-a quando estava de partida.

– Então vai ter uma assistente?

– A minha irmã, Lucy. – Acenou um adeus por cima do ombro.

Ahmet sorria quando entrou em casa e fechou a porta.

Martha sabia exatamente o que fazer em Marshmallows: faria uma Syrie Maugham. Syrie era não só a mulher do célebre escritor Somerset Maugham, como também uma reputada decoradora de interiores no seu tempo, e criara um ambiente novo e moderno, afastando-se das peças antigas, pesadas, e das traves escuras, dos papéis de parede vermelhos que continuavam a ser reflexo da era vitoriana. Syrie transformava casas pintando as paredes de tons pálidos, impregnava-as de branco e luz, com cortinas de seda suaves e sofás de linho, tapetes pálidos e soalhos pintados de branco, abajures drapeados forrados a dourado que projetavam um brilho especial, tudo com o objetivo de tornar as mulheres mais belas com as cores e luzes suaves.

A casa de Ahmet parecia um retrocesso a tempos feudais, quase num estilo de filme de terror. Precisava de ser aligeirada e era justamente isso que Martha pretendia fazer. Passou-lhe pela cabeça que ele podia não gostar de ser «aligeirado», mas, bom, tinha-a contratado, era isso que ela fazia e era isso que ele iria ter. E no livro dela ficaria muito melhor do que estava agora. *Mais!* Ficaria maravilhosa, caramba, iria assegurar-se disso. Iria também consolidar a sua reputação. Estava bem ciente de que não se redecore a casa de um multimilionário sem atrair as atenções, isso era certo.

Nessa noite jantou com Lucy no Scott's, em Mayfair, mimando-se com ostras, que comeram simples, sem molhos elegantes, apenas umas gotas de limão para que a humidade deslizesse sumptuosamente pela garganta.

– A seguir vou comer o halibute – declarou Lucy, atacando o cesto do pão.

– E imagino que queres batatas fritas como acompanhamento. – Não era uma pergunta; conhecia muito bem a irmã e sabia que ela estava sempre com fome. Para um ser que parecia mais uma pobre órfã do que uma bailarina, Lucy comia bem, quando tinha oportunidade, claro. Martha preocupava-se com a perpétua falta de trabalho de Lucy e com a sua fixação numa vida de palco ou de televisão ou cinema, provavelmente até de pantomima se surgisse a oportunidade: Dick Whittington e o Seu Gato,

Robin Hood e os Seus Homens Joviais...

– Lucy, já chega de brincares à Branca de Neve – disse ela. Não era raiva que sentia pela irmã, era medo pelo seu bem-estar. – Hoje em dia, as pessoas já não morrem de fome pela sua arte.

– Se não tiverem dinheiro, morrem – afirmou Lucy, enquanto barrava manteiga noutro pedaço de baguete. – Devias experimentar isto – acrescentou. – A manteiga é mesmo boa.

– Nem vale a pena, já comeste quase tudo.

Lucy ergueu um olhar calculista à irmã. Pousou o pedaço de pão com um suspiro.

– Muito bem. O que se passa? Diz lá o que fiz de mal desta vez.

Martha mirou a irmã, muito magra nas calças de ganga e *T-shirt* dos Rolling Stones que ela podia jurar que se lembrava da juventude de ambas; não havia qualquer sinal de maquilhagem, provavelmente porque não tinha dinheiro para isso, nem verniz nas unhas, provavelmente pela mesma razão. Na verdade, a razão para Lucy ainda ter um teto era a família Patron, felizmente, ainda ter a casa em Chelsea, agora dividida em apartamentos. Lucy tinha duas divisões na cave, aonde se chegava descendo uns degraus de cimento que estavam numa zona pequena da casa, e quase se esbarrava na porta quando nos virávamos para a abrir. Tinha um armário de cozinha, que parecia ser usado unicamente para preparar infindáveis chávenas de café, que, por algum milagre de destreza financeira, nunca faltava lá em casa. Também parecia nunca faltar cerveja, que Martha desconfiava ser na sua maior parte fornecida pelos rapazes que iam visitar as três raparigas divertidas que ali viviam.

«Olhem só», pensou Martha, vendo a irmã devorar o jantar enquanto lançava um sorriso a Martha e conseguia ao mesmo tempo contar-lhe sobre o trabalho de representação que lhe escapara. Como todos os outros.

– Por enquanto, claro – declarou Lucy, avaliando a irmã como tinha sido avaliada. – Estás fantástica, Marthie – elogiou ela, saindo-lhe a antiga alcunha da infância. – Toda loira e linda, a mulher perfeita. E então? – Ergueu as sobrancelhas, o garfo a meio caminho da boca. – Afinal, quando vais casar com ele?

– Estás a falar do Marco?

Lucy revirou os olhos de prazer ao provar o linguado de Martha.

– *Mmmm*, devia ter pedido isto.

– Podes comer tudo, se quiseres.

Martha empurrou o prato para a irmã, que sorriu e o empurrou de volta.

– Não estou assim tão mal que tenha de comer a tua comida.

– Estás sim. E é por isso que tens de fazer alguma coisa. – Martha inclinou-se, aproximando-se. – Tenho uma proposta para te fazer.

Lucy revirou novamente os olhos.

– Provavelmente, é a única que alguma vez me farão.

– Não brinques. Estamos a falar da tua vida.

– Queres dizer que estás *tu* a falar.

Lucy era bem teimosa quando queria. Além disso, não queria ouvir falar de trabalho nenhum, a menos que fosse num palco qualquer. Até nos bastidores servia, a pintar o cenário, a empurrar as câmaras por ali, a varrer o raio do chão.

– Quero que venhas trabalhar para mim. – Martha viu a cara de Lucy tornar-se pedra. Ergueu uma mão para a impedir de dizer imediatamente *deves estar a brincar...*

– Não, *não* estou a brincar, Lucy, e, sim, preciso de ajuda, e tu também. Não estou a dizer que seja para sempre, mas ia fazer-te sair desse buraco, desse desânimo em que estás, e ao mesmo tempo ajuda-me quando eu preciso. Ofereceram-me o maior trabalho da minha carreira até agora, a redecorar uma casa de campo importante para um homem de negócios. – Pensou por um instante. – Bem, na verdade, *magnata* é a única palavra para o descrever. Estou a falar de Ahmet Ghulbian.

– Deves estar a brincar – acabou afinal por dizer Lucy. Deixou-se cair na cadeira, estupefacta.

Martha fitou-a.

– Não estou, não. Porquê?

– Porque o Ahmet Ghulbian pagou-me uma bebida noutra noite quando eu estava encalhada, sem dinheiro, e ele estava na mesa ao lado. – Lucy explicou o que tinha acontecido. – Na verdade, ia pedir-te trinta libras para lhe devolver o dinheiro. Não gosto de ficar em dívida para com um homem, especialmente que não conheço, mesmo que seja um magnata e se possa dar a esse luxo.

Martha pensou que a irmã nunca aprendia; ia ser ingénua a vida inteira, como agora, a achar que um homem tinha pena dela e lhe pagava o jantar sem pensar sequer num retorno, que certamente não seria monetário.

– Às vezes, Lucy – disse ela friamente –, sou obrigada a pensar que és uma cabra estúpida.

– Foi só um copo de champanhe. Martha, eu estava no Ritz! O que podia fazer?

– Podias ter-me ligado, eu dava o número do meu cartão de crédito.

– Oh, bem, ele chegou lá primeiro com o dele. – Lucy rasgou um sorriso. – O seu sorriso enfeitiçava, o cabelo loiro a cair-lhe nos olhos, o rosto sem maquilhagem limpo e brilhante. Naquele momento, parecia ter quinze anos e Martha suspirou e ficou com pena.

– Então, ficas com o trabalho de minha assistente neste projeto ou não?

– Podes crer – respondeu Lucy, novamente a sorrir.

– Seja como for – disse Martha –, fomos convidadas para o iate dele, o *Lady Marina*, na próxima semana.

– Eu *tenho* de ir? – perguntou Lucy.

– Estamos a falar de trabalho, Lucy. Lembra-te disso. E a resposta é sim, temos de ir.

No dia seguinte, Martha foi de avião para Paris ter com Marco. Mais tarde, preparou o jantar no apartamento dele e, uma vez que gostavam de comidas diferentes, foi uma refeição variada. Para ela, salada verde, tomates guisados com parmesão e camarões com uma boa maionese de alho. Para ele, bife do lombo grelhado e uma batata assada com manteiga de lado. Nada que ela pudesse fazer poderia afastar Marco da comida da sua juventude. Tudo bem, só que ela gostaria que ele moderasse um pouco a manteiga. Mas tinha outras coisas mais importantes do que manteiga para falar nessa noite, algo que ela apanhara, por acaso, um pouco antes no jornal:

MULHER DE BROOKLYN DESAPARECIDA, lia-se em grandes letras pretas por cima da fotografia de uma rapariga bonita cujo cabelo emoldurava o rosto numa efervescência de energia. Como se pudesse ir-se embora a voar com aquele cabelo, pensou Martha. Lembrou-se da descrição que Marco fizera da ruiva que «desaparecera». Agora ali estava aquela rapariga, oficialmente «desaparecida», por escrito, no jornal. Não podia haver duas mulheres com essa descrição, com esse cabelo, que tivessem desaparecido de repente. Afinal, ele estava certo.

Marco encontrava-se encostado ao lava-louça a ver os preparativos, com um copo de rosé gelado na mão e a cabeça noutros assuntos.

– Então? – questionou ele por fim.

Martha lançou-lhe um olhar.

– Então... o quê? – perguntou, sem lágrimas, embora estivesse a picar cebola.

Marco achava espantoso que Martha nunca chorasse quando picava cebola. Mais um dos seus talentos especiais.

A cozinha de Marco tinha sido remodelada por Martha. As bancadas de concreto polido eram a única cedência à estética dele. Pessoalmente, teria preferido um granito prateado. Contudo, o cenário para lá da bancada era ímpar: a clássica linha do horizonte parisiense, de telhados e chaminés. Mais abaixo, as paulóvnias agrupavam-se na praça, enquanto carros minúsculos dobravam esquinas, com os travões a guinchar, numa busca infundável por um lugar de estacionamento que não existia.

– Então? O que achas? – quis saber Marco.

– O que acho do quê?

– De quem?

– Como?

Ele suspirou.

– Martha! Sabes do que estou a falar. *De quem* e do que estou a falar é da rapariga ruiva.

Martha parou de cortar. Limpou as mãos ao avental de talhante, com riscas brancas e azuis, e tirou o recorte de jornal do bolso. – Vi isto hoje no *Herald Tribune*. Estava a guardá-lo para depois do jantar, na esperança de primeiro termos um tempo para nós, mas estou a ver que não estás completamente virado para aí. Para *mim*. Estás a pensar noutra mulher. – Entregou o recorte a Marco.

– Lê, está bem?

De copo numa mão e recorte na outra, Marco olhou casualmente para o segundo e depois leu-o.

– Merda. – Bateu com o copo na bancada de concreto. – Martha! Tens noção do que isto é?

– Claro que tenho.

Foi a vez de Martha se encostar despreocupadamente à bancada. Mas primeiro baixou o lume do bife. Usava uma blusa branca de manga curta, calças de ganga brancas e o avental azul e branco. Estava descalça e tinha o cabelo loiro preso atrás por uma fita verde que prendera os legumes trazidos do supermercado.

– É uma fotografia da rapariga que dizes ter visto. Diz que está desaparecida, que não apareceu no restaurante onde trabalha como anfitriã. A senhoria disse à polícia que não a tem visto e que não obteve resposta quando bateu à porta nem quando lhe telefonou.

Marco leu novamente o recorte.

– Parece que ninguém tem o número do telemóvel dela. Não achas que isso é estranho, nos nossos dias? Toda a gente comunica por telemóvel.

– Como se chama ela?

– Angela Morse. Tem vinte e um anos. A sua «casa» é um apartamento de duas divisões num prédio antigo de Brooklyn. – Tornou a ver a morada. – Eu diria que não é uma zona muito boa de Brooklyn. Uma jovem com aquele aspeto teria de estar sempre alerta, para voltar a casa à noite, tinha de conhecer bem a vida de rua e ter olhos na parte de trás da cabeça.

– Então, o que estava uma rapariga de Brooklyn a fazer sozinha numa pequena vila costeira da Turquia?

– Mais importante do que isso, o que estava uma rapariga de Brooklyn a fazer num iate no mar Egeu?

– A cair dele – replicou Martha, com uma súbita palpitação ao contemplar a ideia de que provavelmente era verdade e a ruiva se tinha afogado mesmo diante dos olhos de Marco.

– Lamento muito.

Estendeu a mão e tocou ternamente em Marco, encostando a cabeça ao ombro dele. Já não tinha dúvida, e Marco também não, de que Angie Morse era a rapariga que Marco vira afundar-se.

E Marco não tinha dúvidas de que teria de fazer alguma coisa em relação a isso.

Ahmet encontrava-se sentado ao pé da lareira, agora reduzida a brasas. Olhou para o relógio. Três da manhã. Estava ali sentado, sozinho, há cinco, talvez seis horas. Acabara o vinho tinto, que bebeu da garrafa, uma vez que tinha estilhaçado o copo e não valia a pena levantar-se para ir buscar outro quando a única coisa que queria era embebedar-se. O vinho não chegava para tal e passara ao uísque e depois à *tequila*, a sua bebida preferida nesse momento. Gostava da sua rudeza, comparada com o malte meloso do uísque, ainda que, sem dúvida, em breve mudasse novamente. Também achava a *tequila* útil para embebedar mulheres, não as deixando cair da cadeira, mas relaxando-as o suficiente para os seus «valores», como invariavelmente chamavam à sua posição modesta relativamente a fazer sexo na primeira saída juntos. Bom, *okay*, ele também tinha os seus valores: acaso as rosas brancas que enviava e a ocasional peça de bijuteria não contavam como cortejar, pelo menos o bastante para que pensassem que se estava a apaixonar por elas.

Quantas tinham sido até agora? Quantas mulheres em quantos países? Às vezes, perguntava-se como podiam as raparigas desaparecer sem alvoroço, muito embora as escolhesse com muito cuidado, claro. Tinham todas de se conformar aos mesmos critérios: viver sozinhas, não ter família, ou pelo menos ninguém tão chegado que fosse à procura delas, trabalhar num tipo de emprego que facilmente se trocava, onde ninguém se importava que fossem para outro lado, e tinham de pertencer a essa população flutuante de jovens a tentar chegar a algum lado.

Claro que quase todas as mulheres tinham amigos, mas nem todas tinham amigos íntimos que estivessem sempre a ver. Descobriu que havia muitas raparigas solitárias no mundo, as que apareciam em empregos temporários, de café da Starbucks na mão, sorrisos de bom-dia na cara. Iam sentar-se em cubículos fechados a fazer telefonemas para tentar vender fosse o que fosse que se quisesse vender, geralmente sem grande êxito. Uma pausa para o almoço, uma sanduíche ou um hambúrguer, saída às cinco ou às seis, ir buscar uma fatia de piza e uma *Coca-Cola* ou uma garrafa de vinho barato a caminho de «casa», um quarto alugado com uma casa de banho partilhada ao fundo do corredor.

A sua técnica era simples. Atualmente, conseguia descobrir quase tudo sobre qualquer pessoa através do portátil. Poupava imenso tempo. Era fácil escolher alguém, manipular um encontro casual nas lojas das pizzas, ou no café que ela frequentava, um tipo de cenário «que bom vê-la aqui de novo», ou como com Angie, num restaurante. Não era preciso ir ao Match.com ou ao Christian Mingle; um homem como ele não precisava de engatar uma mulher *on-line*, especialmente uma que

andasse «à procura de amor». Era rico e bem-sucedido e por isso era famoso. As mulheres queriam-no. E ele queria matar mulheres. Já se pusera a pensar porque fazia aquilo, pensara na mãe que detestava, na sua vida com mulheres de véu, algo que o deixava a sentir-se exposto e vulnerável, como homem, sem lugar onde se esconder. Mas isso era uma parte secreta de si e nunca reconhecida sequer por si. Ele era quem era. Fazia o que fazia. E gostava do poder que isso lhe dava.

Continuava a irritar Ahmet o facto de não ser aceite pela classe alta britânica. Claro que se misturava com eles, em Ascot, onde às vezes tinha um cavalo nas corridas, e em Henley, para as corridas de barcos, onde dava a sua própria festa Pimms' Cup. *Pimms* era a tradicional bebida de Henley, feita com gim, servida em copos altos com fruta até ao cimo. Caía no estômago como uma chuva suave e sem se dar por isso estava-se embriagado, da melhor maneira possível. Para evitar a embriaguez, servia salsichas grelhadas, ao estilo americano, em pãozinhos de cachorro que os seus convidados britânicos, maravilhados, diziam que «caía no goto».

Era bem conhecido pela sua generosidade: dava dinheiro a todas as obras de beneficência importantes que informavam a imprensa, mas também contribuía anonimamente para obras com o propósito de reintegrar jovens vagabundos encontrados a dormir em caixas de cartão debaixo da ponte e à porta de lojas. Nunca deixava de lhe passar pela cabeça que lá – não «pela graça de Deus», mas pelo homicídio de Fleur de Roc – estava ele. Fleur lançara-o, sem o saber, no caminho para o sucesso.

O que ele não conseguia esquecer, contudo, eram os olhos abertos de Angie, que o olhavam do mar Egeu azul. E da raiva que continham.

Agora Angie estava ali, sedada e trancada num quarto, observada pela espantosa Mehitabel, cujo sangue gelado por vezes até enregelava o do próprio Ahmet. Era um homem mau. Nascera nele o mal. Era isso que ele era, e era esse o caminho que tomara, apesar do êxito e de tudo o que ele trazia consigo. Tal como estava em Mehitabel, mas ele nunca deixava de se maravilhar com a arrepiante falta de emoção dela. Era a parceira ideal.

Tinham-se conhecido dez anos antes, numa ocasião em que ela fora a um *cocktail* oferecido por ele para angariar fundos para os sobreviventes de alguma catástrofe global, uma festa que lhe granjeou grande mediatismo, elogiando o seu trabalho de beneficência e a sua generosidade. Mehitabel chegou de braço dado com outra mulher, uma loira do tipo «Página Três Playboy do jornal *Sun*» que rapidamente lhe impingiu, dizendo que ele podia gostar de a conhecer.

Ambos sabiam o que ela queria dizer com «conhecer». Infelizmente, Mehitabel percebera mal; a loira não fazia nada o tipo de Ahmet. Queria uma mulher de classe no seu braço, não alguém que dava a sensação de ter sido comprada e que sem dúvida esperava que ele comprasse mesmo. Livrou-se dela rapidamente e abandonou a sua própria festa para ir dar uma volta na rua. Pela primeira vez em anos, deu por si a perguntar-se o que seria de si, aonde se dirigia e até quem era. Na verdade, tudo o que era fora fruto da sua própria invenção. Ninguém conhecia Ahmet Ghulbian. Nem ele mesmo.

Mehitabel seguiu-o até à rua. Ele ouvia os saltos dela no passeio atrás dele, mas não abrandou o passo para lhe permitir que o alcançasse. O que fez foi caminhar durante quilómetros pelas ruas escuras de Londres, uma cidade onde nem sequer tinha uma casa. Sentia-se um sem-abrigo como os jovens a quem a sua obra de beneficência resgatava dos caixotes debaixo da ponte; não era melhor do que eles. Conhecia intimamente a vida que viviam. Continuava a ser um deles. Só que mais esperto.

Dobrou a esquina e encaminhou-se rapidamente para a porta de uma loja. Mehitabel apareceu na esquina com os saltos a telintar. Ele lançou-lhe o braço em redor do pescoço, arrastou-a para trás e apertou-a contra si. Rosnou-lhe a pergunta: o que queria ela?

– A ti. – Foi a resposta de Mehitabel.

Soltou-a. Ficaram frente a frente. Havia uma débil luz vinda do extremo da arcada.

Desta vez, pôs-lhe as duas mãos à volta do pescoço. A pele dela era sedosa sob os polegares de Ahmet; só teve de pressionar, ali onde estava a pulsação. Fitou, hipnotizado, essa pulsação, a carne viva sob as suas mãos, e depois o rosto sem sinal de medo.

– Posso matar por ti – sussurrou ela.

A garganta mexeu-se sob os dedos dele ao falar e Ahmet sentiu-se subitamente encharcado em suor. Os joelhos fraquejaram, ele queria-a, mas não a queria. Parecia-se demasiado com ele.

– Posso arranjar as mulheres que queres, sei o que procuras.

Ahmet deixou cair as mãos ao longo do corpo.

– Como sabes?

– Sou como tu. Sabia-o ainda antes de nos conhecermos, antes do *cocktail* para os rapazes sem-abrigo. Estás a ajudá-los porque foste um deles. O bem só pode partir de um coração mau quando este é tocado pela memória pessoal.

Era verdade, pensou Ahmet, sentado, inquieto, à frente das brasas que esmoreciam, com a garrafa de *tequila* na mão, reconhecendo a solidão do seu coração, que subitamente se mostrava assustadora. Não tinha amigos, nenhum homem o conhecia de facto. Os rapazes que ajudava através da obra de beneficência apareciam nas reuniões, nas apresentações, nos agradecimentos públicos, e muitos escreviam a expressar a sua gratidão e a contar como a sua vida mudara por causa dele. Mas nenhum queria ser seu amigo. Ele era o famoso multimilionário e eles tinham a certeza de que ele não queria ter nada a ver com as suas vidas pequenas e vulgares.

E os homens ricos que conhecia? Talvez porque sentissem algo diferente debaixo da fachada de alegre bonomia, os agradáveis senhores bem vestidos, que ostentavam a sua riqueza, os *Bentleys*, os helicópteros, os iates. Devia ser o único dono de iate que tinha dificuldade em arranjar amigos para o encher nas férias, embora Deus fosse testemunha dos seus convites, muitas vezes recusados de forma cortês, até calorosa, agradecendo a oferta, mas a altura era má, havia um importante casamento na família, uma viagem já previamente programada.

Marshmallows podia ter sido uma casa nas nuvens para os que a visitavam. Agora tinha esperança de que ao envolver Martha Patron pudesse também ganhar acesso às pessoas que ela conhecia. Daria uma festa quando estivesse terminada, iria pedir-lhe que as convidasse a todos. Inundaria a casa de luz, os pântanos brilharão, com a beleza do seu verde e sedutores sob toda aquela luz. Teria uma banda, um cantor, quem Martha dissesse que era o melhor, o mais famoso. Serviria champanhe *Veuve Cliquot* e latas de três quilos do melhor caviar; contrataria até Chefs para cortarem rosbife como fizera em tempos o assassino que governara a casa, antes de matar a amante.

Martha colocaria um chão de parqué para dançarem. Ele contrataria saltimbancos, acrobatas e ilusionistas. Convidaria duques e estrelas de cinema e pediria a todos que usassem apenas branco ou preto, como no célebre baile de Truman Capote em Nova Iorque. Apresentaria Lucy, vestida de alta-costura, um vestido de cerimónia preto Dior ou Valentino. E uma máscara. Claro que toda a gente devia trazer uma máscara, era isso que tornava tudo tão divertido, não saber exatamente quem se tinha nos braços quando se dançava, ou quem se sentia em segurança contando-nos segredos ao

ouvido que não se destinavam de facto a nós.

Estava tudo ali. Os seus planos eram aperfeiçoados. No dia seguinte, iria pô-los em ação. Entretanto, o que haveria de fazer a Angie? Não podia mantê-la trancada. E queria-a. Não como queria Lucy, a sua encantadora e jovem Lucy, tão bem educada que nem era capaz de terminar o jantar, porque isso demonstrava maus modos; tão inocente que provavelmente nem conhecia o sexo a sério; e tão doce que se tolhia de horror ao pensar que um cordeiro se tornaria um pedaço de carne no seu prato.

Por uma vez na vida, tinha mulheres interessantes, uma com quem podia esperar casar e outra que tencionava matar. Já tinha pensado numa maneira atrativa de realizar a segunda coisa, dado a primeira vez ter corrido tão mal. Desta vez, não seria assim. Seria o final. Deixaria tudo nas mãos de Mehitabel.

Levou aos lábios uma garrafa daquela *tequila* tão rara, bebeu o resto e atirou-a para a lareira, onde se foi juntar aos estilhaços do copo de trezentos dólares que lá deitara antes.

Sentia-se muito bem.

Lucy recebeu um *mail* de Ahmet no dia seguinte.

Querida Lucy, dizia, agora que vais trabalhar na reinvenção da minha casa, transformando-a em «lar», com a tua irmã Martha, parece-me seguro convidar-te a vires ver o espaço ou talvez jantar? Almoçar? Para podermos discutir as tuas ideias para o novo estilo, bem como as de Martha. Diz-me se te parecer ser uma ideia satisfatória e claro que mando um carro e o helicóptero buscar-te. Lembra-te do que te disse: tudo limpo e às claras! Nada de coisas esquisitas! Ha!, ha! Posso esperar a tua visita?

Lucy suspirou. Ahmet era persistente. Era provavelmente por isso que estava onde estava: persistência, astúcia, inteligência e – teve de o admitir com um sorriso – encanto. Não era que gostasse dele propriamente, mas ele imiscuía-se na sua vida, ainda assim. Era atraente? Segundo as colunas de mexericos e os relatos das raparigas, era. E também *sexy*. Isso também surgia nos mexericos: bem guarnecido, rápido, mas sabia como usá-lo, mandava sempre flores e dava presentes pequenos, bonitos, caros. Ahmet sabia como entrar no coração das mulheres, isso era certo; Lucy apostava que nesse momento havia meia dúzia dispostas a aceitar o papel de senhora Ahmet Ghulbian. Felizmente, não era uma delas.

Estava deitada por entre os lençóis em desalinho na cama, que, verdade fosse dita, bem precisavam de uma lavagem, só que o apartamento não tinha máquina de lavar, ela estava nas lonas, não podia comprar um segundo conjunto de lençóis e era preguiçosa de mais para ir a correr a casa da irmã pedir-lhe para usar a máquina, portanto, por enquanto, limitava-se a tentar não pensar neles. *Poça!*, murmurou para consigo, a sua palavra de código para o palavrão «porra», que tentava nunca dizer. Martha teria detestado, e Lucy respeitava Martha, que de qualquer modo achava que tinha razão. Palavrões saídos da boca de uma jovem eram ainda menos atraentes do que os lençóis enxovalhados. Então? O que ia fazer? Telefonar a Martha, claro está, a pedir informações sobre o trabalho e os honorários, quando podia começar, o que ia fazer, por onde pensar sequer em começar. Bastava olhar para a cama enxovalhada para perceber que o *design* de interiores nunca lhe passara pela cabeça. O *futon*, guardado dos seus tempos de estudante, tinha um velho tapete *kelim* atirado para cima, que na verdade era bastante bom e tinha vindo da casa da família onde em tempos agraciara a sala de estar. O soalho maculado de madeira escura tinha marcas de garras, feitas pelo

ção de algum dono anterior, com um tapete *dhurry* azul e creme doado pela irmã para tapar o pior e impedir que ficasse com os pés gelados quando saísse da cama – bem, do *futon* – de manhã. E em muitas tardes e noites também. Não que ela fosse o tipo de rapariga – «mulher», gostava ela agora de pensar – que ia para a cama com qualquer tipo que conhecesse. Para dizer a verdade, não ia com nenhum. Às vezes, sentia-se tentada no calor do momento, quando estava nos braços do rapaz/homem mais recente e era percorrida por aquela sensação de sangue a correr que lhe aquecia o corpo e provocava um formigueiro nas veias e noutros sítios em que mal pensava antes, tão ocupada estivera a jogar lacrosse e *spelling bee* e a experimentar a roupa de outras raparigas que não tivera tempo para pensar muito no «resultado final», como lhe chamavam todas as raparigas da escola. Estamos a falar de sexo, claro está.

Martha levantara a questão algum tempo antes.

– Acho que devemos ter uma conversa, Lucy – disse ela com um olhar cheio de significado, que deu logo a entender a Lucy do que estava a falar.

– Oh! – exclamou com desdém e presunção. – Se te referes ao sexo, sei tudo o que há para saber.

Nunca haveria de se esquecer da expressão espantada de Martha; os olhos azul pálidos redondos estavam ainda mais redondos de choque, o que fez Lucy rir.

– Bom, não por experiência própria – acrescentou, pelo que Martha agradeceu a Deus e recomeçou a respirar. Lucy só tinha quinze anos na altura, era jovem e completamente inexperiente. A questão é que não se tinha muito contacto com rapazes quando se andava num colégio interno feminino, como fora o caso de Lucy durante tanto tempo. E durante todos esses anos, a única coisa que ela queria era sair de lá, sentia que estava a desperdiçar a sua vida, a deixá-la passar. E depois, quando terminou o secundário e se tornou livre aos dezassete anos, desejou imediatamente voltar a sentir a segurança de saber onde pertencia, alguém que lhe dissesse o que fazer todos os dias, aonde ir, as amigas, o seu Sistema de apoio. Agora, as amigas da escola estavam espalhadas, longe umas das outras, a tirar um ano na Austrália, na tripulação de um iate nas Baamas; a ajudar as crianças com fome em África; ou, como Lucy, a tentar ser atriz.

O que irritava em Ahmet era que, desde que se referira a um guião que podia ser perfeito para ela nunca tivera notícias dele. Nem uma palavra depois daquele jantar no restaurante italiano; nada acerca do potencial filme; nem sobre um futuro encontro; nem sequer, até agora, sobre ajudar Martha a decorar-lhe a casa, que se chamava «Marshmallows», ridículo aos olhos de Lucy. Quer dizer, uma pessoa tinha de ser uma idiota para chamar *isso* a uma casa só por ter uma casa nos pântanos, que de qualquer maneira lhe parecia um lugar parvo. Arrepiante, na verdade.

O telemóvel fez soar a sua musiquinha e ela sentou-se encostada às almofadas que precisavam de uma lavadela para ver quem era. Martha. Ah!

– Estava a pensar em ti – disse ela.

– E eu em ti, por isso telefonei. E, devo dizer, Lucy, que é mais do que tu tens feito.

– Desculpa.

Lucy suspirou, fazendo ricochete nas paredes húmidas do quarto. Como ela detestava aquele apartamento, tinha de se recompor, de encontrar um lugar melhor.

– Tenho de arranjar um sítio mais adequado para viver – disse ela a Martha.

– Se queres dizer mais adequado às tuas circunstâncias, acho que estás no lugar certo.

Martha às vezes era mesmo horrorosa.

Lucy suspirou de novo.

– Mas que porra...

– Lucy!

– Hã... quer dizer... bolas... que *poça*!

Geralmente, Lucy não dizia palavrões. Respeitava a língua inglesa e sabia como usá-la na perfeição. Até as palavras feias.

– Lucy, o que vamos fazer contigo? – Martha estava mesmo a imaginá-la, por entre o caos. – Pelo menos, abre a janela e deixa entrar um bocado de ar fresco nesse teu covil imundo.

– Não está imundo, está só a precisar de uma senhora das limpezas, a quem eu não posso pagar, porque como sabes não estou a trabalhar e não tenho dinheiro.

– E imagino que o teu estatuto superior de atriz sem trabalho não te deixa rebaixares-te a pegar num aspirador e numa esfregona para dares um jeito à casa.

– Eu não tenho aspirador, que é mais uma das coisas para que não tenho dinheiro e, a verdade, Marthie, é que quero lá saber de «limpar». Preferia comer.

Martha calou-se, a pensar naquilo.

– É possível fazeres as duas coisas, como vais perceber agora que vens trabalhar comigo.

– Ah sim? E quando vai esse acontecimento realizar-se?

Parecia a Lucy que devia ter passado pelo menos um mês desde que ouvira falar na redecoração da casa de Ahmet, embora na verdade só se tivesse passado uma semana.

– Amanhã. Vem um carro buscar-me a casa às nove horas, depois passamos a apanhar-te. Tens de estar pronta às nove e um quarto, o mais tardar.

Lucy sentou-se e endireitou-se, ficou interessada. Enrolou um caracol loiro no dedo.

– Não sei se tenho alguma coisa para vestir.

Martha rosnou.

– Não é um *cocktail*. Vamos trabalhar. Veste umas calças de ganga, ou um de fato de treino, e uma camisola de lã, vai estar frio. E ténis, também vai estar húmido por lá, é um pântano.

Lucy estremeceu.

– Não gosto do que estou a ouvir.

A verdade é que Martha também não gostava, mas trabalho era trabalho, e aquele era grande. Importante.

– Vou chamar a Pizza Express – disse ela. – Eles entregam uma massa fina com salsichas e pimento, uma salada e uma *Coca-Cola* dentro de meia hora. Pelo menos come alguma coisa. Depois toma um duche, por amor de Deus, que eu vou ligar para a Peter Jones para comprar uns lençóis. Credo, Lucy! O que diria a mãe se visse o estado em que estás!

Lucy ficou em silêncio enquanto pensava na mãe.

– Só espero que ela não saiba. – E depois disse: – Estarei pronta. Obrigada, Marthie.

Claro que foi nessa mesma noite que Lucy se apaixonou. Tinha estado a passar de um canal para outro enquanto esperava pela piza, deparando apenas com as habituais notícias sombrias e programas de jogos; ainda pensara em limpar a casa, decidiu não o fazer, mas, pelo menos, mudou os lençóis, e mais tarde sentiu-se grata por isso, quando «o» convidou para sua casa. Bem, casa era «o apartamento»; evidentemente, a sua verdadeira casa era Patrons, embora raramente lá fosse desde que a mãe morrera.

Pouco depois, deu por si a olhar para o jovem loiro que estava no degrau à porta da sua casa. Estacionado atrás dele, encontrava-se o pequeno carro com um sinal da Pizza Delivery em cima. Apesar de bonito e de sorrir, Lucy não pôde deixar de perguntar-se quem sairia com um tipo que traz um sinal de piza em cima do carro para toda a gente ver. Imaginou o que pensaria o funcionário que estaciona carros ou as suas amigas. Só que ele era tão bonito que o coração de Lucy começou a dar saltinhos no seu peito e, de repente, tinha perdido o apetite.

— É mesmo a pessoa que entrega a piza? — perguntou quando ele lhe estendeu a caixinha rasa, ainda com o seu sorriso de dentes brancos. — Quer dizer, na *vida real*?

— Isto é a «vida real», boneca — disse ele, lembrando uma estrela de cinema americana. A sua aparência já era a de uma estrela.

— Quer dizer que não consegues arranjar um trabalho melhor que este? Com essa tua aparência, e tudo?

— *E tudo* é a questão. Preciso de mais dois créditos na universidade para me licenciar.

— Onde? — Pegou na caixa, ainda a olhar para ele.

— Harvard.

— Oh! — Lucy pensou rapidamente na sua educação, tão vergonhosamente mal usada, e na falta de um curso superior. — Isso é maravilhoso — acrescentou, animada. — Queres entrar, para beber uma *Coca-Cola* ou assim?

— Bem... — Ficou parado ao cimo dos degraus, sem ter a certeza do que fazer, com as calças de ganga assentes na anca, a *T-shirt* antiga colada aos abdominais. — Eu tenho de ir.

— Só uma *Cola-Cola* — insistiu ela. — É *light*, por isso não faz mal, estás a ver?

— Acho que estou, e obrigado na mesma, mas tenho mesmo de ir.

Lucy tinha a certeza de que estava a entrar em águas desconhecidas, mas adorava. Era assim o verdadeiro amor, pensou quando ele transpôs a soleira e fechou a porta.

Ali tão perto, ele fazia com que aquele apartamento rasca parecesse ainda mais pequeno, com os seus ombros largos, mais de um metro e oitenta, o cabelo loiro selvagem a cair-lhe sedutoramente sobre olhos que podiam ser azuis, ela não teve tempo de verificar, porque ele a envolveu nos braços e a beijou com uma espécie de fome que ela nunca tinha sentido, língua e tudo, depois lambeu-lhe a cara, as sobrancelhas e beijou-lhe os olhos fechados.

– És linda – disse ele e, pela primeira vez, Lucy pensou que podia ser verdade.

Por mais tentada que se sentisse, passados dez minutos daqueles beijos e carícias apaixonados, mandou-o à sua vida, com os joelhos a tremer e o coração aos pulos, e a promessa de lhe telefonar no dia seguinte porque ele ia ficar a trabalhar até tarde naquela noite, mas talvez ele lhe pudesse telefonar mais tarde...

Ele não ligou mais tarde e na manhã seguinte Lucy tinha de ir com Martha, por isso não soube o que tinha acontecido. Tentou tirá-lo da cabeça, pelo menos temporariamente, para se poder tornar uma trabalhadora a sério, a ajudante de Martha, a nova «estagiária» de Ahmet Ghulbian, que ia ajudá-lo a transformar a sua maldita casa horrorosa, que só podia ficar melhor. Podia telefonar-lhe no dia seguinte.

«Sabes que mais?», disse a si mesma, em choque. «Nem sequer tens o número de telefone dele. Nem sequer sabes como se chama.» E era essa a verdade.

Oxalá tivesse ali a sua mãe para lhe perguntar o que fazer.

Lucy questionava-se muitas vezes para onde teriam «ido» a mãe e o pai. A morte deixava-a estupefacta e chegara a ir à igreja para refletir, algo que não fazia desde todos aqueles anos em que ia à capela da escola todas as manhãs, quando os chapéus de palha em forma de barco das raparigas, com as fitas com as cores da escola, caíam ruidosamente sempre que baixavam a cabeça para rezar. Oh, meu Deus, as saudades que tinha dela. Porquê, mas porquê, mãe e pai, perguntou-se como fizera tantas vezes desde o acidente, porque tinham de seguir por essa estrada nesse dia, nessa hora, nesse instante? Martha dera o seu melhor para a consolar, embora ela própria estivesse angustiada; assumiu a responsabilidade emocional pela irmã mais nova e prometeu-lhe que nunca a deixaria, nunca teria um acidente, nunca ia morrer nem nada assim horrível, como o que acabara de acontecer aos pais.

Nunca na vida, fosse ela longa ou curta – e Lucy percebia agora que havia um limite temporal, uma espécie de data de validade para a mortalidade, que era diferente e desconhecida para cada pessoa – haveria de esquecer como Martha a consolara, a ajudara, a abraçara e lhe dissera que cuidaria dela. Para sempre, tinha dito Martha, se bem que já nessa altura Lucy soubesse que para sempre era uma expressão vã, não havia «para sempre». Havia apenas o que tínhamos, o que nos fora dado à nascença, nem mais nem menos do que o destino nos concedera. A não ser que alguém nos matasse antes disso, claro. Podia acontecer a quase toda a gente, dadas as circunstâncias, embora não a pessoas como ela; outro tipo de pessoas, que se envolviam em coisas más ou com homens, ou drogas, ou coisas assim.

Por falar em dias, tinha experimentado um ou outro charro e descobrira que não lhe fazia grande coisa para além de a fazer rir e não precisava de drogas para isso; depois, cheirara ocasionalmente cocaína, levada sub-repticiamente para uma festa por um desses sujeitos a evitar, que só queriam estimular o nosso interesse, depois que ficássemos agarrados, depois levar-nos o máximo de dinheiro possível: não eram só os homens que eram maus; também havia mulheres no negócio. Lucy tinha conhecido uma rapariga assim na escola, bem, só lá estivera umas semanas e apenas porque mais nenhuma escola a aceitava, tão má era a sua reputação, mas o pai era podre de rico e achava

que podia comprar tudo até um dia ela lhe dar uma martelada na cabeça, e pronto. Prisão perpétua, acabou-se a erva, acabaram-se os martelos, acabou-se o pai. O choque atravessou toda a rede de amigas da escola de Lucy, obrigando-as a fazer uma pausa para pensar nas respetivas famílias, gratas por aquilo que tinham. Particularmente no caso de Lucy, sentia-se grata a Martha, que nesse momento esperava que ela estivesse limpa e apresentável, ou pelo menos de calças de ganga, camisola e uns ténis decentes, às nove e um quarto. Faltavam exatamente cinco minutos.

Era especialista em duches rápidos, aprendidos por necessidade no internato, e estava à espera, ainda de cabelo molhado, com uns ténios meio limpos bem atados, calças de ganga rasgadas e tudo, quando Martha buzinou à porta de casa. Lucy subiu a galope os degraus do seu apartamento na cave, esquecendo-se, como sempre, de trancar a porta e acenou alegre com uma mão, abrindo um sorriso de bons-dias quando se sentou ao lado de Martha e entraram no trânsito.

– Então, como é essa casa? – perguntou Lucy e aceitou o bolo que Martha lhe ofereceu, sabendo que Lucy não tinha tomado o pequeno-almoço.

– Pesada.

– Credo! – Lucy deu uma dentada no bolo. – Parece horrível.

– E é precisamente por isso que nós... ou seja, eu e tu, Lucy... vamos dar uma volta às coisas, vamos torná-la luminosa, veranil, linda, cheia de ambiente e beleza.

– Calculo que querias dizer «com bom gosto». – Lucy já acabara o bolo e estava a remexer no saco de papel que estava na consola entre ela e Martha. – Oh! – exclamou, desiludida. – Uma maçã.

– Da próxima vez, traz uma para ti. – Lucy tinha sempre a capacidade de irritar Martha. – Que cabra egoísta.

– Marthie! Sinceramente! – Lucy sorriu para a irmã. – Egoísta talvez, mas certamente não cabra.

– Está bem, vou ceder nesse ponto.

– *Poça*, detesto maçãs. – Lucy rejeitou o bolo com um suspiro. – Podíamos sempre parar no McDonalds para tomar o pequeno-almoço: ovos, batatas fritas, estás a ver.

– Tenho a certeza de que vai haver café à nossa espera em Marshmallows.

– E pãezinhos, espero eu.

– E antiguidades, que nós, minha querida irmã, teremos de fazer desaparecer com todo o tato, para serem substituídas por um ambiente completamente novo. A minha ideia é brancura, luz e uns toques de luminosidade, um toque à anos vinte...

– Como a Maugham, queres tu dizer.

Martha lançou a Lucy um olhar surpreendido.

– Não pensei que conhecesses Syrie Maugham, a não ser como mulher de Somerset.

– Ah, toda a gente a conhece, era uma rapariga e peras, não era? Quer dizer, correm rumores de que também andava com uns e com outros, além de decorar a casa das pessoas. Não que saibamos se é verdade, claro, uma vez que já morreu há séculos e parece que já ninguém quer saber depois de se morrer, ou pelo menos não durante muito tempo. Quer dizer, Marthie, em quem se pensa que esteja morto, lendas em vida, atores e atrizes, tipo, ah, bem, Rita Hayworth, ou Frank Sinatra? Antes do meu tempo, claro, portanto, eu nunca pensaria *neles*. Talvez eu só pense assim na mãe e no pai – acrescentou numa voz esmorecida.

Martha lançou-lhe novamente um olhar rápido, esticou o braço e apertou-lhe a mão

– Está tudo bem, Lucy. Nós vamos sempre pensar neles.

Depois disso deixaram-se ficar em silêncio durante muito tempo, Lucy de olhos fechados a fingir

que dormia, abrindo-os apenas quando Martha lhe disse que tinham chegado.

Pararam nuns portões de ferro ornamentado assente entre pilares de pedra com enormes leões reclinados que Martha decidiu teriam de desaparecer imediatamente. Esticou-se para fora da janela e premiu a campainha eletrónica para anunciar a sua chegada; os portões abriram-se e elas seguiram por uma avenida de árvores atrofiadas, a gravilha solta voava dos pneus, depois chegaram à casa. Martha parou, desligou o motor e ficaram as duas a olhar para ela: cinzenta, pressionada para baixo por um telhado baixo de telhas cinzentas, o pântano de um perturbador verde brilhante atrás dela; ao cimo, um ninho espinhoso sobre o qual pairava uma garça branca, como que desafiando-as a aproximarem-se. O pássaro, pensou Martha de coração pesado, era a única coisa que dava vida à casa.

– *Poça* – sussurrou Lucy, horrorizada. – É a Casa dos Horrores. Martha recompôs-se, abriu a porta e saiu do carro.

– É por isso que aqui estamos – respondeu ela energicamente e pegou na mala e nas amostras de tecido que estavam no banco de trás. – Então, Lucy, dá-me aqui uma mão.

– Se insistes, mas não gosto disto. Olha lá para aquelas janelas, com as persianas pequenas a fulminarem-nos como se fossem olhos ou assim. Parece que nos está a observar, não sentes isso, Marthie?

– Estás a ser disparatada – retorquiu Martha, mas sabia perfeitamente do que estava Lucy a falar. Dizer que a casa não era acolhedora era pouco. Parecia emanar ondas de animosidade, algo que ela nunca tinha sentido em nenhuma casa onde tivesse estado.

– Olha aquelas aves lindas – disse ela animada ao subir os degraus da entrada, seguida com relutância por Lucy, que apertava as amostras de tecido contra o peito. – Vá, Lucy, pensa no que tu e eu podemos fazer aqui, dar vida a esta casa, enchê-la de amor...

– Para encheres um sítio de amor, precisas das pessoas certas – comentou Lucy. Percebia do assunto porque tinha sido criada num lugar de amor, assim como Martha, se bem que, agora que trabalhava, tinha de olhar para as coisas de outra maneira e pensar no que podia trazer a um lugar daqueles que lhe desse «amor».

«Amor» foi o que Ahmet julgou sentir quando abriu a porta e ficou parado ao cimo de uma ampla escadaria de quatro degraus de pedra desgastados que conduziam ao átrio daquela casa, que em breve haveria de ser transformada num «lar», a olhar de novo para Lucy. Já tinha estipulado para si próprio um código de conduta adequado à ocasião, e que consistia em ser um perfeito cavalheiro, dar acesso a Martha apenas ao piso inferior da casa, sempre com Mehitabel de olho nela, e em Lucy também, claro, assegurando-se de que não se aventuravam lá acima, onde estava Angie.

– Fica para a próxima – disse ele a Martha quando ela se pôs a admirar a pesada balaustrada de mogno enquanto franzia o sobrolho à carpete de padrão vermelho com os grandes cliques de latão a prendê-la no lugar. – Hoje, gostava que comesçassem nos quartos principais do andar de baixo. A Mehitabel mostra-lhes o espaço e dá-lhes todas as informações de que precisem. E não se esqueça, Martha, tem liberdade total. *Mi casa es su casa*. E Lucy, minha querida Lucy, bem-vinda.

Mas a mente distraída de Lucy estava com o sujeito das pizzas. Pensava no sujeito das pizzas, em quando teria oportunidade para telefonar para a pizaria a pedir para falar com ele, ainda que o facto de não saber o seu nome fosse um problema. Sorriu ao pensar nele. Já tinha tido problemas piores.

A casa enorme parecia deserta, não havia rodopio de criadas, nem empregados sorridentes para lhes darem as boas-vindas. Lucy pensou em Patrons, no mordomo e na senhora, que haviam feito

parte da família durante todos aqueles anos. Patrons não teria existido sem eles, e era por isso que mal existia agora, que eles tinham partido.

– Mas como gere esta casa tão grande? – perguntou a Ahmet.

– Bem, claro que tenho a Mehitabel, que cuida de tudo por mim, contrata ajuda e esse tipo de coisas. Asseguro-lhe, Lucy, que Marshmallows funciona na perfeição. Eu nunca faria as coisas de outro modo.

Lucy bem via que era verdade. Ahmet era minucioso até à exaustão; aparecia sempre imaculado, sempre de lenço de seda no bolso do peito. Não imaginava Ahmet de *T-shirt*, com o cabelo em desalinho por causa do vento, de calças de ganga e o tipo de roupa que os seus amigos usavam, mas claro que ele era um homem «mais velho» e, como era multimilionário, tinha de apresentar uma certa imagem, imaginava ela. Como não conhecia mais nenhum multimilionário, nem sequer milionários, o que para ele não seria nada, não estava segura dos factos. O que ela sabia, porque toda a gente tinha ouvido falar disso e visto fotografias nos jornais e revistas, era que ele tinha um iate, o *Lady Marina*, que custara uma fortuna. O próprio Ahmet lhe dissera isso.

Duzentos milhões fora o preço desse luxo, afirmara ele, acrescentando que o barco media cento e quinze metros.

– Carote – comentou Lucy, chocada com esses números, mas tinha lido algures que a fortuna de Ahmet estava calculada em mais de seis biliões e, para ele, o custo do barco era provavelmente uma questão de trocos e estava muito longe de pensar se podia pagar uma dose de esparguete no restaurante do bairro. Alguém lhe contara que o dinheiro de Ahmet vinha do comércio do metal; Lucy não sabia bem o que isso era, mas sem dúvida que era lucrativo. E o barco sem dúvida que era espetacular, diziam que a pista de dança tinha uma piscina por cima, de modo que as pessoas se sentiam quase a flutuar, e as cabinas tinham paredes almofadadas a seda, ou lindos painéis de madeira, com os roupões de banho turcos mais suaves, assim como todos os cremes, loções e pós possíveis e imaginários de Paris. Mas aquela casa era intimidatória.

Afundou-se num sofá de brocado *bordeaux* que cedia de mais, o que fez com que as suas pernas ficassem espetadas à frente dela como as de uma criança, ainda com as amostras de tecidos agarradas ao peito. Olhou em redor com os olhos pestanudos, a ver tudo, esperando que Ahmet não reparasse, mas claro que reparou. Também reparou na expressão de espanto que lhe passou brevemente pelo rosto quando ela observou a mobília de madeira pesada, as almofadas enormes, o candelabro de cristal, três, na verdade, um em cada divisão – e os candeeiros *Tiffany* que não combinavam com o resto. E aqueles horrorosos cortinados verde-escuros e pesados, apartados por cordões dourados.

Merda. Lucy achava que aquele lugar parecia um bordel ou, pelo menos, a ideia que ela fazia dos bordéis.

Sentiu os olhos de Ahmet postos em si e obrigou-se a retribuir o olhar com um sorriso.

– Não gostas – disse ele.

Tinham-lhe ensinado que devia ser sempre sincera.

– Não gosto muito – admitiu, cuidadosa.

Para sua surpresa, ele riu-se.

– Os homens que vivem sozinhos não têm grande gosto. Este lugar precisa do toque de uma mulher, não achas? Para o suavizar um pouco?

– Livre-se deste vermelho todo – aconselhou Lucy, descobrindo de repente o seu caminho para o

mundo do *design* de interiores. Não que soubesse grande coisa, mas sabia quando alguma coisa não estava bem. – E desses candelabros todos.

– Devia levá-la a ver o meu barco – disse Ahmet e foi sentar-se ao lado dela no sofá.

Desconfortável com a proximidade dele, Lucy afastou-se um pouco, esperando que ele não reparasse, mas claro que reparou e foi imediatamente sentar-se na outra ponta.

– Tenho a certeza de que ia achá-lo bonito, mais a seu gosto, tudo muito simples.

– A Martha vai tratar desta casa – afirmou ela, na esperança de que a irmã conseguisse abrir caminho por entre todas aquelas «coisas», aquela escuridão pesada, porque ela não conseguia.

– Claro que vai. – Martha entrou no quarto a passo largo, de *i-Pad* na mão e bloco de notas e caneta na outra, o telemóvel enfiado debaixo do queixo esperava que a ligação à loja dos tecidos fosse feita. Quando atenderam, explicou exatamente o que precisava e perguntou se podiam atendê-la imediatamente. O trabalho era urgente. Era prioritário.

Ahmet levantou-se quando ela entrou e fez um sorriso aprovador.

– Gosto de eficácia, especialmente numa mulher – disse ele. – Sabe, é mais rara nas mulheres do que nos homens.

– Não acho que possa concordar com isso – replicou Martha, num tom de voz que Lucy reconheceu como «amargo». – As mulheres percorreram um longo caminho em todas as áreas de negócio. Certamente já conheceu muitas. A sua própria Mehitabel é uma das mulheres mais eficientes que já conheci.

– A Mehitabel é uma relíquia. Cada dia que passa a valorizo mais – concordou Ahmet, tomando a rápida decisão de manter Mehitabel afastada de Martha. – Bom, então o que acha do meu pequeno palácio?

– Definitivamente, precisa de ser menos «palácio» e mais «lar» – retorquiu Martha. – Já lhe disse que tenho de arrancar isto tudo, e não estava a brincar. Ahmet, vai ter de confiar em mim. Prometo-lhe que ficará contente com o resultado.

Encolheu os ombros, concordando, e sugeriu:

– Então, o que me dizem a tomarmos um chá?

Ele era sempre um perfeito cavalheiro inglês, pensou Martha, mais uma vez surpreendida.

De novo no carro, Martha perguntou a Lucy:

– Então? O que te parece?

– Ele ou a casa?

– Os dois.

Lucy pensou por um instante e respondeu:

– Ele é estranhamente fascinante. A casa provoca-me arrepios. E aquela coisa toda, pantanosa e verde, e o rio assustador. Porque haveria alguém de querer viver ali?

– O antigo dono matou a amante na sala de jantar. Usou a faca com que estava prestes a cortar o rosbife.

– Credo. – Lucy estava de olhos arregalados. – Não admira que seja arrepiante. O que lhe aconteceu?

– Bom, foi morta, claro, com a faca do rosbife.

– Não! O que aconteceu ao assassino?

– Ninguém sabe. Parece que partiu para os pântanos e ninguém se arriscou a segui-lo. Nunca mais foi visto.

– Oh, meu Deus – disse Lucy dessa vez. Aquilo estava tão longe do rapaz giro das pizzas e de repente teve vontade de voltar a estar com ele, dessa «normalidade». – Tens a certeza disto, Marthie? De que queres redecorar esta casa? Está tão longe de tudo, parece quase não civilizado, com o rio e os pântanos, e os sofás de brocado vermelho.

– Vamos mudar isso tudo, tu e eu – afirmou Martha e o seu telemóvel tocou nesse instante.

Era Marco. Premiu a tecla de atender e continuou a conduzir.

– Estou tão contente por ouvir a tua voz – comentou ela, espantada com a súbita sensação de alívio que a percorreu. Aquele dia tinha sido estafante de uma maneira diferente, na verdade, um desafio.

– Ainda nem ouviste a minha voz – ironizou Marco e ela ouviu o sorriso na sua voz. – Estás sozinha no carro?

– Está aqui a Lucy.

– Então está bem. Além de querer ouvir a tua voz e de te dizer que tenho saudades tuas, queria dizer-te que estou no encalço da Angie Morse. Descobri onde ela vivia e vou lá ver se alguém sabe o que aconteceu. E estou convicto de que ela é a mulher que vi ser assassinada.

– Caramba – disse Martha desta vez.

Ahmet estava outra vez sozinho. Era como parecia sempre que estava. Até Mehitabel se tinha ido embora, fora verificar o iate, certificar-se de que as provisões tinham chegado, de que a tripulação não andava a vaguear pelos portos noites inteiras a causar problemas. Não era fácil manter uma tripulação, mesmo com os salários generosos que Ahmet pagava. Os homens aborreciam-se, e os homens aborrecidos provocavam sarilhos. Mehitabel sabia isso por experiência própria e Ahmet ficava satisfeito com a preocupação dela, mas sentia a sua falta por não poder partilhar com ela os seus pensamentos, conspirar com ela, andar por esses portos com ela à procura de jovens mulheres. Era surpreendente a facilidade com que Mehitabel fazia essas buscas, sabia o que pretendiam essas jovens que queriam um futuro e dizia-lhes que podia realizar os sonhos delas. E elas acreditavam.

Nunca era Ahmet quem dava o primeiro passo. Era sempre ela que as encontrava.

«É tão fácil», dissera certa vez a Ahmet, sentada com ele a beber um brande muito bom depois de uma longa noite no porto Pireu, na Grécia, onde tinham jantado e dançado, e até atirado pratos, embora Ahmet não tivesse uma rapariga no seu braço. Não havia nenhuma do seu agrado. Ou isso ou tinha perdido o desejo, simplesmente. A vontade. Ficou preocupado e claro que Mehitabel reparou.

Estavam sentados no convés a contemplar as luzinhas em terra, os letreiros com as luzes vermelhas e azuis a brilhar, as luzes da rua amarelas, a escuridão lá em cima apanhada por algumas estrelas mas sem Lua. Sentiam-se os dois confortáveis no escuro e um com o outro, nenhum deles tinha segredos desconhecidos do outro. Pelo menos, era o que Ahmet pensava. Mehitabel sabia que não era esse o caso.

Reconhecia que Ahmet tinha a capacidade de ultrapassar as suas circunstâncias, de se transformar em fosse o que fosse que uma nova situação exigisse dele. Ahmet era irascível, tinha uma personalidade que servia para qualquer ocasião: humilde quando era preciso, autoritário quando queria; e sempre, lá no fundo, aquele que manda. Menos com ela. Era a única pessoa de quem Ahmet precisava. Achava que sem ela Ahmet não podia existir. Agora perguntava-lhe o que deviam fazer a Angie.

Ela manteve o olhar em frente, bebeu um gole de brande, enquanto olhava as luzes tremeluzentes em terra.

— Nada — disse ela. — Pelo menos por agora.

— Ela incomoda-me — referiu ele. — A sua mera presença incomoda-me.

– É por isso que queres que o Marco lhe pinte o retrato?

Ficou a bebericar o brande em silêncio durante algum tempo, a pensar no assunto, e respondeu:

– Quero esse retrato para me poder esquecer dos olhos dela quando se estava a afogar. Quero mudar isso. Tirá-la da cabeça para sempre.

– Eu posso tratar disso. – Mehitabel pensou no prazer que isso lhe daria.

Ahmet também pensou nisso.

– Depois – disse ele por fim.

Em vez de se debater com o tráfego de Brooklyn, Marco alugou uma bicicleta. O facto de ser cor de laranja berrante e ter rodas de corrida fez com que se sentisse preparado para o Tour de France, embora as ruas batidas de Brooklyn parecessem estar a anos-luz das ruas empedradas e dos pequenos cafés, das chávenas pousadas debaixo dos guarda-sóis amarelos, com o vento a soprar o cabelo e *Em* lançando-se ao *croissant* que Marco partilhava sempre com ela. *Okay*, não é bom dar *croissants* aos cães, mas era uma mudança em relação aos ossos de mastodonte e *Em* adorava. Olhava para ele com uma expressão de culpa, como se soubesse que aquilo não era bom; lambia sempre primeiro o doce de morango, como uma criança com um doce. Marco não conhecia mais nenhum cão que comesse doce de morango, e claro que lho dava raras vezes e nunca, mas nunca lhe deu chocolate, mesmo quando ela lho pedia. Os cães e o chocolate eram incompatíveis.

Mas *Em* não estava com ele naquele dia. A sua viagem a Brooklyn prometia coisas inesperadas e ele nunca submeteria a cadela à possibilidade de perigo. Que perigo podia ser era coisa que ele não sabia bem. Sabia apenas que alguma coisa não estava bem.

O prédio onde morara Angela Morse era feito de tijolo e tinha uma fachada de cal a descascar, de uma cor que achou podia ser descrita como estrume. E também estava imundo; definitivamente, não era um lugar onde quisesse que uma filha sua morasse, com as janelas por lavar, os degraus da entrada sujos e a porta aberta, segura por uma pilha de tijolos que parecia ali estar permanentemente.

Desceu da bicicleta, a pensar o que fazer com ela. Ia desaparecer numa questão de minutos naquela rua, mesmo que estivesse acorrentada. Por fim, pô-la debaixo do braço, conseguiu passar pela pilha de tijolos e entrar no átrio – era um *hall*, «átrio» era uma palavra grandiosa de mais para aquela área comprida e estreita, excessivamente iluminada por lâmpadas fluorescentes em forma de tubo, de modo que se via em pormenor todas as fendas e rachas, todas as bolas de algodão e o monte de lixo por varrer. Teve muita pena de Angie Morse.

Uma placa escrita à mão numa porta de madeira frágil à esquerda do corredor dizia que era o gabinete do condomínio e fornecia um número de telefone para o caso de o responsável estar fora. Depois de ter tocado à campainha e ficado à espera, de ter batido à porta e ficado à espera, Marco decidiu ir-se embora, mas foi então que ele apareceu. Mesmo atrás dele. Um homem alto, com o corpo excessivo de um halterofilista, os músculos salientes, o pescoço tenso, uma camisola com mangas à cava, suja de suor.

– Mas que porra queres? – perguntou ele, fitando Marco com um olhar furioso atrás dos óculos de sol.

Marco decidiu rapidamente que o melhor era ser simpático.

– Desculpe incomodar, ando à procura da casa da Angie.

– Da Angie Morse, é isso? Essa mulher deve dois meses de renda, ando há dias atrás dela. Tás a perder o teu tempo, meu, aposto qu’essa Angie já não volta.

– Isso é verdade – Marco continuou a falar com cortesia. – A pobre Angie não volta. Eu sei que vai ter pena de saber isto, mas a Angie está morta.

O homem recuou um passo rápido. Olhou para Marco de cima a baixo, rígido de tensão, pronto a atacar.

– Qu’é que lhe fizestes?

– A Angie teve um acidente. Afogou-se.

– Tás a dizer aqui? No rio? – Tirou os óculos de sol e olhou com dureza para Marco. – Ela não ia nadar, não é o tipo de miúda...

– Não foi aqui – retorquiu Marco. – Foi na costa da Grécia. Caiu de um iate.

A tensão abandonou o homem, que deitou a cabeça para trás, uma gargalhada formando-se-lhe na garganta.

– Enganaste-te na miúda, meu. A Angie nunca andou em iates. Recebia o pessoal no restaurante dos bifes, na cidade, um sítio chique. Os gajos faziam-se todos a ela. Foi ela que me contou. Gosto da Angie, ela é fixe, tás a ver, só que passou um mau bocado, como muitos de nós...

– Caiu de um barco. Um iate de luxo. Eu estava lá. Vi-a cair. Tentei salvá-la. – Sabia que, para conseguir informações, tinha de convencer aquele sujeito de que estava a par de tudo. – Olha, vou ser franco contigo, sei que a Angie foi assassinada.

O sujeito estendeu as mãos com as palmas para cima, em choque.

– Epá, epá, meu, não me contes mais nada, qu’eu não quero cá saber de homicídios, tou-me a cagar para quem, o quê, onde, quando. Deixa lá a miúda em paz, por mim tá bom. – Virou-se e foi-se embora a passo largo.

Marco lançou uma perna para cima da bicicleta e pensou o que devia fazer a seguir. Mas depois o tipo voltou com passo ligeiro, parou à frente de Marco, quase encostou a cara à dele.

– Ouve lá, ó meu – disse ele em voz baixa, ameaçadora, outra vez sem óculos, com os olhos espetados nos de Marco. – A Angie era uma tipa decente. Tá bem? Ajudou a minha namorada uma noite depois de termos tido uma... bem, uma discussão. A Angie levou-a às urgências, trataram dela. Ouve lá, não digo isto com orgulho e estou em condicional para não repetir isto, mas, digo-te uma coisa, a Angie faltou uma noite ao trabalho e perdeu o salário do dia para ir com a minha miúda ao hospital. Se eu pudesse pagar esta dívida, pagava, tás a ver. Mas não sei nada disso de a Angie andar em iates. A única coisa que sei é que ela conheceu um gajo rico que andava atrás dela, flores, prendas caras, coisas bonitas, tipo um fio de ouro qu’eu sei que deve ter custado... se calhar, é a esse gajo que deves ir fazer perguntas. A mim, não.

Virou-se rapidamente e fez menção de se ir embora outra vez.

– Olha – chamou Marco.

O outro olhou por cima do ombro.

– Sabes o nome desse gajo rico?

O homem encolheu os ombros.

– Só ouvi o nome próprio, parecia estrangeiro. A Angie era discreta em relação aos seus homens, lá isso era. Era boa miúda – acrescentou e pareceu tão sinceramente triste que Marco teve pena dele.

Voltou para a bicicleta cor de laranja e pedalou velozmente pela massa de tráfego, onde lhe apitavam de todos os lados condutores raivosos que quase lhe acertavam quando mudavam de faixa. Ficou contente por usar o capacete, embora se sentisse um pouco como o Darth Vader. Parou à porta do Houlahan's, o restaurante de bifes e caranguejo. O letreiro de néon piscava, vermelho e azul, azul e vermelho, depois na horizontal, num brilho de luz branca, «Famoso Houlahan».

Bem, podia ser famoso, mas nunca tinha ouvido falar dele e, mais do que isso, não era um lugar que ele tivesse frequentado. Ao inspecionar o restaurante da rua, Marco ficou com a impressão de que era o tipo de lugar caro que teria um interior de luz muito fraca, mesmo ao meio-dia, com estofos vermelhos de pele falsa no bar e toalhas de mesa brancas rígidas no restaurante, e flores bastantes para asfixiar uma pessoa. Perdeu a vontade de beber a vodca tônica com uma rodela de lima, que foi o que pediu quando entrou.

Encostou-se ao bar, pousou o capacete no balcão à sua frente, observou a clientela, de fato e gravata desapertada depois do trabalho, de cotovelos na mesa, semivirados para poderem ver as raparigas que se agrupavam na outra ponta e que trocavam comentários de raparigas acerca dos homens, enquanto os olhavam. Era um lugar de engate, sem dúvida, embora a ementa fosse cara, como seria de esperar. Dois empregados estavam ocupados a agitar cosmos e margaritas, enquanto duas raparigas de camisa branca, saia preta justa e saltos altos andavam por ali, à procura dos clientes.

O anfitrião que estava à porta era um homem. Marco bebeu a vodca tônica, que fazia durar, uma vez que não estava ali para beber, mas sim numa missão, além de que ia «conduzir». Olhou para a porta, à espera para ver se alguém tinha tomado a posição de Angie, mas só lá estava o sujeito: negro, bem vestido, bem-falante e responsável por tudo.

Por fim, Marco avançou para ele.

– Estou a ver que está ocupado, mas tenho de lhe perguntar pela Angie Morse.

O sujeito lançou-lhe um olhar, enquanto entregava ementas a um casal que aguardava.

– Não pergunte – respondeu sucintamente.

– Então, está bem, não pergunto – assentiu Marco. – Tenho só esperança de que responda, porque a Angie pode ter sido assassinada.

O sujeito, cuja placa com o nome dizia chamar-se Phil, tirou um lenço branco do bolso do peito e limpou o sobrolho subitamente suado.

– Ouça, a Angie é boa miúda, trabalha muito, faz o seu trabalho bem feito. Tenho muita pena, mas não sei muito mais sobre ela do que isso. Não fala muito. É uma jovem muito reservada. Muito simpática. E se estiver mesmo... Lamento... isso tudo, o que aconteceu... Agora, se me dá licença... – Voltou para junto dos clientes e Marco voltou à sua vodca tônica.

Não estava a ir a lado nenhum. Ninguém sabia nada de pessoal acerca de Angie. Ou, caso soubessem, não contavam.

Lucy estava a pensar que, se tinha mesmo de ajudar Martha a remodelar a horrível casa de Ahmet, bem lhe podia pedir que fosse mais concreto em relação ao vago guião que ele mencionara. Mais do que mencionara – na verdade, prometera, embora ela tivesse a desconfortável sensação de que ele pudesse esperar algo em troca dessa promessa. Bem, que diabo, não tardaria a descobrir que ela não era esse tipo de rapariga, ainda que tivesse aceitado um copo de champanhe, e até um jantar, de um total desconhecido. Fora uma exceção. Um acordo feito por necessidade. Agora só pensava no rapaz das pizzas. Telefonou para a pizaria, descreveu-o à rapariga que atendeu e que respondeu com uma gargalhada conhecedora, dizendo que claro que tinha de ser Phillip Kurtiz terceiro.

– Terceiro de quê? – perguntou Lucy.

– Na linha de sucessão. – A rapariga fez uma pausa e acrescentou: – Da Produtos Alimentares Kurtiz, de Chicago, Illinois.

– Ah. Pois.

Lucy nunca tinha ouvido falar deles, mas não importava. Além disso, se fosse rico e isso tudo, porque haveria de andar a entregar pizzas para pagar as propinas de Harvard? A rapariga devia estar equivocada.

– Lucy! – A voz de Martha tinha uma certa aspereza. Lucy ficou alerta

– Toma, tens aqui o meu *iPad* para tomares notas enquanto eu falo. Vamos divisão por divisão, por isso vai demorar algum tempo.

Lucy, que já estava entediada, fez o que a irmã lhe pediu, seguindo de divisão escura a abarrotar em divisão escura a abarrotar, a perguntar-se porque ninguém tinha pensado em trazer luz à casa. Até a cozinha, onde um Chef solitário disse ser tunisino, e isso era praticamente tudo o que sabia dizer em inglês, estava defronte de uma bancada de mármore cinzento a cortar uma papaia amarela e figos frescos, ambos fora de época, para uma belíssima taça turquesa que Martha parou para admirar.

– Ora, deve ser uma antiguidade – comentou ela, estendendo a mão para tocar na superfície suave, azul pálida. – Vês como filtra a luz, aposto que é *Limoges*, e rara, por causa da cor.

– O senhor Ahmet gosta de usar as antiguidades – conseguiu dizer o homem num inglês macarrónico e Martha anuiu, já tinha ouvido aquilo. Era uma pena que o bom gosto de Ahmet não se estendesse à mobília, mas ela podia tratar disso. Olhou de relance para o relógio, perguntando-se onde estaria Marco, o que estaria a fazer, provavelmente ainda no encalço da rapariga desaparecida, ainda que o que ele esperava poder fazer quanto a isso era coisa que a ultrapassava. Da última vez

que tinham falado, ia falar com a polícia de Brooklyn.

Ahmet deixara-as sozinhas para avaliarem o que ele designava de «estragos» e, como Martha não sabia em qual das inúmeras divisões ele se encontrava, ligou-lhe para o telemóvel.

– Vou já ter consigo – respondeu.

E foi, e com ele vinha Mehitabel, sem sorrir, paralisada numa espécie de perfeição indumentária que Martha sabia que nunca seria capaz de imitar. Sentindo-se antiquada com a sua saia de *tweed* e casaco verde encerado, para todos os climas, que se adequava muito mais a uma viagem ao campo do que o vestido evidentemente caríssimo de Mehitabel, em caxemira preta, que era como uma segunda pele num corpo que Lucy certamente invejava, Martha disse que já tinham visto o suficiente para começarem a trabalhar e que entraria em contacto com as suas sugestões e uma apresentação a sério, com esboços e amostras, e, claro, alternativas a ambos, uma vez que ela sabia como era difícil a clientes inexperientes tomarem decisões.

– Em qualquer dos casos, estou aqui para ajudar nisso – referiu apressadamente, porque sentiu de repente necessidade de sair dali, mas depois Lucy disse que primeiro tinha de ir à casa de banho.

Mehitabel acompanhou Lucy à casa de banho, que ficava depois do corredor principal, e ela desapareceu lá dentro, deixando Martha a fazer conversa com uma mulher que, por algum motivo, a intimidava. Uma maneira que descobrira de sair de situações daquelas era fazer perguntas e não responder ela própria a nenhuma.

– Então, Mehitabel – começou ela com um sorriso alegre –, há quanto tempo trabalha para o senhor Ghulbian.

Mehitabel olhou-a com frieza.

– Eu não «trabalho» para o senhor Ghulbian. Sou a sua assistente pessoal. E pode-se dizer que há uma vida inteira.

– Ah! Pois, bem, claro... estou a ver... – Martha não estava a ver nada. Desviou o olhar de Mehitabel para as escadas com a carpete de padrão vermelho. – Então será que sabe, uma vez que é tão próxima do senhor Ghulbian, quando poderemos mudar a carpete, talvez ir lá acima, dar uma olhada. É evidente que também vai precisar de mudanças.

O seu sorriso esmoreceu quando Mehitabel a fitou com uma expressão implacável, sem demonstrar qualquer interesse. A sua voz era gélida quando disse:

– Não se incomode com o andar de cima. O seu trabalho é tratar das divisões principais aqui em baixo. O senhor Ghulbian está sem dúvida a pagar-lhe bem e espera ver os resultados. Se não... – Encolheu os ombros. – Acredite em mim, toda a gente vai saber. Este trabalho pode fazer ou destruir o seu nome, senhora Patron. É bom que seja cuidadosa.

Martha contou mais tarde a Lucy que sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha.

– Era como se eu estivesse a ser posta à prova – disse, zangada. – Fui contratada por ser *quem* sou, por *aquilo* que faço, pela *minha* reputação, o *meu* gosto, a *minha* experiência, e aquela cabra põe tudo em causa. A fazer-me um aviso. Como se lhe devesse alguma coisa. Além disso, porque não podemos ir lá acima? O que esconde ela lá assim tão especial que não possam ver?

Lucy respondeu:

– Deve estar zangada ou algo assim. – Tentou novamente ligar ao rapaz das pizzas. Uma vez mais, não obteve resposta. Merda.

A próxima paragem de Marco foi no recinto da polícia de Brooklyn, mas nem aí se sentiu seguro para deixar a bicicleta lá fora. Levou-a para dentro e pousou-a ao seu lado na receção, observado por uma mulher polícia que, com o seu rosto redondo e cabelo castanho puxado para trás, de camisa de uniforme bege e distintivo, parecia ter dezasseis anos. Pensou que ou os polícias eram agora mais jovens, ou ele estava mais velho. Era, contudo, um rosto interessante; estrutura óssea forte, provavelmente de descendência russa ou da Europa de Leste. O artista que havia em Marco vinha sempre ao de cima; nunca se limitava a olhar, abarcava tudo, isto até se aperceber de que ela o olhava com cautela e então pediu desculpa e falou-lhe da sua missão.

– Tenho de falar com o detetive responsável pelo caso da Angela Morse.

Encostou a bicicleta à anca e mostrou-lhe a carta de condução como prova da sua identidade, para que ela não julgasse que ele não passava de mais um maluco que andava pelas ruas à procura de notoriedade.

– E porque tem de fazer uma coisa dessas, senhor Mahoney? – Devolveu-lhe a carta de condução e olhou-o nos olhos.

– Porque eu estava lá quando ela foi morta – afirmou simplesmente.

Conseguiu a atenção dela, embora lhe tenha lançado um olhar velado enquanto teclava um nome no computador e esperava uma resposta. Chegou logo.

– O detetive Moreira vai chegar dentro de instantes – disse e entregou-lhe várias folhas de papel. – Preencha estes formulários primeiro.

Marco sentou-se numa cadeira de plástico cinzenta, olhou para o maço de formulários e decidiu ignorá-los. Estava a perder a paciência com a burocracia; se tinham interesse no que ele tinha a dizer podiam ouvi-lo e tomar notas. O telemóvel vibrou no bolso. Pegou nele, viu que era Martha.

– Olá, ‘mor – disse em voz baixa. – E então?

Ouviu-a rir e sentiu-se logo mais animado.

– Agora até já falas como eles – comentou ela.

– Tipo como? – Também se riu. – Bem – continuou ele –, passa a mensagem, se bem que ninguém parece saber nada sobre a Angie Morse, só que era boa miúda. Jovem – acrescentou. – Há que ser politicamente correto.

– Podes chamar-me «miúda» sempre que quiseses. A minha irmã é que quer ser uma «jovem», porque só tem dezassete anos...

– E tu tens...?

– Idade suficiente para querer ser outra vez miúda. Mas, ouve, Marco, continuas a ter a certeza quanto à Angie? Que viste mesmo o que aconteceu, que ela não caiu simplesmente do barco e se afogou? – Continuava a duvidar.

O silêncio prolongado de Marco falou por si e Martha arrependeu-se de ter perguntado, só que ele estava obcecado com a ruiva, com o afogamento, com Ahmet Ghulbian, o elo de ligação, e ela achava que era melhor ele distanciar-se da situação, deixar as coisas como estavam, sem fazer mais perguntas.

– Voltei a encontrar-me com o Ghulbian ontem – referiu ela por fim. Na casa do pântano.

– Então conheceste a Mehitabel.

– Conheci. É qualquer coisa, ela. Linda, de uma maneira estranha.

– Pois, linda à maneira de um bloco de gelo, uma beleza cintilante no exterior e um horror gelado por dentro.

– Uau! – exclamou Martha, impressionada. – É uma descrição perfeita. Mas aposto que a querias pintar.

Marco pensou por um instante, depois respondeu:

– Não seria capaz. Não sei o que se esconde debaixo da superfície, e essa essência eu geralmente consigo apreender, a verdadeira pessoa debaixo da fachada.

– Mas isso faz parte do teu talento.

Marco encolheu os ombros.

– Seja como for, não é a ela que vou pintar. É ao sempre afável e encantador Ahmet. A encarnação do Senhor Simpático.

– Mas ele é simpático. Pelo menos, achei. Não podia ter feito mais pela Lucy e por mim quando fomos ver a casa, serviu chá a sério, com scones e doce de morango, com natas frescas batidas e sanduíches de pepino. Não bebia um chá assim desde que a minha mãe nos levava ao Fortnum & Mason, para «os trabalhos», como ela lhe chamava, antes de regressarmos à escola.

– Algo me diz, Martha, que a Angie não recebeu esse tipo de «chá». E creio que o Ahmet está envolvido no caso, e certamente aquela bruxa da Mehitabel. Seja como for, concordei em fazer o retrato dele.

– Mas porquê? Se não gostas dele.

– Mas eu gosto dele. Claro que ele tem um passado, mas um homem que sobe a pulso é sempre interessante. Confia em mim, Martha, quando ficar fechado comigo num sítio durante horas, vou ficar a saber mais dele ao fim do dia do que a sua própria mãe.

– Ele tem mãe?

– Não que eu saiba, mas pode ser interessante descobrir. Ficar a saber exatamente quem é o verdadeiro Ahmet Ghulbian. As circunstâncias familiares geralmente explicam isso.

– Mas não sabes já?

– Só sabemos a história que o Ghulbian contou. Sobre a família perder o dinheiro, metade grego, metade egípcio, nada de nomes, nem de lugares, para além do que os meios de comunicação conseguiram apanhar, que, uma vez que ele parece ter tapado as pegadas e plantado informação onde era necessária, tudo tem o significado exato em que ele quer que se acredite. Gosto do Ahmet, mas não confio nele, é essa a verdade.

– Talvez eu não devesse ter aceitado redecorar a casa dele, quer dizer, se essa tua sensação é

forte.

– Claro que tens de redecorar a casa. E eu devo fazer-lhe o retrato. Entre os dois, temos a cobertura do homem. Confia em mim, quando terminarmos não vai haver pedra do seu passado por revirar.

– *Hmmm* – fez Martha a pensar, preocupada, em Ahmet e em Marshmallows, e naquela localização desolada, e na maneira quase voraz como ele olhara para Lucy quando achou que Martha não estava a reparar. – Vou ter de ficar de olho nele – afirmou ela, cheia de dúvida. – Entretanto, depois de ter terminado a casa, para o que tenho um prazo de exatamente cinco semanas, o senhor Ghulbian tenciona dar uma festa. Na verdade, não é uma simples «festa». O homem quer organizar um «baile» à maneira da obra-prima nova-iorquina de Capote, a preto e branco.

– Então, é melhor comprares um vestido novo – sugeriu ele.

– Preto, acho eu. Afinal, já sou velha de mais para o branco.

Marco ria quando desligou e voltou para junto da sargento com o intuito de lhe perguntar quando poderia o detetive falar com ele.

– Senhor Mahoney?

A voz vinha lá de trás. Marco virou-se, viu um homem novo atarracado, talvez perto dos trinta anos, cabelo escuro cortado muito rente, barbicha bicuda, latino apesar do nome português, rosto magro comprido, meio parecido com o de Cristo, tal como Marco recordava das pinturas renascentistas, sem sorrir e dando a impressão de ter sido interrompido de algo muito mais urgente e importante do que discutir o afogamento de Angie Morse com um sujeito que tinha entrado vindo da rua.

Segurava uma pasta fininha e apontou o caminho para um pequeno cubículo onde Marco se sentou à sua frente, agora subitamente calado.

– Então, o que sabe sobre a Angie Morse que nós não saibamos já? – O detetive Moreira passou os olhos pela meia dúzia de páginas na pasta, fechou-a e pousou-a na mesa que estava entre os dois.

– Sei que foi morta. Eu testemunhei o crime.

O rosto do detetive era inescrutável quando se recostou, de pernas estendidas e braços cruzados no peito, a olhar em silêncio para Marco. Como se lhe pudesse ler o pensamento, pensou Marco. Bem, se pudesse poupava-lhe tempo e trabalho, mas, se não, o melhor era contar-lhe o que tinha visto.

O detetive Moreira escutou sem interrupções. Quando Marco finalmente disse que já estava, que lhe tinha contado tudo, o detetive sentou-se mais direito na cadeira e perguntou:

– Onde está a prova disso, senhor Mahoney? Mais alguém viu esse «acontecimento»?

– Está a perguntar-me se mais alguém viu a Angie levar com uma garrafa, cair, tentar salvá-la e fracassar? Infelizmente não, detetive, só mesmo eu.

O detetive Moreira não respondeu, deixou-se ficar sentado a olhar para Marco durante um longo momento. Por fim, disse:

– Não sei porque acredito em si, senhor Mahoney, mas acredito. E porquê? Porque porra haveria um homem de vir aqui com uma história do arco-da-velha, meter-se em sarilhos, aceitar uma responsabilidade e uma angústia sem igual, só para me falar de uma jovem, sua desconhecida, que viu, ou julga ter visto, ser morta. Mas, infelizmente, este acontecimento ocorreu alegadamente num país estrangeiro. Está fora da nossa jurisdição.

– Mas ela era cidadã americana...

– E como sabe isso? Uma vez que me disse que não a conhecia.

– Descobri quem ela era.

Marco contou-lhe a história de Angie, falou-lhe do restaurante de bifés, do apartamento em péssimo estado, de ter lido um artigo de jornal acerca da rapariga desaparecida quando estava em França.

– Soube que era ela, sabia que tinha visto o crime – insistiu ele. – A única coisa que não sei é o nome do barco, a quem pertence. E é essa a verdade, senhor detetive – acrescentou, por cortesia.

– Então o que me está a dizer é que foi a última pessoa a ver Angie Morse com vida. Que não estava lá mais ninguém quando ela se afogou. Estava sozinho, senhor Mahoney.

Marco fitou-o. Por um instante, desejou não ter ido ali, não se ter envolvido. Mas, se não o tivesse feito, uma jovem teria morrido sem que ninguém se lembrasse dela, sem que ninguém ajudasse. – O que vi foi um homicídio – afirmou ele friamente no preciso instante em que *Em* acordou e espetou a cabeça para fora do casaco.

– Não são permitidos cães aqui – avisou Moreira automaticamente. E depois, com um olhar arguto para Marco: – Por alguma porra de razão estúpida, sinto-me inclinado a acreditar em si. A partir de agora, tomamos conta da questão, senhor Mahoney. Pode deixar o assunto connosco.

Marco concordou, mas, quando enfiou *Em* no casaco e tomou o caminho de volta na sua bicicleta cor de laranja, soube que não podia desligar-se. Tinha de a encontrar. De a ajudar. Mesmo que estivesse morta, tinha de a ajudar.

O tempo não significa nada. Estou aqui, neste quarto agradável com as duas janelas altas emolduradas por persianas cinzento-azuladas que dão para um parque sem árvores, tão verde que me lembra o agrião que costumávamos ver crescer em retalhos de flanela na escola, para a disciplina de Biologia. *Escola*. A minha gargalhada é áspera, muito forte no silêncio que me cerca. A escola foi numa outra vida, um *mundo* diferente, afastado daquele onde acabei por me encontrar, porque não tenho dúvidas de que é aqui que vou acabar. O que me espanta é não ter acabado ainda. Porque fui arrancada ao pântano que me tomaria tão facilmente, tão rápida e silenciosamente, sem uma única bolha que indicasse onde encontrei o meu destino?

Porque não encontrei ainda o meu destino? Só posso pensar que tenham uma coisa ainda pior para mim. Talvez alguma espécie de tortura, grelhas, correntes e práticas sádicas, ao estilo medieval, que sei que a Mehitabel seria capaz de executar. A Mehitabel deve ser grande praticante de sadomasoquismo, tem esse brilho nos olhos malévolos, no corpo de aço, no seu coração insensível, tenho a certeza. Duvido que tenha até coração. O que não me ajudava muito.

«Mãe», pensei, e desfiz-me em lágrimas, embora não soubesse como ainda as tinha.

– Eu tentei, mãe – murmurei no silêncio. Tentei mesmo escapar, tentei não te deixar ficar mal. *Coragem*, dizias-me sempre, até mesmo quando estavas a sofrer, quando sabias que me ias deixar. E tentei manter-te, ah, como tentei, teria trabalhado para sempre, qualquer coisa, em qualquer sítio, só para te manter viva, comigo. Foste a única pessoa que me amou, essa é a verdade, mãe. Aqueles tipos todos, bem, talvez não tantos como possas pensar, mas, seja como for, os homens da minha vida deram todos em nada, não gostei muito de nenhum depois do Henry, o universitário do Sul. Pergunto-me o que será feito dele. Aposto que conheceu uma debutante qualquer com sotaque sulista e casou por dinheiro. É estranho, como se descobre tarde de mais a verdade sobre os homens. Talvez eu seja amarga, talvez ainda não tenha conhecido o homem certo, e agora de certeza que nunca hei de conhecer. Vou juntar-me a ti, mãe. Tornaremos a ver-nos, tenho a certeza, depois de tudo.

Ouvi passos no corredor lá fora. Desviei-me da janela, com a mão apertada ao peito, segurando as pontas do vestido sobre os seios; conhecia aqueles passos.

A porta abriu-se. Mehitabel estava ali, a olhar para mim, observando o vestido e a minha nudez debaixo dele. Pareceu passar muito tempo. Uma imensidão, uma vida inteira, antes que ela falasse.

– O senhor Ghulbian vai ver-te de novo – informou aproximando-se, deslocando-se à volta de mim, a inspecionar-me. – Considera-te uma felizarda, minha querida Angie. Ele está a dar-te uma segunda oportunidade.

Aproximou a cara da minha, fez aquele sorriso que apenas lhe curvava os cantos da boca e acrescentou:

– Algo que eu nunca te daria. Não te esqueças disso, está bem.

Ahmet estava sentado na sua cadeira preferida, de pele vermelha, com o lume a arder, o cheiro familiar dos toros misturando-se com o aroma floral das taças de jacintos que ele encomendara de Londres; não era época deles, claro, porque Ahmet tinha de ser diferente em tudo o que fazia. Nada de orquídeas brancas de supermercado, nada de rosas vermelhas de botão apertado enfiadas em embrulhos de celofane. Ele preferia o invulgar, o raro; os buquês fora de estação com os botões brancos perfeitos que enviava às suas presas, as suas «raparigas», que era como gostava de as ver, cortejando-as com a mensagem eterna de que as flores significavam amor. Como se ele alguma vez fosse amar, pudesse amar, alguém que não ele próprio. Foi e sempre haveria de ser narcisista, admitiu quando a porta se abriu e viu Angie ali parada, pálida, extenuada, de olhos encovados e, o mais chocante, a cabeça rapada.

Mas que porra acontecera à sua Angie, a rapariga de saltos altos e saia justa com um olhar ousado que prometia algo que não era sua intenção cumprir. Ou pelo menos raramente, como descobrira por si próprio naquela noite no hotel, e depois, quando se encontravam naquilo que sabia Angie ter designado como «uma relação».

– Angie – disse calorosamente –, minha querida, entra, pareces cheia de frio, aí parada com esse vestido tão fino. Mas porque não te arranjou a Mehitabel uma coisa própria para esta noite gelada?

Ela não respondeu, deixou-se ficar, de cabeça para baixo, sem olhar sequer para ele. *Recusando-se* a olhar para ele, pensou Ahmet. *Okay*, pronto, ele podia tratar disso.

Ahmet sabia como se comportar como um cavalheiro, embora não o fosse. Despiu o seu casaco de caxemira pálido e foi colocá-lo sobre os ombros dela. Ficou parado à frente dela, suficientemente perto para um beijo, mas ela não levantou o rosto para lho dar, recusou-se a notar a presença dele no seu mundo privado. Ele compreendia. Angie estava magoada com ele, e bem podia estar. E efetivamente muito em breve iria estar mesmo magoada. Ahmet já não tinha tempo para jogos; devia ter-se livrado dela quando a oportunidade surgiu, mas, agora que pensava nisso, talvez não, porque nesse caso teria recusado a si próprio o prazer de lhe fazer mal.

Mehitabel percebeu o que ele estava prestes a fazer. Tinha desaparecido, mas agora regressava com duas caixas compridas e estreitas. Abriu a primeira e mostrou o chicote a Ahmet. Abriu a segunda, tocou com um dedo macio na espingarda que ela continha e sorriu-lhe. Trocaram um olhar de mútuo entendimento.

Ahmet deixou-se ficar mais um minuto a contemplar Angie, que, com a sua postura frouxa, parecia ter-se retirado para outro planeta. Ele estava prestes a trazê-la desse lugar, de volta a si próprio. Queria ver-lhe os olhos, esses olhos para os quais olhara quando ela se estava a afogar, e desta vez queria vê-los afogarem-se em medo e dor.

Tirou o chicote da primeira caixa e percorreu-o com os dedos. Era uma antiguidade, claro, e pela sua história sabia que tinha sido usado num clube de cavalheiros do virar do século, onde coisas

como chibatadas faziam parte das delícias sexuais que ali se ofereciam. Agora Angie estava prestes a experimentar essas delícias, tal como ele, especialmente quando olhasse para ele, com o rosto contorcido de dor e implorando-lhe que parasse, os olhos suplicantes... aqueles olhos... queria que aqueles olhos lhe implorassem... só então seria capaz de erradicar do pensamento a memória desses olhos, quando ela se estava a afogar.

Mehitabel fez menção de ir despir o vestido de Angie, mas ele travou-a.

– Quero assim – ordenou, e recuou um passo, observando a mulher impotente.

Era precisamente «impotentes» que ele achava que todas as mulheres deviam ser. Ele era a força, o poder... e, se não a glória, então pelo menos a pessoa a quem ela acabaria por adorar. Era essa a sua intenção. Sujeitar a vontade forte dela, erradicar a sua personalidade, transformá-la no seu tipo de mulher: perdida, submissa, encantadora, ávida por agradar. E depois acabava com ela.

O chicote não estalou quando ele o puxou para trás, mas assobiou quando o fez descer, um som fino como o silvo de uma serpente, com uma nota cauterizante que lhe cortou a pele macia, deixando uma marca vermelha empolada, mas ainda não sangue. Ahmet não desejava sangue, isso era muito amador. Conhecia várias maneiras de infligir dor e ela era necessária para amansar Angie. Só então poderia deixá-la.

Angie não chorou. Nem sequer gritou, não lhe pediu que parasse. Caiu e deixou-se simplesmente ficar, estendida no chão, por amansar, sem vontade de lhe pedir misericórdia.

Passados vários minutos, Ahmet desistiu. Acenou a Mehitabel para que tratasse dela e foi-se embora, profundamente aborrecido. Angie vencera; agora devia livrar-se dela, deixar que Mehitabel a levasse, nunca mais tornar a vê-la. Mas não era capaz. Não ia ser vencido por uma mulher, especialmente aquela.

Pensou em Lucy; casta, simples, infantil. Sabia que nunca haveria de ser vencido por ela. Lucy haveria um dia de se casar com ele, tornar-se a senhora de Marshmallows, a bela do baile que ele daria para celebrar a grandiosa inauguração da casa. Lucy era uma mulher diferente de Angie, a quem ele agora odiava com toda a paixão que no início pusera em cortejá-la, em amá-la... Seria Amor? Teria querido apenas sexo? Quisera ver aquele cabelo ruivo comprido caído sobre os seios brancos, quando ela estava deitada ao seu lado no quarto de hotel, de olhos esbugalhados perante o simples presente que ele lhe dera, o fio *Cartier* com o seu pequeno ornamento. Uma rapariga parecia ter-lhe prometido delícias sexuais; a outra seria a sua noiva virginal. E, enquanto divagava nisso, pensou que o melhor seria verificar isso, descobrir com quem Lucy saía, assegurar-se de que ninguém abria aquele cinto de castidade antes dele. Lucy era importante. Angie era descartável.

Além de ter de redecorar a enorme e antipática casa de Ahmet numas meras cinco semanas, Martha dava agora por si também responsável por organizar o «baile» com que celebrariam a transformação. Nem sequer tinha a certeza de conseguir redecorar a casa a tempo, o simples facto de reunir trabalhadores naqueles pântanos bizarros era uma dor de cabeça, já para não falar em hospedá-los enquanto ali trabalhavam. Porquê, ah, mas porquê, perguntou a si própria depois de mais uma conversa telefónica infrutífera a pedir, *a exigir*, ajuda. Estava a ligar a todos os seus contactos, a todos aqueles a quem tivesse feito um favor profissional, dizendo-lhes que lhe deviam uma. Felizmente, a maioria estava a responder afirmativamente.

Conseguiu encontrar uma construtora que ficava apenas a trinta quilómetros de Marshmallows que aceitou ajudar com relutância, mas apenas quando o pagamento foi duplicado. Levou uma equipa de pintores de Londres, que resmungou durante todo o caminho, desconfiada das promessas de que seria alojada num *pub* muito simpático que também servia abundantes porções de tarte de bife e peixe frito com batatas fritas, o que lhes assentava perfeitamente, acompanhados de canecas gratuitas (pagas por ela) de cerveja para limpar o pó ao fim de um dia de trabalho. Contratou autocarros privados para os levar e trazer. Estabeleceu almoços de sopa quente e sanduíches. Forneceu-lhes fatos-macaco e bonés com o logo de Marshmallows, acabado de criar: uma chaminé com um ninho e um par de asas em cima. Por mais que se esforçasse, não foi capaz de criar uma imagem «pantanosa»: a paisagem desolada não se prestava a isso, pura e simplesmente.

Como se ainda não lhe bastasse isso, Ahmet telefonava-lhe todos os dias a perguntar como corriam as coisas, quando podia mudar-se para a casa e o que estava a atrasar tanto. Feitas as contas, Martha, cansada, desejava por vezes nunca ter conhecido Ahmet, nunca ter aceitado aquele trabalho. Marshmallows ficava tão longe da civilização que ela até podia estar num país diferente. Além disso, tinha de se ver com Mehitabel.

A misteriosa mulher, como Lucy chamou, e bem, Mehitabel, estava em cima de todos os pormenores; aparecia de notas na mão e comentários preparados, conseguindo sempre, como que sem esforço, dar a impressão de que Martha e Lucy estavam a ficar para trás, não estavam seguras do que faziam e questionava todos os detalhes.

Ainda assim, chegadas à terceira semana, a casa que Martha imaginara começou a surgir do caos e os sonhos tornavam-se realidade. O chão com mosaicos desaparecera, assim como a tapete vermelha, das escadas, a mobília pesada, os cortinados escuros, os painéis com ar demasiado sólido,

os inúmeros candelabros de cristal, e agora só as paredes nuas aguardavam as cores mais suaves. Branco não, ela tinha decidido que isso formaria um contraste demasiado forte com o ambiente cinzento e verde do lado de fora das janelas. A sala de estar tinha agora um tom castanho-amarelado toscano, o chão era de um tom mais claro ainda de cinza diluído, os caixilhos das janelas eram de um azul infinito que sugeria o Mediterrâneo e parecia levar o exterior para dentro de casa. As janelas propriamente ditas tinham cortinas de algodão suave, em tom creme, com um peso ideal para caírem na perfeição e agitarem-se na brisa quando as janelas altas que davam para um terraço pavimentado estavam abertas.

Quando Martha ficava a olhar por essas janelas, achava que a vista era como olhar para o infinito: as pedras do pavimento eram de um suave tom ferrugem-acinzentado, pontuadas por grandes vasos agora repletos de trepadeiras; depois, o comprido «relvado» esmeralda que conduzia ao pântano verde-acastanhado levava o olhar em frente, até ao vislumbre do rio e ao céu nublado e baixo.

Agora a casa só precisava que se espalhassem por ela os antigos tapetes turcos – escolhidos tendo em especial atenção as origens de Ahmet – suaves e em tons pastel de modo a fundirem-se no ambiente, com o chão acinzentado, os sofás e as cadeiras em cores que se complementavam, se bem que não fossem combinadas; pontuados por almofadões fofos e sumptuosos que convidavam as pessoas a estenderem-se neles.

Ao olhar para o seu trabalho, prevendo os seus resultados, Martha sabia que tinha trabalhado muito bem. Só faltava a entrega de algumas mobílias e as peças antigas para completar o piso inferior e, com a pressão do tempo e outro trabalho em mãos, sentiu que podia deixar com segurança o assunto nas mãos de Lucy, que esperava fossem capazes. Se Lucy conseguisse tirar da cabeça o giraço loiro das pizzas que Martha agora sabia chamar-se Phillip, seria capaz. A propósito, onde estava Lucy? Porque parecia estar sempre noutro lugar qualquer quando precisava dela?

– Lucy – gritou, percorrendo o corredor até à cozinha e apostando que iria encontrar a irmã a lanchar qualquer coisa confeccionada pelo simpático tunisino que parecia ser o único empregado por aquelas bandas. Calculou que Ahmet estivesse à espera de que a casa ficasse terminada para trazer o pessoal. – Lucy? – chamou de novo, empurrando a porta forrada a baeta verde que dava para a cozinha. A baeta verde, um tecido de feltro, era um toque antiquado que achara divertido e esperava que Ahmet o visse do mesmo modo.

Não encontrou Lucy na cozinha, mas encontrou Mehitabel, de pé junto do lavatório, a percorrer um dedo, que a Martha pareceu crítico, sobre a sua superfície. O lava-louça era velho, um achado que Martha desencantara numa venda ali perto. Era feito de pedra, que ela alisara e polira, e instalara nele novos canos, um caixote do lixo elétrico e uma torneira de crómio muito alta e elegante, que rodava para os dois lados. Colocado na bancada de granito cinzento pálido, escolhida pelo próprio Ahmet, parecia-lhe espantosamente modernista.

– Isto não funciona. – Mehitabel virou-se para a olhar, com aquela expressão fria que Martha reconheceu.

Martha perguntava-se se aquela mulher alguma vez se tornaria calorosa, se gostava de alguma coisa, se, que diabo, alguma vez sorriria. Martha dava-se bem com quase todas as mulheres, gostava de conhecer pessoas novas, gostava das suas amigas, mas Mehitabel era diferente, ainda que ela não conseguisse identificar exatamente em quê.

Pôs um sorriso no rosto e perguntou o que se passava.

– Esta torneira terá de sair – afirmou Mehitabel. – Está completamente deslocada. O senhor

Ghulbian não vai gostar.

Martha foi até ao lava-louça, colocou-se ao lado de Mehitabel e inspecionou a torneira.

– Deixe-me explicar uma coisa – disse ela friamente, porque se recusava a sentir-se intimidada por aquela mulher que claramente se dispunha a fazer precisamente isso. – Deixe-me explicar-lhe uma coisa. Este é o *meu* trabalho. O Ahmet – usou o nome dele para que Mehitabel compreendesse que ela e Ghulbian eram amigos –, o Ahmet aprovou todas as peças, todas as cores, todos os granitos, todos os chãos. O meu trabalho consiste em agradar ao meu cliente. Calculo que compreenda isto, não? Esta casa não me pertence, nem a si. É o Ahmet e só ele que decide o que funciona e o que não funciona. Faço-me entender? Mehitabel?

Martha viu duas fortes manchas de cor aparecerem nas faces de Mehitabel e reconheceu a raiva que fervilhava sob a superfície calma. Definitivamente, não tinha feito uma amiga.

– Vou falar com o senhor Ghulbian sobre o assunto – replicou Mehitabel. – Seja como for, creio que terá de esperar para lho perguntar pessoalmente. Espero a sua chegada a qualquer momento.

Martha pegou no *i-Pad* e no caderno amarelo com os esboços e as notas, enfiou os dedos na argola que segurava as amostras de tecido e ofereceu novo sorriso a Mehitabel.

– Que pena eu ter um compromisso esta noite. Não vou poder esperar, mas claro que o Ahmet me pode ligar a qualquer altura.

Mehitabel nem sequer acusou ter ouvido estas palavras. Fez-se um silêncio desconfortável, quebrado de súbito por Lucy que entrava bruscamente pela porta, de telemóvel no ouvido, os ténis a chiarem no chão imaculado de mosaicos brancos, deixando pegadas enlameadas.

– Oh, mas que caras – protestou Lucy. – Porque nunca o apanho no telefone? Não pode estar sempre a entregar pizzas, pois não, Marthie? – Deteve-se quando lhe ocorreu algo. – Achas que anda com outra? – Parecia subitamente afligida.

Antes que Martha pudesse responder, Mehitabel apressou-se a dizer:

– Bom, Martha, claro que, se não pode esperar pelo regresso do senhor Ghulbian, a sua assistente deve fazê-lo. Ela pode acompanhá-lo, mostrando-lhe as sugestões da Martha e aquilo que já foi feito. A Lucy pode tomar notas e transmitir-lhe os comentários pessoais do senhor Ghulbian. Certo?

Olhava para Martha como se o assunto estivesse fechado. Sem discussões, diria Lucy.

– Não, não, mas é claro que não – protestou Martha. – Ela não tem carro, tem de regressar comigo.

– Esquece-se de que o senhor Ghulbian tem um helicóptero. Pode ser que a Lucy chegue a casa ainda antes de si, senhora Patron.

Disse o nome como que depois de ter pensado duas vezes, um nome que ela mal se dera ao trabalho de recordar. Martha achou que Mehitabel era uma cabra, com os seus modos gélidos. Fosse como fosse, certamente não queria deixar Lucy sozinha com ela.

– Talvez possa esperar, afinal – retorquiu ela, ciente de que parecia hesitante.

Mehitabel olhou-a demoradamente.

– Não há razão nenhuma para se preocupar, sabe, senhora Patron. A Lucy fica em perfeita segurança.

Olhou para Lucy, que mirava a tarte que o Chef tunisino estava a fazer, uma camada de beringela, tomate, pimentos e carne, encimada por uma tampa de massa que ele embelezava com lindos recortes de massa em forma de folhas.

Lucy estava interessada; talvez a sua vocação não fosse o *design* de interiores; podia tentar uma escola de culinária. Hoje em dia, os Chefs ganhavam bastante bem, ela sabia-o pela televisão.

Verificou novamente o telemóvel; não havia mensagens dele. De repente, detestou ter dezassete anos. As mulheres mais velhas sabiam como lidar com os homens que não telefonavam, homens que, ao que parecia, nem sequer estavam interessados. *Oh, meu Deus, oh, meu Deus, como podia ele fazer aquilo, depois da noite anterior?* Praticamente dera-se por inteiro a ele e, apesar de uns quantos «acidentes» anteriores, teria sido a primeira vez. Conhecia outras raparigas que tinham sucumbido ainda mais novas, ou que pelo menos tinham fingido, com sorrisos convencidos, de quem sabe, e isso tudo, ao passo que ela dizia altivamente que iria esperar pelo leito matrimonial. Estava a brincar, claro. Às vezes, mal sabia como conseguia manter as pernas juntas e possivelmente teria afastado os joelhos na noite anterior para ele, caso tivesse deixado passar mais tempo no seu enleio. Ora aí estava uma palavra antiquada. *Enleio*. Que merda. Ela tinha estado *enrolada* nele! Essa é que era a verdade. E queria «enrolar-se» mais. Com ele. Tentou novamente o número dele, uma vez mais sem sorte.

Largou o telefone e voltou a si, percebendo de súbito o que Mehitabel sugeria: que ela esperasse ali, que discutisse as decorações com Ahmet, para mais tarde ser levada de helicóptero.

– Porque não? – disse Lucy, sentindo o desânimo descer sobre si como uma nuvem. – «Ele» nunca iria ligar, ela bem podia ficar ali a tratar das coisas no lugar de Martha.

– Não se preocupe – estava Mehitabel a dizer a Martha enquanto levava Lucy a sentar-se à mesa da cozinha. – Eu asseguro-me de que ela come e bebe. Como os cavalos – acrescentou com o que Martha julgou ser uma espécie qualquer de humor.

– Bem... – Martha continuava insegura.

– Ah, *vai* andando, Marthie – incitou Lucy, impaciente por voltar ao telefone. – Sou tua assistente, ou não sou? É isto que eu faço. – Pousou os ténis enlameados noutra cadeira e voltou ao telefone.

Martha deu-lhe um beijo rápido e saiu, ainda a perguntar-se se estaria a agir bem, deixando-a sozinha com Mehitabel naquela casa isolada, enquanto Lucy olhava para a cozinha com olhos esfomeados. Estava sempre com fome.

Mehitabel sabia que Ahmet estava apaixonado por Lucy; observara a maneira como ele olhava para ela, como se deliciava com a sua presença, com a sua juventude, a maneira como dissera o seu nome, trazendo-o à conversa como que por acaso. Mehitabel viu nele um homem obcecado e o ciúme percorreu-lhe as veias como água gelada. Durante todos aqueles anos que estavam juntos, Ahmet nunca exprimira sentimentos por uma mulher. Parceiros na conspiração, conheciam os segredos e desejos secretos um do outro; compreendiam-se mutuamente; até agora, que Lucy Patron chegara para os separar, para deixar o mundo perfeito de Mehitabel de pernas para o ar; tornar inseguro o seu futuro e revirar-lhe as entranhas com o que ela sabia ser, pela primeira vez na vida, ciúme.

O apartamento de Martha em Chelsea, Londres, ficava por cima da caverna de Lucy na cave. Estava nesse momento a conduzir nessa direção, já atrasada para ir ao encontro do seu amigo e colega de trabalho Morris Sorris. Desde que conhecera Morris, dois anos antes, que lhe dizia não acreditar que o nome dele não fosse inventado. Ele não o negou, mas disse que ninguém se esquecia dele, portanto não havia problema. E era verdade, as pessoas lembravam-se mesmo.

– Está sempre na ponta da língua – declarou Morris a sorrir e ainda não dissera a Martha qual era o seu verdadeiro nome.

«Não é quem eu costumava ser», corrigiu ele quando, consumida pela curiosidade, ela lho perguntou, dizendo como era possível que alguém quisesse mudar o nome para Morris Sorris.

«É fácil. Nunca serei esquecido», foi a resposta dele, e claro que nunca era mesmo, embora Martha muitas vezes o abreviasse para Morrie Sorrie, o que o ofendia profundamente.

Era baixo, muito magro, com os olhos intensos dos seus antepassados espanhóis, um tufo de cabelo preto que se espetava para todos os lados e que ele jurava não ser capaz de controlar, se bem que Martha o apanhara por diversas vezes a olhar-se ao espelho e a dar-lhe uma sacudidela com os dedos para chegar àquela imagem despreocupada de quem acabou de sair da cama. Que sem dúvida Morrie tinha: as raparigas andavam atrás dele; os telefonemas eram infindáveis; as mensagens; as esperas à porta de casa, até que Martha foi obrigada a pedir-lhe que, por favor, controlasse a vida privada e a deixasse fora do trabalho.

Morrie vivia num apartamento renovado num antigo prédio de tijolo, numa zona recém-aburguesada de Brixton, que costumava ser um lugar onde ninguém se atrevia a pôr o pé depois de escurecer, ou mesmo durante o dia, mas que tinha sido depurado, o dinheiro entrara ali e conquistara o que havia para conquistar. Tudo corria bem no mundo de Morrie até ao seu primeiro encontro com Ahmet Ghulbian e a infame Mehitabel.

Conheceram-se em Marshmallows, onde ele tinha ido de carro com Lucy no lugar de Martha, que ficara a tratar dos infinitos pormenores para o baile.

– Verifica se já chegou tudo – recomendara ela. – Tens a planta, sabes qual é o lugar de tudo, como devem ficar as cortinas, o lugar exato para as luzes. Vê lá se aquela bruxa da Mehitabel não mudou tudo para depois pôr as culpas em cima de mim quando o Ahmet for dar a sua aprovação.

– Merda – disse Morrie, desnorteado. – Julguei que estavas a trabalhar com ele. Ela é só a assistente, não é?

– Acredita em mim, ela vai fazer-te saber exatamente quem é e exatamente quem és tu na fotografia. Não leves a peito – acrescentou com uma gargalhada. – Já passámos todos por isso. A Mehitabel é uma vaca.

– *Hmm*, provavelmente conheço uma palavra melhor para ela, mas não a vou dizer à tua frente.

– Mas podes dizê-la à frente dela.

Lucy ia sentada ao lado dele no caminho para Marshmallows; seguiam pela avenida ladeada de árvores atrofiadas que parecia, pensou Morrie olhando de relance para os dois lados, tirada de um filme da Disney em que a bruxa podia ser vista voando por cima deles. Ou melhor, a Mehitabel.

– Bem, aqui estamos nós finalmente – anunciou ele e saiu do carro. Pegou no casaco que estava no banco de trás e vestiu-o. Achara que o *tweed Harris* era adequado para uma casa no campo, mas mudou de ideias ao olhar para aquela; talvez fosse mais apropriado um chapéu alto e casaco de cauda, fato e colete.

– Aqueles pássaros estão sempre ali a observar? – perguntou a Lucy, fitando cautelosamente as garças, que tinham as garras enroladas à volta do rebordo curvo do telhado e olhavam ameaçadoramente para eles.

– Acham que se calhar queremos os bebés – retorquiu Lucy. – Não são perigosas. É com a mulher que temos de nos acautelar. – Mas riu-se ao dizê-lo; havia poucas coisas que conseguiam perturbar Lucy.

Para sua surpresa, a porta foi aberta por um empregado antes ainda de terem subido os quatro degraus de pedra que conduziam ao alpendre com pilares. Lucy perguntou-se o que iria Martha fazer dali. Teriam de sair, disso tinha a certeza.

– Olá – disse ela. – Somos os decoradores.

O homem olhou para ela com um rosto inexpressivo.

– De Londres – acrescentou. – Da Patrons. O senhor Sorris e eu, Lucy Patron, viemos verificar os progressos da obra.

Ele continuou sem nada dizer e não fez menção de os deixar entrar.

– O senhor Ghulbian queria que viéssemos verificar tudo – acrescentou, com a voz a falhar ligeiramente; nunca se deparara com uma receção tão silenciosa.

– Tenho de ir confirmar com o senhor Ghulbian – disse abruptamente o homem e fechou-lhes a porta na cara.

– Merda! – exclamou Morrie. – Mas que porra se passa com ele? Lucy já estava agarrada ao telemóvel, a telefonar à irmã.

– Caramba, Marthie – disse ela, quando Martha atendeu. – Não nos deixam entrar.

– Quem é que não deixa?

– Um tipo qualquer de fato, inchado que nem um balão, a fingir que é mordomo. Mas aposto que acabou de sair da prisão.

Ouviu Martha rir.

– Vou ligar à Mehitabel – disse ela.

– Essa vaca – replicou Lucy.

– Não te preocupes, a vaca deixa-te entrar, vou tratar disso. E, Lucy, enquanto aí estás, tenta espreitar o andar de cima, está bem? É como se tivessem faixas amarelas da polícia ao fundo das escadas e aí de quem tentar transpô-las.

– *Mmm*, macaquinhos no sótão?

– Espero que não, mas aí há gato. Bem, vê lá o que descobres.

– O ex-presidiário de fato voltou – disse Lucy. – Não te preocupes, irmã mais velha, já conheço a casa como a palma da minha mão. Bem, pelo menos, a área da cozinha. Vou exigir ser levada lá acima.

– E eu vou telefonar ao Ahmet para lhe dizer que é precisamente isso que vais fazer.

Quando voltei a mim, estava deitada numa banheira rasa. A água estava fria e chegava-me ao pescoço, só tinha a cabeça de fora. Entrei imediatamente em pânico. Estava outra vez a afogar-me, a mergulhar naquele veludo azul de dama de honor, mais fundo no azul-celeste, mais escuro em cobalto...

– Senta-te, por amor de Deus – rosnou uma voz.

Senti a mão de Mehitabel atrás da minha cabeça sem cabelo, a agarrar-me com força, para impedir, calculei eu, que me afundasse de novo. Oxalá ela me deixasse. Oxalá toda a gente me deixasse. Eu queria partir, será que ainda não sabiam isso, que não aguentava mais; que a morte era mais fácil, mais suave, a saída mais suave. Se bem que não fazia ideia de onde estaria a sair, não tinha noção, nenhuma pista, daquilo em que estava envolvida.

A minha voz voltou, rouca, mas era a minha, e ouvi-me dizer:

– O que sabes tu de Deus, já agora. Deixa-me a merda da cabeça, minha puta, que vou satisfeita.

Eu nunca dizia palavrões, bem, só quando estava chateada com clientes do sexo feminino no bar que me olhavam com ar de superioridade, aquele olhar de cima a baixo à pobre cabra, que me dava vontade de lhes atirar os Cosmos à cara e mandar ao diabo o meu trabalho. Mas agora não tinha trabalho, não tinha bebidas para atirar à cara de ninguém, não me restavam forças sequer para levantar o braço e atirar fosse o que fosse. Mas, por dentro, fervia em mim uma nova energia de puro ódio.

Mehitabel agarrou-me com mais força o pescoço, empurrando-o para cima até eu pensar que de certeza me ia partir a espinha. Para meu espanto, apercebi-me de que ainda estava com o vestido de seda esfarrapado que usava quando Ahmet me bateu. *Bateu-me até eu cair.* Como me detestei por cair daquela maneira, deixando-o acreditar que tinha vencido, que eu era só mais uma das suas raparigas; raparigas essas que eu agora tinha a certeza que ele torturava e matava. Como me podia ter deixado envolver naquilo? Como podia ter acreditado que um homem como ele, um multimilionário, um homem que tinha tudo, que podia ter as mulheres que quisesse, me haveria de querer a mim, a empregada vulgar, de nível baixo, com uma aparência meramente suficiente e boas pernas. Por falar em pernas, reparei que tinha uma dor na perna esquerda, uma dor mais forte do que o que sentia em qualquer outra parte do corpo, e ele doía-me praticamente todo, depois das chibatadas que tinha

aguentado. Aquela dor era no osso; o tornozelo, pensei, e mexi-o ligeiramente, suprimindo o grito quando fui perpassada por uma pontada de dor. Meu Deus, estaria partido? E, se estava, como poderia eu fugir? Para correr são precisas duas pernas.

– Cala-te, puta – disse Mehitabel.

Estava a ensopar uma esponja com um óleo que cheirava a eucalipto e depois começou a esfregar-me com ela, tão delicadamente que julguei que ela se tinha enganado; passou a esponja pelo meu pescoço, pelos seios, debaixo dos braços. Não podia avançar mais, porque o resto do meu corpo estava debaixo de água, onde, disso não tinha eu dúvidas, por mais limpa que estivesse devido aos seus cuidados, não tardaria a afogar-me. Detestei pensar na espuma no meu nariz, na cabeça, na garganta. Teria preferido muito mais o azul limpo e límpido do mar Egeu.

– Levanta a perna esquerda – ordenou.

Obedeci, estremecendo quando ela segurou o tornozelo na mão e se inclinou para o inspecionar. Julguei sentir sangue, e ela deve tê-lo visto, porque fez *ts-ts* e abanou a cabeça, agitando os caracóis de Medusa ao deixar cair a minha perna esquerda na água, o que me fez gritar de dor.

– Oh, meu Deus – retorquiu ela com ar cansado. – Mas tu nunca te calas?

Virei os olhos para ela, vi uma mulher bela com uma vontade de ferro, inflexível relativamente aos seus desejos maldosos, uma torturadora sádica, uma assassina de coração frio, e no entanto agora tratava-me com a ternura de uma mãe para com o filho magoado. Isto sem contar com as suas palavras, claro.

Tirou o tampão da banheira e sentou-se sobre os saltos altos. Ficámos as duas a ouvir em silêncio a água gargarizar pelo ralo abaixo. Quando desapareceu e eu ali fiquei deitada, sem me conseguir mexer na banheira vazia, subitamente gelada, levantou-se e foi pôr-se atrás de mim, enfiou os braços debaixo dos meus ombros e tirou-me para fora tão facilmente que me surpreendeu. Claro que por essa altura eu pesava pouquíssimo, mas mesmo assim era um peso morto a sair da banheira. Aquela mulher tinha a força de dois homens.

Pensei na picada do chicote, e todos os milímetros da minha carne que o tinham recebido estremeceram com uma nova dor. Queria chorar mas não chorei, não lhe daria esse prazer. Arranjei coragem nalgum lugar. Se ia morrer, seria em silêncio, jurei, fiz essa promessa a mim mesma e à minha mãe.

Empurrou-me para um pequeno banco almofadado, atirou uma toalha para a minha nudez emaciada com uma expressão no rosto que dizia que nem sequer era capaz de olhar para mim, e depois disse-me que me secasse. A minha pele latejava. Fosse onde fosse que passasse a toalha, que me esfregasse, a minha pele doía, às vezes como se tivesse uma faca a abrir-me a carne, e ainda nem sequer experimentara pôr peso em cima do tornozelo.

Olhei de relance para Mehitabel, que se dirigia a mim com uma pequena caixa vermelha com uma cruz branca e a palavra primeiros-socorros. Pensei em como aquilo era ridículo, como se eu tivesse caído no recreio e esfolado o joelho. Tinha sido chicoteada, agredida, quase afogada e ali estava a minha doce salvadora com a caixa dos primeiros-socorros.

Ajoelhou-se à minha frente, pegou-me no tornozelo esquerdo com as duas mãos, virou-o, inspecionando-o, e provocou em mim uma agonia inexprimível. Fiquei de boca calada. Sabia que ela gostava de me infligir dor e não lhe queria dar esse prazer. Em vez disso, disse:

– Devias ter usado a espingarda. Seria mais rápido e a finalidade seria a mesma.

Ergueu os olhos, surpreendida. Eram de um verde vidrado, notório, com efeito bastante bonitos,

emoldurados por pestanas negras e grossas.

– Mas ainda não percebeste que o «prazer» é para ser desfrutado devagar? Matar depressa é uma coisa momentânea, que se sente por um mero instante, antes do choque. Não, não, oh, não, minha linda Angie, o prazer da dor é demorado, estende-se, é para ser aproveitado até ao último momento antes do fim. Ainda não chegámos a esse ponto contigo. – Sorriu e depois disse: – Mas lá chegarás.

Ouvi-me responder, com uma estranha bravura:

– Isso é uma promessa?

Olhou-me demoradamente, com o meu tornozelo entre as suas mãos.

– Acredita em mim, Angie, vais querer que eu mantenha a minha promessa. E torceu malevolamente o meu tornozelo, que fez disparar a dor e encheu de suor a minha cabeça careca.

Eu estava uma lástima. Era uma «não-mulher». Era «nada». Com o que restava de mim, do meu coração, desejei estar morta.

Mas não seria assim. O tornozelo foi enfaixado, alguma coisa foi injetada no meu braço e deslizei para outro mundo.

Lucy estava aborrecida, sentada na cozinha de Marshmallows. Morris encontrava-se algures lá fora, na paisagem verde enlameada a inspecionar o terreno, após o que iria para casa, sozinho, enquanto ela iria com Ahmet. Tinha feito alguns telefonemas infrutíferos, incapaz de encontrar o rapaz das pizzas, e preocupava-se com a possibilidade de ele a ter descartado após uma única noite e de pensar que ela era uma galdéria porque, afinal de contas, dera aquele passo, ou melhor, aquela *mão*, longe de mais, e era essa a verdade. Se bem que outras raparigas faziam mais e pior e nem por isso se consideravam galdérias, apenas «mortais», com «sentimentos». Lucy tinha de admitir que gostava da parte dos «sentimentos», mas estava a ter dificuldade em lidar com a rejeição, que não duvidava era o que lhe estava a acontecer nesse momento.

– Oh, meu Deus, meu Deus – gemeu, fitando o telefone inútil.

De que lhe servia um telefone se não tinha o número de Phillip Kurtiz terceiro, ou «júnior», como a família lhe chamava na América. Que merda, nunca poderia sair com um «júnior», preferia morrer. E tinha medo de morrer mesmo, de coração despedaçado, claro.

E, afinal, o que estava ela ali a fazer, sozinha naquela grande casa arrepiante, no meio de nada? Onde estava aquela mulher, a Mehitabel? Onde estava *Ahmet*, que supostamente lhe daria boleia para casa? Tinha as anotações todas, bem guardadas no *iPad*, e as amostras enfiadas na bolsa de mensageiro gasta, de lona verde, que trazia cruzada no ombro, como faziam na Primeira Guerra Mundial. Vira isso nos filmes antigos, terrivelmente tristes, mas os uniformes com aqueles cintos polidos Sam Browne e aquelas bolsas tinham um *design* fantástico. E agora que estava metida no negócio do *design* tinha maior noção de pormenores desse tipo. Além disso, dava jeito para guardar as suas coisas todas.

A água gorgolejava nos canos a descoberto por cima da sua cabeça, ainda à espera da cobertura do reboque. Parecia uma banheira a despejar. Perguntou-se quem poderia estar a tomar banho naquela casa vazia. E depois ouviu passos.

Levantou-se, aterrorizada, de bolsa numa mão e a outra a agarrar a garganta quando a porta se abriu e Mehitabel entrou com os seus saltos agulha, que Lucy sabia deviam ter custado uma fortuna, embora não soubesse como tivera tempo para fazer essa avaliação quando estava tão assustada.

– Merda – disse ela. – Assustou-me.

Mehitabel olhou para ela de cima a baixo como se assimilasse todos os pormenores desalinhados, ainda que Lucy tivesse vestido as suas calças de ganga rasgadas preferidas, a melhor camisola

cinzenta com ApplePie escrito a vermelho e os ténis novos, agora cobertos de lama e que tinham perdido o seu ar de «ténis novos».

Mehitabel não pediu desculpa por a ter sobressaltado, limitou-se a erguer um ombro e atravessou a cozinha até ao lava-louça, onde se pôs a lavar as mãos.

Lucy observou-a em silêncio. Mehitabel deixava-a nervosa.

– Então, quando espera que o Ahmet regresse? – perguntou por fim, afundando-se de novo na cadeira e agarrando a bolsa sobre o peito com um gesto protetor, como se achasse que a mulher se podia aproximar dela com uma faca ou coisa do género.

Mehitabel continuou sem falar. De costas para Lucy, arrancou dois pedaços de papel de cozinha e enxugou cuidadosamente as mãos. De seguida, passou-as pelo cabelo, afastando os caracóis do pescoço como se lhe fizessem calor, e abanou a cabeça para que eles caíssem naquilo que Lucy considerava ser o lugar perfeito. Invejava aquele cabelo. Os seus longos caracóis loiros estavam húmidos e crespos, com madeixas a caírem-lhe persistentemente no rosto. Perguntou-se se haveria um pente na vasta caverna daquela bolsa de mensageiro, onde as coisas podiam ficar perdidas durante semanas a fio, razão pela qual, calculou ela, as mulheres usavam pequenas bolsas delicadas apenas com um batom, um cartão de crédito e um pente.

Mehitabel virou-se. Encostou-se ao lava-louça, com um tornozelo cruzado sobre o outro, ambos com as suas elegantes tiras de sapato, e disse:

– Então, diga-me, Lucy, agora que é decoradora, o que acha de Marshmallows?

Como sempre, a sinceridade fez sair da boca de Lucy a verdade, sem um momento para pensar antes de falar.

– É mau. Quer dizer, não está nada bem, é tudo escuro e deprimente. Na verdade, é meio arrepiante – acrescentou com uma risada que filtrava a realidade do que tinha dito. – Claro que eu e a Martha ainda não vimos o andar de cima, até pode estar cheio de luz. Ou de cadáveres.

A boca de Mehitabel curvou-se naquilo que Lucy podia ter jurado ser um sorriso e retribuiu-o, deliciada por obter uma reação.

– Cheia de doçura e de luz – disse Mehitabel. – Um pouco como a própria Lucy. Não é o que as pessoas dizem de si?

– Certamente que não! Não permito que ninguém diga uma coisa dessas sobre mim. É mais do género: «Mexe-te lá, Lucy.» Abriu um sorriso, rindo-se de si mesma porque sabia que era verdade: não era propriamente preguiçosa, mas gostava de tomar o seu tempo com as coisas.

Mehitabel afastou-se do lava-louça. Olhou para Lucy e dirigiu-se calmamente para ela nos seus saltos agulha vermelhos, de mãos na anca. De olhos estreitados, parecia assimilar Lucy, imiscuir-se no seu cérebro, hipnotizá-la deixando-a numa imobilidade assustada.

E depois, atrás dela, uma porta bateu e uma voz disse:

– Ora, ora, aqui estás, minha querida Lucy. Julguei que não chegaria a tempo. O Marco também prometeu vir.

Era Ahmet. Verificou o relógio.

– Dentro de dez minutos. Vamos escolher o local para o meu retrato.

Parou e olhou atentamente para Lucy, paralisada na mesa, e para Mehitabel, parada a meio de um passo, vinda do lava-louça. Percebeu num instante o que devia ter acontecido e tomou imediatamente o controlo da situação. Disse:

– Mehitabel, trata, por favor, de que a sala de estar fique pronta, de que haja bebidas, tudo isso.

Vai fazer o teu trabalho.

Sem dizer uma palavra, Mehitabel virou-se e saiu da cozinha, mas não sem que Lucy reparasse que a cor lhe subira às faces, um lampejo de raiva nos seus olhos geralmente inexpressivos.

– Ah, graças a Deus és tu, Ahmet – disse Lucy, com a voz a tremer um pouco. – Estava a ficar tão tarde e a modos que escuro, e não há aqui mais ninguém e julguei ouvir barulhos... bom, bom... que bom que estás aqui.

– Também fico contente por estar aqui. Não há razão para teres medo em Marshmallows, minha pequena Lucy. Esta é a minha casa, ou pelo menos vai ser, quando a tua irmã a transformar. Bem, pareces-me uma rapariga a precisar de um copo de champanhe. Estou certo?

Virou-se ao ouvir uma porta e Mehitabel regressou com uma bandeja contendo uma garrafa num balde de gelo e dois copos muito altos e finos, muito frágeis. Pousou a bandeja numa mesa de apoio e saiu logo.

– Bem, então, Lucy, minha querida – disse Ahmet –, porque não bebemos um pouco disto e tu me contas os progressos do *design* interior da casa?

– Tenho de regressar a Londres – afirmou Lucy, desesperada.

– Mas é claro, claro. – Ahmet deu-lhe uma palmadinha no joelho ao passar-lhe um copo, depois ergueu o seu num brinde.

– A nós. A Lucy, a minha adorada menina. A Marshmallows e ao grande baile que vou dar, onde serás uma estrela.

O facto de dizer «uma estrela» lembrou Lucy das razões para ter ido àquela casa.

– Queres dizer uma estrela num filme? Aquele cujo guião me ias mostrar. Lembras-te?

Ahmet dirigiu-se à parede de prateleiras imediatamente atrás dela, tirou de lá um molho de papéis cosido, voltou para trás e entregou-lho.

– Chama-se *Só o Melhor* – disse ele. – E é todo teu, Lucy.

De seguida falou baixinho, como que preocupado que alguém o pudesse ouvir, embora Lucy não visse ninguém por ali:

– Escuta, minha querida. Tenho de ir a França amanhã, ver o meu iate. Pensei que podias vir comigo, que podias tirar partido de uma viagem rápida. Podemos falar dos teus planos no avião – acrescentou ao perceber a hesitação dela. – Vai acabar por nos poupar tempo.

Lucy concordou, afinal não ia a lado nenhum com o rapaz das pizzas e não havia mais ninguém no horizonte e, feitas as contas, nesse momento estava bastante aborrecida com a sua vida. Parecia que nada lhe corria bem desde que deixara a escola de representação; não havia trabalhos, nem carreira, nem homens. Sabia que não era uma estampa, mas também não estava propriamente mal; tinha ânimo e as pessoas diziam que era divertida, então o que havia de errado? Decidiu que devia ter perdido a atração desde a sua «quase» incursão no sexo a sério e agora já ninguém a queria conhecer. Só Ahmet, que era velho e chato, mas que a estava a convidar para o seu iate, para a levar no seu jato privado, para falarem sobre o guião e sobre o baile que queria dar e que ela e Martha iriam planear. Como podia isso ser mau?

Ligou a Martha para lhe contar. Como seria de esperar, Martha perdeu a cabeça.

– Não te atrevas a ir com esse homem, Lucy Patron. – Até gritou, fazendo Lucy endireitar as costas.

– E porque não? – exigiu ela saber, com um tom, achou ela, tranquilo e digno.

– Não confio nele – retorquiu Martha, agora mais calma, mas definitivamente preocupada.

– Ele quer que *tu* também venhas. E o Marco. – Lucy inventou aquilo rapidamente como estratagemas.

– Ahh? Então porque não me telefonou a convidar-me?

– Imagino que vá fazê-lo. – Subitamente, Lucy sentia-se cansada de tudo aquilo. – Posso ficar esta noite contigo, Marthie? A minha casa é uma confusão tão grande.

– Oh, céus, está bem, claro que sim. Na verdade, seria melhor vires para aqui, assim posso ficar de olho em ti.

Lucy teve de rir-se.

– Não podes desconfiar que o Ahmet tenha más intenções. Quer dizer, Marthie, ele é velho de mais para isso.

– E *tu*, Lucy, és nova de mais. Vem para cá e traz o Morrie contigo, podemos falar dos planos para o baile.

Lucy animou-se logo.

– Mas que bom, já estou a imaginá-lo, todo cheio de dourados e rosas e... um bando de gente velha com vestidos de cerimónia a rodopiar, como que sedados, ao som de uma valsa, ou, pior, a dançarem uma rumba numa grande fila, como nos filmes antigos...

– Não sejas disparatada, e o que tu não sabes é que o Morrie é muito conhecido como organizador de festas. Vai dizer-nos exatamente o que fazer e quanto vai custar.

– Achas mesmo que o Ahmet se preocupa com isso?

– Ias ficar surpreendida com as coisas com que o Ahmet se preocupa, uma delas será de certeza com o seu dinheiro. Como achas que os multimilionários se tornam multimilionários? Ainda assim, isto vai custar-lhe uma fortuna.

– Vai ser maravilhoso – respondeu Lucy e sabia que era verdade.

Marco estava na cama com Martha quando o seu telemóvel tocou. Resmungou e pôs uma mão em cima dos olhos, não querendo olhar, não querendo admitir ninguém naquele mundo privado que lhe pertencia e à sua amante, a sua mulher, a sua adorada Martha. Ela estava de costas para ele, que tinha o corpo abraçado ao seu, a perna em cima dela; um momento antes, a mão que ele agora punha em cima dos olhos para não ver quem lhe ligava tinha estado à volta do seio dela: pequeno, perfeito, redondo, que cabia na sua mão como se tivesse sido feito para ela. E ele achava que tinha mesmo.

– O nosso Criador foi bom quando te criou – murmurou ele ao ouvido de Martha. – Mas não quando inventou o telefone.

Tentou ignorá-lo com um resmungo e, felizmente, depois de tocar mais umas vezes, parou. Depois recomeçou.

– Alguém insistente – murmurou Martha, que pegou na mão dele e a arrastou mais para baixo, no seu corpo. – Mas aposto que ninguém é tão insistente como eu quando sei aquilo que quero.

Ele sabia o que ela queria, era exatamente o que ele queria também; e ambos o queriam há mais de duas horas.

– Hei de amar-te sempre – prometeu ele e passou a língua pela orelha dela.

– Oh, meu Deus. – Martha sentou-se abruptamente, atirando Marco para trás. – Esqueci-me. A Lucy vem a caminho de cá. Disse-lhe que podia passar aqui a noite. O Ahmet convidou-a para o seu iate, claro que lhe direi que não pode ir sozinha...

– Então, porque não vamos com ela? Tenho de encontrar um sítio para lhe pintar o retrato, posso usar isso como desculpa.

Martha sorriu.

– Perfeito, Marco Mahoney. És tão perfeito que às vezes nem acredito que sejas tão esperto. Acabaste de salvar a situação.

– E ao mesmo tempo cuido da minha encomenda. Não estou ansioso por captar o nosso senhor Ghulbian na tela, mas uma promessa é uma promessa e ele é interessante, de uma maneira estranha.

Ahmet não estava propriamente emocionado com a notícia de que Marco e Martha iriam acompanhar Lucy, mas percebeu que tinha de ser ou não haveria Lucy; de qualquer modo, estava ansioso por ter o

seu retrato feito.

Pensara no assunto e já se decidira pelo local. Iria sentar-se na cadeira do capitão, na cabeceira da mesa para trinta pessoas, na sala de jantar do iate, com os seus painéis de madeira. Estes eram cor de cinza, um tom de que ele gostava – detestava o amarelado do carvalho tradicional – e a cadeira do capitão era uma antiguidade, recuperada de um baleeiro de Boston, que percorrera o Atlântico no século XIX e regressara cheio de cicatrizes e nódoas de rum, assim como do cheiro dos barcos de antigamente, o que animava de facto Ahmet.

Às vezes, pensava na sua personalidade conflituosa, nas coisas boas que fazia: os jovens que resgataa das ruas; o apoio que posteriormente lhes dava; as generosas dádivas a obras de beneficência; a genuína generosidade do seu coração para com os jovens e carenciados. Mas havia um outro lado, aquele que escondia do mundo, de todos com exceção de Mehitabel. Ela conhecia a sua «outra alma», ou a falta dela; sabia como protegê-lo, como agir de modo a que ninguém desconfiasse das más ações do grande homem, do multimilionário que tinha tudo. Para que certamente não desconfiassem da tortura e do homicídio.

«Homicídio» era uma palavra que Ahmet geralmente não permitia que penetrasse na sua mente. Não era um assassino. Era um homem equilibrado, justo. As suas «raparigas» eram escolhidas porque basicamente não tinham vidas reais, encontravam-se na corda bamba da existência, prostituíam-se para comprar drogas, viviam em sítios desolados, ou na rua, se bem que também havia as raparigas que ele dizia serem de uma «classe mais elevada», como Angie, por exemplo. Agora havia uma jovem que podia ser uma melhoria para ele, caso o desejasse. Mas ele não desejava. Aquele seu outro lado, mais obscuro, viera à superfície no que tocava a Angie. Só de pensar nela, lembrando-se de como se recusava a lamentar-se, a chorar, a gritar quando ele lhe batera, ficava excitado. Angie era demasiado preciosa para ser libertada, para perder na escuridão do «para sempre». Precisava dela como nunca precisara de outra mulher, seguramente não da jovem Lucy, que haveria de ser, disso se asseguraria ele, o seu futuro.

Mehitabel cuidara de Angie por ele. Levava-a sob a camuflagem do escuro para a suíte no sótão, quando não havia ninguém por perto, ainda que nenhum empregado dormisse em Marshmallows. Angie estava segura com Mehitabel, que lhe dizia que Angie estava a recuperar, que comia um pouco de sopa, uma bucha de pão. Ahmet sorria perante a descrição de Mehitabel: uma «bucha de pão». Lá dramática era ela, mas também era eficiente. E leal. Mas como poderia não o ser? Era sua. Nunca arranjaría emprego noutro lugar, disso se asseguraria ele, caso tentasse ir-se embora, se bem que ele soubesse que ela não o faria; estava demasiado envolvida e, além disso, a sua alma era demasiado negra para que tivesse uma outra vida. Mehitabel precisava do que ele tinha para oferecer, e podia considerar-se cheia de sorte por se terem conhecido.

Entretanto, Angie estava ali, naquele quarto lá em cima, onde as garças faziam o ninho. Talvez o piar das crias e o grito duro das aves dessem a Angie algum conforto na sua dor e pena, embora imaginasse que agora as penas fossem demasiado profundas. Angie conhecia tão bem o seu destino como ele próprio. Não seria fácil.

Martha não ficou surpreendida quando, na manhã em que iam partir para França, Lucy telefonou a dizer que não podia ir, embora tenha *ficado* espantada com a insolência pura da irmã.

Agarrou o telefone com força; até bateu com os pés, mais tarde lembrou-se quando se perguntou porque lhe doíam.

– Não sejas ridícula, Lucy. Tu aceitaste. *Nós* aceitámos. Vamos todos e pronto. O Morrie também vem para nos ajudar com os planos. Lembra-te de que é uma viagem de trabalho, Lucy Patron, não se trata de pura diversão.

– Pura diversão com um velho – resmungou Lucy, enquanto mastigava alguma coisa, percebeu Martha.

Era hora do pequeno-almoço e ela sabia que Lucy estaria no Starbucks do bairro a comer uma *bagel* torrada e estaladiça com queijo-creme e um *cappuccino* duplo magro com natas batidas. Lucy nunca estabelecia bem as prioridades calóricas.

– Além disso, não tenho nada para vestir num iate – acrescentou Lucy.

– Então, usa o que costumavas usar. Podemos sempre ir às compras em Nice ou em Monte Carlo.

Martha percebeu pelo silêncio de Lucy que ela estava impressionada com a ideia.

– Está bem, então. A que horas? – perguntou Lucy.

– Apanho-te daqui a duas horas. E não te esqueças, Lucy Patron, estamos a falar de uma viagem de trabalho. Traz o cérebro contigo, se faz favor. Se é que te lembras de que tens um.

Martha pousou o telefone e virou-se para Marco, cujo olhar encontrou o seu.

– Achas que ela alguma vez vai crescer? – perguntou ele, abanando a cabeça.

Lucy era irresponsável e Marco achava que ela se aproveitava do facto de Martha se preocupar com ela.

– Está preocupada com o Ahmet. E, para te dizer a verdade, eu também, pelo menos um bocadinho. Está a revelar-se em força, não viste a maneira como olha para ela, praticamente a comê-la com os olhos, quando acha que ninguém está a ver.

Marco aproximou-se e tomou-a novamente nos braços, os seus corpos nus colados, agora frescos, acabados de fazer amor, ainda enlaçados pelas memórias como antes se tinham enlaçado os corpos, juntando-os, satisfeitos.

– Não subestimes a tua irmã mais nova, Martha – disse ele. – É uma rapariga esperta de dezassete anos, sabe o que o Ahmet está a fazer e aquilo que procura e, acredita em mim, ela não lho vai dar.

– E se ele lhe pedir que case com ele? – Martha estava de sobrolho franzido.

Ele respondeu:

– Bom, claro que isso seria uma história completamente diferente.

Eu devia saber que Mehitabel não estava apenas a ser simpática quando me lavou e tratou das feridas, passando uma loção pelas nódoas negras e aplicando óleo com tanta delicadeza na minha cabeça rapada. Já sabia que Mehitabel não era uma mulher gentil, sabia perfeitamente que era cruel, violenta, sádica e provavelmente louca, mas acreditava que me estava a ajudar, simplesmente porque desejava tanto que fosse verdade. Compreendo agora que *querer* acreditar é meio caminho andado para acreditar *de facto*; que, como tudo o resto, quando se quer muito uma coisa, pode-se imaginar que ela acontece. De repente, acreditava que Mehitabel se preocupava comigo, que estava ali para me ajudar. Nem sequer parei para pensar que podia haver outro motivo. São assim as coisas quando estamos desesperados.

Tentei preencher a cabeça com lembretes de como a coragem fizera muitas pessoas, pessoas comuns como eu própria, ultrapassar situações trágicas, tempos perigosos, momentos de terror e vergonha. Porque não podia eu ser como eles, esses bravos membros da Resistência francesa, os sobreviventes do Holocausto, dos campos de terror. Eu estava no meu próprio campo de terror. Não havia ninguém para me ajudar, apenas eu mesma, a recordação da minha mãe, daquilo que ela esperaria, do que esperaria qualquer pessoa, as pessoas livres que andavam pelas ruas, que iam para o trabalho, que iam à cidade passar a noite, como as que iam ao meu bar, de como a minha vida tinha sido e podia voltar a ser, se ao menos conseguisse reunir a coragem para ultrapassar o meu medo, a minha prisão, o tratamento sádico a que estava sujeita. Se ao menos pudesse manter a sanidade.

Estar trancada é uma coisa perigosa só por si; estar só e presa é uma versão do inferno; não se saber quem vai abrir a porta e o que vai passar-se a seguir... era inimaginável. Eu não posso entrar por esse caminho, tenho de viver o presente, seja quais forem os momentos que me restam.

Tenho pensado nas mulheres célebres que estiveram presas, deixadas sozinhas com os seus pensamentos, com o medo do futuro e da morte iminente, Mary Stuart, rainha dos escoceses, Isabel I, a aterradora e malfadada rainha de Inglaterra; Joana d'Arc, cujos captores eram implacáveis. E também pensei nas mulheres que se esforçaram por manter a dignidade presas nos campos de concentração nazis, nas suas terríveis circunstâncias, muito piores do que as minhas, humilhadas, em degredo, e ao final mortas. Algumas conseguiram sobreviver, e é por isso que conhecemos as suas histórias, trouxeram honra e glória às que não sobreviveram, assim como desgraça e castigo aos que lhes infligiram esses tormentos. Aqui não havia guardas das SS, nem soldados com metralhadoras nos torreões do castelo, prontos para disparar se eu quisesse fugir. Então, porque não tentava eu de

novo? Porquê?, perguntei a mim mesma vezes sem conta. A questão era se tinha mais medo de ficar e submeter-me ao que me fariam ou tentar a fuga e acatar as consequências de ser apanhada e morta, apanhada e trazida de volta para mais torturas, ou escapar. Livre.

Pensei no Príncipe Negro na sua torre, nas malfadadas mulheres de Henrique VIII, sozinhas nas suas lindas casas, nas célebres mulheres que lutaram pela liberdade em França, durante a Primeira Guerra Mundial; puxei pela cabeça para me lembrar das aulas de História, onde tinha ouvido falar dessas mulheres, de como conseguiram ultrapassar as circunstâncias em que se encontravam. Fosse como fosse. Parecia-me que uma das maneiras de o fazer era boa e a outra era algo em que nem sequer queria pensar.

Para mim, havia apenas uma maneira. Decidi-me. Seria livre, sabia que sim. E depois Mehitabel regressou.

Desta vez mostrou-se áspera, prática, fria como sempre. Tinha novamente trazido roupa, que atirou para cima de mim, quase sem me olhar.

– Veste-te – ordenou ela. – Já.

E foi-se embora.

Era uma repetição do que tinha acontecido não havia muito tempo, só que a roupa era mais confortável. Enfiei cuidadosamente as calças de fato de treino cinzentas nas penas laceradas e puxei a camisola cinzenta pela cabeça rapada. Reparei, ao fazê-lo, que era de caxemira, e portanto macia e não magoava. Havia um par de chinelos vermelhos de enfiar o dedo; eram grandes de mais, mas era melhor que andar descalça, embora não soubesse aonde ia, se seria uma viagem longa ou curta, uma caminhada por caminhos de gravilha ou campos relvados. Não sabia nada e era assim que queria continuar. Preferia não conhecer o meu destino, porque desse modo não teria de lidar com ele. Aceitava simplesmente a situação, fazia o que me mandavam e entregava o meu tempo.

Sentei-me em silêncio no sofá, de pés juntos, as mãos entrançadas submissamente no colo, cabeça baixa, perdida num bombardeio de pensamentos, a incerteza, o meio. Depois ouvi passos, o clique familiar dos saltos de Mehitabel no soalho. A chave rodou na fechadura. Levantei a cabeça para olhar. Para a visão que era Mehitabel.

Estava de vestido de noite, um modelo comprido, verde-escuro acetinado, chegado ao corpo, ligeiramente drapeado nas ancas e com uma racha até à coxa do lado esquerdo. O corpete era perfeitamente liso e assentava-lhe nos seios como se ali pertencesse, revelando um pequeno decote, apenas quanto baste para excitar um homem, pensei eu, ainda que não faça ideia porque estaria a pensar uma coisa dessas quando a minha vida corria perigo. É uma coisa de mulher, imagino eu, ser capaz de assimilar a captora, a rival, a aparência da inimiga e avaliá-la, embora com a vida nas mãos dela. *Putá*, foi o que verdadeiramente pensei. Se alguma vez houve mulher que coubesse nessa categoria era Mehitabel.

Tinha o cabelo puxado para cima e preso com travessas de diamante reluzentes. Um colar assentava-lhe perfeitamente no pescoço fino: uma simples fileira de esmeraldas, se é que se pode chamar «simples» às esmeraldas. A cor quase combinava com a dos olhos. Até lhe olhei para os sapatos, vislumbrados por debaixo da bainha da saia estreita; eram de seda creme, delicadamente decorados com jóias, e tinham saltos agulha, o que lhe aumentava uns centímetros adicionais e ameaçadores. Usava uma pulseira grossa de ouro em cada braço e um anel de esmeraldas do tamanho de uma groselha grande no terceiro dedo de cada mão. Estaria noiva? Do Ahmet? Ah, não, não, isso nunca poderia acontecer. O Ahmet nunca se casaria, até eu sabia isso.

– Levanta-te. – Quase rosnou a sua ordem e obedeci rapidamente, enfiando os chinelos grande de mais.

Fiquei ali durante algum tempo, enquanto ela me olhava de cima a baixo, com as minhas calças de fato de treino cinzentas e largueironas, a camisola cinzenta, caída sobre os meus seios diminuídos que em tempos tinham sido tão bonitos, haviam tentado os homens e tinham-lhes dado, e a mim, prazer; olhava para a minha pele macilenta que outrora fora dourada; para os meus olhos encovados que não tornariam a namoriscar com homem nenhum; olhava para o meu rosto, que nunca mais queria ver refletido num espelho, pois sabia que me tinha tornado horrível.

Ficou ali a avaliar-me, tão completamente em controlo que, de repente, me apeteceu bater-lhe. A raiva fazia-me tremer. Sabia que Mehitabel confundia a minha raiva com medo. E eu *tinha* medo. Medo de não ter aonde conduzir a raiva, de não ter direção. Sentia-me impotente, e ela sabia-o.

Aproximou-se, ficou de pé, descontraída, o rosto perto do meu, os nossos olhares engajados. Um sorriso levantou-lhe os cantos da boca fina e vermelha e recuou um passo, observou-me de novo, estendeu as duas mãos com as palmas para cima e mostrou-me o que ali tinha. Uma coleira. De couro. Com pedras incrustadas que me pareciam rubis e safiras, uns quantos diamantes a marcar o fecho. Olhei para ele, levantei a cabeça e olhei para ela.

– Põe-te direita – ordenou ela.

Assim fiz.

– Levanta mais o queixo.

– Levantei.

E senti o frio da coleira de couro quando me pôs ao pescoço, senti o ligeiro aperto quando a fechou, a suavidade das suas mãos quando a ajustou. Sabia que era a minha humilhação final. Mehitabel vencera. Ahmet vencera. Se bem que continuava perplexa por ser tão importante, quando ele podia ter qualquer mulher que quisesse. Seria que era eu que estava à mão para as suas práticas sexuais sádicas? A rapariga branda, sem contexto, sem família, sem ninguém que se preocupasse com ela? A mulher que queria ser amada e tinha ficado feliz por estar com ele. *Sacana*.

Mehitabel apertou mais a coleira. Recuou mais um passo para admirar o seu trabalho e depois, sem eu perceber como, estava de trela na mão, a prendê-la à coleira e a puxá-la, apertando-me o pescoço.

Gemi de dor. De medo. Da degradação. Eu era a cadela de Mehitabel, de trela, para ser por ela levada aonde quisesse. E eu sabia que seria a Ahmet.

Morris Sorrie tinha o hábito de deixar para trás o seu trabalho uma vez terminado o dia. Este começava muitas vezes às seis da manhã no seu carro, dirigindo-se a alguma casa no meio do nada, ou então a algum armazém gelado, onde se podiam encontrar tesouros antigos e inimagináveis, se tivesse sorte, claro. Morrie achava que, quando se levantava antes das seis da manhã por alguém, merecia ter sorte e nesse dia estava a ter. Claro que o «armazém» que visitava nessa manhã não era um mero antro de coisas em segunda mão e *vintage*; era uma antiga garagem no sul de Londres transformada num verdadeiro forte, com o acrescento de proteções de ferro em forma de lança, grades de ferro nas janelas e cercas com arame farpado e um segurança dia e noite, a proteger os valiosos objetos ali armazenados. Por exemplo, nesse dia, Morrie ia dar uma vista de olhos a um conjunto de dez cadeiras de sala de jantar em nogueira, com pernas recurvas e patas de leão. Seriam Sheraton? O olhar treinado de Morrie, aliado ao seu instinto, apurado ao longo dos anos, para detetar falsificações, iria guiá-lo nessa decisão.

Teve sorte, tinha a certeza, contou mais tarde a Martha pelo telefone, que as cadeiras eram genuínas, embora estivessem em muito mau estado: o tecido estava gasto, claro, havia lascas em alguns pontos, mas nada que não pudesse ser arranjado por um especialista como ele próprio, e mantinham o suave tom original da boa nogueira, uma madeira que começava a tornar-se rara e cara. O pai de Morrie tinha sido um excelente carpinteiro e ensinara bem o filho. Não havia muita coisa que Morrie não conseguisse fazer com madeira e, para ele, esse dia foi de bonança. Afinal, com que frequência um homem consegue trabalhar com material a sério?

– Só gostava que não fossem para aquela casa – deu por si a dizer a Martha, dando assim voz a um pensamento que vinha alimentando há algum tempo.

– Referes-te a Marshmallows? E porque não? – Martha estava surpreendida.

Morrie pensou na resposta durante um minuto, depois disse:

– Acho que por serem tão delicadas, tão bem feitas; é raro encontrar um conjunto destes e aquela casa feia não as merece. Nunca terão destaque naquela maldita sala de jantar maciça, com a cadeira do capitão a presidir a tudo. E sobretudo agora, com o próprio capitão, o nosso senhor Ahmet (que provavelmente em breve se tornará Sir Ahmet, a acreditar nos boatos) na qualidade de anfitrião supremo.

– Não ouvi esses boatos e, Morrie, é melhor que não esqueças que o Ahmet é mesmo o «anfitrião supremo». É assim que nos paga.

Morrie desligou e ficou a olhar sombriamente pela janela do carro, ainda a pensar nas cadeiras Sheraton pelas quais acabara de acordar pagar um resgate de rei em benefício do multimilionário «anfitrião supremo», que ele desprezava por alguma razão que não conseguia identificar. O homem era afável, sensato, nunca se mostrava arrogante, como sucedia com tanta gente com dinheiro com quem ele trabalhara. O dinheiro era como uma segunda pele para Ahmet Ghulbian; só havia problema se alguma coisa comesse a mexericar, a meter-se nos seus segredos. Morrie também não sabia por que razão agora de repente achava que Ahmet era homem para esconder bem os seus segredos atrás de uma cara bastante agradável, de um aperto de mão firme, daquela simpatia «sou um de vós» tão convincente. Ou não seria? E, se fosse, porque deixava Morrie tão pouco à vontade? Achava que era por estar a lidar com um homem cheio de segredos. Ahmet guardava bem as suas cartas, dizia exatamente o que as pessoas queriam ouvir. E Morrie sabia que ele era perigoso. Quando se ouve o que se quer ouvir, a pessoa sente-se a salvo, só que neste caso não estava. Ficava-se sob o poder do homem que o diz.

Virou para a autoestrada, em direção a Brixton e à sua casa; de repente, sentia-se ansioso pela simples realidade da sua casa, talvez uma caneca de cerveja no *pub* com os amigos, para tirar da cabeça Ahmet Ghulbian e Marshmallows, que tão desconfortável o deixavam. Decidiu não comprar as cadeiras Sheraton. Não falaria delas a Ghulbian e diria a Martha que afinal eram falsas. Marshmallows não merecia a qualidade suprema, o pormenor do artífice, o cuidado e o afeto com que tinham sido feitas. Arranjaria umas peças italianas mais vistosas para Ghulbian, ligeiramente mais arrebatadoras, que dessem mais motivo de conversa. Afinal, não havia muita gente que reconhecesse uma cadeira Sheraton original, pois não?

O telemóvel tocou quando estava a mudar de faixa. Foi para a de velocidade inferior antes de baixar os olhos e ver que era Martha que lhe retribuía a chamada. Pôs o auricular no ouvido e disse:

– Está?

– Morrie, tenho de ter aquelas cadeiras – foi a sua linha de abertura.

Fê-lo rir.

– Mas tu és telepática ou quê?

– Não, estou ansiosa, só isso. Já mandei as fotografias ao Ahmet, disse-lhe que são fantásticas, agora não me podes vir dizer que não estão disponíveis, nunca vou ser capaz de explicar uma coisa dessas. Quer dizer, Morrie, este homem é como o Banco de Inglaterra, ele paga qualquer preço, só tens de lhe conseguir isso.

– Ele que vá à merda – replicou Morrie. E falava a sério.

O arquejo chocado de Martha soou no ouvido de Morris.

– Porquê? O que se passa com o Ahmet?

A resposta para a falta de à-vontade que Morrie sentia em relação a Ahmet veio-lhe de súbito à cabeça.

– Não gosto da maneira como olha para a Lucy – respondeu, recordando os olhos de Ahmet fixos na rapariga de dezassete anos; olhos ardentes, de predador.

Martha calou-se durante um minuto e retorquiu:

– Morrie, sei exatamente o que queres dizer com isso, sinto o mesmo. Mas temos de trabalhar com este homem, ele está a planear uma festa no iate para a semana que vem e o grande baile para quando a casa ficar terminada. Como posso mandá-lo à merda? Prometi-lhe.

Morrie suspirou.

– Eu sei. E tenho os planos para a festa no iate. Duas festas em três semanas, Martha, isso é duro para ti.

– Não te esqueças que tenho a minha nova assistente, a Lucy, para me ajudar. E a verdade é que está a começar a ganhar fôlego, começa a sair daquele estupor em que se encontrava e que, tenho de o dizer, não tinha nada a ver com o Ahmet, a quem ela chama velho chato, mas com um sujeito que entrega pizzas, um loiro de olhos azuis que anda em Harvard. Tenho esperança de que, pelo menos, lhe dê ânimo para ir para a universidade aprender alguma coisa, em vez de ficar para ali estendida naquele seu apartamento caótico.

– Então é preguiçosa?

– Não é propriamente preguiça; é mais falta de motivação. Se bem que agora me diz que o Ahmet lhe deu um guião para um filme onde quer que ela entre. E olha que ela acredita nele, Morrie.

– Porra! Já está na hora de crescer, de se tornar mais esperta. Quer dizer, Martha, nos tempos que correm, aos dezassete anos as raparigas são espertas, sabem como se comportar, como lidar com os homens. A Lucy não é estúpida, mas está cheia de ilusões.

– Diz-lhe isso, por favor. Gostava muito que o fizesses. Entretanto, como está a encantadora Marshmallows?

– Adorável, como seria de esperar. Mas a verdade é que está a melhorar, Martha, fizeste ali um milagre, levaste luz àquelas divisões sombrias, embora continue reticente em relação às cadeiras Sheraton para a sala de jantar.

– Também eu. Acho que o Ahmet não as merece, e parece-me que é muito mais do tipo italiano, vistoso. E por acaso estou agora mesmo a ir à exposição daquele decorador italiano. Aposto que encontro lá exatamente aquilo que quero.

– Ou aquilo que achas que ele quer.

– É isso.

Martha parecia mais feliz agora que as coisas estavam resolvidas e podia voltar a concentrar-se nas festas.

– Vemo-nos no iate dentro de uns dias, Morrie – disse e desligou.

E veriam, pensou Morrie, se ele conseguisse ganhar fôlego para ligar a todos os fornecedores, a todos os funcionários, ao *catering*, ao electricista, ao fornecedor que alugava sofás e cadeiras confortáveis de cor creme, a todos os trabalhadores envolvidos. Era duro ser *designer*, decidiu ele suspirando de novo, se bem que desta vez mais satisfeito, ser decorador, pau para toda a obra dos ricos, que pagam bem para isso.

Foi então que se lembrou de que tinha deixado o portefólio nas escadas em Marshmallows, essas escadas que nunca tinha sido autorizado a subir, nem ele nem Martha, nem sequer Lucy. Ninguém devia ir ao andar de cima enquanto não se concluísse o piso de baixo. Foi o que lhe disse aquela bruxa da Mehitabel.

Morrie ficou durante um momento a afligir-se, mas sabia que não tinha outro remédio senão voltar atrás para o ir buscar.

Saiu da autoestrada na saída seguinte, virou e prosseguiu na direção oposta. Passou-se mais meia hora até estacionar no caminho de acesso de Marshmallows, com as suas árvores raquíticas.

O fim de tarde escurecia o céu e as aves brancas avultavam-se junto dos ninhos, em silêncio, para variar. Com efeito, não se ouvia um único som, apenas os pés de Morrie na gravilha enquanto se dirigia aos degraus; depois levantou a cabeça de dragão em ferro que servia de aldraba. Era pesada

e, mesmo do lugar onde se encontrava, ouviu o som espalhar-se no interior de casa. Esperou um minuto, mas não obteve resposta. Recuou um passo, olhou para a casa: não havia luz em nenhuma janela. Não estaria ali ninguém a trabalhar? Ninguém cuidava daquela grande casa, cheia de bens valiosos? Tinha de haver pelo menos um segurança.

Levantou novamente a pesada aldraba, desta vez bateu-a com força, e outra vez, com mais força; ficou parado, de mãos nos bolsos à espera de que alguém respondesse. Ninguém respondeu. Merda. Estava de mãos atadas. Precisava da pasta que continha todas as suas anotações e os seus contactos; não podia trabalhar sem ela no dia seguinte. Agarrou na maçaneta da porta e virou-a com força. Para seu espanto, rodou facilmente.

Deixou-se ficar um instante, a pensar quem poderia ter deixado aquela porta aberta, com todos os valores acessíveis a qualquer transeunte que, tal como ele, experimentasse abri-la. Porque não tinha Ahmet seguranças? Porque não os tinha Martha providenciado?

Estava a escurecer, agora que a noite se aproximava. Abriu a porta rezando para que não soasse um alarme que o deixasse em cheque, à espera da chegada da polícia para o prender. Claro que podia explicar a situação, mas a única coisa que queria nesse momento era regressar a Brixton, ir ao *pub* ter com os amigos e, oh, aquela desejada cerveja, e aquela treta toda de Marshmallows que fosse à merda. Ao diabo aqueles pântanos onde agora tremeluziam luzinhas brancas, como lanternas fantasmagóricas, estranhas.

Aquele lugar era arrepiante de dia, mas à noite tinha mesmo a capacidade de assustar. Disse a si mesmo que ia só buscar a pasta e desaparecer dali, e que fossem à merda os polícias, Ahmet e Marshmallows. Ele que ficasse com aquele lugar. Bom, não era bem assim, e precisava de ir buscar a pasta para poder continuar com o seu trabalho no iate, a festa, o baile planeado. Tinha a vida toda naquela pasta.

Abriu a porta, entrou e dirigiu-se rapidamente à escadaria. A pasta não estava ali. Ficou parado por um instante, surpreendido. Deixara-a ali, tinha a certeza. Onde a poderia ter deixado? Nunca tinha posto os pés no andar de cima; o único outro lugar era a cozinha.

Percorreu o corredor com relutância, até ao fundo, onde ficava a cozinha. Empurrou a porta e deu um passo antes de a ver. Mehitabel. Iluminada por uma única lâmpada por cima da bancada.

Segurava uma bandeja com uma tigela de sopa, um pedaço de baguete, um guardanapo de pano, utensílios e um copo de vinho tinto. Ele podia ter pensado que ela ia jantar sozinha, só que usava um vestido de noite verde-acetinado, comprido, e mais jóias do que alguma vez tinha visto numa mulher. Estava, achou ele, absolutamente espantosa. Ou pelo menos estaria, se não o olhasse com uma expressão tão malévola que o assustou.

– Sim? – disse ela, fazendo-o parar.

– Hã... bem, quer dizer... sou eu, o Morrie, o organizador da festa, deixei a minha pasta com os contactos, com as anotações. Na... bem, julguei que tinha sido nas escadas.

– Estão na mesa.

Desviou os olhos para onde se encontrava a pasta. Ele seguiu o seu olhar, hipnotizado, foi buscá-la, virou-se abruptamente, agradeceu-lhe e dirigiu-se para a porta. Sentiu o olhar dela em si, penetrante. Era como se o tocasse, pensou com um estremecimento. Estava contente por se ir embora de Marshmallows, por entrar no carro, dar a volta no caminho de acesso, com a gravilha a sair disparada dos pneus quando arrancou. Só quando olhou para trás reparou que havia uma luz na casa. Julgou que vinha do sótão, logo abaixo do ninho das garças. Não parou para pensar no assunto, mas

mais tarde, quando o fez, achou que devia ser o quarto de Mehitabel. Saiu dali antes que a noite assentasse sobre o pântano e a vida desaparecesse.

Na noite seguinte, Ahmet estava de novo em Marshmallows, sozinho na divisão a que chamava biblioteca simplesmente por ter as paredes forradas de prateleiras com uma seleção de livros encadernados a couro, comprada por atacado, do tipo «rápido e fácil», que um decorador de pouca qualidade podia comprar para criar efeito, não para serem lidos certamente. Na verdade, a escolha pessoal de leituras de Ahmet eram, estranhamente, policiais da Agatha Christie, que guardava na velha arca *Vuitton*, agora usada como mesa de apoio, com um candeeiro de bronze pequeno, com abajur escuro. Ahmet gostava da luz fraca; as luzes fortes feriam-lhe os olhos e, sempre que se encontrava no exterior ou em zonas muito iluminadas, usava os óculos de sol, que se tinham tornado a sua imagem de marca.

Mas agora, recostado no cadeirão de pele vermelha, sem óculos mas com os olhos semicerrados, a pensar no futuro e no que faria a Angie, e no que queria fazer a Lucy, e como poderia alcançar os seus dois propósitos, sem deixar um corpo que pudesse ser encontrado e persuadindo uma jovem a casar-se com ele. O seu tesouro. Uma jóia que poderia ostentar para que dissessem, que sorte a do Ahmet, não há dúvida de que é um homem que tem tudo... todo o dinheiro do mundo, um grande iate, uma mansão, dá festas esplêndidas, é amigo de toda a gente, e agora tem uma mulher jovem e encantadora. Porque Lucy seria «encantadora» quando ele acabasse com ela. Não, não era assim, ele nunca iria «acabar» com Lucy, ia casar com ela, ficariam juntos para sempre; iria assegurar-se de que vestia a melhor alta-costura parisiense, fariam sapatos especialmente para os seus pés roliços de menina, o seu cabelo loiro seria amansado pelos melhores estilistas de Londres. E claro que teria todas as jóias que desejasse.

Pensava em tudo aquilo, ali sentado, com o inevitável copo de bom vinho à sua frente. Um valioso prato Picasso, que nas mãos de qualquer outro colecionador podia estar orgulhosamente exposto em lugar de destaque numa parede, mas ali se encontrava pousado na arca *Vuitton*, continha as habituais fatias fininhas de tostas barradas com o excelente paté feito pela senhora de oitenta anos em Aix-en-Provence. O que lhe recordou que devia mandar-lhe um cheque; por essa altura, já estaria novamente a precisar de ajuda; estava a ficar velha e a sua quinta caía na ruína, ia mandar alguém lá dar uma vista de olhos, arranjar-lhe as coisas. Pobre velhota. Pensou durante um bocado na senhora, a viver sozinha, como era triste; mas tinha tido uma boa vida, nunca se casara, dedicara-se aos seus animais e à qualidade dos seus produtos, que vendia tão cuidadosamente aos que os apreciavam. Ajudara-a; conseguira fazer os produtos entrar no Harrods e no Fortnum, em pequena escala, claro, mas isso só

os tornava ainda mais exclusivos. Conseguia viver confortavelmente e isso deixava-o feliz porque ela trouxera prazer à sua vida. Sempre gostara do «prazer».

Ouviu bater à porta e virou-se para ver. Era Mehitabel. Não disse nada, limitou-se a fitá-la, reparando no elaborado vestido de noite, nas esmeraldas, nas travessas com diamantes. Apesar de irritado por vê-la quando a única coisa que queria era estar sozinho com os seus pensamentos, elogiou-lhe a aparência e perguntou, uma vez que estava tão bem vestida, onde ia.

– Estou aqui por ti – foi a sua resposta.

A saia acetinada abriu-se na coxa quando ela deu um passo na sua direção, revelando uma perna magra e pálida e a sugestão do que estaria além dela, onde a saia se fechava.

Mehitabel não era a mulher que Ahmet queria, mas ainda assim sentiu-se excitado; era sedutora à sua maneira, encantadora, por certo, caso se olhasse para ela de passagem; elegante, até com classe, isto se não se conhecesse, claro está, o seu passado. Mehitabel movia-se à vontade na maior parte das situações graças a ele, aos seus ensinamentos e ao seu dinheiro. Mas não sabia porque estava ela ali naquele momento nem o que queria dele.

Foi colocar-se junto do cotovelo dele, estendeu o braço e encheu-lhe o copo.

– Toma também um, por favor – pediu ele, apontando para um copo limpo na bandeja. Ela serviu-se de um pouco de vinho tinto. Quando se inclinou, Ahmet vislumbrou os seios nus, os mamilos escuros e pontudos, como sombras. Era evidente que Mehitabel não usava nada por baixo da seda verde. Como Ahmet nunca pensava nela em termos sexuais, perguntou-se, pouco à vontade, o que se estaria a passar.

Ela estava à frente dele, a bebericar o vinho com um sorriso que lhe levantava os cantos da boca. Ele sabia o bastante para compreender que aquele sorriso significava um segredo ou sarilhos.

– Muito bem, vamos lá – disse ele, cauteloso; não estava com disposição para jogos, tinha de tomar decisões, de agir. Mas primeiro tinha de definir o quê e como.

Mehitabel olhou-o nos olhos. O sorriso desapareceu e ela ficou logo séria.

– Tenho uma coisa para ti.

Ele estava ocupado com os seus pensamentos, impaciente.

– Então, o que é?

– Deixa-me mostrar-te.

Mehitabel recuou e abriu a porta.

– Entra – disse ela, mas não de maneira simpática, reparou Ahmet. Estava a dar uma ordem.

Ele fitou a mulher que entrava na divisão, a tropeçar em chinelos de dedos grandes de mais, a perder-se numas calças de fato de treino cinzentas largas também de mais, dobrada como se estivesse com dores. A cabeça rapada brilhava à luz do candeeiro e trazia uma coleira com jóias ao pescoço, presa à trela que Mehitabel segurava ao alto, de maneira a apertar-lhe o pescoço, obrigando-a a ficar de cabeça levantada, para que ele pudesse olhar para ela.

– Meu Deus.

Ahmet fitou a mulher que sabia ser Angie; se bem que não sabia como reconhecia a rapariga outrora sensual, de conversa pronta, uma maravilhosa trufa de cabelo e olhos que prometiam um futuro. Esta... *criatura*... não pertencia àquela sala; não pertencia à terra dos vivos!

Virou-se para Mehitabel e disse:

– Porquê? Porque lhe fizeste isto?

Surpreendida com a reação de Ahmet, Mehitabel recuou um passo. Levou uma mão à garganta e

disse:

– Mas só te queria agradar, queria que retirasses um prazer pleno desta...

– Desta vileza sadomasoquista? De a vestir e depois fazê-la cair? Mehitabel, tu não me conheces.

Não é isto que dá prazer a um homem como eu. *Tu* não me dás prazer. Só aqui estás para obedecer a ordens, para executar o que te mando, não para pensares por ti, nem para decidires aquilo de que gosto ou não gosto. Leva esta... pessoa... daqui. Lava-a e veste-a com a roupa dela. Sem jóias. Sem coleiras. E depois trá-la.

Mehitabel hesitou.

– Percebido? – gritou ele e Mehitabel virou-se logo, pegou no braço de Angie e levou-a para fora da sala.

Ahmet recostou-se no cadeirão. Bebeu um grande gole de vinho. Atirou o belo prato Picasso para a lareira, com as tostas barradas de paté feito pela simpática velhota de Aix-en-Provence. Encostou a cabeça ao suave cadeirão de pele vermelha, levou as mãos à cara, tapou os olhos. As lágrimas corriam-lhe pelos dedos. Nunca na vida estivera tão sozinho. E não fazia ideia do que queria. A festa no iate, o grande baile, os convidados famosos.

Passado um bocado, sentou-se direito, tirou o lenço do bolso no peito, limpou as lágrimas, respirou fundo, devagar, ao estilo ioga, como lhe ensinaram a fazer quando meditava. Sabia que não podia continuar assim, tinha de recuperar o controlo, pôr de lado os pensamentos sobre os outros, voltar a ser o homem que tinha sido, tal como começara, sem deixar que nada nem ninguém se atravessassem no seu caminho.

Havia um portátil *Apple* na secretária sob a janela. Abriu-o e esperou uns segundos. Do lado de fora da janela só havia escuridão. Estava adequado, pensou ele, ao que ia acontecer. Quando o computador ganhou vida, enviou uma mensagem para França para tirarem imediatamente a velhota que fazia o paté da sua pequena quinta em Aix-en-Provence, para a fecharem, matarem os animais, mandarem a quinta abaixo. Que não deixassem nada de pé, nada vivo, era essa a sua ordem.

Levantou-se, olhou em volta para todo aquele luxo iluminado pelo candeeiro, os sofás demasiado cheios e as cortinas pesadas, o excesso de tapetes turcos, o excesso de tudo. Martha não tardaria a modificar tudo aquilo. Sairia tudo. Ele começaria de novo. Só havia uma coisa de que tinha de se livrar.

Chamou Mehitabel para que lhe trouxesse Angie. Novamente.

Marco, Martha e Lucy, com *Em* enfiada, como sempre, debaixo do braço de Marco, onde por vezes Martha achava que devia estar ela, embora dissesse a si mesma que realmente não podia ter ciúmes de um cão, apanharam um avião para as Antibes. Morrie ficou em Londres a olhar pela «loja», como ele lhe chamava, e a tentar ultrapassar aquilo que descreveu a Martha como sendo o momento mais assustador da sua vida, em Marshmallows, aonde jurou nunca mais voltar. Isto até Martha lhe dizer que tinha de ser prático, era um trabalho, tinha de o fazer, tal como ela, e ele tinha de ultrapassar aquilo. Morrie calculou que ultrapassaria, mas mesmo assim não voltaria lá sozinho.

Martha ficou um pouco surpreendida por Ahmet não ter mandado um carro ao encontro deles, mas apanharam um táxi para Antibes e, depois de discutirem um pouco com o guarda, foram finalmente admitidos no porto, onde se avultavam enormes iates e cruzeiros, alguns de catorze andares, hotéis flutuantes para os famosos ou, simplesmente, para os ricos. As proas erguiam-se para o céu, fazendo Marco pensar com nostalgia no seu belo *gulet* de madeira, cuja proa tinha pintado o rosto de uma mulher com uns olhos que mostravam o caminho no mar. Apeteceu-lhe estar na sua pequena língua de costa com a casa de um quarto e persianas azuis, o terraço de pedra, a garrafa de *ouzo* e o poente iluminando tudo com um brilho rosado que pairava sobre o mar escuro. Sentiu os olhos de Martha postos em si.

– Sei o que estás a pensar – afirmou ela e apertou-lhe o braço.

– Lês mentes – ironizou ele de novo, ao mesmo tempo que *Em* se inclinou e lambeu o rosto de Martha –, que é exatamente o que eu queria fazer – acrescentou e inclinou-se para lhe beijar a orelha, que era a parte do corpo dela mais perto de si.

– Ah, deixem-se lá disso, vocês os dois. – Lucy virou a cara, fingindo nojo. – Olhem para aquele maldito barco enorme, está bem?

Olharam. O *Lady Marina* avultava-se acima deles. Um marinheiro de calções brancos, polo e ténis foi ao encontro deles na base da prancha de embarque e foram saudados pelo capitão, que se encontrava ao cimo da mesma, também de branco, com o chapéu de entrançado dourado, e que lhes deu um firme aperto de mão.

Disse-lhes que o senhor Ghulbian dera instruções para que ficassem à vontade, para que Martha inspecionasse o barco e tirasse ideias sobre o que gostaria de modificar, para que lhes fosse dado tudo o que quisessem, bastava pedir. O senhor Ghulbian dar-lhes-ia conhecimento da sua chegada, mais tarde.

Martha olhou de relance para Marco, surpreendida com a ausência de Ahmet. Ele ergueu as sobrancelhas, também surpreendido, enquanto seguiam um assistente, e Lucy quase dançava de satisfação ao longo de um espaçoso corredor que conduzia às suítes que seriam as deles: uma delas a estibordo, maior e com uma zona de estar, janelas amplas, paredes almofadadas com seda e uma decoração em tons de azul; a outra, do lado do porto, com duas camas de solteiro, decorada com riscas amarelas e brancas que fizeram Martha estremecer.

– Perde-se toda a sensação de se estar num barco – disse ela. – Não há nada minimamente «náutico». Estou a ver que vou ter de eliminar muita coisa, se isto é a última incursão de Ahmet no campo da decoração.

– Nenhum homem decorou isto – afirmou Lucy, deixando-os espantados com a sua perspicácia. – Nem sequer um adolescente queria ficar nesta cabina.

– Privada – corrigiu Martha automaticamente, mas depois corrigiu-se. – Não, tens razão, é uma mera cabina, não há nada de grandioso nem de «privado» aqui. Vamos ter de eliminar coisas, Lucy, isso te prometo.

Lucy ficou radiante.

– Antes ou depois de irmos comprar roupa?

– Depois de termos explorado o barco – retorquiu Martha com firmeza e acompanhada por *Em*, que cheirava todos os recantos, à procura, julgou Marco, do seu adorado *gulet*, tal como ele próprio, em pensamento, que substituísse aquele pretensioso e extravagante barco de brinquedo de homem rico. O mar reluzia, liso como um lago, como que acalmado pela inércia e pelo excesso de dinheiro.

Martha só precisou de dez minutos para telefonar a Ahmet. Ele não atendeu e ela deixou-lhe mensagem, dizendo que levava as palavras dele à letra; ia limpar o barco todo e começar imediatamente a trabalhar numa aparência mais adequada ao mar, porque aquele era, afinal de contas, debaixo de toda aquela decoração vistosa, um barco adorável e de facto muito grandioso. Prometeu-lhe que ia ficar magnífico de maneira mais discreta. Terminaria o trabalho em três semanas, e cruzou os dedos e rezou para ser capaz de o fazer quando desligou.

Tinha também de voltar a sua atenção para Marshmallows, onde Morrie estava a ajudar, ainda que se recusasse a voltar lá. Claro que teria de o fazer se quisesse de facto ajudar, mas Martha decidiu que trataria disso mais tarde.

Entretanto, desfez a mala, tomou um duche numa cabina de mármore bege e cheia de dourados, e pequena de mais, o que a fez bater com os cotovelos em toda a parte. Marco disse que era um espaço impossível para qualquer pessoa com mais de um metro e oitenta.

Um assistente mais velho, sério, que usava o uniforme geral de calções brancos e polo, desfez as malas e pendurou as coisas num roupeiro muito pequeno. Também baixou a cama, embora ainda fosse cedo. Havia bebidas prontas para serem servidas na coberta da popa por outro assistente de farda. Vários sacos de diversos tipos de ração para cães aguardavam ao lado dos copos, embora o assistente tenha informado Marco que também havia galinha e bife, claro, se tal fosse pretendido. E *Em* «pretendia» mesmo; quando trouxeram o bife, devorou-o em exatamente minuto e meio, contados por Marco. *Em* estava mais habituada a cabra na Turquia e à carne que ele de vez em quando juntava à ração em casa, disse ele a Martha e à surpreendida Lucy. Por essa altura, as lojas, que fechavam para descanso durante as horas de maior calor, estavam a reabrir e Martha e Lucy foram à procura de roupa para esta última enquanto Marco decidiu levar *Em* a dar um passeio.

Antibes era uma cidade pequena, de ruas empedradas íngremes, com uma igreja branca pairando

por cima de tudo. Continuava a ter as casas térreas dos pescadores, algumas com redes a secar lá fora, lojas chiques com marcas de *designer* e um sapateiro de sandálias que fazia bom negócio com os turistas que aguardavam lá fora; um par de gelatarias com sabores como pistácio num verde diluído que dava para perceber ser genuíno. Marco ia lambendo o cone à medida que caminhava, assimilando a paisagem, vagueando como faziam os turistas, sem nada em particular em mente. Marco decidiu que era um lugar simpático, que os deixava com um bom estado de espírito. Mas agora tinha de se concentrar no retrato de Ahmet. Tinha de estar terminado antes do baile, onde seria «revelado», informara-o Martha, uma expressão que Marco detestava, mas que compreendia.

– Mas lembra-me de não estar lá para a «revelação» – avisou a Martha. – É o dia de Ahmet, não o meu.

A outra questão que não lhe saía da cabeça era a rapariga ruiva. Angie Morse. «Desaparecida, julga-se morta.» Ele julgava que Angie estava morta? Por alguma razão, talvez por ela ter desaparecido tão completamente, deu por si a desenhar esboços de como se lembrava dela; o olhar de lado, que tinha a certeza ser um olhar muito praticado, que ela usava com os homens que iam ao bar, o tipo de olhar de incentivo de que eles estavam à espera, ou que pelo menos desejavam receber, da atraente empregada. O bar Houlihans, onde Angie trabalhava, recebia sujeitos à solta, que procuravam divertir-se um pouco, tentar a sorte ou, pelo menos, fingir que a tinham encontrado, para impressionar os outros. Não que Ahmet fizesse isso, era um homem seguro de si, fosse o que fosse que isso significava; não se vergava perante ninguém, não tentava impressionar ninguém. Não precisava de o fazer, era tão simples quanto isso.

Marco regressou ao porto onde o *Lady Marina* ocupava mais espaço do que qualquer outro iate. Qualquer embarcação de maiores dimensões tinha de atracar ao largo do porto e transportar os seus convidados de *ferry*, em pequenos e elegantes barcos *Riva*, confortáveis com o seu couro branco e que oferecia bonés de basebol brancos para impedir que o vento soprasse no cabelo das mulheres, com os marinheiros de mãos atrás das costas, à espera do seu regresso. A vida dos super-ricos era invejável, de certo modo, mas ao pensar na sua própria vida simples, no seu *gulet*, na sua casa térrea, nas noites passadas sob a velha oliveira com um copo de *ouzo*, que muitas vezes bem desejava ser um *chardonnay* francês, mas que mesmo assim lhe sabia muito bem, perguntou-se porque precisaria Ahmet daquilo tudo. *Disto tudo*.

Estava sozinho, sem contar com *Em*, quando o capitão veio informar que o senhor Ghulbian estava a chegar a Nice, que o helicóptero tinha sido enviado para o ir buscar e que o senhor Ghulbian lhes faria companhia mais tarde, ao jantar. Por volta das nove, se Marco achasse bem.

Sentado na cobertura da popa, de cerveja fresca na mão e *Em* aos pés, com aquela vista imbatível de dezenas de grandes iates, de velas enroladas e homens a lavarem os convés, o aroma de bife no churrasco pairando no ar juntamente com o leve perfume do jasmim em flor trazido de terra, Marco concordou que se estava ali bem, embora quisesse muito estar sozinho com Martha. Bom, e com Lucy, claro. Pensou que o melhor era ficar de olho nela; Martha estava preocupada com as atenções de Ahmet. Depois, as duas chegaram carregadas de sacos de compras, Lucy com um sorriso rasgado no rosto.

– Nunca tinha estado numa maratona de compras – comentou Lucy, emocionada. – A Martha disse que era por eu ter andado na escola até agora, e por isso não precisar de muita coisa, quer dizer, às

vezes até fazíamos a nossa roupa para as festas. Comprávamos poliéster no mercado e fazíamos-lhe pregas, é impressionante as coisas que podem fazer-se com alfinetes-de-ama. Uma vez, íamos a uma festa a Londres, às escondidas; eu não tinha colãs e alguém me emprestou meias de liga. Não tinha nada com que as prender e usei um pedaço de cordel em cima. Funcionou às mil maravilhas. Só que depois começaram a escorregar...

– Por amor de Deus, Lucy – disse Martha, mas estava a rir.

– Vou usar um dos vestidos novos para o jantar – declarou Lucy. – E, por favor, por favor, *por favor*, posso beber um copo de vinho? Branco e muito fresco – acrescentou com um sorriso maroto.

– Terás o teu copo – gritou Marco atrás dela – quando eu autorizar o vestido. Nada muito curto.

– Nada *é* muito curto quando se tem dezassete anos – disse Martha dando-lhe um beijo na face; depois pegou em *Em* e afundou-se na cadeira ao lado dele, levantou os pés para os pousar em cima de uma almofada e aceitou um copo de vinho fresquíssimo trazido pelo empregado sempre presente.

– Deve ser assim ser-se rico – disse ela e bebeu um gole.

Marco ergue uma sobrancelha.

– E gostas?

– Não está mal. Para variar. – Depois riu-se. – Gosto, sim, mas também gosto de ganhar o meu dinheiro e, acredita em mim, com este barco e a fantasmagórica Marshmallows *vou* ganhar mesmo. O Morrie Sorrie já está com ideias novas, mas tem um medo que se pela daquele lugar, jura que está assombrado. Além disso, detesta «aquela mulher», como ele lhe chama.

– Imagino que estejas a falar «desta mulher».

Marco apontou com a garrafa para o molhe e para Mehitabel, que o percorria, magríssima e parecida, achou Martha, com a antiga Katherine Hepburn num filme aterrador. Estava de calças de flanela cinzenta e camisa de seda branca de botões, os caracóis de Medusa austeramente presos atrás, os óculos de sol enormes cobrindo-lhe boa parte do rosto.

– O que está ela a fazer aqui?

Marta sentou-se direita, de copo bem apertado na mão. A sensação de bem-estar desaparecera.

– É isso que vamos descobrir – disse Marco.

Julguei haver uma certa honestidade em Ahmet; era manifesta nos seus olhos quando julgava que não reparávamos; eu quase lhe podia chamar um olhar «de outro mundo», como se ele estivesse num lugar que mantinha privado do resto do mundo e em grande parte, desconfiava eu, de si mesmo. Dava a impressão que o homem famoso não queria que conhecêssemos o homem real. Aposto que sou das poucas a ter alguma vez captado esse lado dele e de muito me há de servir agora.

O espantinho do que em tempos tinha sido estava agora diante dele, de cabeça direita, olhos nos dele. Quando uma pessoa fica trancada, sozinha durante sabe-se lá quanto tempo, acaba por dar em maluca e não resta dúvida agora de que é «maluca» que sou. Mais: é *quem* eu sou. A vaidade continua a imiscuir-se em mim, contudo, mas não é mesmo vaidade, é mais uma questão de valor próprio. Eu sabia que era melhor do que a figura que agora apresentava a Ahmet; a mulher arrasada, quase já nem uma mulher, um nada simplesmente à espera do fim. «Coragem», voltou a mim a voz da minha mãe, num murmúrio mais fraco agora que me afundava mais na aceitação ociosa do meu destino. Já não tinha mais nada com que lutar.

— Estás com péssimo aspeto, Angie — disse Ahmet; recostou-se e tirou os óculos de sol para me ver melhor.

Não respondi.

— Vá lá, querida Angie, as coisas estão a animar. — Olhou de relance para Mehitabel, de pé atrás de mim, com a trela e a coleira que me tirara presas na mão com o anel de esmeralda do tamanho de uma groselha. — Tira-lhe aquilo — ordenou e eu ouvi o roçar rápido do vestido de cetim verde quando ela se apressou a obedecer. Mehitabel era tão escrava de Ahmet quanto eu.

Rezei para que ele não me pedisse para me despir, embora eu tivesse perdido qualquer modéstia que pudesse ter tido de estar nua à frente dos outros. Eu era um fantoche; mexia-me se me puxavam as cordas; vestiam-me e despiam-me... Eu não tinha uma palavra a dizer. Conhecia o meu destino nas mãos de Ahmet e agora esperava que ele terminasse quanto antes, para não prolongar a tortura, porque não havia dúvida de que Ahmet me estava a torturar. Não da maneira que Mehitabel queria, fisicamente, sádica. Ahmet brincava com a minha mente. Sabia que esse jogo era muito pior. Mas talvez, só *talvez*, eu também pudesse jogá-lo.

— Vamos embora hoje à noite. — Ahmet verificou o relógio. — Na verdade, vamos já. Uma pessoa

não se pode atrasar para a sua própria festa.

Tentei manter o rosto inexpressivo, mas ele captou o leve arquear das sobrancelhas, a pergunta nos meus olhos.

– Vai haver uma grande festa no *Lady Marina*, com um grupo exclusivo de convidados, na verdade, vai estar presente «toda a gente» que é «alguém» no Sul de França. A Patrons tem a seu cargo a organização, o meu Chef tunisino trata da comida, que eu lhe disse tem de ser exótica, diferente, nada de salmão fumado e latinhas de caviar; vamos mordiscar ovos de codorniz e chupa-chupas de lagosta, umas costeletas de borrego minúsculas e estaladiças dos borreguinhos acabados de nascer nos montes da Provença. Assassinados, devo dizer, pela minha honra, às minhas ordens.

Riu-se quando viu a minha expressão de perplexidade transformada em horror.

– O que se passa com vocês, raparigas? A Lucy Patron também ficou chocada quando fiz esta sugestão, mas não duvido de que as vai apreciar tanto como qualquer outro convidado, se bem que não vamos contar a história das costeletas, claro está. Não gostava nada de estragar a diversão.

Pôs os óculos escuros, uma vez mais disfarçado, ou seria aquele o verdadeiro Ahmet Ghulbian? Eu já não sabia.

– A Mehitabel vai vestir-te como deve ser – disse ele. – Partimos dentro de meia hora. Eu próprio piloto o *Cessna*. – Sentou-se, a olhar para mim, como se esperasse ouvir-me perguntar aonde ia. Não foi preciso. Ele disse-me. – Vamos voltar ao meu iate, Angie, onde tudo começou – informou, a sorrir.

Estou novamente surpreendida. Atordoada, na verdade. E morta de medo ou perto disso. Estou sentada no *Cessna*, com o cinto apertado, ao lado de Mehitabel, com Ahmet e um copiloto nos comandos. Não faço ideia se vamos ou não para o iate, porque depois dos escassos minutos que ele passou na biblioteca a olhar para a minha aterradora aparência, não tornou a dizer mais nada. Eu já não era a mulher que ele tinha seduzido, com quem fizera amor. Ou será que o seduzira a ele? Na altura não importava e agora também não. Fiz o que fiz, entrei de livre vontade no abraço daquele homem, nas suas garras, e num turbilhão de medo, dor e quase-morte, que continuava à espreita, qual sombra no meu futuro. Ou não-futuro. Gostava de dizer que não me importava, mas de alguma forma, através de tudo, o espírito humano controla a mente, esgueira-se lá para trás, sussurra para que se continue, para que não se deixe de tentar, para que se mantenha a coragem. Nunca desistir.

As calças de fato de treino cinzentas mantinham-me quente. Mehitabel atara um lenço suave de *chiffon* na minha cabeça rapada. Levantei uma mão lembrando-me dos meus brincos, senti-os no seu lugar, os pequenos diamantes que a minha mãe me oferecera, com muito custo, quando fiz catorze anos. Usava-os sempre, com orgulho, desde esse dia e só os trocava quando precisava daqueles candelabros dançantes para o trabalho. Pensando nisso, continuo a conhecer a pessoa que fui, embora não saiba em quem me tornei.

Ouvi o barulho do motor mudar ligeiramente quando o pequeno avião deu início à descida. Estava escuro lá fora, mas vi uma fileira de luzes brancas ao longo da costa, as luzes vermelhas e verdes nos barcos no porto e, de repente, uma explosão de estrelas e salpicos de muitas cores quando o fogo de artifício rebentou no céu, lançado de uma barcaça comprida na linha do horizonte. Um mimo para os turistas felizes, que jantavam nos restaurantes em frente ao mar, debruçados sobre chávenas de café tardias no mundo real, onde eu já não habitava.

O *Cessna* balouçou ao pousar e parou suavemente. Mehitabel levantou-se e ficou de pé a olhar para mim, elegante no seu vestido de noite de cetim verde. As joias que lhe envolviam o pescoço eram tão lindas que percebi por que razão as desejavam as mulheres. Aquelas joias não eram objetos, eram dinheiro vivo, e eu soube que deviam ter sido compradas por Ahmet, que provavelmente também as escolhera, porque o fio fino era de um gosto excelente, nada vulgar. Como podia eu pensar aquilo com clareza, perguntei de repente a mim mesma, quando estava de cabeça

desfeita? Estaria mesmo? Continuava a ser capaz de pensar, de fazer planos, esquemas? Disse a mim mesma que ia sair dali, daquele sítio, fosse lá aonde fosse que me levassem. Estava alerta, voltava a ser eu própria.

Ahmet foi o primeiro a sair do avião; desceu a pequena escada de metal que foi aberta na porta, seguido pelo copiloto, que não olhou para trás, para onde Mehitabel e eu estávamos sentadas. Vi pela janela o copiloto dirigir-se ao pequeno edifício das chegadas, deixando Ahmet sozinho ao fundo das escadas, à nossa espera. Ou, à minha espera, imagino eu. A sua presa, agora capturada, um pássaro na mão.

– Levanta-te – ordenou Mehitabel. – Foram as únicas palavras que me dirigiu naquela viagem de cerca de hora e meia. Obedeci, claro. Ela estendeu a mão para a porta da bagagem por cima da nossa cabeça, tirou de lá um casaco de malha comprido, atirou-mo e disse-me para o vestir. Assim fiz. Olhou-me para os pés, com os chinelos vermelhos, suspirou e virou-se. Creio que não podia fazer nada para os mudar.

– Segue-me – disse ela.

Segui-a. Não tinha vontade própria. Era o fantoche deles, um peão, coisa nenhuma.

Inspirei o ar lá fora, que cheirava a combustível, e caminhei atrás de Mehitabel, que usava a coleira de joias, uma peça que devia valer quase o mesmo que as suas esmeraldas. Mehitabel, encantadora com o seu vestido de cetim verde, os canudos negros que lhe saíam da cabeça como que eletrificados, os saltos altos a estalarem no chão; e eu, a mulher desgrenhada que qualquer pessoa podia tomar por uma criada.

Um carro aguardava, com as luzes reduzidas. Entrámos, primeiro eu, com Mehitabel a empurrar-me num gesto de urgência, depois ela, sentando-se no banco com o seu cheiro excessivo a couro novo. Uma curta viagem de carro para o porto, outro barco, um *Riva* levado por um homem de casaco preto, a proa do iate avultando-se à nossa frente. O nome: *Lady Marina*.

Estava novamente presa, portanto, no barco de Ahmet, perdida para o mundo num lugar onde nunca ninguém haveria de me encontrar. Outrora afogara-me no Egeu. Acaso estava prestes a fazer tudo de novo?

A vida com os ricos não era nada má, disse Martha a Morrie na varanda do Hotel de Paris, em Nice, bebericando uma chávena de café matinal e mordiscando de quando em quando um *croissant* tirado do cesto repleto deles, acabados de sair do forno e tremendamente calóricos, mas que eram uma espécie de paraíso a nível emocional.

– Porque não fazemos *croissants* destes lá? – perguntou ela.

– Ouvi dizer que é a farinha – retorquiu Morrie. – Ou se calhar é a água. Seja como for, este lugar bate Marshmallows aos pontos, não há dúvida. Não me tornes a mandar lá, se não vou ter de me despedir, está bem?

Martha riu-se.

– Está bem. – Lançou-lhe um olhar de lado. – Mariquinhas.

– Estou a dizer-te que aquele lugar está assombrado, ali enfiado naqueles pântanos desolados, parece uma coisa tirada do Dickens.

– Então leste o Dickens, hã?

Morrie agitou ligeiramente a cabeça.

– Claro que não. Ninguém lê, simplesmente falam como se tivessem lido.

– O Marco leu. – Martha ofereceu a informação com mais um olhar de esguelha.

Morrie retribuiu-o.

– Bem, isso é o Marco não é? Ou seja, ele tem de falar com aqueles retratados, que são conhecidos, cheios de papel e, claro está, leem muito.

Martha riu-se.

– Espero que isto não seja uma discussão, porque temos muito trabalho a fazer. Temos uma festa hoje à noite, lembras-te?

– Como poderia esquecer?

Morrie pegou no *i-Pad* e começou a fazer a verificação de uma comprida lista. Haveria setenta convidados.

– É melhor confirmar também com a Mehitabel – aconselhou Martha.

– Credo. Queres tu dizer que tenho de falar com aquela bruxa? Ela é maluca, Martha, uma maluca do caraças. Pensei que me queria matar na outra noite, a julgar pela maneira como olhou para mim.

– Ninguém vai matar ninguém, e ela é o braço-direito do Ahmet, por assim dizer. Ela trata *dele* por nós. É o último bastião contra erros. Ninguém passa pela Mehitabel, nem sequer eu, e sou eu que

estou a fazer com que esta festa aconteça.

Viraram-se os dois quando a porta se abriu e Lucy se arrastou para junto deles, o rosto infantil de sono, os olhos semifechados por causa da luz, enrolada numa toalha de banho, com o verniz das unhas estalado, o cabelo colado à cabeça.

– Bem – disse Martha –, temos de te fazer qualquer coisa antes de começarmos a trabalhar. Que raio, Lucy, vai tomar um duche, recompõe-te. Lembra-te de que hoje vais trabalhar.

Lucy arrastou-se para o cesto dos bolos, pegou num *croissant* folhado, despejou mais café para a chávena de Martha, adicionou-lhe dois cubinhos de açúcar, que vinham embrulhados em papel, e afundou-se numa *chaise-longue* a beber um gole.

– Estou pronta – respondeu.

Martha foi ao andar de baixo, organizou idas ao salão de beleza para as duas dentro de meia hora, disse a Lucy o que ela ia usar nessa noite e que nem sequer discutisse o assunto, voltou ao telefone para verificar os inúmeros pormenores com o serviço de *catering* e com o Chef tunisino de Ahmet, que ficava com tudo a seu cargo; depois ligou a Ahmet.

– Minha querida Martha – respondeu ele, parecendo sorrir, pensou Martha. – Eu sei que vai ser maravilhoso, a melhor festa alguma vez dada no Sul de França.

Ao pensar nos inúmeros bailes de beneficência e nos serões de máscaras, Martha teve as suas dúvidas, mas afirmou que ia ser muito especial e que ele não se devia preocupar com nada. Ela ia ter com ele mais tarde.

Desligou o telefone e pensou que a única coisa que precisava agora era sorte. E de Marco. Onde estaria ele? Mas é claro, lembrou-se ela, devia ir ter com Ahmet; o famoso retrato tinha de ser pintado, aquele que Marco dizia que iria revelar o verdadeiro homem.

Nunca incomodava Marco quando ele estava a pintar, sabia que precisava de se perder no seu trabalho, na sua visão, no seu próprio mundo de cor, linhas e sentidos. Era por isso que os seus retratos eram tão maravilhosos, de alguma forma, a sua própria pessoa, a sua sensibilidade passava para eles, se bem que ela achasse que Ahmet seria um homem difícil de captar. Um homem assim, que encerrava os sentimentos por detrás de um sorriso, um aperto de mão, uma palavra de simpatia. Ia ser duro.

Nessa noite, Ahmet ficou à frente das escadas à espera da chegada dos convidados, elegante com o seu casaco rajá de seda tussor branca, um estilo há muito fora de moda, mas que, como ele o estava a usar, não tardaria a entrar novamente. Ahmet usava-o porque gostava da se ver assim, e porque o casaco sem gola era fresco naquela noite de verão. Ao seu lado, bem, não exatamente ao lado, mas um passo atrás, estava Martha, deslumbrante com o seu vestido de seda preto, com um decote profundo em V, atrás e à frente, com uma faixa de leopardo e lantejoulas. Era ousado para ela, mas tinha sido encorajada por Marco a estar à altura do acontecimento «exuberante» e cedera quando fora às compras com Lucy. E tinha de admitir que a irmã estava um sonho com o seu vestido de *chiffon* cinzento pelo joelho, que Martha tinha achado demasiado adulto e apertado, mas que era agora obrigada a reconhecer ser um sucesso. Era chegado ao pescoço, sem ombros, e fluía sobre os pequenos seios de Lucy e as suas ancas estreitas, terminando com uma faixa de tule, que espreitava de debaixo da saia estreita, deixando ver as pernas bronzeadas. Claro que os saltos eram demasiado altos, uns agulhas de partir o pescoço, avisara-a Martha, mas em vão. Apertavam no tornozelo com uma tira e deixavam ver as unhas recém-pintadas. De preto, claro. Era isso ou roxo. As unhas de Martha estavam pintadas de um bonito turquesa que combinava com os brincos que abanavam nas orelhas, um presente-surpresa de Marco, que tinha chegado ao hotel vindo do barco, onde estivera a pintar Ahmet, apenas com tempo suficiente para se vestir para a festa. E isso queria dizer uma *T-shirt* preta em vez de branca, calças de ganga pretas e não azuis e um casaco *Armani* de ombros suaves que tinha há anos e de que jurava nunca se desfazer.

— É o meu *único* casaco — disse ele a Martha, enquanto se inspecionava ao espelho do quarto de hotel antes de se irem embora. — Acho que um basta. Dá para todas as ocasiões, desde uma apresentação à rainha a festas em grandes iates e até casamentos.

Martha pensou em como era bonito, com o cabelo desalinhado, o seu rosto quase belo, a despreocupação quanto à aparência; nem sequer tinha noção de como o seu traseiro ficava bem naquelas calças de ganga. Sentia-se feliz por estar com ele.

— Vamos ser o casal mais bonito da festa — referiu ela. — Ainda que não o mais caro.

— Vocês não são um casal. — Lucy estava ao pé da porta, à espera deles. — Somos *três*, estão lembrados?

Marco foi rapidamente ter com ela e abraçou-a.

— Não me vou esquecer nunca, Lucy, querida — disse ele. — Se bem que na verdade somos um

quarteto, esqueceste-te da *Em*.

Lucy foi a correr tirar a cadela da sua cesta e abraçou-a.

– Ela fica bem, aqui sozinha?

Martha respondeu:

– Não te preocupes, vem aí a ama.

Marco raramente deixava a cadela e certamente não a deixaria ali sozinha, ainda que os olhos suplicantes e tristes de *Em* os seguissem.

O iate estava maravilhoso, havia bandeiras e bandeirolas a flutuar na brisa, empregados de casaca branca prontos e champanhe, *Taittinger*, o preferido de Ahmet, a refrescar em baldes de gelo. Martha perguntara a Ahmet qual era a sua cor preferida e ficou espantada quando ele respondeu que era cor de laranja; por alguma razão, estava à espera que fosse preto. De modo que as toalhas de mesa, os guardanapos, as flores em fileiras de baldes de latão, eram em tons de tangerina e melão, e o aroma da flor de laranjeira, que para Martha era o verdadeiro perfume do Sul de França, estava por todo o lado. Os pratos tinham sido escolhidos por ela, um a um, em Biot, uma vila perto de Vence, num vidro esverdeado pálido típico da região, assim como os copos de vinho, baixos e de exterior, em vez de chiques e caros. Com efeito, Martha apostava que Ahmet ficaria surpreendido quando recebesse a conta da sua festa, que seria bem menor do que ele esperava, no entanto, a comida era deliciosa, com pratos de arroz com especiarias, saladas feitas com folhas e ervas apanhadas nos montes nessa mesma manhã, e *filet mignon* cozinhado simplesmente em vinho tinto. Havia uma *bouillabaisse* para os que comiam peixe, feita à maneira genuína e antiga dos pescadores, com um misto do que tinham apanhado nesse dia, mas sempre com a feia garoupa para lhe dar o sabor e nunca com mexilhão. Havia pão caseiro para molhar no caldo – bom, quase feito em casa, vinha das padarias ao longo do porto – e um leite-creme de lavanda para depois, ou fatias de pêssegos frescos mergulhadas em vermute com, caso assim se desejasse, uma colherada de natas.

Tinha demorado mais horas a preparar do que Martha gostava de pensar. Ali de pé a receber com Ahmet os cumprimentos dos convidados, os pés estavam a matá-la e perguntou-se se poderia arriscar um segundo copo de champanhe antes de terminado o seu trabalho. Marco foi em seu auxílio. Enfiou o braço no dela. Inclinou-se para ela e disse:

– Cheiras maravilhosamente e pareces ter fome. Vou levar-te daqui.

– Vais? Para onde?

– Estás a ver aquela mesa?

Apontou para o fundo do convés, onde uma mesa para dois aguardava na sombra; uma lâmpada tremeluzia, um ramo de rosas brilhava, dourado, a toalha cor de tangerina pálida, caía, drapeada, até ao chão, e duas cadeiras com fitas de *chiffon* laranja pálido aguardavam.

– É nossa – disse ele.

– Posso tirar os sapatos?

– Tira tudo o que quiseres.

Ela meteu a mão na dele; era a melhor sensação do mundo.

– Agora sei porque te amo.

– Quer dizer que dantes não sabias?

– Não sei se me posso ir embora, parece que estou a abandonar o meu posto, tenho de ficar de olho

em toda a gente, assegurar-me de que corre tudo bem. Quer dizer, este é o meu trabalho.

Marco fez um gesto com a mão que abarcava os setenta felizes convidados, sentados nas suas mesas, onde se servia champanhe, com o quarteto a tocar suavemente em fundo. Lucy dançava com um rapaz bonito que tinha uma *T-shirt* da universidade de Nova Iorque e que Martha desconfiava ser um intruso, mas a irmã parecia estar a divertir-se. Ahmet presidia a uma mesa de mulheres jovens, bonitas e com ar caríssimo e homens mais velhos de aspeto importante. O olhar dele cruzou-se com o seu e ergueu uma mão; Martha leu-lhe nos lábios «Obrigado» com um sorriso. Morrie estava sozinho, empoleirado na amurada; passara do champanhe para uma garrafa de cerveja, descontraído. Ela foi agradecer-lhe

– Obrigado *eu*, bela Martha – retorquiu ele. E depois: – Está cá aquela mulher.

Mehitabel, glamorosa e de rosto empedernido, estava com outros convidados, de esmeraldas a brilhar ao pescoço e um olhar que parecia dirigir-se para o seu próprio interior, como se tivesse outras coisas que não festas em que pensar.

– Não há dúvida de que é uma mulher bonita – disse Martha a Marco.

– Sargent tê-la-ia pintado exatamente assim, como pintava aquelas beldades de olhos mortos – referiu Marco. – Via o que estava por baixo da superfície.

Mehitabel viu-os olharem e dirigiu-se a eles. De copo de champanhe na mão, disse:

– Bem-vindos a bordo do *Lady Marina*, Marco, senhora Patron. – Ergueu o copo a Martha. – Presumo que tenha escolhido estes copos grosseiros para a festa, não? Julguei que já teria percebido que o Ahmet está habituado a ter apenas o melhor. Tem os flutes *Tiffany* no armário atrás do bar. Sugiro que os substitua. Os nossos convidados preferem o melhor da vida – acrescentou com um sorriso que lhe levantava apenas os cantos da boca e nunca lhe chegava aos olhos.

– Permita que lhe vá buscar um – replicou Marco, sem sorrir. – Creio que os demais, incluindo Ahmet, estão contentes com os que têm, mas claro que a senhora é diferente.

Cruzaram os olhares.

– Em que sentido sou diferente?

Marco não sabia como, só sabia que era e que, de algum modo, era perigosa. Podia ser ciúme. Teria ciúmes de Ahmet? Não era certamente ciúmes de outras mulheres, sabia que Mehitabel não se preocupava com isso; descartaria as outras por não terem qualquer importância, meros obstáculos na vida de uma mulher destinada ao sucesso. Percebeu que Mehitabel era ambiciosa, reconheceu que era implacável e que queria muito pintar o retrato dela, captar tudo o que se escondia por debaixo daquela cara encantadora.

Claro que a festa terminou com fogo de artifício, melhor e maior do que o que tinham visto antes, trinta minutos de luz, cor e explosões gloriosas, acompanhadas da música da abertura 1815 de Beethoven e depois, tão suave e perfeitamente, ao terminar, passaram aos estudos de piano de Chopin, tocados em dois pianos brancos no convés por uma dupla de estudantes de música a quem Ahmet atribuíra bolsas de estudo; a rapariga era encantadora e estava muito composta, num vestido comprido prateado; o jovem, de gravata preta, era intenso e concentrado.

– O final perfeito – elogiou Marco a Martha. – Como te ocorreu isto?

– Não ocorreu, foi ideia do Ahmet. É um homem surpreendente, debaixo daquela fachada de poder. Às vezes até acredito que vive ali um coração.

Marco continuava a perguntar-se se conseguiria captar todos os aspetos da personalidade de Ahmet, da sua verdadeira pessoa, na tela. Sabia que o seu trabalho seria condicionado, porque Ahmet falava já sobre onde ia posar, a cadeira que queria usar, o casaco, até a luz, que Marco considerava ser seu exclusivo privilégio decidir.

Na tarde seguinte, quando Marco chegou ao encontro, o iate parecia completamente diferente; as bandeiras e bandeirolas estavam reduzidas ao básico necessário para identificar o barco e, em lugar dos convidados com as suas joias e roupa cara, os homens limpavam o barco. O delicioso aroma de flor de laranjeira tinha sido substituído pelo *spray* de limpar vidros e os baldes de flores estavam amontoados para serem mandados para hospitais e lares de idosos. As sobras de comida já haviam sido doadas aos sem-abrigo e os vinhos e champanhes regressaram à adega fresca. O trabalho de Martha não terminara com a festa; também era ela que organizava a limpeza. Era muito boa no que fazia, percebeu Marco.

– Ora, aí está o Marco. – Ahmet olhou impaciente para o relógio.

Marco não julgou estar atrasado, nem que houvesse urgência em estar à hora certa, se bem que estava, porque afinal era a «ajuda contratada»; era pago pelo que fazia e devia respeito a quem o contratara. Se bem que não se podia chamar «atraso» a cinco minutos aqui ou ali. Irritado, seguiu Ahmet para o salão comprido e cheio de luz onde Ahmet mandara preparar a cadeira.

– Sento-me aqui – disse-lhe Ahmet – com a luz da janela por cima do meu ombro esquerdo. Acho que é melhor ter um retrato de corpo inteiro sentado do que só da cintura para cima. Dá uma noção melhor de quem sou.

Marco ergueu ligeiramente a sobrancelha quando foi inspecionar a cadeira, uma velha peça suave e

encantadora de noqueira que lhe pareceu perfeita.

– Um homem de bom gosto – elogiou, amolecendo.

Ahmet concordou, com imodéstia, pensou Marco quando preparou a paleta. Depois ajustou o já impaciente Ahmet na cadeira para melhor captar a luz que *ele* via, e não a escolha de Ahmet, o que o deixou ainda mais irritável e provocador, até que Marco perdeu a paciência.

– Podemos repensar esta sessão, se lhe parece melhor. Para a semana que vem, talvez para o mês que vem, quando estiver menos preocupado.

– E o que interessa a um pintor o meu estar «preocupado», como lhe chama? Não vê o homem que sou em vez do que estou a pensar?

Marco olhou-o com firmeza.

– Geralmente sim, mas desta vez não tenho a certeza. Não sei bem se vejo o que procuro ou só aquilo que me quer mostrar.

Ahmet retribuiu o olhar em silêncio. Claro que o que Marco dissera era verdade, não só de agora, mas de sempre.

– É quem sou eu – replicou ele, fazendo a Marco aquele sorriso genial. – Aquilo que vê é aquilo que é.

Marco ocupou-se a preparar a paleta de cinzentos, verdes-salva, castanhos, tons sombrios que seriam iluminados pelo branco suave e o ocre. Ahmet era um homem muito masculino, quase brutal, algures lá dentro, e ele precisava de captar isso com as suas escolhas. Ocorreu-lhe que não fazia ideia da cor dos olhos de Ahmet. Ergueu os olhos e percebeu que a razão para tal era Ahmet estar sempre de óculos de sol, estivesse onde estivesse, de dia ou de noite.

– Tenho de o pintar sem os óculos – exigiu ele.

– Mas porquê? – Ahmet ficou inquieto. – Uso-os sempre, já fazem parte de mim. Toda a gente me conhece de óculos de sol.

Marco ficou de pé diante dele, a estudá-lo.

– Diz-se, e eu acredito ser verdade, que os olhos são o espelho da alma. Para mim, a visão é o mais importante dos cinco sentidos. Sabe-se aquilo que se vê, entende-se a pessoa quando é olhada nos olhos. Mas claro que sabe isso. – Riu-se, aligeirando de súbito o ambiente demasiado sério. – Olhamos para os olhos de uma mulher e vemo-nos lá refletidos, na mente dela, ou quem julgamos ser.

– E é esse homem que vai pintar. O homem que julgo ser. Não lhe basta, senhor Mahoney?

Marco ergueu as sobrancelhas, voltara a ser senhor Mahoney; sabia que estava metido num sarilho. Fosse o que fosse que estava a aborrecer Ahmet, precisava de descarregar em alguém e Marco era o único por ali, até que apareceu Mehitabel.

Ahmet encontrava-se sentado muito direito, como um homem prestes a ser interrogado, estava rígido e pouco à vontade com toda aquela situação. Rodou ao ouvir a porta e viu Mehitabel ali parada com o seu novo estilo de calças largas cinzentas de flanela e camisa de seda branca, o cabelo penteado para trás com travessas de tartaruga, com uns óculos de sol de lentes rosadas e que ficou espantada com a fúria de Ahmet.

– Mas que porra estás aqui a fazer? – quis ele saber. – Não vêes que estou ocupado? E desde quando entras sem bater? É bom que não te esqueças de que trabalhas para mim, Mehitabel, ou não tarda nada deixas de o fazer.

Marco ouviu araiua subliminar, viu que Mehitabel estava com medo e soube que não podia ficar.

– Vai desculpar-me – disse ele, rígido. – Prefiro remarcar para outro dia.

Sem uma palavra, Ahmet levantou-se e saiu e o mesmo fez Mehitabel. Marco arrumou rapidamente na mala a paleta, os tubos de tinta, os pincéis e facas, pousou a tela contra a parede e saiu.

Lá fora, o convés estava deserto, não se via um único membro da tripulação. O iate tinha um ar desolado depois da maravilhosa festa da noite anterior, o que fez Marco pensar de repente se Ahmet teria um amigo verdadeiro que fosse neste mundo. Parecia um homem seriamente só, com pensamentos perigosos.

As aves marinhas voavam em círculos por cima da sua cabeça enquanto se dirigia à escada, depois parou por um instante, interiorizando aquilo tudo, o céu azul-acinzentado, as nuvens que pairavam no ar e prenunciavam uma tempestade, os barcos caros que custavam mais a manter do que a maioria dos homens ganhava num ano, o brilho fácil e descontraído que o dinheiro dava. Olhou para trás para o iate, a pensar no seu dono e em como a sua vida parecia vazia, e pensou na sorte que tinha por ter tudo o que desejava, a mulher que amava, o trabalho que queria, a cadelita que adorava. Sabia que era um homem cheio de sorte.

Apressou-se escada abaixo até ao molhe e parou abruptamente quando ouviu um som, um grito de aflição, quase um lamento. Olhou em volta, não viu nada, apenas as aves marinhas por cima da sua cabeça, com o seu grasnar rouco. Era a única coisa que havia ali, as aves marinhas. Então porque sentia aquele desconforto? E porque estava a precisar de um duche e de uma bebida?

Morrie abandonara o soalheiro Sul de França sozinho e estava de regresso a Marshmallows, justamente ao lugar a que jurara nunca mais voltar, a medir as arquitraves das janelas para as cortinas, uma tarefa que tinha sido esquecida na sua visita anterior. Dizer que estava aborrecido era pouco; estava lívido de raiva. Aquela tarefa devia ter sido executada por um ajudante, uma das jovens que apareceram para ajudar de graça enquanto aprendiam com uma *designer* famosa, de modo a poderem acrescentar no currículo que tinham trabalhado com Martha Patron e as casas que haviam «feito», ou seja, imenso tempo a ir buscar cafés e bolinhos, a andar de táxi de um lado para o outro para ir buscar coisas esquecidas e a lembrar-se de apagar as luzes ao fim do dia. E, que raio, a tirar as medidas para as cortinas, embora nem sempre se pudesse confiar que as tirassem bem.

De qualquer modo, aquela casa provocava-lhe calafrios. Ficou sentado durante dez minutos no seu Carocha azulão, a olhar para aquela fachada imponente, com o seu estranho misto de madeira cinzenta e pedra, as telhas cinzentas curvas e o ninho espinhoso em cima da chaminé.

Mas naquele dia não havia pássaros; perguntou-se se também eles teriam desistido daquele lugar. Só Deus sabia porque queria Ghulbian viver ali, a simples paisagem que se via das janelas era um pesadelo, os campos aguados e planos e a lama castanha. Até as árvores que ladeavam o caminho eram patéticas, raquíticas, de ramos nus. Não seriam certamente lugar para ninhos de pássaros.

Começava a chover quando saiu do carro, a princípio uns borrifos, mas depois a cair com força, transformando o caminho de gravilha em poças de lama. Tudo naquela casa precisava de ser refeito, até a gravilha tinha de ser substituída. Com efeito, Morrie decidiu que ia tratar disso primeiro, que se lixasse o que dissera Ghulbian. Se queria que os trabalhadores chegassem a sua casa, precisava de gravilha, se não haveria demasiados reboques para tirar dali os carros. Perguntou-se como não teria Martha pensado naquilo, mas depois achou que se calhar só lá tinha estado em dias de bom tempo e podia não lhe ter ocorrido.

Encolheu-se na parka, pôs o capuz, dirigiu-se aos degraus e bateu de novo à porta. Não esperava que viessem atender, certamente não estava ninguém em casa, mas depois do fiasco anterior com Mehitabel não queria correr riscos.

Claro que ninguém respondeu. Martha dera-lhe a chave, que era antiquada, de ferro, e que na verdade lhe parecia condizer mais com a casa do que as fechaduras *Yale*. Aquela chave dava acesso a uma casa digna de um rei; bom, se não de um rei, pelo menos de um homem rico.

Começou pelas janelas altas do átrio e foi de divisão em divisão fazer o que tinha de ser feito. Era

especialista naquilo e trabalhava depressa. Todas as medidas, acompanhadas de uma descrição e fotografia, iam para o seu *i-Pad*. Não o tinham contratado para trabalhar no andar de cima, mas de qualquer modo subiu ao patamar e deu uma olhadela ao magnífico vitral, que tinha a certeza devia ser obra de Rossetti, o famoso artista ou, pelo menos, algum membro da sua equipa. Havia uma limpidez no vidro, um brilho de pura cor que iluminava o átrio como se fosse um castelo medieval.

Ficou curioso com o que podia encontrar ao cimo daquelas escadas. Claro que lhe tinham dito para não ir lá acima, mas isso não queria dizer que não fosse. Não foi propriamente a correr escada acima, mas subiu depressa, nervoso, porque estava a fazer uma coisa proibida e porque todo aquele lugar era ameaçador e ele não sabia o que poderia ali encontrar.

Havia uma tapete vermelha nas escadas, com um padrão de cornucópias que sabia quase ter levado Martha às lágrimas de tão feio que era, mas o chão do andar superior era de tábuas de madeira com um ou outro tapete de aparência turca, mais uma vez predominantemente vermelhos. Parou para tirar umas fotografias com o telemóvel; anotou umas medidas, justificando assim a sua presença num lugar onde não devia estar. A seguir percorreu o corredor de cima, onde as portas estavam abertas para os quartos, na sua maioria com enormes camas escuras de dossel afofadas com edredões lisos brancos, depois subiu as escadas para o sótão. Aqueles degraus eram mais estreitos. Só havia duas portas. Direita ou esquerda? Como era destro, escolheu a da direita.

Havia uma pequena cama encostada à parede; uma manta preta atirada para cima dela, uma pequena pilha de roupa no chão, um vestido florido que parecia ter sido arrastado na água, um pente atirado para ali, ainda com uns cabelos ruivos presos nele, uma mesinha em cima da qual estava uma tigela com o que em tempos tinha sido sopa, um pedaço de pão bolorento e um copo que parecia conter vinho tinto. O repasto de um poeta parisiense, um prisioneiro no seu sótão, pensou Morrie. Só que não se encontrava em Paris, mas em Marshmallows, que ficava no meio do nada e estava com um medo dos diabos.

Abandonou o quarto e desceu as escadas, dois degraus de cada vez no lanço seguinte, a tropeçar na maldita tapete vermelha horrorosa, saiu porta fora sem se dar sequer ao trabalho de se virar para a fechar. Saiu dali e, desta vez, não iria regressar.

Deixaria de trabalhar com Martha, se necessário fosse. Iria avisá-la para não ir a Marshmallows sozinha. Passava-se ali alguma coisa má e ela não devia ficar lá sozinha. Alguém fora ali prisioneiro e ele próprio bem podia ser o próximo.

Olhou para trás antes de passar pelos portões, lembrando-se da última vez que vira luz no sótão. Fosse quem fosse o «prisioneiro», nessa altura estava vivo. Agora tinha a certeza que não.

Brixton e o *pub* chamavam por si como um íman. Ia ver o futebol na televisão, beber uma caneca de cerveja, comer uma sanduíche de salsicha, ser normal, que raio. E estava decidido.

Ahmet não suportava olhar para Angie, que estava esquelética, careca e como que afundada em si mesma. Passou infinitas horas no convés a pensar nela, numa prisão solitária numa cabina em baixo, que certamente era muito mais luxuosa do que qualquer sítio a que ela estivesse habituada. Pedira deliberadamente a Mehitabel que lhe desse a suíte mais importante, aquela de que Martha não gostara nada, com as paredes almofadadas e forradas a seda azul e os painéis dourados das janelas, que bastavam, agora mesmo, para impedir a entrada do sol e também que alguém visse para o interior. Ahmet estava sozinho no barco, exceção feita ao membro da tripulação que se encontrava de guarda e que se mantinha discretamente longe de si, como fazia toda a tripulação quando o patrão estava presente.

Angie era um problema maior do que ele imaginara e a razão para tal, admitiu a si mesmo, era porque precisava dela. Angie tornara-se um brinquedo para si e manipulava-o a seu bel-prazer. Mehitabel era a guarda prisional, que cuidava de todas as necessidades básicas, dizendo à tripulação que tinham um convidado doente a bordo, que tinha de descansar e não podia ser incomodado. A tripulação fora treinada para ser discreta, não fazer perguntas e não ver o que não era suposto ver. Funcionava, quando se tinha bastante dinheiro e eles também recebiam bastante.

Ahmet olhou em volta no iate, para o corrimão que era polido todos os dias de madrugada, para o convés imaculado de teca, a pintura branca de fresco. Claro que o iate precisava do toque de Martha, que em breve teria, aliás, dentro de dois dias, o que significava que tinha de ver-se livre de Angie antes disso. *Como* era o problema que agora enfrentava.

Não era homem que gostasse de derramamento de sangue; aprendera durante a sua juventude brutalizada que havia outras maneiras de conseguir o que queria que não fosse encostar facas a pescoços, o que, de qualquer modo, sujava imenso, como também se lembrava dos seus tempos nos becos do Cairo, em que vira um homem morrer mesmo à sua frente. Ahmet tinha ido ao *souk* ver uma loja especializada em facas, ainda que o que ele quisesse fosse simples, uma pequena adaga de lâmina de recolher, com cabo de pérola, só para o caso de. Nunca especificava a si mesmo o que significava «para o caso de», sabia apenas que ocorriam determinadas situações onde ele vivia e o rapaz que então era tinha de estar preparado se quisesse sobreviver e chegar à idade adulta; não era um «dado adquirido» nessa altura. Muitos morriam jovens, devido à violência ou à doença, ou simplesmente «desapareciam». Que era o que tinha de acontecer a Angie. E, enquanto pensava nisso, o melhor lugar para o fazer era onde quase o fizera, mas por alguma razão, sobretudo por prazer,

achava ele, não fora capaz de concluir o serviço.

Nem sequer o mar tinha querido Angie, apesar dos esforços dele. Ele próprio a trouxera de volta do mar Egeu, e depois dos pântanos, como que para lhe provar o poder que tinha sobre ela, para que soubesse que brincava com a sua vida e a sua morte. Gostara de a torturar, mas agora ela estava a tornar-se um fardo; havia pessoas a fazer perguntas sobre ela, os meios de comunicação estavam em cima do assunto, a polícia estava envolvida. Até Marco Mahoney fizera esboços dela, com o seu cabelo vermelho a voar ao vento, com o Egeu azul atrás de si. Era perigoso manter Angie por mais tempo, e era igualmente perigoso tentar ver-se livre dela ali. Teria de ser em Marshmallows.

Ahmet perguntou-se porque seria que, para um homem que tinha tudo e que estivera em todo o lado, aquela casa nos desolados pântanos era a sua predileta, o único lugar do mundo onde encontrava paz de espírito. Nem sempre, mas havia noites em que, sozinho lá, sem um único som, nenhum passo, nenhuma pessoa ou animal, nem sequer fantasma para o assombrar, se sentia vivo.

Tudo o resto era fachada: o iate vistoso que em breve seria transformado por Martha em algo ainda mais espetacular, mais conforme com o seu novo estatuto social, ao qual se apresentava agora, e com as novas pessoas que tinham ido à sua festa e que iriam também ao baile, pessoas que finalmente ficariam felizes por se dizerem suas amigas. Também queria ser conhecido como um homem que ajuda os amigos, um homem caridoso, que na verdade era, embora preferisse manter isso em segredo, nunca quisera que se desconfiasse que podia ter tido um passado igual ao dos pobres vagabundos que ajudava a sair dos becos e a começar uma nova vida. Às vezes fracassava, claro, alguns não conseguiam, mas ele dava-lhes a oportunidade de um novo começo, como estava agora prestes a dar a si mesmo. Ia tornar-se Ahmet Ghulbian, amigo de toda a gente que importava, supremo anfitrião, generoso até ao limite. E, em privado, assassino. O que o trazia de volta a Angie.

Mehitabel mantinha-a fechada na cabina. «Prisioneira de luxo», dissera a Ahmet com aquele seu sorriso moroso que fazia pedras dos seus olhos. Admirava Mehitabel, embora ultimamente ela andasse um pouco solta, «a sair da casca», como se costumava dizer. A verdade é que já não confiava em Mehitabel, e sabia quanto baste para confiar no velho adágio que se afirmava ser de Mefistófeles, que se um homem estava noventa e nove por cento connosco, e não cem, não era nosso amigo. Mehitabel caíra para esse noventa e nove por cento; ele sentia-o na sua linguagem corporal, na expressão desdenhosa quando julgava que ele não estava a ver, no ligeiro ar de impertinência com que se virava e saía de uma sala. Ele fizera Mehitabel e podia acabar com ela. Sem aquelas esmeraldas ao pescoço, voltaria a não ser ninguém. Ou talvez até, quando a usasse pela última vez, ela deixasse de existir, como aconteceria a Angie.

Aquilo de que agora precisava era regressar a Marshmallows e levar Angie e Mehitabel consigo. O problema era que Marshmallows ainda estava em processo de renovação. O último relatório de Martha dava conta de que o seu assistente, um tal senhor Sorrie, estava a tratar dos pormenores finais, assim como a sua irmã Lucy.

Lucy! Meu Deus, nem sequer pensara em Lucy no esquema dos acontecimentos que planeava. A sua pequena Lucy, que seria a luz da sua vida. Finalmente, teria outra razão para a sua existência além de fazer mais dinheiro, ser o mais rico dos ricos, o venerado homem de negócios, admirado por todos e amigo de ninguém. Nem sequer pensara que ela estaria sozinha em Marshmallows com um empregado de Martha do sexo masculino, mas naquele momento aquilo incomodou-o a ponto de telefonar a Martha.

– Só para lhe agradecer mais uma vez a maravilhosa festa no iate – disse ele, quase a ronronar de

gratidão, para lhe agradecer.

– A primeira de muitas, espero eu – disse Martha, um pouco distraída porque se confrontava com dez problemas logísticos de «como» e «porque não» e «onde está» e «o que aconteceu» e se perguntava se não teria ido para fora de pé com aquele trabalho para Ghulbian. De facto, Ahmet era a última pessoa com quem ela queria falar naquele momento, em que todos os seus planos pareciam estar a desintegrar-se. Porque prometiam as pessoas consertar, alterar, fazer, entregar numa certa data e mais tarde lhe diziam que isso era impossível, depois de, como lhes recordava ela ferozmente, terem recebido um chorudo sinal, sendo que o resto do dinheiro não apareceria até ela ver o resultado final. Geralmente, o «resultado final» aparecia depois daquilo, mas não sem antes lhe deixar os nervos em franja, o que interferia com a sua relação com Marco, que não a suportava quando ela estava stressada. Deixava-a como estava e ia-se simplesmente embora pintar. Martha não o culpava, mas tinha saudades dele. Não via Marco desde a festa no iate e o tempo maravilhoso que passaram no hotel em Nice, os dois sozinhos. Claro que Lucy também estava com eles. E a cadela. Martha considerou que era uma boa coisa que a casa da família continuasse de pé, porque estavam a crescer em número. Quando se juntava família e amigos, ia precisar de todo o espaço que conseguisse. E também precisava do trabalho de Ahmet para fazer dinheiro suficiente para renovar Patrons como devia ser, ou seja, para a restaurar como no tempo em que a mãe e o pai lá viviam. Martha queria-a exatamente igual, mas reparada, retocada, a brilhar de amor e novidade. «Lar» seria definitivamente onde estariam o seu coração e o de Marco.

E agora ali estava Ahmet Ghulbian ao telefone a exigir que a sua detestável casa, Marshmallows, ficasse terminada ainda antes do dia da festa, o que lhe dava menos de uma semana. Claro que muito do trabalho já tinha sido feito, Morrie confirmou que estava com bom aspeto, sem contar, disse ele, com o facto de Mehitabel lá estar, e referira também a Martha que nunca mais lá voltaria porque estava assombrada. Era mesmo o que ela precisava de ouvir; isso implicava que agora tinha de ir sozinha ver os progressos da obra. Não podia mandar Lucy, depois de Ghulbian a ter metido daquela maneira no helicóptero, dando-lhe vinho e jantar, fazendo-se a ela. Talvez Marco tivesse de lembrar a Ghulbian que Lucy só tinha dezassete anos, que o comportamento dele era desadequado, que aliás o melhor era ele afastar-se. Entretanto, ela ia deixar Lucy longe do caminho dele, trataria ela própria de Marshmallows. Com efeito, iria lá nesse mesmo dia ver o que havia sido deixado por fazer e se o que tinha sido feito estava bem. Tinha tempo de ir e regressar a Londres antes do jantar.

Telefonou a Marco e deixou mensagem explicando onde ia e porquê, dizendo que se encontraria com ele no restaurante italiano preferido dos dois às nove horas e que o amava. Ah, e já agora, ele que ficasse de olho em Lucy. Ela tratava de Ghulbian.

Seguia aos solavancos debaixo de chuva e sobre as poças no caminho de acesso, com as suas árvores atrofiadas e os pássaros brancos que voavam por cima do carro, investigando-a, para depois voarem de volta à casa e se colocarem sob os beirais, com um ar tão infeliz como o dela, pensou Martha; Marshmallows continuava sem ter uma aura calorosa, por mais que ela tivesse tentado mudar isso. Claro que tinham de se plantar novas árvores, camiões cheios delas estariam a chegar, com as raízes encerradas em caixas de madeira. Árvores feitas, porque Ahmet não tinha tempo nem paciência para esperar que as coisas crescessem. A sua palavra de ordem era gratificação imediata e em mais sentidos do que Martha imaginava. Fosse como fosse, as árvores fariam uma grande diferença, como o fariam os milhares de narcisos e bolbos de tulipas que haviam sido plantados, da variedade multicolorida com as pétalas felpudas que ela adorava, quando a primavera chegasse por

fim àquela zona do mundo cinzento. *Se* alguma vez chegasse.

Estacionou na meia-lua do que restava da gravilha, em frente dos degraus, e saiu, esticando as costas. A casa continuava a ter uma aparência imponente e sombria. Não era esperado estar lá ninguém, mas estranhamente havia uma luz no andar de cima, no sótão, calculou ela, embora nunca lá tivesse estado, nem sequer pusera o pé no piso dos quartos. «Andar de baixo» era o que lhe tinha sido dado e era lá que trabalhava. Pensou quem poderia estar ali, debaixo dos beirais e perto das aves e, caso se tratasse de uma visita, porque não lhe tinha sido oferecido melhor alojamento.

Parada nos degraus da frente, a tocar à grande campainha, ouviu o eco atravessar a casa vazia e teve a desconfortável sensação de que Morrie tinha razão e a casa *estava* assombrada. Ouviu passos atravessarem o corredor e recuou, pronta para se virar e fugir. A porta abriu-se e ali estava Ahmet, com aquele seu sorriso na cara.

– Ah, graças a Deus que é o Ahmet – foi a única coisa que conseguiu dizer.

—Minha querida Martha! Se soubesse que vinha, tinha organizado uma recepção melhor! Entre, por favor. — Ahmet olhou ansioso para as aves, que agora voavam em círculos. — Espero que não a tenham incomodado, prometo ver-me livre delas antes que acabe a casa.

— Não faça isso, por favor, devem estar aqui há gerações, fazem parte deste lugar.

Martha parou para olhar para trás, para as aves, que agora pousavam de novo em fileira no beiral; algumas traziam pequenos galhos no bico, claramente em processo de reconstrução dos ninhos. Agradeceu a Deus por afinal de contas haver algo de humano em Marshmallows. Era um lugar difícil de se gostar, com o eterno fundo plano de pântano sem árvores. De facto, Ahmet era provavelmente o único homem que podia amar aquele lugar. Certamente não lhe ocorria naquele momento nenhuma mulher que pudesse querer instalar-se ali, naquele lugar indómito, de apenas silêncio e uma viagem de trinta quilómetros pelo matorral para chegar a uma loja que tivesse um pacote de leite, um jornal, outro ser humano. Apostava que o sinal da televisão também não seria decente, outra coisa que deveria verificar, dado enquadrar-se na sua área de responsabilidades.

— Bem, isto está ótimo — disse a Ahmet, e entrou no átrio com o chão acabado de colocar, as tábuas de castanheiro que ela especificara, com o acabamento tradicional de cavilhas quadradas e sem pregos visíveis. Estava espetacular, embora não estivesse encantada com a balaustrada de mogno que Ahmet quisera manter, e que não ficava bem com a madeira de castanheiro. A carpete vermelha também ainda ali estava, com os seus clips a segurá-la no lugar. Perguntava-se porque não tinham tratado dela, teria de falar com Morrie, provavelmente ele havia fugido dali tão assustado que nem sequer pensara na carpete.

— Claro que esta carpete tem de sair — disse ela a Ahmet, na base das escadas, ao lado dele. — Preferia que se visse a madeira, retocada com um tom mais suave e com um tapete antigo estreito; pálido, não com este vermelho que parece estar em toda a parte.

Viu Ahmet franzir o sobrolho, verificou que estava preocupado e tocou-lhe instintivamente no braço, reafirmando-lhe que não se preocupasse com nada, ela ia pôr tudo bem e a tempo do baile.

— Os planos estão avançados — acrescentou enquanto o seguia para a biblioteca, onde, como sempre, o lume brilhava na lareira e os dois cadeirões de couro vermelho aguardavam, com uma bandeja de chá na mesinha que ficava entre eles. Tomou mentalmente nota dizer-lhe que devia ver-se livre daquele conjunto de prata vitoriano, o bule era tão desajeitado que ela mal lhe conseguia pegar para se servir e os cabos das colheres tão ornamentados que tinham qualidade de museu e não de

peças de uso quotidiano.

– Temos de optar por coisas menos gritantes, Ahmet – disse ela.

Ahmet permaneceu num silêncio mumificado enquanto ela servia o chá e lhe oferecia uma chávena. Passou-lhe a leiteira, a taça do açúcar, o prato com os bolinhos de figo. Ele não aceitou nenhuma dessas coisas, ficou a fitar as chamas, como se ela não estivesse ali, pensou Martha.

– Ahmet – disse ela, pouco à vontade, voltando a pousar a chávena na bandeja. – Está preocupado, posso voltar noutra altura, não há pressa...

Ele ergueu a cabeça e olhou-a, irritado.

– Que preocupação é esta que a Martha e o Marco têm com a *minha* «preocupação»? Tenho questões de negócios no pensamento. A única coisa que espero de si, Martha, é que a minha casa fique terminada a tempo e exatamente com a aparência que me disse que teria, tal como fez nos esboços, nos planos. E espero o mesmo de Marco, que o meu retrato fique concluído e seja exposto num cavalete no átrio. Nem mais, nem menos do que aquilo por que vos pago.

Picada, Martha respirou fundo.

– Terá tudo aquilo por que pagou, e provavelmente mais ainda, exatamente como aconteceu no iate.

Levantou-se com um movimento suave, fechou a mala, pegou nos esboços e na espiral de metal com as amostras de tecido. Pôs o casaco verde *Burberry* por cima dos ombros e estava a sair pela porta quando ele a alcançou.

Ahmet estendeu a mão e agarrou-lhe o braço.

– Não queria aborrecê-la, só que o jovem que aqui esteve anda a dizer que a minha casa está assombrada, que ouviu coisas. Nada disso é verdade, mas já começaram os rumores. Não é bom para a minha reputação. Este lugar é a minha casa, Martha, e eu quero senti-la assim. É exatamente isso que quero que faça dela. *Um lar*.

A expressão de Ahmet era tão sincera, ele estava tão profundamente preocupado que Martha teve pena dele, um homem *solitário*, a andar por aquela casa enorme no meio de nenhures, com aquele buraco negro sem iluminação ao cimo das escadas, onde não era permitido o acesso a ninguém, e o lume sempre aceso na biblioteca, a garrafa de *tequila* meia vazia e o terrível silêncio que os circundava. Até os pássaros pararam de grasnar.

Mas quando olhou para os olhos de Ahmet, Martha ficou nervosa; disse a si mesma que não havia motivo para tal, ele era seu cliente, agora já o conhecia bem; toda a gente lhe conhecia a reputação de homem de negócios, de dador a obras de beneficência. No entanto, ninguém o quisera *conhecer* realmente.

Pensou em Lucy, em que ela estivera ali sozinha com Ahmet, e em Morrie a fugir dali, afirmando que a casa estava assombrada. Um medo desconhecido deixou-a de coração a bater com força.

– Tenho de ir.

Dirigiu-se à porta.

Ahmet chegou antes dela e encostou as costas à porta, com uma expressão no rosto que ela nunca lhe vira; uns olhos frios, a boca contraída. Uma tensão interna que lhe deixava o corpo rígido.

– Ainda não, Martha.

Ela olhou ansiosamente por cima do ombro; pensou que tinha de haver por ali um empregado, alguém que ajudava, que cuidava daquela casa caótica, porque reparara que não havia pó, a casa estava impecável, limpíssima, sem pessoas, sem animais, sem casacos atirados por acaso para as

costas do sofá, sem um chapéu de chuva à entrada, sem coleções de chapéus patetas no cabide junto da porta da cozinha.

Um repentino lamento estridente quebrou o silêncio. Martha fitou Ahmet em estado de choque e ele pegou-lhe no braço e conduziu-a rapidamente à porta. Levou-a para fora, fechou a porta atrás deles e ajudou-a a entrar no carro, fechando-lhe depois a porta, cortês, cavalheiro até ao fim.

– Eu ligo-lhe por causa do baile – foram as suas últimas palavras quando Martha acelerou, com os restos da gravilha a saírem disparados dos pneus, como sempre acontecia.

– Credo – exclamou ela em voz alta, ainda com o coração na garganta e o medo a libertar adrenalina, que lhe latejava nos pulsos. – Nunca mais volto aqui sozinha. Na verdade, não volto aqui até ao dia do maldito baile, e será com Marco.

O barulho do helicóptero de Ahmet por cima da sua cabeça quebrou o silêncio, deixando as grandes aves brancas em sobressalto. Voavam tão baixo por cima do carro que Martha teve de parar para as deixar recomporem-se e voltarem aos ninhos. Pensou que, se fosse uma daquelas aves, estaria a dizer às outras que saíssem dali enquanto era tempo; havia sítios melhores onde se viver que Marshmallows, cujo nome frívolo contradizia o seu carácter sigiloso e sombrio.

Reparou, contudo, enquanto se ia embora, numa luz no andar de cima. Perguntou-se quem poderia ali estar, talvez uma criada ou o assistente de Ahmet? Um ser humano, por amor de Deus. Bem que aquela casa precisava de um.

O pequeno restaurante italiano familiar aonde Martha e Marco jantavam pelo menos uma vez por semana desde que se conheceram oferecia exatamente aquilo que se esperava, o que facilitava a vida aos clientes que tinham outras coisas em que pensar que decidir se experimentar um molho novo ou optar pelo «velho e fiável» *Alfredo*, ou mesmo o *spag bol*, como Lucy chamava ao esparguete à bolonhesa, que era mais condimentado do que a maior parte e deixava quem o comia a arquejar ligeiramente e a precisar de mais um copo de vinho tinto. Sabia-se exatamente o que se iria receber, até à salada verde pouco temperada e à musse de chocolate, «receita da avó», a que Marco nunca resistia.

– Eu juro que tu vens aqui só para isso – disse Martha.

Estava sentada ao lado dele na pequena mesa, e não em frente, porque continuava assustada pela experiência em Marshmallows e precisava da proximidade dele.

– Eu venho aqui para estar contigo – afirmou ele, tirando uma colherada da musse dela, intocada, depois de ter acabado a sua.

– Graças a Deus – retorquiu ela com mais sentimento do que era habitual.

Marco parou de comer para olhar para ela. Pousou a colher.

– Então, o que se passa?

Martha considerou se lhe devia contar ou não. Decidiu que sim, e revelou:

– É aquela casa. Sinto que há alguma coisa de errado ali, dá-me arrepios. E hoje ouvi um barulho estranho, ah, não sei explicar bem, só que quando pensei nisso mais tarde... bem, talvez fosse um grito.

Marco viu vestígios de medo nos olhos dela.

– Tens medo do Ahmet?

– Naquele *momento* tive medo dele. Foi alguma coisa que apanhei, uma expressão... Continuo sem saber exatamente o que foi, só que nunca vi aquela expressão no olhar de ninguém. Era como se tivesse desligado todo o sentimento. Meu Deus, Marco, naquele momento achei que ele era capaz de tudo. E aquele grito, aquele... *grito*. Disse-me que eram as aves, tirou-me rapidamente de lá e, acredita em mim, fiquei feliz por isso, se pudesse teria fugido.

Marco não lhe falou do telefonema que recebera de Morrie nessa noite, sobre o quarto no andar de cima com a roupa e a comida. Era como se alguém tivesse ali sido feito prisioneiro e tivesse saído à pressa, dissera Morrie. Era tão mau que Morrie nunca mais lá voltaria, embora também nunca

contasse a Martha, porque sabia que Ghulbian era um cliente importante para ela e a única coisa que iria conseguir era pôr em risco esse trabalho.

– Mas queria contar-te – disse ele a Marco. – Achei que era importante *tu* saberes, por causa da Martha. Afinal de contas, estás a pintar o retrato do homem, vais ver o bastante dele para saberes a verdade. Mas eu, bem, tenho um medo que me pelo daquele lugar, e dele. Não quero ter mais nada a ver com aquilo.

A outra chamada que Marco se surpreendeu ao receber foi de Mehitabel.

Estava sozinho no seu ateliê, a luz esmorecia e ele arrumava as coisas enquanto pensava em levar *Em* a dar um passeio até ao *pub* que ficava na esquina, onde bebia sempre um copo de cerveja, gelada até aos ossos, e comia uma sanduíche de fiambre, sem mostarda, que partilhava com a cadela. Não atendeu a chamada com grande entusiasmo, especialmente quando viu que era um «número desconhecido», mas desejou logo não o ter feito.

– Lembra-se de mim – foi a frase de abertura. – Mehitabel.

– A mulher de um só nome – comentou ele. – E das esmeraldas maravilhosas.

– Infelizmente, as esmeraldas foram devolvidas à *Cartier*. Só as tive por aquela noite.

A referência à Cartier trouxe-lhe à memória o fio de ouro com a pantera e Angie.

– Em que posso ajudá-la?

Estava curioso, apesar da antipatia de Mehitabel, e além disso continuava a querer pintá-la. Tal como Ahmet, cujos esboços e polaroides prendera às paredes do ateliê em gesto de preparação para o retrato, era dona de uma quietude impressionante que escondia toda a emoção. O que se via em Mehitabel não correspondia certamente à sua verdadeira pessoa. Era uma cifra. Um enigma. Um ponto de interrogação.

– Tenho de falar consigo – disse ela. – Sobre o Ahmet. Há coisas que você não sabe.

Ahmet estava intrigado com o comportamento de Mehitabel, com a maneira como evitava o olhar dele, com a sua repentina reserva. Ao entrar inesperadamente no escritório, apanhou-a a meio de um telefonema, que terminara abruptamente. Quando a questionou, ela explicou que se tratava de um joalheiro interessado em emprestar-lhe um colar para o baile.

– Claro que só querem publicidade – disse Ahmet. – Vamos usar *Cartier*, como é habitual, mas desta vez arranja diamantes e não pedras coloridas.

Olhou para ela, nervosa à entrada do escritório, obviamente morta por sair.

– Mehitabel, volta aqui.

Não era um pedido, era uma ordem e, como sempre, ela obedeceu. Ficou de olhos baixos, postos nos papéis muito bem arrumados na secretária dele.

– Coloquei aqui tudo sobre o baile à espera da tua aprovação – disse ela.

O tom de voz ligeiramente mais agudo confirmou a Ahmet que as suas suspeitas eram válidas.

– É melhor contares-me o que andas a tramar – afirmou ele, muito calmo. – Antes que eu descubra por mim.

Mehitabel não tirou os olhos da secretária; estava claramente a pensar no que dizer, como evitar a desconfiança dele e não deixar passar que planeava o seu ataque contra ele, não de uma forma física, claro está, que um homem como ele, com os seus guarda-costas, poderia antecipar. O seu golpe seria emocional, e era Lucy que ela planeava usar como arma.

– Estou só a tentar proteger-te – respondeu ela. – És a minha preocupação, Ahmet. Olhas por mim, eu olho por ti. Sei onde encontrar inimigos, sei quando estás a ser enganado.

Ele olhou-a com argúcia.

– O que queres dizer com isso?

– Com enganado? Ora, pela pequena Lucy, pois claro. E o seu rapaz das pizzas, o que vai ao apartamento dela depois do trabalho, que passa a noite com ela. Que a anda a comer, Ahmet, pois claro.

Ele tinha-se levantado da cadeira, um homem poderoso, avultando-se sobre ela, com as mãos no seu pescoço.

– Oh, meu Deus – murmurou ela por fim, aterrorizada. – Meu Deus, Ahmet, deixa-me acabar... é para teu bem.

Atirou-a para longe de si. Ela foi cair de costas contra a secretária, com uma mão na garganta,

onde os dedos dele quase a tinham privado da vida. Odiou-o tanto nesse momento que também ela podia ter matado, com a faca de papel afiada que ele usava para abrir os envelopes e com que brincava, sempre passando-a por entre os dedos enquanto olhava, distraído, para o vazio, como que recordando tempos idos, em que a usara, Mehitabel não tinha dúvida. A quantos homens teria Ahmet tirado a vida, perguntou-se ela, ou provocado a morte. Mais mulheres do que homens, calculava ela agora, ao ver a raiva amarga no rosto dele, ao reparar no tremor das suas mãos quando se sentou atrás da secretária cara, na cadeira de pele cara, ajeitando o casaco caro. Quase o via a relembrar a si mesmo quem era. Quando os seus olhos olharam finalmente para ela, disseram-lhe exatamente quem ele julgava ser. E que não podia ficar sem ela.

– Tu e eu somos camaradas de armas, Mehitabel – referiu ele. – Precisas de mim para existir e eu preciso de ti para cuidares da minha existência. Para executares os meus desejos quase antes de eu os ter.

Ela anuiu, ainda com a mão na garganta, onde sabia que os dedos dele tinham deixado a sua marca.

– Não vais tocar na Lucy – ordenou ele, naquele tom de voz frio e destituído de emoção que continha mais ameaça do que qualquer grito que pudesse dar. – Assegura-te de que é bem tratada. Torna-te amiga dela, leva-a a comprar um vestido para o baile, assegura-te de que lhe arranjam bem o cabelo, de que tem um maquilhador profissional. Eu próprio escolho as joias que vai usar. Que o vestido seja simples, por favor, preto, de veludo, mangas compridas, não deve sentir-se ultrajada de nenhuma forma. Vai ter a aparência da jovem bem-educada que é. A jovem mulher – acrescentou com um olhar acutilante lançado a Mehitabel – que pretendo venha a ser minha mulher.

– Ah! – Mehitabel atirou a cabeça para trás com uma gargalhada. – E quem vai dizer à Lucy que ela vai ser tua mulher? Ela não é uma das tuas jovens galdérias, ansiosa por qualquer coisa que lhe atires. Acredita em mim, a Lucy Patron sabe exatamente quem é e de onde vem e, mesmo que esteja a pensar em dar uma queca com o rapaz das pizzas, não deixa de ser a rapariga séria que se guarda para o leito matrimonial. E esse leito não será o teu, Ahmet. Como sei? Porque a Martha Patron vai assegurar-se de que não será. Se duvidas de mim, pergunta ao Marco. Ele conta-te a verdade e eu garanto-te que não vais gostar.

Umás horas mais tarde, Ahmet estava sentado pouco à vontade no ateliê de Marco, na cadeira que escolhera para o retrato. A habitual converseta de abertura tinha sido despachada e Marco concentrava-se no seu trabalho, com uma ligeira ruga entre as sobrancelhas, pois nesse dia havia em Ahmet algo diferente; uma tensão que estalava em redor, que lhe tornava o pescoço rígido, que endurecia o olhar que dirigia, não a Marco mas a um espaço que era habitado só por si. Não havia maneira de penetrar nos pensamentos de Ahmet, nem de Marco conseguir trabalhar assim.

Com um suspiro, pousou a faca que estivera a arrastar sobre o óleo ocre que formava o fundo do retrato; nem sequer nisso conseguia acertar; naquele dia não conseguia captar magia em parte nenhuma. Seria ele? Ou seria Ahmet? Olhou de relance para o relógio de borracha preta que usava sempre no pulso direito, depois para *Em*, estirada no chão, de patas estendidas, as da frente e as de trás. Revirou, esperançada, os olhos para ele, mas sabia que não devia saltar nem entusiasmar-se. Primeiro, Marco tinha de lhe dar um sinal. Como não o fez, ela soltou um sonoro suspiro e puxou o focinho novamente para as patas.

O tempo arrastava-se a passo de caracol, mas finalmente eram cinco e meia. Marco ia encontrar-se

com Mehitabel às seis.

– É melhor terminarmos por hoje, senhor – disse ele a Ahmet, pensando porque acabava sempre por lhe chamar «senhor». Não era que lhe mostrasse um respeito imerecido; era mais por não querer a intimidade de usar o nome próprio daquele homem e era tarde de mais para lhe chamar senhor Ghulbian.

Ahmet levantou-se. Ajeitou o casaco, foi espreitar o retrato, esboçado primeiramente a carvão e agora sobreposto com toques de cor. A registrar as primeiras impressões, como lhe chamara Marco. A verdade é que Ahmet não o achava grande coisa. Não era suficientemente forte, não o mostrava do modo resolutivo que esperara.

– Creio que talvez mais força – comentou ele e esticou um dedo para tocar na tela ainda molhada.

– Espere pela etapa seguinte, senhor – sugeriu Marco, escondendo a irritação. Não estava habituado a que os seus retratados se levantassem para lhe darem sugestões sobre o que fazer. – Os óleos vão conferir maior definição. Ahmet lançou-lhe um olhar de descrédito.

– Esperemos que sim – retorquiu ele, mostrando-lhe sem papas na língua que não estava satisfeito.

Marco acompanhou-o à porta, viu-o entrar no *Bentley* conduzido por um motorista, reparou na onda de entusiasmo dos transeuntes que reconheceram Ahmet, viu que ele os ignorou e que já ia ao telefone quando partiram. Era certo que o tempo não esperava por Ahmet, nem por Marco. Tinha de ir ter com Mehitabel ao *pub* dentro de dez minutos.

Em pôs-se aos saltos quando ele agarrou a trela, após o que a levou em triunfo para a rua. Marco parou numa banca para comprar um cachorro quente, deu metade a *Em* e continuou a andar. O *pub* era elegante, chique diria ele, não era lugar que tivesse frequentado habitualmente, mas calculou que para mulheres como Mehitabel era um lugar onde podiam exhibir as roupas mais recentes e trocar bisbilhotices. Tinha uma iluminação suave, os assentos eram sumptuosos, os martinis gelados. Ele sabia isso porque Mehitabel estava a beber um e o copo continuava branco do frio.

– Posso pedir um para si? – perguntou ela, sem se dar ao trabalho de dizer «olá, como está?»

– Obrigado, vou beber uma *Cola light*.

Estava ali para um assunto formal, se bem que ainda não sabia que assunto era esse, mas era certo que não ia tomar uma bebida com o inimigo.

Afundou-se no assento macio, relembrou-se de se sentar direito, alerta, e inclinou-se novamente para a frente, de mãos entre os joelhos, a olhar para ela. Ela ocupou-se a pedir a *Cola* e não tornou a olhá-lo. Mas ele sabia que em breve teria de o fazer e nesse momento contar-lhe-ia o que havia de tão importante que tinham de se encontrar sem a presença de Ghulbian.

Sem nada mais com que se entreter, Mehitabel sentou-se por fim em silêncio, a olhar para ele.

– Então – disse ele – é melhor contar-me, Mehitabel. O que há de tão importante que tinha de se encontrar comigo sem tardar? E sozinho.

– É sobre o Ahmet.

– Pois claro.

– Há coisas que não sabe sobre ele.

Levou uma mão à garganta e pôs-se a brincar com a gargantilha de pérolas, sob a qual os seus olhos observadores de pintor viram manchas vermelhas que a maquilhagem não conseguira esconder por completo. Tinha havido violência. Recostou-se, chocado, bebeu um gole da *Cola light* e ficou à espera que ela lhe contasse aquilo que obviamente tinha para lhe contar.

– O Ahmet é um assassino. – A voz dela estava calma, como se falassem sobre o tempo. – Matou

muitas vezes, sobretudo mulheres. É sádico. Faz isso para ter prazer.

Parou e bebeu um gole do martini gelado. O sangue de Marco enregelou. A cabeça da cadela repousava, como sempre, no seu pé. Ficou satisfeito com a realidade desse gesto enquanto ouvia Mehitabel falar de Ahmet. Não sabia se dizia a verdade ou se era uma mulher à procura de vingança, de destruir o homem que provavelmente fizera dela quem era, que lhe dera tudo menos a si próprio. Mehitabel nunca seria a senhora Ghulbian.

Levantou a mão, detendo-a.

– Como sei que isso é verdade? Porque me conta isso? O que se passa entre si e o senhor Ghulbian não é da minha conta, estou meramente a pintar o retrato dele.

– Sim, e a Martha está a decorar a casa dele, e a *Lucy* está a ajudar, porque ele quer a *Lucy* lá, nas suas garras, *senhor Mahoney*.

Usou o apelido de Marco com uma ênfase malévola e o nome de Lucy com tanto veneno que o deixou chocado. Mehitabel não estava apenas zangada, pretendia vingar-se de quem quer que fosse que se metesse no seu caminho. Ou seja, quem se metesse entre ela e Ahmet.

– Lembra-se de quando estava em Fethiye? – questionou ela, surpreendendo-o. – Lembra-se da rapariga ruiva? A que caiu do *gulet* e que você não conseguiu salvar? Aquela que sei que continua a desenhar continuamente? E como sei eu?

Pôs a mão na mala e tirou de lá uma folha de papel de esboços dobrada em quatro, abriu-a e mostrou a Marco o seu próprio desenho de Angie Morse, um dos muitos que fizera ao longo dos últimos meses.

– Onde arranjou isso?

– O Ahmet tirou-o do seu ateliê. Quando estava de costas, imagino eu. – Encolheu os ombros e fez aquele seu sorrisinho. – O senhor Ghulbian não está acima de um pequeno furto, Marco, deve saber isso. Claro que é rico, pode comprar tudo o que quiser, incluindo mulheres, mas a ruiva não lhe saiu barata.

Marco inclinou-se para ajeitar a trela na coleira de *Em*. A cadela sentou-se, pronta para se ir embora.

– A ruiva chama-se Angie Morse – disse Marco. – E acrescentou: – Mas calculo que já o soubesse, não é? Acho também que sabe onde ela está.

Mehitabel disse:

– Quer dizer, se estiver viva, não é?

– Acho que vou ter de o perguntar ao Ahmet.

Marco e a cadela já estavam de saída.

Mehitabel tinha três tarefas a cumprir, a primeira consistia em comprar um vestido para o baile, a segunda comprar um para Lucy e a terceira, que lhe parecia ultrajante, mas faria o que Ahmet pedira, comprar um para Angie. Angie que, por essa altura, já devia estar morta e fora de cena, já não devia ser uma preocupação, embora ela não compreendesse porque é que Ahmet não via isso, não via o perigo que era mantê-la viva – por uma unha negra, naquela fase – não via que se arriscava a perder tudo. E tudo por uma empregada de bar que nunca significara nada, até Ahmet fazer dela alguma coisa. As mulheres como Angie eram uma ninharia na vida dos homens, não eram para serem levadas a sério, eram para serem usadas e descartadas, às vezes com um dispendioso presente de despedida, outras sem sequer um «adeus». E às vezes nunca mais eram vistas. Qual seria o caso de Angie, perguntava-se Mehitabel.

Mas primeiro telefonou a Lucy, tamborilando as unhas com impaciência no telefone que tocava sem sequer uma mensagem de «desculpe, mas não posso atender». Era típico de Lucy, pensou ela, sem qualquer atenção na sua cabecinha para com a pessoa que telefonava, para com ninguém, só consigo. Lembrava-se de Ahmet ter dito: «Bem, afinal só tem dezassete anos.» E, em termos legais, essa marca era definitivamente de perigo.

Sexo com uma rapariga menor não era coisa que geralmente preocupasse Ahmet, mas Mehitabel sabia que ele não pisaria o risco com Lucy. A rapariga vinha de uma família conhecida, com contactos, um contexto que ele próprio não tinha. Qualquer disputa legal entre o multimilionário e uma rapariga menor na posição de Lucy deixaria certamente Ahmet a perder, não só financeira, como também moralmente. Seria destruído. E era precisamente isso que Mehitabel queria. A questão era como atingir esse fim, e essa questão continuava no seu pensamento quando Lucy atendeu por fim.

– Bom dia, Lucy – cumprimentou ela na sua melhor voz de «boa rapariga», embora nunca conseguisse chegar a ser «doce».

– Quem fala?

Atordoadada de sono, Lucy olhou para o relógio que estava na mesinha de cabeceira, um pequeno *Tiffany* de prata que pertencera à mãe, com números tão grandes que nunca tinha de abrir muito os olhos para perceber a hora certa, o que era bom para ela.

– São só nove e meia, por amor de Deus.

Mehitabel disse:

– Não é que eu ache que «Deus» queira saber das horas, mas eu quero e você também devia querer.

Fala a Mehitabel. O senhor Ghulbian incumbiu-me de a equipar para o baile de Marshmallows. Quer que fique ainda mais bonita do que já é. Estou a citá-lo. Além disso, vão lá estar todos os meios de comunicação, televisão, revistas, jornais. O senhor Ghulbian gostava que aparecesse nesses recortes promocionais, disse-me que a vai preparar para a sua futura carreira.

Lucy recostou-se nas almofadas, perguntando-se qual seria exatamente essa sua carreira futura, além de trabalhar como ajudante de Marthie, além disso tinha um vestido e não queria ir às compras, especialmente com quem ela agora chamava em segredo «aquela mulher». Martha não gostava de Mehitabel e Lucy também não; de facto, Lucy pensava nela como «arrepiante», ainda que não compreendesse porque era assim. Mas apostava que não era a única, não lhe parecia que Mehitabel vencesse o concurso de popularidade, apesar de Marco a querer pintar.

– Tenho um vestido perfeitamente bom que posso usar – disse ela, a pensar no de *chiffon* cinzento da festa no iate. – A Martha assegura-se de que me apresento bem, portanto, o senhor Ghulbian não tem de se preocupar.

– Ele pediu-me que cuidasse pessoalmente de si. – Mehitabel era insistente. – Especialmente porque tem uma joia que gostava que usasse. Portanto, está a ver, Lucy, o vestido tem de combinar com as joias.

– Tem graça. – Lucy tirou distraidamente uma madeixa de cabelo loiro da cara com os dedos, como fazia quando estava entediada ou cansada. – Sempre pensei que fosse ao contrário. Primeiro o vestido. Depois os acessórios, os sapatos, as pulseiras, as tiaras vêm no fim. – Riu-se com a ideia.

– Estas são importantes – declarou Mehitabel com firmeza. – Geralmente, estão guardadas num cofre no banco, mas vamos buscá-las especialmente para si. Apareço por aí a buscá-la dentro de, digamos, meia hora, sim?

Lucy perguntou-se porque estavam as pessoas sempre a querer ir apanhá-la dentro de meia hora, quando a verdade é que acabara de sair da cama e ainda nem engolira a sua chávena de café. Olhou para o cubículo da cozinha, viu que a chaleira continuava ligada à eletricidade, encontrou-a ainda morna e deitou o pó que restava numa caneca que primeiro teve de despejar. Não se deu ao trabalho de a passar por água, afinal, não ia apanhar febre aftosa da última pessoa que bebera por ali. Sorriu ao pensar na cara de Martha se tivesse visto o que ela acabara de fazer, e talvez tivesse razão, precisava de aprimorar os seus modos, ganhar compostura, tornar-se uma mulher. Em breve seria uma mulher de dezoito anos.

Okay, então, talvez dar nas vistas no baile de Marshmallows, talvez deixasse Ghulbian comprar-lhe um vestido que ficasse bem com as joias, para que ela o pudesse exhibir. Ou, pelo menos, exhibir o dinheiro dele, pensou ela com uma súbita verdade que era desnorteante. Ahmet era simpático, mas era velho e muito rico e, o seu coração falhou uma batida só de pensar nisso, perigoso.

Não sabia bem porque pensava assim, mas havia qualquer coisa nele, o comportamento simpático e sorridente, se bem que não paternal, dizia-lhe que andava atrás dela e não gostou. Mas às vezes entusiasmava-se. «Um homem rico anda atrás de mim», podia ela dizer às amigas. «É mais velho que Matusalém. Aham que sou muito nova para ele?»

Ao pensar em Mehitabel, decidiu-se.

– Obrigada, mas não – disse-lhe ela. – Tenho um vestido bom que quero usar e, se as joias de Ahmet não condizem com ele, então outra rapariga que as use. Tenho a certeza de que conhece muitas mulheres. Obrigada, Mehitabel – disse ela, sempre bem-educada, ao deligar o telefone. Depois telefonou a Martha.

Martha não tencionava voltar sozinha a Marshmallows, mas, como sempre, houve um contratempo nos seus planos. Morrie recusou-se firmemente a acompanhá-la, afirmando que podia despedi-lo, se quisesse, mas era assim. Claro que não o despediu, mas, ao recordar a sua última visita assustadora à casa, precisava de alguém que fosse com ela. Telefonou a Marco.

– Tenho medo daquele sítio. – Foi esta a sua frase de abertura, o que despertou logo o interesse dele e a sua preocupação.

– Estás a falar de Marshmallows?

– Podes crer que sim, e tenho de ir lá tratar dos pormenores do baile neste fim de semana.

– Espanta-me que alguém vá ao baile, uma vez que Ahmet parece não ter amigos.

– Agora já tem. Toda a gente que conheço que foi convidada aceitou por curiosidade. Além disso, promete ser a festa mais extravagante do ano, provavelmente vai fazer história, pelo menos se os meios de comunicação gostarem, porque todos os jornalistas de sociedade vêm. Acho que saí de pé, Marco, e agora estou nervosa.

– Então, o que posso eu fazer?

– Vem comigo. Temos de nos assegurar de que o caminho de acesso tem gravilha nova, de que as árvores foram plantadas e as lanternas estão colocadas naquelas coisinhas raquíticas que passam por árvores, que a pista de dança está encerada, os eletricitas estão a instalar os microfones e o estrado para a banda está terminado; que a piscina foi coberta onde a banda de *rock* vai tocar, para as pessoas poderem dançar; que as mesas do bufê estão alinhadas no caminho entre a cozinha e a sala de jantar, onde pequenas mesas serão colocadas, com toalhas lavadas e porcelana de boa qualidade. E reza para que nenhum convidado fuja com os talheres de prata maciça que Ahmet insiste em usar, ainda que valham uma fortuna. Porquê, oh, mas porquê, Marco, porque quer ele mostrar sempre como é rico? Porque não pode passar por cima disso e comportar-se normalmente?

– A verdade é que o Ahmet não é normal. É melhor habituares-te a essa ideia, amor, porque aposto que neste fim de semana verás os dois lados dessa personalidade turbulenta. Se o Ahmet não conseguir exatamente o que quer, exatamente aquilo por que pagou, vai ser o diabo.

Ao pensar nas palavras zangadas que Ahmet lhe dissera, sobre querer receber exatamente aquilo por que pagara, Martha ficou de coração apertado. Nunca devia ter aceitado aquele trabalho. E aquela vaca da Mehitabel tinha razão, ele podia criar o seu sucesso ou o seu fracasso. Ainda assim, ela tinha a sua equipa: quatro mulheres e dois homens que trabalhavam com ela e que sabiam o que ela queria quase antes de lhes pedir. E que não se importavam de ir a correr buscar café ou juntar-se a ela ao fim de um dia estafante para tomarem um copo de vinho e darem umas gargalhadas, o que sem dúvida ajudava a que o mundo dela continuasse a girar. Mas, acima de tudo, queria estar com Marco. Precisava desesperadamente de o ver, de se sentir nos braços dele, de pousar a cabeça no seu ombro, de cheirar aquele seu incenso muito próprio de lima e baunilha, com a pele de homem sensual.

Estava a telefonar-lhe do carro, depois de ter ido fazer mais um recado, sentia-se quente e suada, com o cabelo colado à cabeça, os nervos em franja, a maquilhagem feita de manhã há muito desaparecida, sem um toque sequer de brilho nos lábios.

– Vou já para aí – avisou ela. – Vou como estou, de calças de fato de treino e pantufas felpudas, a precisar de um banho, de um abraço e de um beijo.

– Qual vais querer primeiro, querida?

Ela ouviu-o rir-se ao desligar.

Estranhamente, as suas primeiras palavras a Marco não foram, como ele esperava «Amo-te». Em vez disso, disse:

– Estou muito preocupada com o Ahmet e a Lucy. Mandou aquela mulher ligar à minha irmã para combinar ir com ela comprar um vestido para o baile. Um *vestido* – acrescentou Martha, com o sobrolho franzido de raiva – para combinar com as joias que quer que ela use. Não, espera um minuto, não foi exatamente isso que a Mehitabel disse. Creio que disse as joias que a Lucy *usaria*.

Marco ergueu as sobrancelhas.

– Queres dizer, é pegar ou largar?

– Exatamente, e é por isso que estou preocupada com ele.

Marco foi ao frigorífico, tirou uma garrafa de *Chablis*, encontrou dois copos e serviu o vinho. Entregou um copo a Martha, levou-a para o sofá comprido, para onde tinham sido atirados velhos xais e mantas que usava para trabalhar, sentou-a, colocou-lhe uma almofada nas costas, descalçou-lhe as pantufas, rodou-lhe as pernas e sentou-se ao seu lado, pondo as pernas dela em cima do seu colo.

– Está bem, fala-me disso, querida – disse ele.

– Estou a trabalhar para ele. É meu patrão. É um trabalho importante, o maior que já tive. É extremamente importante para mim, não apenas por me trazer muito dinheiro, e Ahmet é um homem generoso no que toca ao dinheiro, pelo menos em relação a Marshmallows, mas não o suporto. Marco, há qualquer coisa que não bate certo. Não te sei dizer exatamente o quê nem porquê, mas lembro-me da má onda daquela casa, continuo a ouvir aquele grito esquisito nos meus sonhos. Sinto um arrepio na espinha sempre que penso em ficar lá sozinha.

– Então, nunca podes lá ficar sozinha.

Martha estava finalmente onde devia estar, na cama com Marco. Tinha despido as calças de fato de treino velhas e a *T-shirt*, mergulhara num banho quente que Marco lhe preparara, e assegurou-se de que a temperatura estava perfeita metendo o dedo na água e esaldando-o.

– Tudo bem, não é a mão que pinta – disse ele com um sorriso, embora na verdade lhe doesse. Mais tarde, Martha aplicou ternamente um bocadinho de manteiga na queimadura, um remédio da sua avó, lembrou-se ela. Marco não o achou grande coisa; lambeu a manteiga, disse que precisava de uma torrada a acompanhar, embrulhou um farrapo das pinturas à volta do dedo e voltou ao trabalho que estava a fazer, que consistia em fazer amor com a mulher da sua vida. O amor da sua vida.

– A questão é – disse Martha, libertando-se finalmente dos braços dele para se sentar. O sobrolho franziu-se quando pensou no que queria dizer. – A questão é, o Ahmet acha que este baile lhe vai trazer a validação social. Vai fazer dele membro de um clube que ele julga existir, mas não para ele. Não tem conseguido penetrar nesse outro mundo, que é como ele vê as coisas, porque não pertence lá, é um estrangeiro, um desconhecido... sem contar com as obras de caridade... e há muitos assim, garanto-te. É certo que o Ahmet põe o dinheiro nas causas que são caras ao seu coração, se acreditarmos que tem um coração, claro. Mas posso dizer que tem ido muito dinheiro para ajudar jovens com problemas, e de maneira discreta, portanto, não é para chamar a atenção sobre si.

– De certa forma é chamar a atenção sobre si. Estou convicto de que o Ahmet está a resgatar o seu próprio passado, que foi um deles. Vá lá, Martha, ninguém pode ter um passado assim tão limpo que até chia e depois sair da obscuridade, como foi o caso dele, Ahmet. Será que tu... ou *nós*, alguém que conheçamos... alguma vez foi comprovar o passado dele, aquela espantosa história de uns pais ricos egípcios gregos que perderam tudo no *crash* e nunca mais se ouviu falar deles. Se bem que, segundo ele, lhe pagaram uma boa educação e o puseram no caminho para o sucesso. Sabes quem é a mãe do Ahmet? Sabes sequer o nome dela? Será Ghulbian o seu *verdadeiro* nome ou será inventado para que ninguém chegue à verdade? Eu digo-te uma coisa, estou *a pintar* aquele homem, *vejo* os segredos que se escondem nos seus olhos, o rosto que mantém impassível por pura força de vontade... e muita prática, aposto. O Ahmet treinou-se para nunca reagir, nunca deixar escapar nada sobre si, nunca deixar ninguém saber exatamente o que pensa. «Espontâneo» não é palavra que descreva o nosso amigo. Só nos deixa ver o que quer. Até eu, mesmo quando me concentro no rosto dele, à procura das emoções mais profundas sob o seu sorriso, os olhos sem chama, não sou capaz de descobrir a verdade acerca de quem é.

– Mas nós *sabemos* quem ele é, toda a gente sabe, já se escreveu sobre tudo, já o vimos na televisão, em eventos, na maravilhosa festa no seu iate...

– Vimos o que o Ahmet queria que víssemos. Ele não é como nós, Martha. Esse homem é um enigma cheio de segredos. A palavra «direto» não consta do seu dicionário. Faz-lhe uma pergunta simples, como foi o seu dia, como está, e garanto-te que terá três respostas diferentes preparadas.

Martha saiu da cama, enrolou-se no lençol, subitamente gelada.

– Ah, não sei, acho que não é má pessoa debaixo de toda aquela...

– Toda aquela *quê*?

Ela suspirou; percebia o que Marco queria dizer.

– Oh, toda aquela... simpatia, acho eu. Generosidade.

– Como, por exemplo, oferecer-se para comprar à Lucy um vestido para o baile? Quando digo «oferecer», fico com a sensação de que estava a *insistir*. Que espécie de homem faz uma coisa dessas, Martha?

– Um homem apaixonado?

– Um homem *obcecado*. Meteu a Lucy na cabeça e eu não ficava surpreendido se as intenções dele não forem casar com ela.

Martha levantou-se sobressaltada, ainda com o lençol preso à volta do corpo nu.

– Enlouqueceste? A Lucy é menor, ainda se comporta como uma criança, por amor de Deus, nem sequer consideraria um homem desses, meu Deus, para *ela* o Ahmet é um velho. E esse é o pecado supremo quando se tem dezassete anos.

Marco pegou-lhe na mão e arrastou-a de novo para a cama, à espera que ela se acalmasse.

– Vamos pôr as coisas assim, querida, ele não é só velho, é perigoso. Tem segredos, um passado, é um homem implacável, e tenho a sensação de que está a esconder alguma coisa. E a Mehitabel...

– Essa vaca.

– A Mehitabel, essa vaca, ajuda-o. Aposto que ela sabe tudo o que se passa e, neste momento, também tenho a sensação de que se sente despeitada. Sabe que o Ahmet tem outra mulher no pensamento.

Há alturas, aqui sentada no sofazinho duro, de brocado azul, a minha linda prisão, um quarto de que conheço todos os recantos e que provavelmente saberia reproduzir num desenho se mo pedissem num tribunal, embora compreenda, claro, que não há hipóteses de isso alguma vez acontecer. Ainda assim, há alturas em que quase começo a gostar do meu pequeno habitat, como imagino que o caracol goste da casca. Encaixo nele como uma luva, dois metros e meio por três metros – conheço as medidas porque percorri o quarto com os meus passos, ponta do pé no calcanhar do anterior, à maneira antiga. É sem dúvida melhor do que a cela esquálida sob o telhado onde ou o sol batia com um calor sufocante ou a chuva caía com o barulho de uma locomotiva, a abater-se sobre o telhado com o peso do mundo inteiro caído de um céu carregado que eu mal via.

Quando saí do sótão e vi a janelinha redonda, julguei que estava outra vez a bordo do *Lady Marina*. Aceitei bem a ideia, a pensar no vento fresco, no arrastar do mar contra o casco, talvez o final repentino que me aguardava, uma vez mais, debaixo do Egeu, límpido como o cristal. Parecia não haver nenhum propósito em continuar a viver. Para quê? Para quem? Sem dúvida que o Ahmet me torturara o bastante. Todos os homens têm de alcançar um ponto de saciedade, em que infligir dor e tortura na vítima já não dá satisfação. E o que terá ele de fazer então? Matar-me por fim, pois claro.

Portanto, aqui estou eu, novamente escondida, se bem que pelo menos agora tenho um quarto a sério, uma cama como deve ser, e não uma enxerga estreita, e uma casa de banho a sério, com uma banheira e um polibã, tudo em mármore bege, como num hotel. Será que me poderiam ter levado para um hotel? Sinto-me como a Alice no País das Maravilhas: caí pelo buraco do coelho e descobri um mundo novo. Se eu arrastar uma cadeira até à janela e subir para cima dela, vejo até um círculo de terra aparentemente molhada, com árvores atrofiadas ao longo de um caminho de gravilha, e outras, essas novas, em caixas com terra. Há lá pessoas a trabalhar, pessoas a sério, homens em mangas de camisa a pousarem as árvores novas numa série de buracos cavados ao longo de todo o caminho de acesso. Depois de terem feito isso, chega outra equipa por trás, que se põe a pendurar luzinhas minúsculas, como que para uma festa.

Era isso! Mas é claro, o Ahmet ia dar uma festa para comemorar a «inauguração» da nova casa. O «lar» que ele sempre quis ter.

Ouviu-se um barulho do lado de fora da minha porta, aqueles estalidos no chão que eu sabia serem

da Mehitabel. Entrou sem bater, para me apanhar desprevenida, imagino eu, ainda que aquilo que pudesse estar a fazer, ali presa e sem maneira de fugir, é coisa que não sei.

Abriu a porta e deixou-se ali ficar, a olhar para mim. Trazia no braço uma capa de plástico a proteger uma peça de roupa.

Entrou no quarto, atirou a capa para a cadeira e foi ter comigo à janela, onde ficou de cara colada à minha, a inspecionar-me.

– Estás com péssimo aspeto, Angie – acabou por dizer.

Mas eu precisava que ela me dissesse aquilo? E porque se dava ela ao trabalho de o fazer?

Tornou a sair e reapareceu passado momentos, a arrastar uma pequena mala de rodas.

Olhei para ela, cautelosa; sabia que ela devia estar a tramar alguma.

– Na capa tens o vestido que vais usar esta noite.

Os olhos quase me saltaram das órbitas.

– Esta noite?

– Sim, Cinderela, vais ao baile.

Riu-se ao dizê-lo. Eu nunca tinha ouvido a Mehitabel rir-se, nem sequer lhe vira um sorriso, mas ali estava, uma pequena gargalhada como se estivesse a tomar chá com as amigas, e não a confrontar uma mulher que obviamente considerava sua inimiga e que, de qualquer modo, estava abaixo dela na escala social, a empregada de bar, anfitriã, rapariga de clube.

Tive uma memória dessa vida, esse tipo de vida normal, comum, funcional, vivida por tantas mulheres. De certa forma, são as mulheres como eu que fazem andar o mundo, oferecendo bebidas, conversa, a nossa companhia temporária, atraindo clientes para o nosso bar e mandando-os de novo embora, um pouco mais felizes, com um bocadinho mais de atenção, de sorriso na cara. Talvez não seja grande coisa, mas conta, é dar um pequeno prazer a outro ser humano, o de ser reconhecido, aceite, até admirado. Era o meu talento e estava orgulhosa dele. Mas agora eu não era nada, e sabia-o.

Ali estava, contudo, Mehitabel, a abrir o fecho da capa e a tirar de lá o cabide com um lindo vestido, de veludo, preto como o lado negro da Lua, de mangas compridas e estreitas, decote fundo em V, um corpete justo, que terminava num rodopio de saia, cujas pregas estavam feitas de maneira a conferir uma figura esguia mas feminina e que eu sabia iria roçar sedutoramente nos meus joelhos quando andasse. Se eu alguma vez chegasse a usá-lo, claro.

Não fiz comentários, fiquei a ver Mehitabel tirar um par de sapatos pretos de camurça de uma caixa. Vi o número 40 de lado. O meu número. Despejou outro saco, da Victoria's Secret, deixando cair uma peça de *lingerie* rendada, toda preta.

Havia dois sacos por abrir. Virou-se para olhar para mim, esguia como uma lâmina com o seu vestido curto e largo de seda cinzenta, apertado na cintura por uma corrente metalizada e prateada. Não tinha mangas, deixando-lhe os compridos músculos dos braços à mostra, e dava-lhe por cima dos joelhos, assentando-lhe no corpo como se tivesse sido feito para ela. Ao pensar na minha saia de trabalho curta, preta e ajustada para me assentar melhor, calculei que teria mesmo sido, e por um excelente costureiro, apostava eu. Não havia nada barato em Mehitabel, com exceção talvez do cérebro. E provavelmente do seu passado. De repente, senti curiosidade, queria saber quem era a minha carcereira, porque era assim.

– Mehitabel? – Encontrei subitamente a minha voz e ela ergueu os olhos, surpreendida.

– Estava a pensar – disse eu, e consegui esboçar um sorriso, que me pareceu tão estranho que

quase não soube o que a minha cara estava a fazer. – Estava a pensar, Mehitabel, se não podias ao menos falar comigo.

Ficou de braços cruzados à frente do peito, os pés ligeiramente afastados, tão em controlo que me tornou a assustar. Parecia capaz de tudo, mas o que me importava isso? Eu não tinha para onde ir, só me afundava.

– O que eu queria saber antes... bem, antes que aconteça alguma coisa, é quem tu és. De onde vens. Quem é a tua família. Lembro-me tão bem da minha mãe, é como se estivesse comigo, mesmo neste momento. Estava a pensar quem seria a tua mãe, quer dizer, deve ter gostado de ti, deve ter-te criado, ido buscar-te à escola, feito panquecas para o pequeno-almoço de domingo, contado histórias antes de ir para a cama...

O rosto dela era inescrutável e hesitei.

– Oh, Mehitabel, somos apenas duas mulheres aqui sozinhas, metidas as duas nesta confusão. Não sei como nem porquê vim acabar aqui, mas tu tiveste escolha. Continuas a ter. Podes sair daqui, o Ahmet não é teu dono, não é meu dono. Sabes disso, por certo.

Para minha surpresa, levantou mais o queixo, lançou-me um demorado olhar, analisando-me, quase um sorriso, uma mera sugestão de mudança nos seus olhos. E depois disse:

– Eu sei tudo, Angie. Nunca te esqueças disso. E vou tratar disso, a seu tempo. Lembra-te disso. Entretanto, terás o teu cabelo de volta, ou, pelo menos, uma réplica dele.

Tirou uma peruca do saco de plástico, um cabelo ruivo comprido, ligeiramente encaracolado muito parecido com o meu.

– Põe isto – ordenou ela. – Primeiro esta capa de borracha, depois a peruca.

Entregou-me as duas coisas e eu fiz o que ela me ordenara. Era como ser reunida comigo própria. O cabelo varria-me os ombros nus, ajeitei-o em volta do rosto, puxei uns canudos para a frente. Não tinha espelho, mas não importava.

Ela disse:

– Agora veste o vestido.

Enfiei-me no veludo preto. Ela foi colocar-se atrás de mim, apertou as fitas do corpete, ajeitou a saia. Era sedosa, uma delícia, eu sabia que devia estar a sonhar, e depois ela disse:

– Agora, levanta o cabelo.

Fiz o que ela me exigiu e ergui o pescoço para ela me apertar um fio à volta dele. Como não tinha espelho, toquei-lhe com a mão e soube imediatamente que se tratava do cordão de ouro *Cartier*, com a pantera no fecho. E as minhas iniciais. AM.

A Cinderela estava mesmo pronta para o baile!

Mehitabel pegou-me na mão com a dela, fria, e levou-me para a cadeira.

– Vais sentar-te aqui, sem mexeres um único músculo até eu voltar para te vir buscar.

Franziu o sobrolho olhando para mim, com um *ts-ts*. Era evidente que se tinha esquecido de alguma coisa. Foi ao outro saco, tirou de lá uma caixa de maquilhagem e debruçou-se sobre mim para me aplicar uma camada de pó, de *blush*, sombra cinzenta, mas sem rímel nem pestanas falsas. Um toque de batom com sabor a cerejas.

– Bem, bem – comentou ela, e recuou um passo para inspecionar o seu trabalho. – Estás quase como a antiga Angie. Não que alguém repare, claro. Pelo menos, não a princípio.

Entregou-me uma linda máscara com penas, assente sobre um cabo de prata.

– Vai ser um baile de máscaras. Ninguém saberá quem são os outros, só quando o Ahmet anunciar o

momento de tirar a máscara. E depois veremos o que ele tem a dizer, não é, Angie. Eu trouxe-te dos mortos, rapariga. Espero que gostes.

Gostei, mas não tinha a certeza se Ahmet iria gostar.

Martha fez o que pôde para transformar Marshmallows na casa festiva do ano, mas não havia luz suave, nem arco-íris no céu, nem luzinhas brancas que pudessem suavizar a fachada severa. Deixou-se ficar, preocupada, no relvado, o único pedaço de erva que era realmente um relvado, pensou ela, lembrando-se de que devia colocar tabuletas com «Não pise a relva» mais além do terraço das traseiras. Ia chamar-lhe «charneca». Isso bastaria para que nenhuma mulher fosse pôr os dispendiosos sapatos de festa ali perto. Ficariam no terraço, onde os enormes canteiros de pedra tinham sido cheios de goivos de aroma doce e de fofas cicutas, assim como das eternas rosas brancas em que Ahmet insistira, por ser a sua flor «de marca». Porque precisava um homem de uma flor de marca era coisa que ultrapassava Martha, mas o cliente tinha sempre razão.

E, em lugar de destaque, na base das escadas, onde não poderia passar despercebido de qualquer pessoa que entrasse, estava o retrato de Ahmet pintado por Marco, num cavalete. Uma imagem dura, muito imediata, que quase parecia atirada para a tela, mostrando um homem duro, um homem poderoso no seu melhor. Ali estava, no brilho confrontativo do seu olhar – tirara os óculos de sol a pedido de Marco, segurando-os ao peito como que prestes a tornar a pô-los. E, embora estivesse sentado na velha cadeira do capitão, mesmo assim parecia um «homem em movimento», pronto para a ação.

Ahmet no gostou do retrato e disse-o a Marco.

– Gostava mais do cenário clássico do banqueiro, como as outras pessoas do meu ramo – afirmou ele.

Marco descartou as queixas com um encolher de ombros.

– O senhor não é um banqueiro clássico. Se não gosta, não me paga. Fico com ele, mostro-o aqui no meu ateliê, talvez o mande para uma galeria que conheço.

Claro que Ahmet não podia aceitar uma coisa dessas. Pagou e acabou por ser convencido de que era uma honra ser pintado por Marco Mahoney, concordou em expô-lo na sua casa.

Martha arranjava tempo para vestir o vestido comprido e sedoso, de lantejoulas prateadas, que tinha há séculos e com o qual se sentia confortável. Além disso, não era a «estrela» dessa noite, portanto, pouco importava o que usava. Era a pessoa que saudava os convidados e ajudava.

Perguntou-se onde estaria Lucy, devia ali estar com o namorado das pizzas, mas não havia sinal dela.

Penduraram grinaldas de loureiro ao longo das balaustradas e nas portas e janelas, o que conferia

um aroma mais exótico. As janelas tinham sido deixadas abertas e as cortinas de musselina cremosa enfunavam com a brisa. Velas pequenas ladeavam as escadas que conduziavam ao jardim, e outras gordas e douradas de âmbar decoravam os centros de mesa, presas com uma fita. Martha usara os mesmos copos de Biot que usara no iate, e pratos brancos com o logotipo repetido de «Marshmallows» e a data da festa a toda a volta; uma recordação da grande noite para os convidados.

Uma série de tendas, em vez de uma única enorme como Ahmet quisera, pontilhava o relvado à frente da casa, ligadas por passagens de plástico transparente – para o caso de chover, avisara Martha, porque evidentemente ele também esperava que ela controlasse o tempo para a sua grande noite.

Uma dúzia de Chefs comandava a cozinha geralmente vazia, com mais uns quantos lá fora a tratarem do churrasco. Dezenas de empregados de casaco branco, champanhe apinhado em grandes baldes com gelo em bancas altas, uma exposição de vinho tinto terrivelmente caro, um *Bordeaux* de boa colheita, assim como *Beaujolais*, mais leve, e *Sancerre* e *Chablis* para os que preferiam branco. Água *Perrier*, *Badoit*, *Red Bull*, *Pepsi*, todas as bebidas *light* imagináveis. Nada foi deixado ao acaso nessa noite; fosse o que fosse que qualquer convidado quisesse Ahmet poderia dar-lhe. Eram essas as ordens de Martha. Que, na verdade, estava a ficar um pouco farta de «ordens».

De pé ao cimo das escadas de pedra que davam para o terraço e depois para a relva, onde agora havia tabuletas com «charneca» bem visíveis e iluminadas, Martha disse a Morrie que nunca devia ter aceitado aquele trabalho.

– Mas porque não? – perguntou Morrie.

Ali estava ele, apesar de ter dito que nunca mais voltaria. Tinha ido por Martha, que precisava dele, não por Ghulbian.

– Porque seja o que for que eu faça, que *tenha feito*, sei que o Ahmet não vai ficar satisfeito. Homens desses, com esse dinheiro e esse poder, gostam de nos esfregar as duas coisas na cara.

– O poder enlouquece os homens. – Morrie sabia isso. Tinha conhecido uns quantos ao longo da sua carreira. – E as mulheres também – acrescentou, pensando em Mehitabel.

Martha preocupara-se com a ida dos convidados para Marshmallows, ali naquela zona indómita, mas Ahmet dispusera uma pequena frota privada de aviões, helicópteros e limusines, que percorriam a totalidade do caminho, como fizera Martha, embora a maior parte provavelmente se perguntasse que diabo estava ali a fazer, onde Judas perdera as botas. A festa tinha de ser boa, pensou Martha.

A banda – na verdade, uma orquestra, um conjunto antiquado de músicos com saxofones, trompetes e violinos, discretos com os seus casacos de cerimónia pretos – tinha ocupado o seu lugar junto da recém-instalada pista de dança. Lá fora, o grupo de *rock*, um bando de tipos simpáticos *street-chic* que estava mais habituado a uns espetáculos de fim de semana nos subúrbios e tinha ficado empolgado por Martha lhes ter dado aquela oportunidade, já começava a dedilhar umas notas. Montariam uma discoteca mais tarde. As coisas estavam bem encaminhadas, pensou Martha, animada. Talvez, afinal de contas, corresse tudo bem.

O seu telemóvel vibrou. Era Marco.

– Onde estás?

– A caminho, preso no trânsito provocado pela festa do Ahmet, imagino eu. Nunca vi tantas limusines, nem sequer em situações com membros da realeza.

– Aqui não há realeza nenhuma. O máximo que podemos esperar é gente rica.

Marco riu-se.

– É esse o tipo de pessoas que os homens ricos conhecem, outros ricos. Seja como for, minha querida namorada, amante, adorada, tenho saudades tuas. Estou morto por que tudo isto acabe, para podermos voltar a ser normais.

– Se «normal» significa ir à procura da ruiva perdida, acho que fico por aqui.

Martha preocupava-se com a insistência de Marco em descobrir o que tinha acontecido no *gulet* negro no mar Egeu.

– E além disso – acrescentou –, ainda não sei o que tem isso a ver com o Ahmet.

– E a Mehitabel?

– Essa vaca.

Não conseguia compreender Mehitabel, aquela mulher era um mistério.

– Bem, calculo que vá aí estar hoje à noite, sem dúvida controlar tudo e a empurrar-te para fora do seu caminho.

– Acho que vou deixá-la fazer isso – respondeu Martha. – Na verdade, o meu trabalho aqui está terminado. Está tudo montado, a música, os lugares, as flores, o vinho, a comida... o Ahmet só precisa que os convidados apareçam para ser um homem feliz.

– Isso é coisa que ele nunca há de ser.

Marco sabia no seu íntimo que aquela afirmação era verdadeira.

– Bom, aqui vem mais um avião privado – comentou Martha. – É melhor regressar às minhas funções de anfitriã, dizer-lhes onde se devem dirigir.

– A Mehitabel que lhes diga.

Martha riu-se quando desligou o telefone. Mehitabel não estaria ali para trabalhar, estaria a exibir-se como mulher de Ahmet, vestida para matar com a sua – que mais! – seda vermelha. Nela, não tinha um ar barato, mas sim extremamente caro; um corte simples abraçando-lhe o corpo, uma saia estreita, com uma racha à frente, que lhe expunha perfeitamente as bonitas pernas compridas quando andava e que atraiu o olhar de muitos homens ao passar, como bem reparou Martha. E ali vinha ela, mais uma vez na sua direção. O que seria agora?

– Tenho de falar consigo sobre a comida – disse Mehitabel. – Obviamente, vão ser servidos canapés nas duas próximas horas. Depois o jantar, com lugares marcados. É claro que me sento à frente do Ahmet, ao centro da mesa, onde posso ficar de olho em tudo.

– Quer dizer, a certificar-se de que tudo está bem?

Mehitabel dirigiu-lhe um daqueles seus olhares de esguelha fulminantes, em que era especialista.

– Claro que é isso que quero dizer. Não se esqueça de que sou a responsável. Sou pessoalmente responsável pelo Ahmet.

Martha perguntou-se por que seria ela responsável, nesse caso. Como Ahmet a contratara e estava a pagar a conta, e a ela, partira do princípio de que era a responsável.

Os empregados estavam a acender as velas altas e brancas nos antigos candelabros de prata, dos quais havia uma dúzia ou mais, preparando-os para o jantar. Muito mais tarde, depois da meia-noite, seria servido um pequeno-almoço completo para os que estariam exaustos de dançar ou simplesmente cheios de fome, com ovos mexidos, *bacon*, salsichas, biscoitos, panquecas, galinha guisada... Martha pensara em todas as possibilidades. Agora, só tinha de cumprimentar os convidados, apertar-lhes a mão e apontar para a zona onde os músicos tocavam e as bebidas eram servidas. Animou-se, sempre gostara de festas. Mas onde *estava* Marco?

De pé, lá fora, no único pedaço de relvado que era relva verdadeira e não pântano, Martha olhou para a enorme casa atrás de si, pensando no seu trabalho árduo, em como estava bonita com os interiores suavizados Syrie Maugham, pálidos e românticos, pontilhados por sumptuosos tapetes orientais e sofás *Knoll*, daqueles com braços inclinados onde nos podemos recostar confortavelmente, com todos os tecidos escolhidos para se fundirem e criarem harmonia, as antiguidades circundadas por compatriotas suas de França e Itália, assim como de Inglaterra. Todas as peças tinham o seu lugar, cada uma era perfeita. Fizera um trabalho maravilhoso, o melhor da sua vida, e queria que Marco o visse antes que fosse estragado pelas pessoas, que impediriam que fossem bem observado.

Marco estava sentado no seu carro atrás de um camião de dezoito pneus, que resfolegava, e não tinha razão para estar numa estrada rural com apenas uma faixa em cada sentido, e que por direito devia ter seguido pela autoestrada, a menos que o condutor, tal como ele próprio, tivesse arriscado sair dela na esperança de ter mais sorte em termos de trânsito.

Sabia que estava perto de Marshmallows por causa das luzes que via no horizonte e do arco-íris de luz que atravessava o céu, assim como dos vários aviões pequenos e bonitos que passavam rentes às cercas na sua descida para aterrarem. Suspirou, com o motor a preguiçar, de braços cruzados. Até podia estar a cem quilómetros do seu destino.

Foi então que reparou em algo diferente no céu. Um toque de cinzento no telhado, onde aquelas malditas aves enormes faziam o ninho. Seria fumo? Provavelmente era; Martha acendia sempre lareiras de lenha, «para criar efeito», dizia ela, que achava não haver nada pior do que uma grade de lareira vazia. Tinha estado a exhibir as prateleiras das lareiras em pedra calcária italiana, que tinha mandado fazer para a sala de estar, se é que se podia designar assim qualquer sala daquela casa. Continuava a parecer a Marco um mausoléu, por mais elegante que fosse o *design*.

Não estava ansioso pela festa, nem por ver Ahmet a exhibir o retrato. Havia alturas em que desejava nunca ter conhecido aquele homem. E agora era uma delas.

Às dez para a meia-noite, Mehitabel verificou se todos os convidados usavam as máscaras emplumadas. Tinha de admitir que, graças a Martha, haviam feito uma lista de primeira. Ahmet ficaria eternamente grato àquela cabra superior ou assim seria se Mehitabel não fizesse alguma coisa. Em primeiro lugar, tinha de encontrar Lucy, que sabia estar algures por ali. Vira-a chegar mais cedo, num dos autocarros contratados. Estava sentada, de mãos dadas, ao lado de um jovem loiro muito bonito, que Mehitabel não esperava de maneira nenhuma. Não fazia mal, trataria dele. Entretanto, tinha de apanhar Lucy sozinha.

Ahmet, que não usava máscara no seu baile de máscaras, estava junto da porta a saudar os convidados, escondidos atrás das penas e do cetim, os olhos a brilhar de prazer ao verem as flores, os copos com *Taittinger* e as velas de âmbar, que suavizavam tudo e quase conseguiam tornar a velha casa enorme acolhedora.

Mehitabel tinha de admitir que Martha fizera um excelente trabalho. De muito lhe serviria. Pensou em Angie, trancada lá em cima, bela e esquelética no seu vestido de veludo preto, de cordão *Cartier* ao pescoço e o cabelo ruivo restaurado através da peruca. E em Lucy, também de veludo preto – como fora que o descrevera Lucy? «Preto como o lado negro da Lua.» E pensou em como chocaria Ahmet quando ele as visse juntas, roubando-lhe aquela imagem de homem mundano, pensou no que ele poderia fazer. Podia recorrer à violência, e isso seria o fim das aspirações sociais de Ghulbian. Ninguém queria conhecê-lo.

A multidão estava mais densa, os pequenos aviões continuavam a fazer os seus trajetos, trazendo ainda mais convidados, e os helicópteros rugiam ao alto, estragando a música, e os convidados dirigiam-se, inquietos, às tendas de comida, perguntando-se o que se seguiria.

ANGIE

Estou sozinha, aqui em cima no quarto que subitamente me foi dado, com o vestido de veludo preto que pode ter sido inspirado pelo retrato de uma Maja espanhola feito por Goya, caro e seguramente adequado a mulheres da realeza. Cruzei as pernas e apoiei-me num cotovelo, a inspecionar os sapatos. Saltos de camurça preta, não muito altos, simples, caros, claro está, como tudo que eu estava a usar, incluindo a roupa interior. Estava muito longe do Bar e Casa de Bifes Hoolihans, isso era

certo. Não valia de nada pensar nisso agora. Tudo isso desaparecera.

Tem de haver uma maneira de sair daqui. Esta casa não é a Bastilha, não pode ser à prova de fuga. Tinha de ser eu a pensar numa fuga, a descobrir uma maneira, alguma forma de chamar a atenção para a janela deste quarto, sobre o qual as garças fazem o ninho e para além do qual brilham os pântanos, molhados, sinistros.

A música chegava, filtrada, dos terraços, o céu noturno era varrido pelas luzes, havia vozes conversadoras, risos, o maravilhoso cheiro a comida do tipo com que eu só podia sonhar nesta prisão. Passei as mãos pelo veludo preto, adorei a sensação sedosa que transmitiu, ajeitei a peruca, toquei no fio de ouro. Esta rapariga está pronta para o baile. A única coisa era que tinha de sair dali.

Havia uma maneira. Na casa de banho havia uma vela perfumada que Mehitabel acendera e o seu suave perfume de jasmim impregnava o quarto. Fui buscá-la. Estava a correr o maior risco da minha vida, e talvez de morte. Mas não tinha alternativa.

As cortinas eram de seda lisa e pesada. Quando levei a chama à batinha, ela ficou castanha. O castanho foi subindo devagar e, de repente, as chamas subiram por todo o tecido. O fumo saía pela janela aberta.

Aterrorizada, pensei em saltar, mas vi que estava muito longe. A menos que alguém reparasse e fosse a correr ajudar, eu era uma mulher morta.

– Oh, mãe – murmurei. – O que fui eu fazer.

Ao fundo das escadas da sua casa recém-decorada, Ahmet saudava os seus convidados, os seus «amigo», como gostava de pensar neles, porque sabia que mal vissem o esplendor da sua casa, experimentassem o seu estilo de vida sumptuoso e vissem por eles próprios como era um homem bom, apesar da reputação que o acompanhava, haveriam de querer voltar, de ter mais daquilo. Afinal, o champanhe era excelente, a comida era diferente, graças ao tunisino e seus ajudantes na ampla cozinha, e a casa estava esplêndida, com as mesas postas e a porcelana e talheres marcados com o emblema de «Marshmallows». Os copos de vinho eram a única coisa que o desconcertava, aqueles copos esverdeados Biot baratos, quando ele preferia cristal *Tiffany*. Mas Martha teve a sua palavra e o que ela disse foi: «Basta.» A realidade tinha de começar em algum lugar e, no caso dela, foi com os copos, e talvez com os arranjos de flores vindas diretamente do prado, as cicutas, em lugar dos dispendiosos arranjos de rosas brancas que Ahmet preferia, e essas flores nem sequer estavam bem arranjadas, pelo menos aos seus olhos, com folhagem verde, tinham sido simplesmente enfiadas em jarras grossas que bem podiam ter no passado contido compota.

– Faça uma pausa, Ahmet – dissera-lhe Martha. – Não pode ser rico o tempo todo.

Talvez não, pensou Ahmet, mas quando se vinha de um contexto como o seu, era essa a única segurança, ostentar para que nenhum homem, ou mulher, pudesse sequer pensar que ele tinha sido pobre. Acreditariam que ele tinha nascido naquele mundo, que sabia como se comportar, tal como eles. Na verdade, as mulheres pareciam não se preocupar muito com isso, apenas com o facto de ele ser rico, generoso, de a sua companhia ser agradável. Na maior parte do tempo. Só mais tarde, a sós com ele, sentiam que se podia tornar demasiado exigente. Nem todas as mulheres estavam dispostas a sentir a ponta do chicote, assim como os açoites da sua língua quando a raiva que por elas sentia lhe saía da boca. Ahmet era dois homens. Sabia que era essa a verdade, e gostava. Podia ser qualquer pessoa. Podia ser dono de si próprio.

A música elevava-se da sala de estar, que era tão grande que se lhe podia chamar salão de baile, se Martha o tivesse permitido. «Mantenha as coisas em pequena dimensão», avisara ela, «se não as pessoas pensam que se está a exhibir.» Bem, mas ele estava mesmo a exhibir-se. Queria que todos, todas aquelas pessoas que ele na verdade não conhecia e que por certo nunca o tinham convidado para as respetivas casas, vissem quem ele era nessa noite. Apertaram-lhe a mão e sorriram para os seus olhos, disseram que a casa era encantadora e que esperta era Martha, enquanto a orquestra tocava «Strangers In The Night» com um simpático toque adicional de violinos, a casa parecia mais

intimista.

Olhou por cima do ombro, à procura de Mehitabel. Devia estar ali, era a sua assistente, mas que raio, devia estar a trabalhar, e não por ali a divertir-se, a fingir que aquilo era dela. Com aquele vestido vermelho que lhe custou uma fortuna. Tal como o vestido para Angie, a mulher secreta de que ele não se conseguia desfazer. Talvez mais tarde, nessa mesma noite, depois da festa, depois de se terem ido todos embora, os funcionários que estacionavam os carros, os empregados de mesa, os cozinheiros, os ajudantes que lavavam pratos, que cuidavam dos serviços de mesa à mão, as mulheres da limpeza que aspiravam, limpavam, arrumavam e deitavam fora as cicutas murchas. Depois, trataria de Angie. Era muito conveniente que a casa se situasse no pântano.

E depois havia Lucy. A sua querida Lucy, a inocência na sua vida. Ainda não ousara comprar um anel, não queria apressá-la, mas comprara pérolas, das verdadeiras, uma fiada de pérolas naturais que lhe dava pelo colo, presas com um diamante do século XVIII. Nada de brilhos ofuscantes para a sua adorada. O que ela precisava era de delicadeza. Mas onde estava ela?

Puxou os punhos para trás, olhou para o relógio e procurou Martha em seu redor. Também não a via em lado nenhum. Mas que raio, onde estava toda a gente quando ele precisava? Será que não pagava o bastante para estarem ao pé de si, prontos a receberem ordens?

A casa caiu subitamente no silêncio: ninguém transpunha a porta. Colocou-se junto do retrato, com o qual não estava nada satisfeito, se bem que toda a gente fazia observar como estava parecido consigo. Ele não via essa parecença; achava que estava com um ar velho, gasto, endurecido, até, quando a verdade era bem diferente. Era bondoso, terno. Quando estava com a disposição certa, com a personalidade certa. Pensou no Cairo, na sua infância, na mãe detestada, e desejou logo não o ter feito. Aquela noite era de celebração, não de luto. Nunca a chorara, nem haveria de o fazer. Tocou nas pérolas que tinha no bolso, fazendo-as deslizar por entre os dedos, imaginava-se a prender o colar no pescoço fino e jovem de Lucy, em como ela ficaria agradada. Essa imagem fê-lo sorrir.

Como se a tivesse chamado, Lucy apareceu na porta de braço dado com um jovem loiro bem parecido que podia ser seu irmão. Os olhos de Ahmet foram perpassados por um lampejo de raiva quando Lucy se aproximou, de mão dada com o jovem. Ahmet abraçou-a, possessivo, sentiu-a recuar, virar a cara quando ele a ia beijar na boca, e sentiu o seu cheiro antes de ela se afastar.

Apresentou o jovem, o «meu rapaz das pizzas», explicou, de olhos risonhos para ele, cheios de entendimento sexual, uma união que Ahmet reconheceu. Podia andar a dormir com ele, Ahmet não tinha a certeza, mas nesse momento apeteceu-lhe matá-lo.

– Este é o Phillip – apresentou Lucy.

O rapaz estendeu a mão, mas depois recuou um passo ao ver o olhar frio de Ahmet.

– Hã... que excelente retrato, senhor – elogiou, nervoso. – Que bom conhecê-lo pessoalmente. O senhor é famoso, e isso tudo...

Retirou-se depressa, deixando ali Lucy a sorrir, hesitante.

– Estás linda – disse ele. E estava, tão jovem e esguia no vestido de veludo preto. – Tenho uma coisa para ti.

Tirou a fiada de pérolas do bolso e mostrou-lhas.

– Inclina a cabeça.

Lucy obedeceu. Ele levantou-lhe o cabelo e pôs-lhe o colar. Ela levou uma mão às pérolas.

– São frias – comentou. E depois: – Eu sei que são falsas, e tudo, mas mesmo assim não posso aceitar...

Ahmet riu-se.

– Porque não, afinal são falsas. E ficam tão bem com esse vestido preto.

Ainda hesitante, Lucy agradeceu e procurou a mão do rapaz, depois virou-se e foi-se embora levando consigo uma fortuna em pérolas que nem percebeu serem verdadeiras. Mas quem perceberia, pensou Ahmet, só um especialista, como o joalheiro a quem as comprara, ou ele próprio, porque pagara tanto por elas. Foi preciso uma rapariga de dezassete anos para o pôr no seu lugar. Sorriu, com uma espécie de pena, mas afinal ela era tão jovem.

A seda queimada tem um cheiro característico, quase metálico, como quando se usa o alisador de cabelo elétrico durante muito tempo e o cabelo fica a estalar. O fumo já saía pela janela. Pedacos de cortina soltavam-se e voavam atrás dele, faróis de chama, atraindo a atenção dos convidados no jardim lá em baixo.

– *Fogo!*

Ouvi o grito ficar mais forte; em breve chegaria ajuda, só esperava que não fosse tarde de mais. Não me quisera afogar; não queria morrer queimada. O que faria agora Ahmet, perguntei a mim mesma, aninhada junto da janela com os restos da cortina esvoaçando, tiras negras rasgadas que em tempos tinham sido seda azul. Uma arma, foi o que me ocorreu; primeiro água, depois fogo, depois uma bala. Seria o derradeiro gesto de Ahmet.

Eu começara por ser para ele um projeto sádico, um encontro sexual, uma mensageira desconhecida, transportando o dinheiro ilegal das drogas. Uma vez terminado isso, passei a ser uma chatice que tinha de ficar escondida até que se pudesse ver livre de mim, em silêncio, quando os meios de comunicação perdessem o interesse e já não perguntassem o que teria acontecido à ruiva desaparecida. Tantas raparigas desapareciam todos os anos. Perguntei-me quantas seriam encontradas. E ali estava eu, com o meu vestido de veludo negro, o fio de ouro com a pantera à volta do pescoço, a usar uma peruca ruiva como o meu cabelo. Mas agora estava a ver uma saída.

As sirenes soaram quando os carros de bombeiros se aproximaram, misturando-se com os gritos dos convidados assustados, que fugiam da casa. Pus a cabeça de fora da janela.

– *Socorro* – gritei. – *Socorro!*

Os bombeiros viram-me e um carro parou debaixo da minha janela, abriram uma escada e subiram-na dois homens de capacetes amarelos que, quando chegaram à minha janela minúscula e viram a minha cara aterrorizada, começaram a arrancar o vidro e depois a moldura da janela para me içarem e fazerem passar pelo buraco.

– Ainda bem que tem um peso de pluma – murmurou o que me levava ao ombro, enquanto descia a escada e me pousava no chão ensopado. Olhou para a minha cara, escura do fumo, para a cabeleira toda torta, revelando a cabeça rapada, o fio de ouro, o vestido de veludo preto e a máscara emplumada de cetim que eu ainda trazia na mão.

– Caramba – disse ele. – Mas, afinal, o que se passava aqui?

Vi Ahmet na multidão e encolhi-me na sombra.

– Está ali o dono, porque não lhe pergunta o que aconteceu.

– Primeiro, tenho de ver se está bem, inalou fumo, pode precisar de ser hospitalizada.

Vi as urgências da Cruz Vermelha já instaladas e garanti-lhe que ia imediatamente para lá. Atrás de mim, a casa começava a arder, divisão a divisão. As sombras e a luz dançavam nos pântanos selvagens e as nuvens de chuva, de um cinzento ainda mais escuro do que o do fumo, desciam sobre nós. O fumo engasgava-nos.

– Todos fora daqui – gritou o bombeiro, que marchou para junto dos seus homens à medida que mais sirenes rasgavam a noite. – Fora, todos fora.

Homens de fraque correram a ajudar a salvar antiguidades preciosas e as mulheres, de vestidos de cerimónia brilhantes, traziam coisas para o relvado, até ele se assemelhar a uma venda de garagem de bens valiosos. A banda de *rock* continuou a tocar, como se estivessem no *Titanic*. Os candelabros de velas brancas continuavam acesos, fazendo daquela catástrofe uma ocasião festiva.

Pessoas de roupas finas procuravam uma saída, empurravam-se umas às outras para desimpedirem o caminho e amontoavam-se autocarros alugados que as tinham trazido, ou nas limusines, perscrutavam o céu à procura dos helicópteros, que obviamente não podiam aterrar, algumas pediam boleia a desconhecidos.

Procurei Mehitabel, sabia que ela tinha de estar ali. Odiava Ahmet, embora fosse o homem que ela queria. Mas Ahmet não a queria a ela e era muito possível que quisesse outra mulher. Que seria, claro está, Lucy.

Corri para um dos elegantes autocarros alugados quando a porta estava prestes a fechar.

– Estamos cheios, minha senhora, sobrelotados já – gritou o motorista para mim.

– Não me pode deixar aqui – pedi, mas ele pôs a mudança e arrancou pelo caminho de acesso abaixo, com as suas árvores raquíticas e as novas iluminadas por luzinhas brancas, conduzindo à mansão atrás de mim, que ardia no inferno.

Mais cedo, Lucy conseguira perder Ahmet na multidão e, sem se aperceber do fogo que começava a arder na parte da frente, estava sentada à mesa da cozinha nas traseiras de Marshmallows, a única divisão de que ela gostava. Conversava com o Chef tunisino, de quem também gostava, numa mistura de inglês e da sua língua nativa, o francês, de que ela conseguira aprender algumas palavras na escola e naquelas longas estadas na costa francesa. Essa linguagem de férias consistia sobretudo em perguntar quanto custavam os chupa-chupas de chocolate na bancada de madeira dos doces, na praia, ao início do areal, ou porque não funcionava o chuveiro exterior, uma vez que tinha de limpar a areia dos pés para a deixarem entrar no carro e ir para casa. «Casa» era a habitual vila alugada, que gradualmente ia ruindo sob uma pirâmide de toalhas húmidas, fatos de banho molhados, ténis velhos e chinelos de enfiar o dedo, de que nunca se encontrava o par. Lucy declarara haver um ladrão de chinelos na casa e, quando o encontrassem, haveriam de o obrigar a comprar sandálias novas para toda a gente, mas nunca ninguém foi apanhado.

Agora também perdera o namorado das pizzas, que provavelmente se fartara e desistira. Fosse como fosse, as mesas de cozinha eram o seu lugar predileto; podia subir o vestido de veludo preto, descalçar as elegantes sandálias douradas novas, pousar os pés numa cadeira e dar uma dentada no que o Chef estivesse a preparar. Nesse momento, era uma coisa chamada cafta, umas bolinhas de carne com caril que ela adorava.

– Era capaz de comer o prato todo – disse ela, furtando uma segunda cafta, ou seria a terceira.

– Faça isso e fico sem trabalho – disse o Chef. Parou, com uma expressão de espanto. – Deixei o forno ligado? – disse ele, cheirando o ar. – Está alguma coisa a queimar.

E depois ouviram o grito estridente:

– *Fogo!*

Lucy agarrou nos sapatos. Deixou-se ficar de pé um instante, sem saber para onde ir. E depois:

– Oh, meu Deus, onde está a Martha?

E atravessou as portas da cozinha, que bateram com força, mergulhando num rodopio de fumo cinzento.

– Volte aqui, menina – gritou o Chef, ao mesmo tempo que os seus ajudantes chegavam a correr, vindos das várias despensas e espaços de trabalho: – Saíam todos, chamem a polícia, os bombeiros, saíam todos. – E foi a correr atrás de Lucy.

Abriu a porta e recuou. Só via fumo.

– Lucy? – gritou. – Lucy, onde está?

Não obteve resposta. Deixou-se ficar uns segundos, indeciso se havia de ir atrás dela. Ouvira-a chamar o nome da irmã, mas não fazia ideia de onde poderia estar Martha, nem sequer sabia se ela ainda estava ali.

Regressou a correr à cozinha, cumpriu o seu dever organizando os ajudantes e fazendo-os sair, até ao último, foi a correr lá para fora, encontrou o comandante dos bombeiros, falou-lhe de Lucy. O comandante disse um palavrão, fez sinal a dois homens que o seguiram pelas chamas adentro. O Chef caiu de joelhos a rezar.

Lucy estava lá fora, corria pela terra molhada à procura da irmã. As pérolas amontoavam-se, sufocando-a. Puxou-as, mas o colar não se partia. Puxou com força e espalharam-se pelo chão, captando a luz das chamas e da Lua. Ficou por um instante a olhar para elas. A fortuna de um ladrão jazia aos seus pés.

Ahmet saltou do escuro à frente dela.

Lucy gritou e tropeçou para trás, tentando sair do caminho dele.

– Para, estúpida de merda – disse ele numa voz tão suave que Lucy deu por si a obedecer.

– Mas a sua casa está a arder – argumentou ela.

– Era a minha casa.

Fugiu dele, mas as dobras do veludo apanharam-lhe as pernas e tropeçou. Ainda a correr, puxou as tiras do corpete, sentiu rasgar, puxou as mangas compridas e empurrou o vestido pelo peito abaixo, pelo corpo, saiu dele, deixando ali na relva um monte caro de alta-costura preta que ela detestava. E que a deixou apenas com a combinação de seda cinzenta que usava por baixo.

Descalça, com a combinação colada ao corpo pela chuva e o cabelo loiro comprido molhado e escurecido, as lágrimas caíam-lhe pelas faces e voltou a correr para casa para procurar Martha. Olhou em volta, viu Ahmet ajoelhado no chão onde ela o deixara, de cabeça baixa e mãos estendidas à frente do corpo. Era capaz de jurar que segurava as pérolas.

Estava nas traseiras de casa, a erva parecia espinafres molhados nos seus pés descalços, escorregadios, lamacentos... depois lembrou-se. O pântano. Devia lá estar. Oh, meu Deus.

Ficou paralisada. Estava muito longe para que a casa em chamas lhe iluminasse o caminho. Em frente era nada. Atrás, nem sequer havia um caminho que a levasse de volta a Marshmallows.

Não podia ficar ali, tinha de se afastar de Ahmet, encontrar Martha e Marco. *Oh, meu Deus, como ela queria voltar a casa...*

– Aqui, Lucy, vem comigo.

Levantou a cabeça e olhou para a aparição que estava à sua frente; o vestido preto exatamente como o seu, o belo cabelo ruivo, a máscara emplumada.

– Anda, eu sei o caminho. Só tens de me seguir.

Lucy achou que podia ser um fantasma, mas fantasmas vestidos exatamente como ela não apareciam de repente a meio da noite nos pântanos a oferecer ajuda... Mas tinha de ser um fantasma, uma aparição, um prenúncio do que ela seria em breve, uma presença morta deixada ali para sempre a assombrar aquela casa. Aterrorizada, gritou, mas não saiu nenhum som.

A mulher estendeu a mão.

– Chamo-me Angie. Estava a tentar sair daqui quando te vi correr.

Ao perceber que se tratava de uma mulher real, as pernas de Lucy cederam e caiu no chão. Todos os vestígios da segurança da infância a abandonaram. Estava arrasada.

– Vai correr tudo bem. Eu levo-te à tua irmã. Vi-a lá à frente com o chefe da polícia e os bombeiros.

– E o Marco? – De repente, Lucy precisava do conforto de Marco, da sua presença masculina. Precisava da sua família.

– Vamos encontrá-lo. Agora vem comigo, estás tão fria, temos de te levar para casa.

Para Lucy, «casa» era apenas Patrons, a mãe, o pai e as irmãs, todos os amigos e primos, os cães e gatos e os póneis... A desolação que a circundava pareceu-lhe ainda pior.

Preso no tráfego lento, Marco avistou um caminho que seguia na direção geral da casa, não estava longe, não podia ser mais de cinco minutos, era melhor que aquela porra de parada lenta de gente que queria ver o fogo. Tarados, todos eles, provavelmente perguntando-se se estava alguém dentro de casa... e sabia Deus que estava, e um deles podia ser Martha, Lucy quase de certeza...

Com o coração a bater fortemente, saiu da estrada estreita para o caminho de terra batida e acelerou. O carro deu um solavanco e parou. Merda! Oh, meu Deus. O que seria agora?

Sentada ao seu lado, com a cabeça fora da janela, *Em* deu um salto, saiu pela janela e correu disparada em direção à casa.

Marco gritou, mas a cadela tinha desaparecido. Tentou sair, mas a porta estava amassada do lado do condutor. Deslizou para experimentar a porta do lado do passageiro. Presa. Um fio de suor escorria-lhe pela espinha.

Saltou para o banco de trás e abriu a porta. Conseguiu logo, nunca a trancava. Saiu e ficou de olhos postos na casa.

– *Em* – gritou. – *Em*, raio de cadela, volta já aqui.

Merda, não era sua intenção chamar-lhe cadela, ela nunca responderia a isso.

– *Em*, minha sacaninha, volta já aqui – reformulou, sabendo que ela responderia a sacaninha por ser um termo afetuoso.

Encontrava-se no único grupo de árvores que por ali havia, bétulas com troncos prateados pálidos, as folhas trémulas com o vento quente que vinha do fogo. Toda aquela cena era surreal, Marshmallows parecia o cenário de um filme, um programa de televisão, com o ruído de fundo dos carros dos bombeiros.

O tráfego empancava o acesso dos bombeiros, um helicóptero lutava contra o fumo espesso; o som estridente dos carros dos bombeiros, o estalido de mangueiras pesadas, depois o jorro da água a sair delas. Oh, meu Deus, ele chegava tarde de mais, era tarde de mais... Correu na mesma direção da cadela.

No pântano, Angie tinha a mão de Lucy bem presa na sua enquanto corria. Ouvia os soluços da rapariga, sabia que Lucy estava a perder as forças, que o medo e o terror lhe roubavam a vontade de continuar. Lucy nem sabia quem era que a arrastava do inferno onde julgava que os que amava

estavam presos.

Angie parou.

– Senta-te aqui um minuto. Descansa, ao pé de mim. – Empurrou Lucy para a relva molhada. Estava frio, podiam morrer ali as duas enregeladas. – Mas temos de continuar em breve. A Martha está à tua espera.

Viu os olhos azuis de Lucy cheios de lágrimas. Estava a olhar para um coração partido; sabia como era sentir-se assim.

– Prometo – disse ela, segurando a mão de Lucy com maior delicadeza. – Prometo que eles estão bem, mas primeiro temos de sair daqui.

– E a *Em*... Eu não aguentava se a *Em*...

– A *Em* também.

Angie cruzou os dedos e levou a mão ao peito. Estava a mentir, mas era por uma boa causa. Não fazia ideia de onde estava ninguém. Não só isso, como estava no meio de um pântano perigoso. Já tinha passado por aquilo. Mas continuava sem saber como pôr um pé em segurança à frente do outro.

* * *

Martha não sabia como aquilo acontecera, apenas que de repente havia um fogo. Um fumo espesso como pó, a sufocá-la. Ficou parada um instante, entrou em pânico, de telemóvel na mão. Ia ligar a Marco, ele saberia o que fazer. Claro que não havia rede, estava tudo caótico, carros de bombeiros, polícia, de repente um cão passou por ela disparado. *Em* corria direita às chamas. A cadela devia saber que estava lá alguém, e tinha ido salvar a pessoa, lealmente. Oh, meu Deus, devia ser Lucy.

Martha olhou para a casa em chamas, mediu a distância entre as portas de vidro, de onde vinham as chamas, e a porta da frente, que agora oscilava loucamente nas dobradiças, e soube que nunca conseguiria. Além disso, não era para lá que Lucy teria ido, ela devia estar na cozinha. E claro que era para lá que a cadela devia ter ido.

A cozinha ficava nas traseiras da casa. Um carro de bombeiros passou por ela a chiar, os homens já saltavam para a rua, pegavam na mangueira, corriam para as chamas. Martha ficou paralisada, ciente de que não havia nada que pudesse fazer. Absolutamente nada.

Marco viu-a, iluminada pelas chamas, de ombros caídos e cabeça pendida sobre o peito. Sabia que estava a chorar, devia ser por causa de Lucy.

Alcançou-a, virou-a para si, abraçou-a sem falar. Parecia não haver nada a dizer, não havia palavras reconfortantes, nem promessas... mas sabia que tinham de ter esperança. Era a isso que se resumia a vida, ao futuro que teriam juntos.

Lucy não questionou a mulher que lhe segurava a mão enquanto corriam. Toda a sua confiança estava depositada nela. Só tinha aquela pessoa, uma réplica sua de vestido de veludo, o cabelo ruivo a voar no vento quente que vinha do fogo. Olhou bem para ela, finalmente interiorizando os seus traços, as maçãs do rosto aguçadas como lâminas sob a pele pálida, magra como um esqueleto debaixo do vestido de veludo pendurado sobre o seu corpo; os seus olhos grandes eram suaves, cheios de compaixão.

– Quem és tu?

– Uma amiga.

– Queres dizer uma amiga do Ahmet.

– Esse homem não tem amigos. Estou aqui porque me fez prisioneira. Ateei este fogo para tentar fugir...

Lucy procurou assimilar o que ela acabava de dizer; certamente ninguém fazia mulheres prisioneiras, ninguém ateava fogos deliberadamente, podendo matar pessoas. Pensou na irmã.

– Oh, meu Deus, Martha!

Tentou subir, mas Angie segurou-a.

– Fica aqui. Não te mexas um milímetro.

Levantou-se, alisou o vestido e descalçou-se.

– Mas onde vais?

Aterrada por ser deixada sozinha, Lucy agarrou-se a ela.

– Vou buscar a Martha – tranquilizou Angie. – Confia em mim.

E desapareceu.

A noite fechou-se em torno de Lucy. Ela *sentiu* o toque da escuridão, apartada pelas chamas da casa a arder, que eram amainadas pelas mangueiras. Aquela mulher ruiva ia trazer Martha, ia buscá-la e levá-la para ali, e depois Marco viria, de certeza, e *Em*. Oh, meu Deus, a cadelinha.

Marco segurava Martha nos braços; estava em silêncio, mas sentia-a a tremer. Perguntava-se onde poderia estar Lucy e teve medo da resposta. A casa em chamas emanava um grande calor e ele afastou Martha para longe do seu alcance.

– Diz-me o que faço – pediu ela. – Tenho de encontrar a Lucy.

– Claro que vamos encontrá-la.

Oxalá tivesse assim tanta certeza. Decidiu deixar ali Martha e regressar à casa em chamas, ir à procura, Lucy até podia estar por entre a multidão que observava a cena. Depois percebeu que não estaria. Andaria à procura deles, se ainda estivesse viva, claro. Oxalá não tivesse pensado aquilo.

– Vou voltar – disse ele a Martha. – Espera aqui, não te mexas nem um milímetro.

Correu para a casa, mas parou ao pé de uns bombeiros. Havia meia dúzia de carros de bombeiros ali fora, mais carros da polícia. Dirigiu-se a um, explicou ao polícia que tinha de passar, a sua jovem amiga podia estar ali, mas o polícia disse-lhe que era impossível.

– Marco.

Virou a cabeça. Estava a olhar para a ruiva que tantas vezes pintara. A rapariga de Fethiye, cujos olhos a afogarem-se lhe ficaram gravados na memória. A rapariga que ele procurava desde então. Regressada dos mortos.

– Tenho a Lucy – disse ela. – Está a salvo. Levo-te até junto dela, mas primeiro tenho de te avisar que o Ahmet é um assassino. Ele e a Mehitabel. Ela faz tudo o que ele lhe pede. Tentaram matar-me no barco. Foi quando me viste cair, mas ninguém acreditou em ti. Mantiveram-me viva para me torturarem, a intenção deles era matar-me, desta vez fazê-lo mesmo. Fizeram-me aqui prisioneira, ateei o fogo para fugir. Tive medo que ninguém acreditasse em mim, mas agora vou contar-te tudo e aos polícias e a qualquer pessoa que me queira ouvir. Este homem, este poderoso multimilionário, é mau e aquilo que eu sou agora é disso testemunho.

Tirou a peruca ruiva e ficou humildemente diante dele.

– Para eles, não passava de um jogo – referiu ela. – E, quando a Lucy rejeitou o Ahmet, soube que também a mataria.

Marco sabia que não tinham tempo a perder, mas Angie insistiu para que fossem primeiro pedir ajuda aos polícias

– Aquele homem é perigoso – afirmou Angie. – Está zangado e tem uma arma. E tem este pântano todo para nos enterrar sem deixar vestígio. Precisamos de ajuda.

Lucy tremia deitada na terra enlameada, estava tão fria que os dentes não batiam porque tinha o maxilar enregelado. Não conseguia mexer um pé, nem sequer um dedo.

Ahmet surgiu da escuridão. A casa queimada projetava um brilho rosado sobre ele quando parou para a olhar.

– Bem – disse ele, com um pouco do seu antigo poder na voz. – Vejam só quem temos aqui. A bela menina Lucy. Personificação da virtude e que anda a foder com o rapaz das pizzas. A rapariga que é boa de mais para pérolas. Imagino que é dos diamantes que andas atrás. As raparigas como tu, que pensam que são melhores do que os outros, o que querem mesmo é diamantes. Esperam uma recompensa justa pelos serviços sexuais que prestam, porque certamente não obtêm uma gratificação sexual, isso seria pedir de mais. Não é assim, pequena Lucy? Quer dizer, tem muito mais piada foder rapazes das pizzas e dos estábulos, esse tipo de coisa, e recuar, fingir virtude quando aparece um homem a sério, a oferecer o mundo.

Caiu de joelhos ao lado dela e despiu o casaco. Ela encolheu-se quando ele lho pôs por cima dos ombros.

– Não se pode dizer que não sou um cavalheiro. – Tocou-lhe no braço quando lhe pôs o casaco e percebeu como estava fria, aquele gelo de morte, e soube que morreria se ficasse ali mais tempo. Olhou para ela, observou-lhe o rosto exausto, as lágrimas lentas que lhe saíam das pálpebras inchadas, o leve tremor que lhe abanava as mãos quando ele pegou nelas. Não suportava aquilo, não podia perder Lucy.

Levantou-se e pegou-lhe. Não pesava nada, menos que os barris de petróleo que o haviam tornado rico. Segurando-a, a tremer, junto ao peito, começou a atravessar o pântano, sem saber onde era seguro caminhar, esperando conseguir. Tinha de salvar Lucy.

A cadela apareceu do nada. Um latido estridente, um lampejo rápido quando passou por eles e depois voltou atrás. Saltou para Lucy, lambeu-lhe o braço que pendia, cheirou e latiu mais um pouco. Ahmet sabia que era a cadela de Marco. Ele estava ali. Ajudaria Lucy.

Ali de pé, a segurá-la, Ahmet esperou até ouvir vozes. Quando viu as figuras que se aproximavam, meras silhuetas recortadas no brilho vermelho, olhou demoradamente, uma última vez, para a sua amada. Depois pousou-a no chão, voltou a envolvê-la no seu casaco, viu que a cadela tinha corrido ao encontro das vozes. *Em* traria os outros para junto dela, encontrariam a sua menina. Ele teria desaparecido. E nada poderiam fazer quanto a isso. Teriam apenas a história de uma mulher ruiva tresloucada em quem nunca ninguém acreditaria. Lucy nem sequer se lembraria de nada. Se sobrevivesse, claro.

Lembrou-se da *Beretta*, tirou-a do bolso do casaco. Deixou-se ficar mais um instante. Não beijou Lucy. Nunca tinha beijado. Virou-se e caminhou para a noite. Sabia aonde se dirigia.

Foi Marco quem a encontrou, claro. E que avistou o homem que se afastava. Sabia de quem se tratava.

Ahmet estava de regresso ao *Lady Marina*, ao largo da costa de Fethiye, sozinho no convés a olhar para o mar fundo, cor de cobalto, de vez em quando iluminado por uma faísca fosforescente. A natureza era mágica, pensou ele, e mais poderosa do que o homem. Ninguém o sabia melhor que ele, que sobrevivera a tempestades no Mediterrâneo, tufões na costa do Japão e furacões no Pacífico. Se havia coisa que ele não controlava era o tempo, um facto que, completo narcisista que era, o irritava. Teria dado a sua fortuna, bem, uma parte dela, a qualquer cientista que lhe desse esse poder. Entretanto, o que ele tinha era poder sobre as outras pessoas. «Seres humanos», como gostavam que lhes chamassem, se bem que para ele «humano» era um termo relativo e ele próprio encontrava-se acima de tudo isso. Tinha poder, fazia o que lhe apetecia, tratava da vida e da morte como queria. Nessa noite, era a vez de Mehitabel.

Deixou-se ficar sentado mais um bocado, a contemplar o facto de que tinha perdido com Angie, que fora ela, logo ela, a derrotá-lo, que saíra vencedora daquela guerra estúpida. Uma guerra que ele nunca devia ter começado e que não o teria feito se tivesse usado a porra da cabeça em vez de ficar hipnotizado por ela.

Ficara hipnotizado por Angie? Sim. Mas também se deixara hipnotizar por Lucy. Só que havia uma diferença. Uma era uma mulher do mundo, a outra era uma rapariga que tinha de aprender sobre o mundo.

Fechou os olhos, ali sentado no convés do seu iate, a recordar a sensação do pescoço jovem e morno de Lucy quando lho envolvera com as pérolas, sentindo o cheiro dela, o calor, o suor recente que lhe cobria a pele e o perfume francês, que ele conhecia mas não sabia identificar, e que ela borrifara com demasiada generosidade, deixando um rasto atrás de si sempre que andava. Era um erro de jovem, nenhuma mulher adulta seria tão pouco subtil. Exceto Angie, talvez, mas por uma razão diferente, porque não sabia mais; não andara na mesma escola da vida de Lucy. Angie vinha das ruas. Como ele próprio. Era por isso que gostava dela. E, tal como Mehitabel, representava um perigo para ele, e também como Mehitabel, tinha de morrer.

Tinha sido tão fácil. Estava ali sentado, como agora, quando ouvira o roçar da seda atrás da sua cadeira, o suave estalido dos saltos de Mehitabel. Virou a cabeça e olhou para ela.

– Vieste pedir desculpa pela catástrofe?

– Não creio que sejam necessários pedidos de desculpa. Somos um, Ahmet, tu e eu. Sabes isso. Seja o que for que digas ou faças, eu aceito. E espero o mesmo de ti.

Tomara a cadeira ao lado da dele, a seda roçando ao sentar-se. Ele assimilou a figura dela, viu a sua beleza, e o vazio, a dor privada e a falta de sentimentos pelos outros. Tinha razão quando diziam que os dois eram o mesmo, claro.

Levantou-se, estendeu a mão e puxou-a de novo para cima.

– Onde vamos? – perguntou ela enquanto ele caminhava pelo convés superior, onde o helicóptero aguardava.

– Para o aeroporto apanhar o meu avião. É hora de ir para casa, Mehitabel.

Ela fitou-o, surpreendida; ambos sabiam que ele já não tinha «casa». Marshmallows desaparecera.

– Vamos ver como estão as coisas – explicou ele, guiando-a até ao helicóptero. – Falar da reconstrução. Sei que vais ter boas ideias, posso sempre confiar em ti para me dares uma resposta.

Momentaneamente satisfeita, Mehitabel apertou o cinto. Em pouco tempo, estavam no pequeno aeroporto a entrar no *Cessna*. Ahmet tomou os comandos. Era um pombo a ir para casa, Marshmallows.

Vista do ar, através das eternas brumas, a casa arruinada era uma mera coleção de paredes partidas, pedra enegrecida. Nem uma árvore. Nem uma flor. Não havia sinal de ter ali vivido alguém, de se ter realizado ali uma festa, de se ter imaginado um futuro. Havia apenas as luzes do pântano e o grito inesperado de uma garça, que fugiu assustada do ninho recém-construído ao ouvir o motor do pequeno avião.

Ahmet aterrou, seguindo aos solavancos na língua de erva com os seus altos e baixos; parou ao final, onde as ervas adquiriam o verde intenso do pântano. Inclinou-se e desapertou o cinto de Mehitabel, depois levantou-se e contornou-a, abriu a porta e fez sinal para ela sair também. Quando o fez, segurou-lhe na mão e olhou-a demoradamente, depois levou a mão aos lábios. Ela retribuiu o olhar, nervosa.

– E agora, Mehitabel – disse ele –, é hora de irmos dar um passeio. – Recuou um passo e tirou a arma do cinto, a pequena *Beretta*. Cabia-lhe na palma da mão como se tivesse sido feita à medida. – Ou preferes uma bala?

Mehitabel ficou paralisada. Tinha visto a morte muitas vezes, fora a sua causadora, o instrumento. Nunca esperara enfrentá-la.

– Devias saber que um dia acabaria assim – ironizou Ahmet. – As pessoas como nós, como tu e eu, não vivem vidas normais. E morremos em circunstâncias extraordinárias. Agora, sugiro que vás dar um passeio. Descalça os sapatos, vais mais confortável e sentirás a erva do pântano fresca nos pés descalços.

Mehitabel tirou os sapatos. Ficou descalça, cheia de medo, à espera.

– Faz-me, por favor, a gentileza de te afastares de mim – disse ele. – Não gostava nada que fosse de outra maneira. E, de qualquer modo, és uma mulher que sabe quando foi vencida.

Mehitabel obedeceu. Virou-se e começou a afastar-se muito devagar. A erva estava fresca. Molhada. A lama colava-se-lhe aos tornozelos, sugava-lhe a barriga das pernas, até se tornar uma luta avançar. Estava muito escuro à sua frente. A escuridão da eternidade.

Ia morrer no pântano, mas Ahmet disparou uma bala, só para ter a certeza. Depois deixou-se ali ficar durante muito tempo, à espera, a ver o pântano engoli-la, depois o rio subiu e chegou a grande onda da maré. Nunca ninguém encontraria Mehitabel. Dela só restavam os sapatos, esquecidos onde

os deixara, ainda há tão pouco tempo.

Uns dias mais tarde, Ahmet estava sentado na sua cadeira de capitão preferida, no convés do *Lady Marina*, a que ele usara para o retrato, à espera de Marco. Telefonara-lhe a pedir o favor da sua companhia, dissera que tinha uma coisa importante para lhe contar. Referira também que Marco era a única pessoa que ele queria que soubesse do assunto e que confiava inteiramente na sua discrição.

– Gosto de si – disse ele, ao seu modo habitual, com pouco tato. – Mais do que do retrato que fez de mim.

– Bem, é isso – foi a resposta de Marco. – É a minha versão de si. É assim que deve olhar para ele, se não tem de pintar o seu próprio retrato. Ou uma coisa ou outra.

– Fica assim. Não sou artista e, independentemente do que penso, sei que um dia estará pendurado na Tate Galery, ao pé dos Rembrandts e dos Picassos.

Marco sorriu.

– Bem, talvez não dos Rembrandts.

Ainda assim, aceitou o convite de Ahmet, uma ordem, na verdade, mais por curiosidade do que por outra coisa. Queria ver o que estava aquele sacana a tramar desta vez.

Lucy estava fora daquilo, em segurança junto de Martha, que se recusava a voltar a trabalhar com Ahmet. Marshmallows desaparecera e não voltaria a erguer-se das cinzas, dissera Ahmet a si mesmo. Angie estava em segurança numa unidade de reabilitação encontrada e paga por Marco. Mehitabel já não estava por ali, o que levou Marco a pensar o pior, mas nem assim conseguia imaginar que Ahmet se tivesse livrado dela simplesmente. Pelo menos dessa maneira. Provavelmente, limitara-se a despedi-la e a mandá-la para o mundo real desenrascar-se sozinha. Era o tipo de coisa que aquele homem faria. Cruel era uma palavra muito branda para descrever Ahmet.

O *Lady Marina* estava ancorado no Egeu, ao largo da costa da Turquia. As luzes do porto de Fethiye brilhavam à distância e o ar estava tão límpido que Ahmet conseguia ver, através do escuro, o seu pequeno avião trazendo Marco.

Suspirou ao erguer uma mão para chamar um empregado, um homem com o uniforme do *Lady Marina*: camisa branca, calções brancos e sapatos de convés brancos. Não queria arranhões no seu chão feitos por idiotas de sapatos e saltos altos, ali ia-se descalço, ou com sapatos náuticos. O sinal alertou os dois homens parados atrás dele, à espera dos seus desejos.

– Tequila.

Deu a ordem em voz alta e clara. Obedeceram de imediato e passados uns minutos voltavam com uma bandeja de prata com duas garrafas de *tequila* para escolher: *Patron Silver* ou *Agave* puro. Ahmet fez um gesto para a *Patron*, aceitou o copo que encheram até meio, depois gelo e um borrito de lima.

Recostou-se na cadeira e bebeu um grande gole, saboreando-o ao mesmo tempo que mantinha o olhar no avião que agora aterrava. O carrinho de golfe, com a coberta vermelha, esperava Marco, que saiu do avião e ficou a olhar em redor.

Ahmet pegou nos binóculos e manteve Marco debaixo do seu olhar enquanto seguia rapidamente no carro de golfe com os dois guarda-costas até à beira da água, onde o *Riva* aguardava. Ahmet afastou os binóculos e tirou a *Beretta* do cinto. Seria tão fácil tratar de Marco agora. Um tiro e já estava. Deixava de ser um incómodo para ele. Não espiaria mais, não meteria o nariz em assuntos que não lhe diziam respeito. Meter-se nos assuntos alheios não era coisa boa, como Ahmet sabia por experiência própria. Perguntou-se quanto saberia Marco dos seus negócios. Bastante, desconfiava ele; talvez até conhecesse o seu negócio de lavagem de dinheiro, a uma escala global, com ligações que iam dali até praticamente à eternidade. Provavelmente, já imaginara que ele estava envolvido no negócio da droga, embora por certo não tivesse forma de o provar. E claro que sabia da sua jogada com Lucy. Marco tirara-lha das suas garras. Assim como a Angie.

Ahmet sabia que Lucy estava com Martha. Mas onde estaria Angie? No lado negro da Lua. Apesar de todos os contactos de Ahmet, dos amigos que tinha em todos os lugares errados, não conseguira encontrá-la e Angie era a pessoa que podia destruí-lo. Sabia tudo, a sua história era sensacional. Angie ainda podia destruí-lo.

Bebeu a sua *tequila* enquanto via o *Riva* aproximar-se, deixando um rasto de espuma atrás. A *Beretta* estava no bolso direito do seu casaco de linho branco. Sabia usá-la. A questão era se o faria.

O *Riva* parou ao lado do iate. Acabou a bebida, levantou-se e dirigiu-se ao lugar onde as escadas tinham sido baixadas para a água.

Marco encontrou os seus olhos quando desceu do barco, até estarem finalmente no convés frente a frente.

– Bom, Ahmet, aqui estou eu – disse Marco. – É melhor que tenha valido a pena.

– Ao contrário do seu retrato, desta vez vai valer.

Marco sorriu. Ahmet era o eterno miúdo rico, jamais satisfeito com o que tinha.

– Venha, vamos sentar-nos aqui.

Ahmet fez um gesto na direção do convés, onde banquetas almofadadas num azul-esverdeado que combinava com a cor do mar os aguardavam, ao lado de mesinhas, à luz das velas, claro, com um empregado de casaco branco, pronto para os servir.

– A *tequila* está bem para si? – Ahmet ergueu o copo para mostrar a Marco. – É o que eu estou a beber.

Marco recusou; achou que era melhor manter a cabeça no lugar. Não fazia ideia porque tinha sido convidado a ir ali. Martha não queria que ele fosse. Ahmet era imprevisível, um homem perigoso que tinha perdido aquilo que procurara a vida inteira. *Aceitação*. Perdera também a sua casa. E perdera Lucy, a quem na verdade nunca tivera. Até perdera Angie, a rapariga que tanto desejara, e só Deus sabia o que teria acontecido a Mehitabel, que simplesmente desaparecera. Assim como, Marco tinha a certeza, muitos outros que tinham tido a infelicidade de ter negócios com Ahmet Ghulbian, que perdera tudo menos o dinheiro. Agora Marco compreendia porque estava ali; tinha de conhecer a

verdade.

Sentou-se nas almofadas azul-esverdeadas e pediu uma *Heineken*, embora não fosse bebê-la.

– Então, senhor – incitou ele, olhando Ahmet nos olhos, que continuavam com aqueles malditos óculos de sol.

Claro que Ahmet reparou. Tirou-os.

– Assim está melhor, agora podemos olhar-nos claramente. Ver o que o outro está a pensar. – Riu-se. – Para mim é sempre útil, mas esta noite será mais útil para si. Primeiro, quero falar-lhe do meu projeto.

Com um gesto do dedo, chamou o empregado, que se aproximou logo, tornou a encher-lhe o copo e acrescentou mais gelo. A noite estava escura, sem Lua, apenas as luzes distantes de Fethiye a brilhar ao longo da costa, depois, de repente, ouviu-se uma chapada de ondas contra o casco, quando o grande iate começou a deslocar-se suavemente pelo mar. Marco não estava à espera daquilo e olhou alarmado para Ahmet, que lhe sorriu, como se estivesse a apreciar uma brincadeira.

– Não precisa de se preocupar, é só um capricho meu, gosto tanto de estar na água de noite. Pensei numa viagem à volta do porto, é assim que o descrevem os barcos recreativos nos *resorts*. Só isso, Marco. Asseguro-lhe que nenhum mal lhe será feito. – Manteve a mão na *Beretta* que tinha no bolso ao mesmo tempo que sorria.

– Tenho uma pergunta a fazer – disse Marco. – O que significou para si a mulher ruiva? O que tinha ela de tão importante?

– Importante? A Angie? Bem, sim, talvez de certa forma tenha razão, ela era importante, simplesmente porque não consegui quebrá-la. Independentemente do que eu fizesse, ela aguentava. Água, pântanos, fogo, prisão... saiu de tudo isso. Tem de se admirar uma rapariga assim, não é, Marco.

Marco ficou em silêncio.

– E depois havia a Mehitabel, de quem consegui tratar de uma maneira mais permanente. Não é bom ter-se uma mulher por perto que conhece todos os nossos movimentos, que quer o que é nosso. A inveja é um dos pecados capitais, Marco, como tenho a certeza que sabe. E, por falar nisso, não se dê ao trabalho de fazer um segundo retrato meu, vou deixar este na Tate Gallery, onde estou seguro que será acarinhado durante anos.

– Ainda não vai deixar nada a ninguém – disse Marco.

Ahmet suspirou e bebeu outro gole de *tequila*, fazendo novo gesto para que lhe voltassem a encher o copo.

– O que diria se lhe contasse que nunca tive uma relação emocional?

Marco considerou que a pergunta não exigia resposta. Bebeu um gole de cerveja. Estava gelada. Tinha a mão enregelada só de a segurar.

– Foi por isso – prosseguiu Ahmet – que decidi deixar a minha fortuna, tal como é, ao meu recém-criado projeto. Chama-se Fundação para as Novas Almas e todos os cêntimos irão para ela. Apoia os jovens, sobretudo rapazes, almas perdidas que vemos nas ruas desse mundo, ajuda-os a conseguirem uma vida melhor e com mais sentido.

Marco não acreditava no que estava a ouvir e perguntava-se o que estaria ele exatamente a tramar; o que queria ganhar com aquilo. Uma vez mais, nada disse.

– Aí tem. – Ahmet levantou-se. Estava acima de Marco, olhava-o. – Não faz ideia de como o invejo – afirmou ele.

Pousou a garrafa de *tequila* na mesinha, virou-se e ergueu os olhos para o céu, sem Lua, sem nuvens, infinito.

Marco viu-o encaminhar-se do convés, ficar a olhar para o mar azul quase preto que parecia fazer parte da noite, e para a espuma branca e fresca deixada atrás, a olhar para a imensidade una de tudo aquilo. Depois, Ahmet saltou do convés para o mar.

– Meu Deus! – gritou Marco.

Os guardas vieram a correr, o iate abrandou e regressou ao ponto onde ele saltara. Andaram horas às voltas, acompanhados pelos helicópteros da polícia costeira, homens de uniforme em barcos poderosos, uma equipa de mergulho. Nada.

Era como se Ahmet nunca tivesse vivido. Era certo que nunca pertencera ao mundo.

S eis meses mais tarde, Lucy estava sentada numa cadeira desconfortável num café de esquina no bairro St. Germain, em Paris, a beber, não com grande delicadeza, porque afinal de contas continuava a ser Lucy, um grande *café crème* cheio de natas batidas em cima, enquanto devorava um lindo *macaroon* colorido com sabor a framboesas.

Martha estava à sua frente, com um café curto em que, incapaz de resistir à tentação, mergulhava um *macaroon*. Em estava deitada debaixo da mesa, depois de ter devorado o seu próprio *macaroon*, «por ser uma linda menina», Lucy dera-lho. Verdade fosse dita, Martha não podia acreditar que aquilo tudo fosse real. Quase tinham perdido Lucy, haviam passado pelo inferno do fogo e da ruína e, depois dos ataques dos advogados caros de Ahmet Ghulbian, haviam negado qualquer ligação aos acontecimentos em Marshmallows ou a qualquer outra coisa que se dissesse ter sucedido.

Afinal de contas, não havia nada que o ligasse a Angie Morse. E Mehitabel, a mulher que podia ter contado a verdade, desaparecera, segundo a polícia, sem deixar rasto. Partiu-se do princípio de que fora consumida pelas chamas em Marshmallows, embora nunca tenham sido encontrados os seus restos mortais.

Ao olhar para a irmã, sentada à sua frente, tão linda, tão jovem, tão... não traumatizada por tudo o que acontecera, Martha agradeceu a Deus por Lucy ser tão forte e aos pais que a tinham feito assim.

Ela e Marco estavam a viver juntos em Paris, e Lucy fora visitá-los antes de começar um curso de Chef. Milagrosamente, e tendo em conta tudo o que acontecera e o talento de Lucy para fugir às responsabilidades, acabara por encontrar um modo de vida. Era o que ela precisava e Chef abria uma possibilidade no horizonte. O tunisino tornara-se seu amigo e dera-lhe umas aulas à parte enquanto trabalhava.

Marco tinha um novo ateliê em Paris. Passara dos retratos para o que ele dizia ser a sua verdadeira paixão, um novo caminho para a sua criatividade. Uma Liberdade, afirmava ele.

Martha estava a trabalhar numa casa no Sul de França, perto de Villefranche-sur-Mer, uma velha quinta que lhe tinham pedido para redecorar. Estava apaixonada por ela, e apaixonada pela vida, e grata por tudo, porque quase lhe fora tirado.

Nesse dia, contudo, estava preocupada. Marco recebera um telefonema de Ghulbian. Queria que Marco fosse ter com ele. Como sempre, disse que mandava o *Bentley* buscá-lo, o avião para ir até Fethiye, um helicóptero para o levar ao seu iate, o *Lady Marina*.

– Tens de ir? Mesmo?

Martha agarrara-se a ele quando se despediram.

– Eu digo-te porque tenho de ir – respondeu ele. – Ainda tenho de descobrir quem esse homem é de verdade. Tenho de o ver, de olhar bem para ele, para a sua mente, para a maneira como processa os pensamentos, tenho de compreender quem é. Sei o que ele fez à Angie, e tu também. E julgo saber o que tentou fazer à Lucy, embora, graças a Deus, ela não se lembre, só que se perdeu no pântano e ele tentou salvá-la. É melhor que pense bem dele, evidentemente nunca voltará a vê-lo. Não gostava nada de pensar que alguém a tentou matar.

Martha estremeceu.

– Não vás, por favor – pediu. – O Ahmet é como um mau augúrio. Nada de bom pode advir daqui, Marco. E tenho medo por ti.

– Não me posso permitir ter medo da verdade. Tenho de o ver, de o trazer à justiça nem que seja a última coisa que faça.

Martha não lhe perguntou como tencionava fazer isso, sabia apenas que não podia detê-lo. E que tinha medo por ele.

Às vezes, se bem que agora já não com tanta frequência, à medida que o tempo vai passando e as memórias recuam, pergunto-me: porquê eu? Porque fui escolhida para ser a vítima de Ahmet? Tenho a certeza de que havia outras, embora nada tenha sido dito formalmente, e não tenham sido feitas investigações porque um «desaparecimento» não constitui crime, como é evidente. Para isso, é preciso um cadáver e, felizmente, não me tornei um, como temi quando me empurraram do iate para o Egeu cobalto e azul-celeste. É nesses momentos que me pergunto o que terá acontecido à Mehitabel, o que lhe terá feito o Ahmet, como se terá livrado dela. Encontraram os sapatos dela, claro, junto do rio de maré e, ao que parece, pode ter ficado presa ali.

Estou a mudar a minha maneira de pensar, o meu comportamento, a minha vida. Estou no caminho para me tornar aquela pessoa que a minha mãe queria que eu fosse. Trabalho num café, ainda não subi na vida, ainda que às vezes trabalhe até à meia-noite, agora é para juntar dinheiro para ir para a universidade, que é o que, espero eu, me aguarda no futuro.

Agradeço a Deus por ter um futuro. Até tenho um apartamento numa rua simpática e tranquila em Greenwich Village, é de um amigo do Marco, mas a minha intenção é ficar com ele. Quando acabar a universidade, claro, e me tornar professora. Não de miúdos pequenos, são os grandes que eu quero, os adolescentes difíceis de bairros problemáticos. Com a minha experiência, acho que lhes posso ensinar uma coisa ou outra.

Pergunto-me como pode uma mulher como eu ter estas aspirações? Não tenho esse contexto, não tenho dinheiro, mas agora tenho uma noção de mim mesma e do que sou capaz.

Sinto o trauma? Claro que sim. Consigo deixá-lo para trás? Às vezes. Penso muito nisso? Já não. Afinal de contas, não é o tipo de memória que se queira ter nas noites compridas, sozinha na cama, apenas com os pensamentos por companhia.

Talvez isso também mude. Há uma pessoa no horizonte, um professor, uns anos mais velho, muito mais sábio. E agora tenho os meus amigos: Marco, o meu salvador, Martha, o meu anjo disfarçado; Lucy, que às vezes é tão tolinha e tão adorável e, debaixo de tudo isso, muito mais esperta do que nós pensamos e que vem experimentar cozinhados a minha casa sempre que está por cá.

Tive tanta inveja da cadela de Marco que tenho um para mim. Pequeno, perninhas escanzeladas, olhos alerta e uma mordida que lhe deixa ver os dentes de baixo num sorriso permanente. Uma

gracinha de cão. Encontrei-o, tal como o Marco, num café. Não pediu comida, ficou simplesmente ali à espera. Confiante. Quando me levantei e me fui embora, foi atrás de mim. Disse-lhe adeus, mas insistiu. E *soube* que o *Rusty* me pertencia.

Tenho a minha vida, amigos, um cão. Tenho um futuro. Seja como for, que mais pode uma rapariga querer?